

LILIANE PRATA

ROMANCE

Eu odeio te amar





LILIANE PRATA

Eu odeio

te amar

**MEU PLANO MALUCO
PARA DAR A VOLTA POR CIMA**



GUTENBERG

Aos queridos Bruno Motta, Bárbara Semerene e Luiza Voll: vocês estão entre
as pessoas que mais me inspiram neste mundo.

Especialmente à minha amiga Isabella Maiolino, que, não bastasse ser essa
pessoa tão especial, ainda me cedeu gentilmente seu escritório para que eu
escrevesse este livro todas as vezes que a minha casa estava com uma obra
barulhenta do lado/faxinando/com hóspedes/com uma criancinha de 3 anos
em férias correndo para lá e para cá, etc.

Obrigada por tudo <3

“De perto, ninguém é normal.”
Caetano Veloso em *Vaca Profana*

“Não ser amado é falta de sorte,
mas não amar é a própria infelicidade.”
Albert Camus

1

10 de maio, sábado

Aqui estou eu, deitada na cama, no dia do meu casamento. São 8 horas da manhã, mas estou acordada desde as 5h30. E comecei a chorar no minuto em que abri os olhos.

À minha frente, pendurado em um cabide no meu guarda-roupa, embaixo de uma capa preta, o vestido de noiva mais perfeito que eu poderia imaginar. Olho para ele, fecho os olhos e sinto que vou voltar a chorar. Olho de novo. Gostaria de dizer que estou chorando de alegria, como eu estava até ontem à noite. Como eu estava, aliás, desde que eu e o Felipe voltamos a namorar. Não se passou um dia sem que eu me desse conta do quanto eu amava e era amada. Mas, agora, nem sei dizer direito o que estou sentindo. Acho que é muita tristeza mesmo, misturada a um turbilhão de sentimentos.

Primeiro, foi incredulidade. Eu não queria acreditar que aquilo estava acontecendo. Depois, foi um ódio profundo – do Felipe, da vida, de tudo. Agora, estou meio sem reação. Olho para o vestido, me sentindo oca por dentro, tão oca que não tenho mais como preencher saia rodada nenhuma.

Pego o celular e só vejo agora as mensagens que minhas amigas me mandaram de madrugada. A da Bia:

Amigaaa, tô tão animada para o dia da noiva que parece que o casamento é meuuuu!

A da Lu:

O que você tá sentindo? Mas conta assim, em detalhes?

A da Catarina foram sequências megaempolgadas de figurinhas, a da

Sofia foi uma foto dela com o vestido que ela vai usar, pois é uma das madrinhas. Ou era, sei lá. Se ainda tiver casamento hoje. Não sei de mais nada.

Levo um susto com o toque do celular: é o Felipe. Ponho no silencioso. Não se passam nem dois minutos e minha mãe bate na porta do meu quarto:

– Filha, já acordou? É o Felipe no telefone!

Respiro fundo. O que eu respondo? Não quero falar com ele, definitivamente. Mas já é hora de envolver minha mãe nisso? Ontem mesmo ela estava toda animada experimentando pela terceira vez o vestido dela! Sério, ainda não acredito que isso esteja acontecendo. É um pesadelo, só pode ser.

– Débora? É hoje, filha! Seu grande dia chegou! Preparei um café da manhã superespecial pra gente, levanta!

– Tô dormindo ainda, mãe – respondo, fazendo uma voz de sono. – Fala pra ele que depois eu ligo.

“Tô dormindo ainda”. Ótimo. Bateu direitinho com o horário. Aparentemente, todo mundo à minha volta está perfeitamente desperto, mas ainda são 8 da manhã, e não 10 ou 11. Bateu com a desculpa que dei ontem para me trancar no meu quarto bem cedo, pouco antes das 9 da noite: “Vou dormir cedo, mãe, quero acordar bem descansada amanhã”, eu tinha dito. E bateu até com ontem à tarde, quando eu disse para o Felipe que não ia tomar um café com ele porque estava com muito, muito sono, depois de passar o dia inteiro para lá e para cá resolvendo os últimos detalhes do nosso apartamento. Ele e minha mãe entenderam, mas deu para ver que eles estranharam essa minha súbita falta de energia. Melhor pensar em outra desculpa da próxima vez que perguntarem o que eu tenho, senão minha mãe vai entrar com um bule de café e uma tigela de açaí aqui no meu quarto.

Fecho os olhos e me lembro de quinta-feira à tarde, quando peguei meu vestido, morrendo de ansiedade. Tinha sonhado que ele estava todo errado, torto no meu corpo! Cheguei até meio surtada no ateliê, peguei o vestido tremendo. Quando vesti... ele estava perfeito, nem mais um único microajuste a ser feito. Era como se eu estivesse pegando um recém-nascido no colo. Coloquei o vestido no banco de trás do carro e vim dirigindo para casa. No caminho, desviei só para passar em frente ao prédio em que a gente ia (vai?) morar depois da festa (festa?). Ai, sério, de tanto pensar se vai ou não ter casamento hoje, minha cabeça começa a doer. Pelo menos, quando minha

mãe, o Felipe, ou qualquer outra pessoa vier me procurar, vou ter uma desculpa verdadeira: dor de cabeça.

De volta para casa, com o vestido pendurado na porta do guarda-roupa, eu ainda era uma pessoa extremamente feliz. Mas nem pude ficar muito tempo contemplando aquela capa preta que guardava minha roupa tão desejada: precisava arrumar a mala para a viagem de lua de mel e depois ir correndo para o banho porque, mais tarde, eu ia sair para jantar com o Felipe. Eu estava em uma alegria eufórica! Aliás, eu estava nessa alegria eufórica desde que os preparativos para o casamento tinham começado. Sabe quando o dia é curto para tudo o que a gente tem que fazer, mas, ao mesmo tempo, a gente tem energia infinita? Parece que o dia ganha várias horas extras e tudo, tudo cabe ao longo dele. Mas, na verdade, não é o dia que ficou mais longo: é a gente que está alegre, e alegria, todo mundo sabe, é o motor que faz a gente dar conta de tudo: trabalhar muito, planejar uma viagem, tomar conta de um bebê... Não que eu já tenha cuidado de um bebê, claro. Aliás, se tem uma coisa em que não quero pensar agora é em bebê: até hoje não me acostumei a ideia de que vai ser muito, muito difícil eu realizar meu sonho de ser mãe um dia – foi o que eu descobri na última consulta na minha ginecologista, quando ela leu o resultado dos exames. Na sequência, ela já foi sugerindo uma série de tratamentos que eu posso fazer no futuro e tal, mas ouvir tudo aquilo foi um baque. Bom, mas essa não é a questão agora: nem sei se vou me casar, que dirá ser mãe...

Enfim, na quinta à tardinha eu estava alegre, de banho tomado, fazendo escova no cabelo e me lembrando de minuto em minuto daquela nova e desejada presença no meu quarto: o vestido de noiva. Às 8 em ponto, o Felipe me mandou mensagem para eu descer. Eu estava terminando de me maquiar, só faltava o blush. Acabei, passei perfume, calcei meus sapatos, dei um beijo na minha mãe e outro na minha irmã, a Bárbara, e descí. Sem fazer ideia, claro, de que aquele seria meu último jantar feliz com o Felipe.

Foi uma noite deliciosa, do início ao fim, e meus olhos se enchem d'água só de lembrar daquele fim, no nosso apartamento... Quando nos encontramos, dei um superbeijo nele, que estava lindo de camisa branca, barba feita, cabelo cheiroso (mas chega, não vou entrar mais em detalhes, porque não estou a fim de elogiar um cara que, neste momento, mais odeio do que amo, o que, em outras palavras, significa admitir que, sim, apesar de tudo, ainda o amo. Como eu poderia deixar de amá-lo de uma hora para outra? Não consigo.

Queria conseguir, mas não consigo. Até porque, ao contrário dele, não tenho duas caras...) Fomos a um bistrô que eu adoro, e lembro bem daquele nosso primeiro jantar lá mesmo: a gente já estava junto havia algumas semanas, mas só ia a bares e festas, geralmente aniversário de alguém, além da casa um do outro. No bistrozinho baratinho que a gente descobriu e ama até hoje, comendo quiche, e olhando no olho, me dei conta mais uma vez de como eu amava aquele homem. Aquele homem que eu conheci quando ele nem tinha barba direito, que adorava bater bola na rua...

Anteontem, mal a gente se sentou, pedimos um vinho tinto, que combinava com o friozinho da noite. Estava um céu estrelado lá fora e lembro de ter falado que adoraria se, na nossa noite de núpcias, o céu estivesse daquele jeito: limpo, cheio de estrelas, para a gente ficar abraçado olhando lá fora. Aliás, eu ainda estava toda feliz com a ideia de passar a noite de núpcias em um hotel cinco estrelas, quando soube que o padrinho do Lipe preparou com a mulher a maior surpresa: eles reservaram uma suíte num hotel dos SONHOS. A ideia era passar a noite lá e viajar no dia seguinte, depois do almoço... Ai, meu Deus, eu tinha me esquecido dessa parte: a nossa lua de mel. Ela iria mesmo acontecer?

A gente brindou à nova vida e fez um trato: relaxar naquela noite, depois das semanas meio (ou bem) corridas que antecederam o casório. Porque nesse finalzinho muitos casais piram, principalmente a noiva. Foi até por causa disso que combinamos de não fazer festa de despedida de solteiro: a ideia inicial era só que cada um fizesse uma festinha com os amigos mais próximos, mas sabe como são os amigos – imprevisíveis. Vai que os dele arranjavam uma stripper, e as minhas amigas, um stripper! Melhor desencanar de despedidas antes de dar confusão, não é? Porque eu não sou uma louca barraqueira, mas, digamos, nunca fui a menos ciumenta das criaturas. Sou superfiel, o que, aliás, não é nenhum esforço, até porque estou (estava?) com o cara dos meus sonhos. Já o Felipe... Pensava exatamente como eu em relação à fidelidade. Pelo menos, era o que eu achava. E não é que eu achava do nada: era o que ele dizia quando a gente conversava sobre isso. O duas-caras.

Como você pôde, Lipe? Sério, como você pôde?

Enfim... O jantar seguiu no maior romantismo, aquela coisa vinho, saladinha, quiche, tudo muito levinho porque, afinal, nossa noite de amor não ia acabar no restaurante. Depois de comer um creme brûlée de sobremesa,

pedimos a conta e seguimos para nosso apartamento.

Ah, nosso apartamento! Mal entramos lá e já senti aquela alegria de vê-lo todo montadinho, prontinho para a gente morar... Claro, tinha uma caixa aqui, outra ali, que eu pretendia abrir no dia seguinte, mas o piso laminado novo estava perfeito, praticamente todos os móveis nos lugares certos, e até dois quadros já pendurados. Se alguém for lá agora e abrir as gavetas da cozinha, vai ver os talheres lavadinhos, guardados, prontos para serem usados. Depois que o apartamento foi reformado, a cada vez que eu ou o Felipe íamos lá, a gente se lembrava de um detalhe: abrir e lavar as panelas novas, conferir se o cara da máquina de lavar tinha instalado ela direito, ver se o wi-fi estava funcionando bem. Tudo, enfim, para ficar com cara de casa. De nossa casa.

A gente nunca dormiu lá: na verdade, nossa linda casinha, até então, estava mais para um aconchegante motel, já que a gente só vai (ia) lá para transar e tomar banho. Nem pedir comida lá a gente já pediu e, até duas semanas antes, se a gente se esquecesse de levar garrafinha de água mineral, não tinha nem água. Mas, na quinta à noite, já tinha praticamente tudo de importante. Ainda era um sonho olhar para aquele apartamento fofíssimo e ver que a gente se mudaria para lá na volta da lua de mel. Nossa, me enganei. Antes do casório e da lua de mel, sem dúvida, era essa a parte mais importante para mim: me mudar para minha casa com o Felipe.

Me lembro do abraço quente que o Felipe me deu na noite daquela quinta, mal a gente abriu a porta da sala... Lembro de a gente se jogando no sofá e morrendo de rir por causa de uma coisa que eu tinha falado e nem lembro, talvez por causa do vinho. Em poucos minutos, a gente estava sem roupa, se beijando sem parar e rolando pelo sofá e depois pelo chão, no caminho da cama... Nem chegamos na cama. Transamos no corredor mesmo, no meio do caminho, e depois ficamos lá um bom tempo, deitados, meio conversando, meio cochilando, e eu, como geralmente faço nessas horas, me dando conta do quanto era sortuda por me casar com aquele homem.

– Te amo muito, muito, muito, meu amor – ele disse, com o olhar mais meigo do mundo, quando me deixou lá em casa. – Não passo um dia sem me lembrar da sorte que eu tenho por ter você na minha vida.

Deitei na minha cama, lembrando daquelas palavras dele, no carro. Devo ter dormido sorrindo.

Depois da quinta veio a sexta. E foi na sexta, véspera do meu casamento, que tudo, absolutamente tudo o que eu esperava ansiosamente para a minha vida desmoronou assim, sem aviso.

Tenho certeza de que nunca vou me esquecer desse dia. Me pergunto se seria melhor se eu tivesse continuado na ignorância, sem saber de nada. Daí eu estaria aqui, agora, contando as horas para o meu casamento. Daí eu ainda seria uma pessoa muito, muito feliz, cheia de expectativas e planos lindos... Nossa, mas o que é que eu estou falando? Prefiro saber. Melhor saber da verdade, por menos açucarada que ela seja, né? Melhor que viver uma mentira. Se bem que... Puxa, que mentira boa era aquela. Uma mentira que me fazia tão bem. Ah, sei lá! Só sei que a sexta começou muito bem.

Acordei por volta das 9 horas da manhã, tomei café com a mamãe e a Bárbara, falamos sobre o assunto onipresente nas minhas conversas até então: meu casamento. Minha mãe adora o Felipe, o casamento, tudo, mas a Bárbara já está cansada do assunto, tadinha. Mas o que eu podia fazer, né? Eu: casamento. Bárbara: estudando para o vestibular. O que é mais interessante?

O planejado era que o Felipe passasse lá em casa depois do trabalho, lá pelas 7 horas da noite, só para dar um “oi” e comer alguma coisa antes do grande dia. Mas, logo depois do café, ele me ligou falando que teria que trabalhar até tarde e podia passar só depois das 10. Na hora fiquei meio frustrada, porque queria dormir cedo para acordar descansada no dia seguinte, mas achei normal, já que o Felipe estagiou por dois anos em um escritório grande e logo depois de formado abriu um pequeno escritório com um amigo-sócio dele, o Diego (de quem nunca fui muito com a cara, mas deixa para lá). Vira e mexe ele tem que fazer uma reunião de última hora com algum cliente, uma modificação em algum projeto, etc. Já eu tinha a sexta livre pela frente: quarta-feira tinha sido meu último dia no escritório de assessoria de imprensa onde eu trabalhava, e só na volta da lua de mel eu começaria no emprego novo. Putz, o emprego novo: antes eu até me animava só de pensar que tinha passado naquela entrevista. Agora nem isso me anima.

Depois do café, tomei banho e fiquei ora arrumando a mala, ora ouvindo música e navegando na internet, tentando me concentrar em alguma coisa que não fosse ansiedade em relação ao dia seguinte. Até que consegui relaxar um pouco ouvindo música, conversando com as minhas amigas no celular, arrumando lentamente a mala... Meio-dia e pouco, saí para almoçar com a Sofia em um restaurante ao lado do trabalho dela.

Eu e a Sofia nos conhecemos na faculdade, mas a gente se refere uma à outra como “amiga de infância”, de tão próxima que nos sentimos. Se eu tivesse que ter só uma madrinha no casamento, seria ela. A Sofia é uma pessoa incrível, generosa, madura, descolada (sem contar que tem um faro fashion que eu queria MUITO ter também e um cabelo loiro meio-ondulado-mais-pra-liso-maravilhoso). Ela se formou comigo, mas é “também” jornalista, como ela diz: é freelancer em matérias jornalísticas, redação publicitária e até faz programação de websites.

Almoçamos em um restaurante desses bem descolados, meio carinhos, e, na hora da sobremesa, ela me falou que tinha uma surpresa. Achei muito fofo quando ela me pediu para fechar os olhos. Assim que abri... Na minha frente, na mesa, um álbum de fotos lindo, todo artesanal, com uma foto minha com o Felipe na capa. Abri o álbum e tinha fotos de cada um de nós na infância, depois na adolescência, depois que a gente se conheceu e, aí, as nossas fotos na rua, em frente ao prédio do meu pai, uma foto nossa rebatendo bola (foto essa que eu nem sabia que existia e que quase chorei quando vi), fotos nossas de uma vez que fui à casa dele na época em que ele morou em outra cidade, fotos nossas deste ano, de um feriado que a gente passou na praia... Chorei que nem louca, é claro.

– Peguei algumas fotos na internet e outras com sua família e com a família dele – ela me explicou, enquanto eu olhava cada imagem, emocionada.

– Você não faz ideia de como esse presente significa pra mim, amiga – falei, num daqueles momentos em que a gente se sente abençoada por ter a amiga que a gente tem. Ela é mesmo muito especial.

Nos despedimos e voltei para minha futura (?) casa. Depois de ficar namorando um pouco o apartamento, comecei a abrir alguns presentes que faltavam, lavar o que tinha de lavar, guardar o que tinha de guardar. Já eram 7 da noite quando eu me sentei, faminta, no chão da sala quando recebi um WhatsApp do Felipe falando que me amava e pensei: “Vou lá no escritório dele fazer uma surpresa. Ele vai adorar fazer uma pausa no trabalho e ver o álbum que a Sofia deu pra gente de presente!”. Adorei minha própria ideia e respondi: “Também te amo muito muito muito! Bom trabalho aí! <3”. Peguei minha bolsa e saí em direção ao escritório do Felipe.

E aí, sim, foi que tudo desmoronou.

2

O escritório do Felipe fica numa ruazinha estreita, com várias casas geminadas. Parei o carro num estacionamento a duas quadras e fui andando apressada, louca para fazer a surpresa. Olhando agora, não sei se era só isso que estava fazendo meu coração bater mais rápido, a vontade de fazer a surpresa, ou se, no fundo, eu estava pressentindo algo. Sei lá. Só sei que fiquei bem brava quando vi que tinha esquecido o álbum no carro. Voltei para pegar e apertei mais ainda o passo.

Quando cheguei na frente do escritório, um sobrado branco de dois andares, vi que a porta da frente estava meio encostada, o que era estranho: já tinha dado a hora de a Flavinha, a secretária, ir embora, mas quando ela não está lá, geralmente a porta fica trancada. Na minha cabeça, a surpresa seria justamente tocar a campainha e torcer para o Felipe atender, e não algum colega dele. Mas, como a porta estava encostada, fui entrando.

Olhei à minha volta: não tinha ninguém. Lá trabalham oito pessoas, contando com a Flavinha e a Ana, a moça da limpeza. Mas ok, já passava das 8 horas da noite, e não é sempre que o pessoal ficava até tarde. “Mas que estranho o Felipe ficar aqui trabalhando sozinho com a porta aberta”, pensei. Com medo de ele estar em uma videoconferência ou no telefone com alguém, não chamei por ele. Só fechei a porta, deixei minha bolsa em cima da mesa e, segurando o álbum, subi as escadas em direção à sala onde fica a mesa dele.

Antes mesmo de pisar no último degrau, vi a porta da sala fechada, o que também não era comum. Com a mão na maçaneta, ouvi um barulho esquisito, que parecia um móvel se arrastando no chão. Abri a porta devagar e foi aí que eu vi.

O Felipe, o meu Felipe, atrás de uma mulher quase sem roupas agarrada a ele, de costas para mim. Foi tudo muito rápido: eu não conseguia tirar os olhos daquela imagem e, ao mesmo tempo, não queria olhar, tamanha eram

minha repulsa, meu nojo e meu espanto! Só depois de alguns segundos eu reconheci a mulher: era a... Luma (nem consigo pensar no nome dela, que ódio!). A Luma é irmã do Diego, o sócio do Felipe! Eu não a conhecia direito, só uma conversa rápida ali, um cumprimento ali... (Espera, acabei de me lembrar que já mandei meu currículo para essa vaca! Ela também é jornalista, um pouco mais velha que eu, um pouco mais segura e mais bem-vestida, trabalha na revista ultradescolada *Mosby*.)

Meu Deus...!! O Felipe com a Luma... Na véspera do nosso casamento... CACHORRO!!!!

Sério, estou sentindo de novo, neste momento, toda a raiva que eu devia ter sentido naquele instante, e não extravasei de tão sem reação que fiquei. Nenhuma lágrima caiu, tudo se passou muito rápido e de um jeito muito confuso na minha cabeça: Felipe, Luma, casamento, o álbum que eu segurava, o que eu deveria fazer? Entrar lá e tirar aquele ser monstruoso dos braços do meu futuro marido? Ignorar a Luma e dar um tapa, um empurrão no meu ex-futuro-marido, esse sim um ser monstruoso, capaz de fazer uma coisa daquelas comigo??

Fiquei ali, acho que uns bons segundos, que pareceram horas, vendo aquela cena terrível. Na mesa dele, do lado de um porta-retratos que tinha uma foto minha, da qual eu sempre me orgulhei muito de ver ali, havia, agora duas taças de champanhe. E havia, sobretudo, a Luma, com seu cabelo ruivo inconfundível e praticamente sem *nenhuma* peça de roupa. Eles estavam se beijando, e ele estava com a mão na nuca dela, e ela o agarrava como se fosse um polvo. Saí quando ela começou a desabotoar a camisa dele. Duas mãos de mulher, com anéis e esmalte vermelho, abrindo a camisa do meu Lipe! Ver aquilo foi demais para mim. Os dois estavam tão entretidos que não ouviram quando fechei a porta.

Sem forças para andar, sentei em um degrau, trêmula. Naqueles minutos em que fiquei igual a uma tonta, sentada na escada, senti todas as emoções possíveis. Lá, dentro da sala, a festa continuava, e cheguei a me levantar para abrir a porta de novo; mas, daquela vez, tentar fazer o maior escândalo! Porém me senti zonzinha, acho que minha pressão caiu, e sentei de novo na escada, pois estava fraca. Olhei o álbum no meu colo, a capa com a foto de nós dois rindo, tão felizes, tão apaixonados... E tive vontade de rasgar foto por foto ali mesmo, de destruir aquele escritório, de tirar uma foto dos dois em pleno ato e mandar para cada convidado do casamento, para cada tia dele,

para os avós!!! Em questão de minutos, consegui pensar em tantas coisas malucas para dar conta da bagunça que eu estava sentindo!!!

Como o Lipe tinha sido capaz de fazer aquilo comigo? E logo na véspera do nosso casamento?? Está certo que em qualquer dia do calendário teria sido terrível, mas na véspera da festa com que a gente estava sonhando, na véspera de começar nossa vida como marido e mulher! Era muita insensibilidade, muita falta de respeito, de caráter, de tudo! Para deixar tudo ainda mais *trash*, a cena ocorria ali, na frente da minha foto! Meu Deus do céu...

Ainda ouvindo o barulho da mesa para lá e para cá, desci cada degrau bem lentamente, sem nem sentir meus passos, peguei minha bolsa sem nem entender direito o que eu estava fazendo e caminhei até o estacionamento, como quem nunca tinha andado por aquela rua antes.

– Débora! – ouvi alguém chamando e me virei.

– Hã? Ah, oi, Flavinha – respondi, não sem algum esforço. Naquele estado, nem sei como consegui reconhecer a secretária do escritório e ainda pronunciar uma palavra.

– Tô indo pra casa. Deu a minha hora e o Felipe está lá em cima, trancado numa reunião com a Luma. Eu não quis incomodar, deixei a porta encostada e vim! Será que eu deveria ter trancado?

– Vai pra sua casa sim, pode ir embora, acabei de vir de lá, tá tudo bem. O Felipe tá ocupado, pode ir. Tchau – eu disse, e ela deve ter achado que eu estava meio bêbada.

Naquele instante, só uma coisa se passou pela minha cabeça: ela não podia ver o que eu vi. Seria muita humilhação! Pode falar que é vaidade, ou que não faz sentido algum me sentir humilhada, já que não tive culpa nenhuma, mas era assim que eu me sentia naquele momento, imaginando a secretária vendo o que eu vi: humilhada. Antes de entrar no carro, ainda olhei para trás por um momento, cogitando voltar lá no escritório e arrancar lentamente cada fio de cabelo do Felipe. Mas não fiz isso.

O que eu fiz, assim que entrei no carro, foi desatar a chorar. Com as mãos apoiadas no volante, chorei, chorei, chorei tanto que cheguei a babar. Eu estava num estado tão deplorável que o cara do estacionamento nem me cobrou. Só lembrei de entregar o papelzinho quando parei em frente à cancela, e ele me olhou com uma cara de pena e abriu para eu passar com o carro.

E agora, aqui estou eu, sem saber se vai ter casamento, sem saber de

nada.

– Débora! Acorda, filha! São quase 10 horas! – minha mãe grita, batendo na minha porta mais uma vez.

– Já vou! – respondo, tentando passar alguma alegria na voz, no melhor estilo “Oba, acordei para o grande dia da minha vida”, mas não dá. Me passar por noivinha alegre, neste momento, nem se eu fosse a Jennifer Lawrence e tivesse ganhado um Oscar.

Levanto da cama, abro a cortina e me olho no espelho do banheiro. Pelo menos, meu quarto é uma suíte: se fosse onde a gente morava antes, eu já teria que arrastar minha depressão pelo resto da casa. Minha cara está péssima, é lógico. Chorei antes de dormir, acordei praticamente de madrugada e chorei até agora.

O que eu faço, meu Deus? O que eu faço?

Vejo a maldita mala eternamente-por-fazer, entre a porta do banheiro e o meu armário: quando comecei a arrumar essa porcaria, eu sabia que ia ter lua de mel! Acabo entrando no banho, pensando no que vou fazer depois de abrir a porta do quarto e seguir para o tal café da manhã especial que a minha mãe preparou. E, mais tarde, à 1 da tarde, para ser mais exata, começa o dia da noiva no salão – mais um dia da série “coisas que eu aguardava ansiosamente e que agora não consigo nem pensar”. Que ódio de tudo isso, que ÓDIO! Estava tudo tão organizadinho, tão preparado para ser incrível. Só de pensar em me arrumar ao lado das minhas melhores amigas, eu ficava eufórica: minhas madrinhas vão estar lá. O que eu vou dizer para elas? Até agora não sei o que fazer!

– Débora!

– Tô de toalha! JÁ VOU!!!

“Ok, menos irritação na voz, por favor, Débora”, digo para mim mesma. Afinal, até decidir o que fazer, sou uma noiva feliz. Visto a primeira blusa que vejo, tentando rapidamente organizar as possibilidades de ação:

1) Canelo o casamento. Essa me parece a solução mais razoável para esse pesadelo. Afinal, que tipo de idiota se casaria com um cara que transa com outra na véspera do casamento? E não é só a transa em si (o que já é péssimo, óbvio). É a cara de pau, a falta de respeito, a falsidade... Tudo isso

vindo da pessoa que eu menos esperava do mundo, do cara que eu pensava, afinal, ser aquele com quem eu mais podia contar nesta vida! Por outro lado, se essa é a melhor coisa a ser feita, por que eu sinto meu estômago se revirar quando penso nisso?

2) Passar o dia numa DR infinita com o Felipe. Na verdade, talvez essa seja a solução mais razoável. Por que ficar lidando com isso sozinha, enquanto o verdadeiro e único culpado está lá, tendo calmamente seu dia do noivo, ainda mais depois do sexo relaxante de ontem? Talvez eu faça isso. Talvez eu vá até a casa do Felipe e arme o maior escândalo misturado a lágrimas, pedidos de explicação, etc. Mas a questão ainda não está resolvida: se eu fizer isso, caso ou não?!

3) Me caso normalmente e deixo a DR para a lua de mel, ou para a volta da lua de mel, ou sei lá. O importante é trazer o assunto à tona e ouvir, da sua boca, como ele foi capaz de fazer aquilo comigo.

Olho o celular: o salão não é muito longe, preciso sair para o dia da noiva até, no máximo, 12h30. E, para ter um dia da noiva, ia ser útil eu saber primeiro se vai, ou não, ter casamento. E eu não queria, mas estou muito dividida. Uma parte de mim (a parte mais racional, acho) me diz para eu terminar tudo. Mas o resto de mim, eu preciso admitir... O resto de mim não quer admitir que esse sonho acabou, sabe? O resto de mim quer ver os bem-casados que eu experimentei e escolhi, as embalagens e a fita de cetim com tanto capricho. O resto de mim quer entrar naquele vestido pendurado à minha frente...

O resto de mim não quer abrir mão da vida que eu tanto imaginei ao lado do Felipe, é isso. Apesar de eu não saber mais quem é o Felipe... O Felipe que peguei transando com aquela outra mulher não é o meu Lipe, não pode ser. Não sei mais quem ele é.

Finalmente, abro a porta do quarto: sem ter decidido nada, completamente perdida e com esperança de estar com uma cara um pouquinho melhor agora que tomei banho.

– Credo, que cara é essa? – a Bárbara me pergunta, assim que chego à sala.

– Não dormi muito bem – respondo.

– Mas você dormiu o quê? Umas dez horas!

– Mas fiquei acordando e dormindo, acordando e dormindo, ué! O que adianta dormir dez horas se não foram dez horas *contínuas*? – respondo.

“Menos irritação, Débora, menos. Pelo menos até decidir o que fazer, exale alegria, alegria!”

– É mais que normal ficar assim no dia do seu casamento, querida – minha mãe diz, surgindo magicamente na sala. – É a ansiedade!

Sinto vontade de responder: “É o fato de eu ter pegado o Felipe me traindo ontem”, mas me controlo. Se tem uma coisa que não posso fazer, não neste momento, é colocar minha mãe no meio dessa história. Apesar de que ia me fazer bem, talvez, desabafar com ela – não ironicamente, mas desabafar de verdade. Quem sabe, ela me ajudaria a pensar no que fazer. Ou me ajudaria a surtar de vez, né. Vai saber, as mães são imprevisíveis.

Quando estou na segunda mordida do pão de queijo, que como sem fome nenhuma, meu celular toca. É o Felipe. Olho para minha mãe e para Bárbara, que já comeram, mas que estão sentadas me fazendo companhia, e elas fazem juntas uma cara de “E”?, como se dissessem: “Não vai atender o seu NOIVO? O cara da sua vida? No dia de hoje, o grande dia da sua vida?”.

– Oi, amor – falo, por fim, calorosa como um iceberg.

– Bom dia! – ele diz, com a voz linda de sempre, e eu tenho vontade de chorar, mas me controlo. – Queria dar o último bom-dia para minha namorada... Porque a partir de amanhã vou dar bom-dia para a minha mulher, todas as manhãs.

Ok, é oficial, estou chorando. Não uma lágrima singela e delicada como convém à ocasião, mas um rio que corre por esses dutos lacrimais aparentemente inesgotáveis. Minha mãe e a Bárbara me olham sem entender o que está acontecendo, e o Felipe faz voz de preocupado do outro lado da linha:

– Você tá bem?

“Por que, amor? Por que você fez isso comigo?”, tenho vontade de perguntar.

– Não dormi bem, acho que estou meio nervosa... – digo, por fim.

– Ah, natural... Mas não tem por que ficar nervosa, só tem motivos pra gente ficar feliz. Vai dar tudo certo, você vai ver!

“A gente quem, hein, Felipe?”, tenho vontade de dizer. “Você, eu não sei, seu duas caras, agora, eu...”

– Estou tentando.

– Puxa! Nunca pensei que ia ouvir uma voz tão desanimada assim quando te ligasse.

– Pois é...

Silêncio do outro lado da linha. Silêncio nas expressões de espanto que agora minha mãe e a Bárbara fazem.

– É uma grande mudança na minha vida, Lipe! Mas eu te amo e tenho certeza de que daqui a pouco vou estar normal e conseguir aproveitar nosso dia! – digo, e escuto um “ufa” do outro lado da linha, e vejo as expressões de alívio no rosto da minha mãe e da Bárbara.

Nos despedimos, desligamos o telefone e eu termino de tomar o café. Ok, Jennifer Lawrence, me dá essa estatueta aqui, que eu mereço o Oscar depois dessa ligação. Minha mãe me confessa que ela também não está normal e que, inclusive, teve dor de barriga de manhã, e eu penso: “Se ela teve dor de barriga, imagina se soubesse o que aconteceu”.

– Hoje não vou estudar nenhuma linha, tá? – a Bárbara diz, toda fofa. – Tô por sua conta.

É realmente emocionante ouvir isso de alguém que está estudando pelo segundo ano para o vestibular de medicina e que fez coisas como parar de jantar para dormir mais, de tão contado que está o tempo dela até as provas do fim de ano. As duas estão felizes e empolgadas, e, por dois ou três segundos de distração, me esqueço de que sou a única da mesa que sabe o que realmente está acontecendo. Para as duas, apenas o meu lindo casamento está por vir. Para mim, um enorme, triste e difícil de engolir ponto de interrogação.

Vou para o meu banheiro escovar os dentes e, antes, confiro as mensagens do WhatsApp, que eu estava ignorando solenemente desde que saí do quarto. Tem meu pai me dando bom-dia e me mandando a foto de um buquê de flores. Mas não tô no clima. No grupo “Casório da Déb”, tem minhas amigas empolgadas, dando parabéns, falando do dia da noiva, etc. etc. Respondo com emoticons animados, suspiro e acabo entrando no Facebook, quando quase caio para trás: uma mensagem da Luma no mural do Felipe.



É hoje o grande dia, hein? Parabéns!

Tremo, sinto minha pressão cair e me sento na cama. Como esse tipo de pessoa consegue dormir à noite? É muito cinismo! Sinto uma raiva tão

grande, mas tão grande, que tenho vontade de ir à casa do Felipe e dar um soco nele, de verdade!!! Em vez disso, dou umas cinquenta mil atualizadas na página, mas, por enquanto, nada de o Felipe responder para a vaca. Sinto meu coração batendo muito rápido. Acabo entrando na página da Luma e vendo fotos dela, e sinto um ódio mortal a cada foto que encontro. Ela e aquela cabeleira ruiva dela fazendo biquinho, ela e aquela cabeleira ruiva dela jogando o cabelo e tomando drinques com as amigas, ela desfilando de biquíni pela orla de uma praia X – corpo normal, diga-se, não posso falar que é feio, mas é completamente normal e não combina com a cara de estrela de cinema pisando no tapete vermelho que ela faz toda vez que vê uma câmera. Mas a foto é legal, admito contrariada: infelizmente, ela tira fotos legais e está sempre com uma roupa estilosa. Ela na balada, ela na praia, ela com o irmão... Espera, o que é isso? Uma foto dela com o Felipe de uns três anos atrás, antes de a gente voltar. Na foto, os dois, ela e o meu Felipe, estão numa festa, num grupo de amigos, brindando para câmera. A turma é enorme, e os dois sorrindo, um do lado do outro. A mão dele. Na. Cintura. Dela.

Tremo dos pés à cabeça. Nunca tinha visto aquela foto. O relacionamento dos dois sempre foi, até onde eu sei, bem superficial. Quer dizer, eu sabia que eles já se conheciam há anos, porque o irmão dela era da turma de faculdade do Felipe e a Luma acabava saindo com eles de vez em quando, mas, na minha frente, ele nunca mostrou intimidade nenhuma com ela. Luma nunca foi “amiga” do Felipe, só “a irmã do amigo”. Tanto que nem a convidamos para o casamento.

Espera. Será que não foi a primeira vez que eles ficaram desde que eu e o Felipe voltamos, há um ano? Sinto um calafrio percorrendo meu corpo. Será que ele estava me traindo com ela esse tempo todo?!

Vai ter casamento, sim, decido, jogando com força o celular na cama. Mas, quando eu subir no altar, os convidados terão uma pequena surpresa. Felipe, o que você fez não vai ficar assim.

Mas não vai mesmo.

Me aguarde.

3

Chego ao cabeleireiro com a Bárbara, e já está em cima da hora. De cara, já vejo todas as amigas-madrinhas sentadinhas me esperando.

– Finalmente! – diz uma superempolgada Sofia. – Pensei que você fosse chegar uma hora antes do horário, a gente está mais ansiosa que você!

– Boa sorte com o humor da noiva, meninas – diz a Bárbara. – Vou ao banheiro.

– Que foi? – me pergunta a Lu, pondo a mão no meu ombro, e torço para que ela tire a mão daí, senão vou chorar. Não tem nada pior do que quando a gente está se segurando para não desabar e alguém vem com uma cara fofa e diz “Que foi?”. Senha para desmontar! Mas me seguro.

– Você não está com uma cara boa, amiga – fala a Catarina, que foi da minha turma na faculdade.

– Não dormi nada bem essa noite, sabe? – respondo.

Felizmente, nem tenho tempo para me estender muito, porque logo chega uma funcionária que me recebe calorosamente e leva a gente para o primeiro item do pacote imenso que eu contratei e que, agora, eu desejaria que durasse só dez minutos. Dez minutos estão de bom tamanho para me arrumar para o fiasco que vai ser esse casamento.

– Qual é o primeiro item? – pergunto à funcionária, de quem já me esqueci o nome, tentando demonstrar algum interesse. Por que me incomodo em demonstrar interesse, afinal? Nem conheço essa mulher. E daí se ela achar que vou ganhar o troféu de noiva deprimida do mês?

– As massagistas já estão aguardando! – ela informa, toda animada, abrindo uma porta para a gente passar.

De fato, há seis massagistas, todas em frente a uma maca. A maca do meio, aparentemente, é a minha, pois é a única que está envolta por pétalas de rosa. Antes, eu acharia um mimo, ia me sentir a pessoa mais especial do

mundo, mas agora acho apenas cafona. Para que isso? Um lugar privilegiado para a rainha e outros mais normaizinhos para as súditas? Achei muito desnecessário, mas com certeza é só o meu humor. Ânimo, Débora: pelo menos, na massagem, todas nós vamos ficar em silêncio e eu não vou ter que dar (mais uma) satisfação quanto à minha (falta de) empolgação.

– Ai, tô achando tão legal a gente fazer massagem junta, bom que a gente pode bater papo enquanto relaxa – diz a Bia, assim que se deita na maca dela. Ai, ai.

– Você já falou com o Felipe hoje? Quantas vezes? – pergunta a Lu.

– Ele tá nervoso? – quer saber a Sofia.

– Gente, sério, não tentem desenvolver uma conversa – adverte a Bárbara. – Ela não tá num bom dia.

– COMO não está *num bom dia*? – pergunta a Cat. – Vai casar com o cara que ela ama, esse dia da noiva tá superdelicinha, e você vai ficar de tromba por causa de uma noite mal-dormida? Ah, tem paciência, né, Déb?

– Aai, não fala assim com ela, Cat – diz a Sofia. – Cada noiva reage de um jeito.

– Quer saber, eu vou é aproveitar minha massagem – diz a Lu. – Amei essa ideia de dia da noiva com as madrinhas, tá valendo cada centavo do investimento.

– E eu amei a cor nova do seu cabelo, Lu – a Bia comenta. – Meio cobre, né? Aliás, que penteado você vai fazer?

Eu só escuto, suspiro e sinto as mãos da massagista. Antes de fechar os olhos, meu olhar cruza com o da Sofia – e ela está me olhando de um jeito muito, muito estranho, como quem pergunta: “Fala a verdade, o que está acontecendo?”.

Faz três horas que estou no salão. Já fiz massagem, esfoliação e hidratação corporal, tomei uma ducha, acertei minha sobrancelha e lavei o cabelo e, agora, vamos para os preparativos finais: unhas, penteado e maquiagem. Minha mãe trouxe o vestido e está no andar de baixo se arrumando com minhas tias. Com cara de quem anuncia um incêndio que matou dezenas de pessoas, alguém me deu a notícia de que houve um problema com o maquiador, e eu fiz cara de quem estava arrasada. A verdade

é que tanto faz se trocarem o maquiador ou mesmo se ele não vier: passo um blush e pronto, vou para igreja dar um fim nisso tudo. De qualquer forma, parece que já foi tudo resolvido. Agora estou no banheiro, sentada na privada, pela primeira vez com alguma paz nas últimas horas. Dou uma olhada no celular e tem mensagens fofas do Felipe, que acabou de cortar o cabelo no salão que ele costuma ir e está voltando para a casa dele. Respondo com um coração.

Que ódio desse homem.

Suspiro, dou a descarga, saio do reservado e levo o maior susto: o que a Sofia está fazendo aqui no banheiro?

– Chega disso, amiga – ela fala, mais com ar preocupado do que bravo. – O que é que tá acontecendo? Conta pra mim? – ela insiste, botando a mão no meu ombro.

Não. Mão no ombro não, por favor.

– Você sabe, Dezinha – ela diz com voz meiga, pegando a minha mão. – Eu estou do seu lado, não importa o que...

E pronto. Desato a chorar. De soluçar e tudo mais. Ela me puxa para dentro do reservado de novo e fecha a porta. Aqui dentro, ela me abraça e choro mais um pouco. Aos poucos, o abraço dela vai me acalmando.

– Agora me conta. O que aconteceu?

– Não aconteceu nada. Só tô nervosa.

– Débora...

– É sério! Só estou nervosa. Isso e o fato de que...
eu vi Felipe transando com outra mulher eaaaaiiiiiii....

Volto a chorar compulsivamente.

– O quê? – ela pergunta.

– O Felipe, Sofia! O Felipe... – respiro fundo – transando com outra mulher. Eu vi. Ontem. No escritório dele.

– Mas como... Você tem certeza?

– Certeza, Sofia? Que eu vi o meu namorado agarrando e sendo agarrado por uma mulher praticamente nua? Ali, bem na minha frente?

Fico muda em seguida, sem nem me arrepender de ter sido grossa: não foi fácil ter tirado essa humilhação toda de dentro de mim e revelado para ela. Ela leva as mãos à boca e arregala os olhos. Está chocada, é claro. Não é o tipo de coisa que a melhor amiga da noiva espera ouvir a poucas horas do casamento.

– Você conhece essa mulher? – ela pergunta, claramente tentando organizar os pensamentos.

– Conheço. É a irmã do sócio dele – digo, sem nem conseguir pronunciar o nome da vaca. Em voz alta, é claro. Porque, dentro da minha cabeça, o nome LUMA não desaparece de jeito nenhum.

– Que justificativa o Felipe te deu?

– Hã?

– Quando você contou pra ele o que viu, digo.

– Eu não contei.

– Sério? Nem na hora, nem depois?

– Isso.

– Uau. Você está tendo um sangue-frio, amiga... No seu lugar, eu teria entrado lá e...

– Não. Não fala isso. Você não ama o Felipe, você não viu o que eu vi, não passou pelo o que eu passei. Só estando no meu lugar pra saber.

Quero pedir desculpas por ter sido meio rude com ela, mas acabo me sentando em silêncio na tampa da privada.

– Você tem toda razão, Dé. Desculpa – ela fala, se agachando na minha frente.

– Não precisa se desculpar, amiga. Você também não está sabendo como agir.

– Eu nunca, nunca esperaria essa atitude do Felipe. Ele era um cara tão legal com você, com suas amigas, com sua família. Vocês se conhecem há anos.

– Entre idas e vindas, nove anos. Pois é. Um cínico total. Pra você ver, a gente não conhece ninguém de verdade nesta vida. Daqui a pouco, minha mãe entra aqui e fala que não é minha mãe, e não vou nem ficar chocada. Não confio mais em ninguém.

– Você nem tá pensando em conversar com ele? Contar pra ele o que viu?

– Não. Tenho raiva só de pensar nisso! O que vai acontecer se eu contar? Imagina: ou ele vai dar mil explicações e pedir perdão ou, pior, vai negar o que aconteceu. Nenhuma das duas alternativas me deixa feliz, nenhuma. Não quero ouvir os motivos dele, Sofia. Se ele estiver arrependido, do que vai adiantar? Como eu vou confiar nele de novo, me diga? E se ele negar... Aí talvez eu nem me surpreenda, porque não sei mais quem é o Felipe, talvez essa atitude combine com quem ele é de verdade.

Ficamos alguns segundos em silêncio. Sofia suspira duas vezes e vejo que os olhos dela estão úmidos. E me sinto comovida pelo fato de minha amiga estar comovida com minha situação.

– O que você vai fazer, então? – ela pergunta.

– Eu vou desmascarar o Felipe na frente de todo mundo – falo, por fim. – É isso o que eu decidi fazer.

– Mas... Na igreja, você diz?

– É. Na hora do sim. Quando o padre perguntar se eu aceito me casar com ele, em vez de sim vou falar *NÃO* e explicar pra todo mundo da igreja o porquê. Não comenta com ninguém, me promete? Nem com as meninas. Mas, na hora do sim, vou falar pra todo mundo o que eu vi, que é pra todo mundo ali ver como o Felipe foi um babaca comigo!

– Espera... Débora, eu não estou no seu lugar, eu sei, você tem razão, mas isso me parece zero sensato, amiga. Olha, pega seu celular. Liga pra ele, tenta conversar. Quem sabe vocês esclarecem as coisas, e recomeçam tudo de um jeito transparente...

– Conversar nada, Sofia – digo, enxugando meus olhos, tomada pela raiva e pela decepção. – Conversar pra quê? Já falei, nada do que ele disser vai ter alguma utilidade. Você sabe o que é ser fiel e fofa com seu namorado em absolutamente TODAS as fases do nosso namoro até hoje? Quando eu tinha 15 anos, depois quando a gente teve um rolo, e até quando eu estava em crise, querendo aproveitar a solteirice... Em nenhuma dessas fases eu nem sequer PENSEI em trair o Lipe. Imagina: você tem certeza de quem é o cara da sua vida, não é que você fique se perguntando, você tem certeza, e aí... Dá de cara com aquela cena diante dos seus olhos? Ele fazendo sexo com outra mulher? Eu fico lembrando de um cinema que deixei de ir com um amigo meu que vejo só de vez em quando, o Júlio, da faculdade... Nunca rolou nada entre a gente, mas deixei de ir ao cinema com ele só porque eu e o Felipe tínhamos acabado de voltar e eu quis evitar que ele ficasse com ciúme! Olha que imbecil eu sou!

Finalmente, a lágrima que ela estava segurando cai do seu olho e ela me abraça. Seu olhar é uma mistura de tristeza com desespero. Já meus olhos estão sequíssimos. Chega de chorar! Vamos dar um fim a essa palhaçada logo. É com esse estado de espírito que ando até a porta do banheiro.

Antes de sairmos, porém, ela pega na minha mão e olha nos meus olhos.

– Pra qualquer coisa, eu estou aqui. Você sabe, pode contar comigo para

o que der e vier.

– Obrigada, amiga. Obrigada mesmo... Mas vamos soltar essas mãos, porque eu não quero chorar de novo.

E saímos para fazer o cabelo e a maquiagem.

Em frente à igreja, dentro do carro ainda, não é nada fácil abraçar meu pai e falar com ele sem contar o que vou fazer. Como todo mundo, ele falou que eu estou com uma cara estranha. Mas por que eu tenho que ser tão transparente? Mesmo com uma pele muitíssimo bem-feita por uma maquiadora bem competente, meus olhos denunciam: não estou explodindo de alegria, longe disso.

– Chegamos, filha – meu pai diz, assim que o carro para. – Você está muito, muito nervosa ainda, né? Não sorriu até agora!

– É... pai – eu digo, de repente. – Você vai me apoiar em todas as minhas decisões, não é? Sempre.

– Do que você está falando, Débora? Claro que vou. E sempre gostei muito do Felipe, você sabe, ele é um ótimo rapaz.

– Engraçado ouvir isso depois de passar minha adolescência inteira implorando para ter mais privacidade com ele, e você só brigando comigo – digo, velhos rancores vindo à tona num momento completamente nada a ver.

– Boba! Isso faz tanto tempo. Você é adulta, agora. E eu apoio cem por cento seu casamento.

– Entendi... Mas... Se um dia eu me separar e tal... – acabo falando.

– Eu sempre vou estar do seu lado. Mas não é hora de pensar nisso! Respira fundo, tenta controlar sua ansiedade e aproveitar. É importante aproveitar. Quando você piscar, o dia de hoje já vai ter acabado.

É o que eu espero, sinceramente. Que, à noite, eu esteja deitada na minha cama de sempre, um pouco mais tranquila, depois que o relacionamento com o Felipe já tiver oficialmente acabado, depois do escândalo na frente de todo mundo, enfim, na hora em que tudo isso tiver acabado.

Segurando a saia do meu vestido com cuidado e dando a mão para o meu pai, saio do carro. Sinto na minha mão esquerda o buquê lindo de cravos brancos e cor-de-rosa, e olho para as flores, como se não as merecesse. De repente, pela primeira vez desde que saí do salão, me sinto uma *noiva*. Não

me senti assim quando me vi pronta, no espelho, de tanta pressa que estava para acabar com tudo aquilo. Mas, agora, protegendo meu vestido e de braços dados com meu pai, subindo a escadaria da igreja, sinto um frio na barriga, como se este momento ainda representasse o que significava para mim até alguns dias. É duro. Eu sonhei com isso. Planejei cada detalhe. Esperei. E agora vou acabar com tudo. Mas ok, foco, Débora, foco. Você não é uma noiva feliz, não pode ser: você foi enganada, essa felicidade aqui é uma farsa.

As duas portas da igreja se abrem, a marcha nupcial começa, e eu sinto que vou desmaiar. Em vez disso, dou o primeiro passo. A igreja está linda, coberta com as flores que eu escolhi, do jeito que eu escolhi. Meio confusa, meio zonzinha, vou reconhecendo aqui e ali os convidados: a Jô, a Paula e a Ana, da faculdade, minha prima Samantha, absolutamente estonteante, minha tia, meu amigo Rafael, a Carol, o Alexandre, irmão do Felipe, o Gabriel... E quem é aquele, parado, me esperando? Ah, sim. O Felipe. Simplesmente lindo, com um terno risca de giz de caimento perfeito e colete, que eu acho um charme. Ele atendeu meu pedido de não cortar muito o cabelo: está perfeito, dá vontade de passar a mão. Barba feita. Sorriso aberto, lindo. E olhos umedecidos. Por essa eu não esperava: a imagem do Felipe parado ali, me esperando, é de pura felicidade. Ele parece muito, muito alegre e comovido com a minha chegada.

Vejo minha mãe também muito emocionada, linda, toda orgulhosa de mim, e me sinto imediatamente culpada pelo que ela vai passar em breve, tadinha. Olho meu pai pensando: como ele vai reagir? Recebo o sorriso de cada uma de minhas queridas madrinhas, acompanhadas de seus pares. Sofia me olha com uma cara tensa, que claramente está tentando disfarçar. Meu pai me deixa ao lado do Felipe, que olha para mim e sussurra, depois de me dar um beijinho na testa:

– Você tá muito linda, meu amor. Te amo.

Ok, isso vai ser mais difícil do que eu pensava.

– Irmãos e irmãs... – o padre começa. – Estamos aqui reunidos nesta linda noite...

Acabo de lembrar que o padre não deve falar por muito tempo. Esse que a gente escolheu tem o estilo mais objetivo e tal, vai falar por vinte minutos, no máximo meia hora. Durante o sermão eu não presto atenção a nenhuma palavra, imersa que estou em meus pensamentos, lembro que tem a parte da assinatura. Quando vamos assinar que somos marido e mulher. Ai, meu Deus,

ferrou! Essa parte é antes ou depois do “sim”? Não lembro, estou muito nervosa. Se a assinatura vem antes do sim, é melhor eu desmascarar o Felipe agora, antes de assinar, não? Mas eu faço isso quando? Devo interromper o padre? Tomar o microfone da mão dele? Virar para as pessoas e desmascarar, desabafar, tipo AGORA? Pela primeira vez na história, a noiva está suando mais que o noivo. O que eu faço? O que eu faço? O que...

Bom, agora estou aqui, assinando meu nome. Com as mãos trêmulas. Recuperei um pouco da razão e lembrei que é só não fazer o registro do casamento depois. Daí esta cerimônia não vai ter nenhum efeito civil. Daí esta assinatura não vale nada. Daí não vai ter certidão de casamento alguma e continuo solteira!

Depois de assinar, cruzo o olhar com meu padrinho de batismo, todo emocionado. Ai, meu padrinho tem três pontes de safena, acabo de lembrar. E se ele tiver um troço quando eu começar a desmascarar o Felipe? Meu Deus, tudo fica mais complicado a cada segundo... O Felipe me olha assim que termina de assinar, felicíssimo. Ele nem imagina que assinou uma farsa. Estamos solteiros, Felipe. Solteiros! Não sou idiota de me casar com você.

O padre nos olha antes de dar prosseguimento. Agora, sim, vem a parte do sim. Olho para a Sofia, que parece estar a ponto de ter um treco. Ainda bem que ela não tem nenhuma ponte de safena. Respiro fundo. De repente, acabo batendo o olho nas primeiras fileiras da parte dos convidados do noivo... E dou de cara com a Luma!

Não pode ser. O que essa vaca tá fazendo aqui? Ela não estava na lista dos convidados! Que palhaçada é essa no meu casamento? Ah, não, isso é demais. Até quando esses dois acham que vão me fazer de idiota? As coisas estão mais que claras: não foi só uma vez, o que já seria terrível, mas não foi só uma vez! Eles são amantes. Esses dois são amantes, são pessoas horríveis e estão aqui me fazendo de palhaça. Olho de novo para a Luma, nossos olhares se cruzam e ela sorri discretamente para mim.

VACA!!!! Felipe, o mesmo vale para você. Essa humilhação não vai ficar assim. Não! Desmascarar você na frente de todo mundo seria pouco! Muito pouco! Isso seria nada para alguém tão cínico e cara de pau como você, que talvez nem se importe em ser desmascarado! Não, não. Você vai sofrer, Felipe. Eu quero que você SOFRA!

– Amor. – Ouço o Felipe dizendo. – Débora? Agora você fala “sim”.

Franzo a sobrancelha para ele, e ele olha para o padre. O quê? Ah, o sim.

É a hora. É agora.

– Sim! – digo em alto e bom som.

Sorrisos. Felipe também aceita. Mais sorrisos. Alianças. Um beijinho protocolar, que não doeu. Acabou. Estou casada.

Estou feliz.

Porque o plano, agora, é me vingar do Felipe.

4

– Não estou entendendo mais nada! – a Sofia me diz, no banheiro reservado do segundo andar da festa. Fora do banheiro, uma sessão de fotos com meu amado marido e depois com os padrinhos me aguarda. – Você conversou com o Felipe? Você mudou de ideia? Você estava tão tensa na igreja que eu pensei que você fosse dar um empurrão nele!

– Amiga – eu digo, em um tom bem diferente do banheiro do salão de cabeleireiro. Não estou mais triste, estou brava. – Falar na frente da igreja toda o que o Felipe fez comigo não bastaria. Isso seria pouco para ele. O que eu iria ganhar com isso? Iria me expor, iria expor minha família e talvez ele nem ficasse arrasado. Eu quero que o Felipe passe pelo que eu passei.

– E o que você pretende fazer?

– Vou me vingar. Vou fazer ele sentir o mesmo sabor amargo que eu estou sentindo. Quero ver ele sofrendo como eu estou agora.

– E como exatamente vou vai fazer isso, posso saber?

– Muito simples. Vou traí-lo também. Vou arranjar um amante. E vou armar um flagra. Quero que o Felipe veja com os próprios olhos o que eu vi, que ele se sinta humilhado como eu me senti! Que essa cena fique rodando na cabeça dele como fica na minha até agora, e que ele tenha vontade de matar o outro cara como eu tenho de matar a Luma, que...

– Dé. Dezinha... Respira! – ela diz. – Uma amiga minha tá indo a uma terapeuta ótima. Tô pensando em começar a ir lá. Posso marcar uma sessão pra você também? Que tal?

– Sofia, você sempre me entende, queria tanto que me entendesse agora!

– Espera. Eu estou com você para o que der e vier, já falei. Mas isso é loucura, Débora! Conversa com o Felipe e encerra essa história!

– Quem sabe... Pode até ser... – digo. – Posso conversar com ele. Entender as razões dele para ser tão cínico. Quem sabe... MAS DEPOIS DE

ELE ME PEGAR NA CAMA COM OUTRO!

– Ai, Débora... Que loucura essa coisa toda!

– Loucura essa que ele que começou, né? Por mim, tudo estaria lindo neste momento, mas ele fez questão de acabar com qualquer possibilidade de amor verdadeiro entre nós.

– Eu ainda acho que o melhor seria sentar e conversar com ele. O Felipe sempre foi muito atencioso e legal com você. Não acredito, desculpa, mas não posso acreditar que ele seja esse monstro. Deve ter algo errado, ele devia estar nervoso com o casamento, sei lá...

– Sofia, sério que você vai defender ele agora?

– ...o que estou dizendo é que vocês construíram uma relação e podem sentar e falar sobre as coisas, em vez de viver uma vida de mentira, sabe? E essa coisa toda de vingança... Na boa, Déb, nada disso combina com você. Você sempre teve um bom coração, sempre. Seria incapaz de fazer mal a alguém. Se fosse você que tivesse traído o Felipe, num impulso, num ato impensado, você estaria se sentindo supermal agora. Não adianta querer pagar de vingativa, essa não é você! Você é fofa, é uma boa namorada, é...

– Uma coisa é ser fofa, outra é ser tonta, Sofia – falo, decidida. – Estou sendo passada para trás. Não vou ser fofa com quem fez uma coisa dessas comigo. E outra: não acho que tenha sido uma vez só, não. Acho que eles estão juntos há tempos! Desde o começo do nosso namoro, quem sabe?

– Aí você já tá viajando...

– Me dá seu celular, olha essa foto.

Entro na página da Luma no Facebook e acho a foto.

– Essa foto não prova nada – ela diz. – Nem que eles já ficaram um dia. O que não seria nenhuma tragédia, convenhamos.

– Não, não. Tenho certeza de que eles ainda ficam. Algo me diz...

– Ai, Déb, sem “algo me diz”, vai. Você não virou vidente só porque tá nervosa! Uma coisa é certa: eles ficaram semana passada. Isso, você viu. E isso não é pouco. Mas todo o resto é especulação.

– Certo – concordo, contrariada. – Mas é isso. Vou arranjar um amante e nem sei por onde começar, mas você vai me ajudar.

– Eu?

– Ué, você tá solteira. Estou solteira de novo, vou pra balada com você, você deveria estar feliz.

– É, só que não né? Você não tá solteira, tá casada! Olha em volta!

– É. E meu marido vai ter a honra de me ver com outro rapidinho.

Ela suspira e alguém grita meu nome.

– Tudo isso é segredo, hein, Sofia? Nem preciso falar – digo, abrindo a porta.

– Não precisa mesmo. Se eu contar para os outros, eles vão cair em cima de mim por eu não ter te impedido.

– Débora! Parabéns, querida... – alguém me fala.

Me viro para agradecer e... É a Luma.

Sério. Vou surtar. É sério.

Ela me dá um abraço e sinto meu estômago revirar. Eu já esperava por esse momento, desde que a tinha visto na igreja, e já tinha combinado comigo mesma que não faria nenhuma cena, mas agora que ela está me abraçando e enfiando esse cabelo ruivo no meu nariz...

– Eu não lembrava que tinha te convidado – acabo falando.

– Vim como acompanhante do meu irmão! – ela responde, toda simpática. – Sei que não dá para convidar todo mundo, imagina, casamento é uma coisa tão cara e a gente só chama os mais próximos, mesmo.

– E não somos próximas – digo, seca e olhando firmemente nos olhos dela.

Nessa hora, a Bárbara, que está passando por mim, estranha.

– Lindo o seu vestido! – ela diz para a vaca, que agradece e tal. Daí vem alguém me cumprimentar e a vaca some pela festa... não com o meu marido, espero. Onde tá o Felipe? Onde tá o Felipe? Ah, ali conversando com o Gabriel, ufa. Pelo menos, no próprio casamento ele tem a decência de se manter vestido. Termino de agradecer os avós do Felipe, e a Bárbara sussurra no meu ouvido:

– Credo, Débora, se controla. Dando patada nos convidados da sua própria festa...

– Não gosto daquela mulher.

– E também não gosta do seu marido, da sua família, nem dos seus amigos, ou pelo menos é o que está parecendo, né? Vou te chamar de noiva-limão!

Falando em limão, resolvo caminhar até o bar e pedir uma caipirinha.

Quem sabe isso me ajuda a manejar meu humor. Mal termino o copo e pego uma taça de espumante na primeira bandeja que passa, e antes mesmo de terminar, vou atrás de outra caipirinha e...

– Certo, vão te chamar de noiva-sem-noção – a Sofia veio me dizer um tempinho depois do pito da Bárbara.

– Ah, não! Acho mais bonitinho noiva-limão!

– Sabe o que é mais bonitinho ainda? Parar de pular descalça no meio da pista...

Eu me dou conta de que tirei o sapato, nem tinha percebido. Tentando manter a dignidade, falo:

– TODO mundo faz isso, Sofia...

– Quando ainda são 9h30 da noite e você ainda nem terminou de receber os cumprimentos?

– Cansei dos cumprimentos! Quero dançar, dança comigo, desamarra essa cara, uhu! – eu digo. Ou algo do tipo. Nem eu estou me entendendo bem.

– Acho melhor eu dançar com você mesmo, antes que faça alguma loucura.

Pela primeira vez na noite, me divirto um pouquinho. Ela dança comigo e a gente vai formando um grupo grande na pista, eu, ela, a Lu, que vai chegando, a Bia, a Jô, a Catarina e outras amigas mais que queridas, depois a Samantha e o namorado dela, meus pais e, agora, infelizmente, meu noivo, ou marido, sei lá, que me pega, me roda e me beija, enquanto tudo o que eu queria era ficar longe dele para poder me distrair e aproveitar um pouco a festa, mas tudo bem.

– Débora, não é por nada não, mas você tá quase empurrando o Felipe quando ele se aproxima de você – fala a Bia, na vez dela de me dar uma bronca.

– Ai, nada a ver! É que ele dança igual a um robô e eu prefiro dançar sozinha, só quero aproveitar a minha festa!

– Festa de vocês dois, né, amiga?

– Ah, é. De nós dois.

– Outra coisa: vai com calma no álcool. Se você continuar bebendo, vai estragar sua noite de núpcias.

– Noite de núpcias? Ah, eu tinha me esquecido! Garçom do espumante, ei, ei, para aqui um minutinho!

O garçom não me vê, desencano e volto a dançar. Depois do comentário

da Bia, passo a aceitar o contato físico com o Felipe quando ele se aproxima. Fazer o quê? Nem acredito que, com 24 anos de idade, eu estou fazendo a linha “vamos manter as aparências”. Mas é isso. Pelo menos para mim, é claro. Ele parece sincero toda vez que praticamente pula em mim para falar como me ama, como está feliz por ver ali todo mundo reunido e se divertindo, como a nossa festa está linda, com tudo dando certo, etc. etc. etc.

Vou ao banheiro, depois de segurar o xixi por um tempão. Lá fora, eu estava dançando, rodeada de gente, me sentindo até bem em alguns momentos... Mas aqui, sentada na tampa da privada, sinto uma solidão terrível. Antes de voltar para a pista, acho que vou passar de novo no bar e pegar alguma coisa. Credo, tem coisa pior do que beber para esquecer, no próprio casamento? Nem tenho esse hábito... Bom, mas eu também não tinha o hábito de flagrar meu marido com outra, e conseqüentemente não tinha o hábito de me vingar das pessoas sem coração nem nada, enfim, é todo um universo novo se abrindo à minha frente: um universo repleto de vingança e caipirinhas.

Saio do banheiro decidida a passar no bar e... Opa, quem está ali? O Guilherme do colégio! Nossa, faz meses que a gente não se fala. Por que será que o mal-educado não me cumprimentou, hein? Eu nem deveria ter convidado ele, só convidei porque a Catarina estava tentando recuperar o rolo que eles tiveram ano passado e me pediu e...

– Débora! Estava te procurando, parabéns! – ele diz, me abraçando. – Felicidades!!

– Obrigada!!! – respondo, fingindo estar animadíssima. – Bom, aproveita a festa e...

Espera, o que estou fazendo? O Guilherme daria um excelente amante! É um cafa total, já ficamos várias vezes, estamos meio afastados, mas temos todo um passado de pegação... Tudo bem que ele é ex de uma amiga minha, a Carol, e ainda tem a história com a Cat, mas a Carol tá morando junto com o namorado, e a Cat nem gosta dele, só anda carente... Puxa, seria perfeito.

– O que você anda fazendo da vida? – pergunto, toda sorridente, dando a mão para ele. – Saudade de quando a gente ficava um tempão conversando!

– Pois é! Saudade também! Bom, me formei em Economia, estou trabalhando com a Carol...

– Vocês ficaram amigos, né? Acho tão fofo ficar amigo de ex! Aliás, você é todo fofo, né, Gui – eu digo. Nossa, exagerei, né! Comporte-se, Débora,

você quer se vingar, mas não pagar de maluca. Além disso, esta é sua própria festa de casamento e todo mundo tá aqui.

– Hahaha, obrigado! Bom, vou dar uma volta e...

– Não, me conta mais da sua vida, por favor! – eu insisto, exagerando parte dois. Pensando bem, acho melhor NÃO voltar ao bar.

– Hã... Tô indo passar um tempo em Nova York, você está sabendo? Fazer um curso...

– Ah... Sério? – falo, sem conseguir esconder minha cara de decepção. Puxa, Nova York fica bem fora de mão para amante. Bom, mas tudo o que eu preciso é de uma noite, talvez ainda dê tempo. – Quando você vai?

– Semana que vem.

Falo “que legal”, pergunto da viagem para despistar, me despeço e ando até a pista de dança, parando para pegar uma caipirinha no caminho. Puxa vida, descobri que tem sim coisa pior do que beber para esquecer no próprio casamento: tentar arranjar um amante no próprio casamento...

Agora vai ser difícil continuar me divertindo.

Pela primeira vez nas últimas horas, me vejo a sós com o Felipe. São 4h30 da manhã e estamos na suíte do hotel. E, por alguns instantes, amaldiçoo essa súbita sobriedade que bate em mim sem avisar.

A gente tinha entrado no quarto rindo e tropeçando e, na verdade, quando a gente entrou eu estava tão empolgada com alguma piada que ele tinha feito no caminho, com o efeito da bebida e tudo, que quase falei, meio brincando: “Que casal feliz, né? Nem parece que você transou com outra mulher anteontem!”. Isso quase, quaaase escapou. Mas, agora há pouco, quando ele foi ao banheiro e me vi sozinha neste quarto, quando olhei as pétalas de rosas na cama e pensei que era para eu estar apenas feliz, e não histérica/surtada/com chances de me atirar pela janela num impulso... Daí caí na real e comecei a me perguntar o que eu deveria ter me perguntado na hora do “sim”: *O QUE DIABOS ESTOU FAZENDO COM A MINHA VIDA?*

Deito na cama enquanto ele ainda está no banheiro. O que estou fazendo, meu Deus? Vou viver uma mentira? Procurar outro cara? Esconder do Felipe o que eu sei e vi? Conviver com a presença da Luma rondando a gente? Na hora em que eu planejei aquele jeito de me vingar do Felipe, aquilo fez todo o

sentido, mas como vai ser no dia a dia? Tipo, a começar por agora: como vai ser *fazer sexo* com ele? Estou com raiva dele e o que eu menos quero neste momento é beijá-lo!

– Hmm, você está linda deitadinha aí... – ele me fala, saindo do banheiro, olhar de terceiras intenções, no melhor estilo “Vamos consumir esse casamento”. E agora?

Sorrio meio amarelo, sem saber o que fazer. Minha vontade é dizer: “Felipe, a gente vem consumando esse casamento há um ano e consumava praticamente toda vez que a gente se via, e, aliás, anteontem você consumou com outra”. Mas não digo nada.

Ele começa a me beijar e eu ainda estou perdida. Ele começa a tirar a minha roupa e eu ainda sem reação. E então... Para a minha alegria total e completa... Eu começo a sentir ânsia e...

Pronto, é isso. Estou vomitando. É assim que acontece minha linda noite de núpcias no hotel perfeito e cinco estrelas. Estou passando mal aqui mesmo, na cama, em cima das pétalas de rosa. Não é exatamente o começo mais romântico de uma vida a dois. O clima vai para o espaço, meu cabelo idem, e os momentos seguintes são preenchidos por nós dois nos vestindo, uma camareira entrando às pressas, e eu terminando de passar mal com mais privacidade dentro do banheiro.

5

14 de maio, quarta-feira

Estou em Santorini, na Grécia, deitada em uma cama enorme, fofa na medida certa, cheirosa, com a cabeça em um travesseiro tão perfeito que eu gostaria de levar para casa. Mas, mesmo que estivesse deitada em um monte de palha, estaria me sentindo em um palácio. Tudo por causa dessa vista. Entre as cortinas brancas e fluidas, vejo o mar Egeu, com seu azul escuro e profundo. Acima dele, um céu sem nenhuma nuvem sequer.

Ao meu lado, o Lipe.

Sem camisa. Só com uma calça de tecido leve. Dormindo profundamente, talvez pela primeira vez desde a noite de núpcias. Nos últimos dias, estranhando o meu (mau) humor, ele acordou algumas vezes à noite, me perguntou de manhã se a gente estava bem, se eu tinha me arrependido de casar com ele. Em todas as vezes, eu disse que não era nada de mais, que eu só estava estranhando estar casada, que era um grande passo, etc.

Hoje, porém, tivemos um dia bom, como deveriam ser todos os nossos dias aqui. Pela primeira vez depois que nos casamos, fizemos sexo. Por alguns instantes, consegui congelar todas as cenas horrendas que não paravam de se repetir na minha cabeça, desde o Felipe e a Luma juntos, óbvio, até o Felipe me traindo com outras mulheres: tive esse pesadelo nas últimas noites. Mas, pelo menos por alguns instantes do dia de hoje, esses pensamentos me deram uma trégua.

E, verdade seja dita, quando o Felipe começou a beijar meu pescoço assim que chegamos da praia, me virei para ele, beijei-o longamente e já fui tirando a minha roupa antes que ele precisasse fazer isso. De tão cansados e felizes, dormimos. São 5 horas da tarde, o sol ainda está forte lá fora e eu acabei de acordar, enquanto ele, parece, vai longe. E aquela minha felicidade

safadinha e passageira... passou.

Levanto da cama, olho para o Felipe mais uma vez com aquela adorável e clichê cara de criança dormindo feliz. Suspiro, visto meu vestido amarelo florido que já usei ontem e hoje mais cedo. Na mesinha de cabeceira, pego uma caneta e escrevo em um bloquinho do hotel: *Fui dar uma volta*. Paro, suspiro, amasso aquele papelzinho e escrevo em outro: *Amor, fui passear. Devo estar de volta antes de você acordar. Beijos, te amo!*

Ah, melhor assim, né? Estou me esforçando para não ser muito vaca com ele quando ele está acordado e vou aproveitar que ser fofa por escrito é bem mais fácil. Daí ele acorda, lê o bilhete meigo e, quem sabe, ganho créditos para mostrar meu mau humor quando eu voltar e a gente tiver de interagir de novo.

Saio do hotel e fico tão de queixo caído com a paisagem, como no primeiro dia aqui no centro da ilha: à minha frente, um precipício, o céu no horizonte e o mar lá em baixo, brilhante, maravilhoso. Desço a escadaria sem saber se olho os degraus ou o mar. A ideia é passear um pouco pelo centrinho, tomar um sorvete, curtir minha companhia. Nunca pensei que eu fosse fazer tanta questão de ficar sozinha em plena lua de mel, mas a verdade é que, sozinha, posso relaxar e ser eu mesma, sem me preocupar com o tom que uso nos bilhetes nem nada do tipo. Posso tentar curtir um pouco a Grécia; afinal de contas, apesar do que está acontecendo na minha vida.

A verdade é que é difícil ficar mal-humorada neste lugar. Em cada esquina, um visual de cinema, e esse calor infelizmente me deixa com vontade de fazer sexo. Digo “infelizmente” porque minha ideia inicial era simplesmente não transar nesta viagem, já que quando eu me aproximava do Felipe sentia mais raiva do que tesão/amor/sensações positivas, mas o que eu posso fazer? Sou a mulher dele, afinal. A gente está casado. E, se meu plano é arranjar outro, preciso continuar casada, certo? E, para continuar casada, é bom comparecer de vez em quando, principalmente se estamos falando de *lua de mel*... E, ok, não foi nenhum sacrifício transar com ele hoje, preciso confessar a mim mesma, pisando o último degrau da escada. Não, mesmo.

Caminho um pouquinho pelo centrinho antes de escolher onde vou tomar meu sorvete. É realmente bom estar sozinha um pouco, organizar meus pensamentos em meio a essa loucura toda. E, apesar dos pesares, como diz minha mãe, hoje, pelo menos hoje, sinto que estou relaxando aqui na viagem.

A manhã pós-noite-fracassada-de-núpcias foi mais tranquila. Acordamos

atrasados, ou seja, sem chance para sexo. Pegamos um táxi e fomos para o aeroporto, onde corremos para o check-in. Aí passamos duas horas andando, olhando revista na livraria, conversando às vezes sobre a festa de casamento e amenidades. Eu estava meio de ressaca, com uma dor de cabeça chatinha que não passava nunca, então nem precisei fingir que estava feliz com a vida de casada nem nada: tomei um analgésico e assumi aquela cara de quem não está muito bem. O Felipe também não estava morrendo de animação, estava sonolento, e então a nossa convivência foi normal, pacífica.

Já em Atenas, ele me encostou contra a parede pela primeira vez. Quando chegamos ao hotel, eu não quis transar. Quando fomos comer, eu não quis conversar: só fiquei concentrada mastigando e falando “arram, arram” quando ele puxava assunto. Quando a gente foi visitar as ruínas, eu caminhava olhando para o chão. Está certo que, na frente do Teatro de Dionísio, eu me emocionei um pouco com aquela visão e comentei com o Felipe, toda interessada, como era bizarro estarmos ali, num lugar onde tinham sido encenadas peças na antiga Grécia! Naquele momento, admirando o teatro, foi como se meus problemas não tivessem importância nenhuma... Mas foi só virar as costas para o teatro que meus problemas voltaram a ter a maior importância do mundo e eu voltei a andar olhando para o chão.

Quando o Felipe me surpreendeu com um buquê de flores, do nada, durante a caminhada de volta depois de visitarmos as ruínas/o teatro/o Parthenon/etc., fiz cara de: “Hã? Ah, tá”. Daí ele:

- Débora. Sério. Me conta o que aconteceu.
- O que aconteceu com o quê, gente?
- Com o seu humor. A sua alegria de casar comigo. Com o que... você sente por mim. O que aconteceu?
- Não aconteceu nada. É só que estou estranhando, é uma nova fase da vida, é...
- Pô, eu sei que você tá estranhando, tudo isso também é muito diferente pra mim, nunca morei com alguém que não fossem meus pais ou meu irmão. Estou ansioso para ver como vai ser a nossa vida nova, estou ansioso pra morar com você na nossa casa. Mas tenho certeza de que fiz a escolha certa. Já você não está parecendo, pelo menos hoje e ontem, que tem essa certeza!

Ele estava certo: eu não tinha essa certeza. Mas acabei só dando um abraço nele e falando que ia tentar melhorar. À noite, porém, eu virei para o lado e dormi. Me deu um bode profundo de repente, uma TPM fora de hora.

Ele fez uma cara de desapontado e foi dormir meio calado. Acordamos nesse clima de guerra fria, tipo casal que está casado há quatro décadas e não tem muito o que conversar.

No porto de Piraeus, onde a gente ia pegar um barco para Santorini, a gente mal conversou. Ficamos tomando um café, enquanto esperávamos o horário da partida, e olhando os outros casais à nossa volta, aparentemente muito felizes em suas viagens românticas. No barco, cada um ficou lendo. Mas, chegando no hotel, nosso ânimo começou a mudar. A paisagem era sensacional. O hotel é ultrarromântico, muito lindo. Agora sim, ilhas gregas! Porque Atenas é meio sem graça, sabe? Aqui, em Santorini, não baixou a esposa realizada em mim, mas baixou a turista alegrinha, e, mal guardamos as nossas coisas, fomos procurar um lugar para comer, passeamos a beira-mar, tiramos fotos felizes e postamos com legendas apaixonadas no Instagram, etc. E à noite...

– Dor de cabeça – eu falei.

– Sério, amor? Puxa... – ele respondeu, visivelmente decepcionado. Por isso, para tentar justificar mais, eu adicionei:

– E cólica abdominal e diarreia, acho que foi o bolinho suspeito que comi no café da manhã.

Acabou que ele ficou com dó de mim e vimos algumas séries no computador até dormir. De vez em quando, eu ia ao banheiro e ficava lá uns minutinhos à toa. A que ponto cheguei nesta vida. Fingir que estou com diarreia.

Acordamos para a manhã de hoje, tomamos café, pegamos nosso carro, que tínhamos alugado no dia anterior, e fomos, ansiosos, para a praia de Kamari. Foi um dia muito agradável: caminhamos no calçadão, nadamos no mar morninho, lemos, tomamos alguns drinques, almoçamos num restaurante bem gostosinho... Tudo na maior paz. E na volta... No hotel...

A consumação. Finalmente.

– Pois não? – o garçom me pergunta em inglês. Estou sentada numa mesinha, meu pote de sorvete já está vazio e peço uma água e a conta. Quando estou terminando de tomar a água, vejo o Felipe me dando um “oi” todo sorridente, bem com cara de “transei-dormi-acordei-feliz”.

– Sabia que ia te encontrar aqui! Sua noiva em fuga.

Sorrio. Noiva-limão, noiva sem-noção... Noiva perdida, acho que seria o mais apropriado.

– E aí, posso te fazer companhia? – ele pergunta, envolvendo meu ombro com seus braços.

Sorrio mais uma vez e ele pede o cardápio. Quando chega o suco e o sanduíche dele, acabo pedindo mais um sorvete e engatamos um papo sobre nossas impressões sobre a Grécia. Está quase bom ficar aqui com ele neste café. Uma conversa descontraída, uma paisagem linda, o maior calorão, um sorvete que ainda não entendi do que é, mas que está uma delícia... Quando a gente muda de assunto e ele acaba comentando alguma coisa sobre um projeto lá do escritório dele, acabo me distraíndo e prestando atenção na moça megaestilosa de chapéu que acaba se sentando na mesa em frente à nossa.

Concordo com o que o Felipe fala e suspiro. Nossa, geralmente me sinto “básica-com-um-toque-de-glamour”, mas esse tipo de mulher faz com que eu me sinta simplesmente mal-vestida. E o pior é que eu gosto de moda!

– Nossa, mas tem o acervo da revista, né? – comento com o Felipe.

– Hã?

– Ah, é que eu estava pensando aqui... A *Joy*, a revista em que eu vou trabalhar, deve ter um acervo enorme de roupa, tipo aquele do *Diabo veste Prada*. Quer dizer, também não quero criar tanta expectativa, a *Joy* não é a *Mosby*, mas poxa, é uma revista feminina, né. Além disso, de modo geral, acho mais fácil diminuir o açúcar da minha vida do que diminuir as minhas expectativas.

– É bem provável que eles emprestem roupas, né... – ele fala. – Quer dizer, não sei como funciona. Curiosidade: por que você pensou nisso agora?

– Ah, sei lá, você tava falando coisas de trabalho, daí lembrei que quando voltarmos vou começar o meu novo emprego – falo, embora a verdade seja: lembrei por causa dessa moça de chapéu. Quero me vestir que nem ela um dia.

– Você tá bem animada com esse novo emprego, né? – ele diz, dando uma mordida no sanduíche.

– Muito! Chega de assessoria sem graça – falo, mais animada do que nunca. Trabalhar como repórter de comportamento: meu objetivo desde o primeiro semestre da faculdade, e me vestir como uma blogueira de moda:

meu objetivo desde que vi essa moça do chapéu? Me aguardem.

Dou um beijinho nele e vou ao banheiro, toda entusiasmada. Nada como inventar uma obsessão para me distrair dos problemas. De repente, me sinto *verdadeiramente* animada só de pensar nas produções que vou poder fazer quando começar a trabalhar na revista. Está certo que os editoriais de moda da revista *Joy* não são sempre incríveis – antes de ir à entrevista de emprego, sentei com a Sofia para a gente folhear a *Joy*, que a gente conhecia só de olhar na banca, e ela confessou que estava achando algumas coisas meio de mau gosto. Mas não desanimei: a própria Sofia concorda que até a *Mosby*, vira e mexe, mostra umas coisas de mau gosto e isso não compromete a reputação da revista (se bem que coisas de mau gosto, quando estão na página da *Mosby*, têm outro nome, né? Conceituais, excêntricas, visionárias, etc).

Saio do banheiro na maior empolgação e... Ei, o que é aquilo? O que o Felipe está fazendo conversando com a moça do chapéu?? Calma, Débora, calma, digo a mim mesma, respirando fundo. Ele não seria maluco de dar em cima de outra mulher em plena lua de mel. *E por que não?!*, uma voz na minha consciência me pergunta, ao fundo. Se ele foi capaz de fazer isso um dia antes do casamento!! Dou dois passos em direção aos dois, mas acabo recuando e me escondendo atrás de uma pilastra. Os dois estão rindo como se fossem velhos amigos. É impressionante a cara de pau desse homem! Quando estava entretida com pensamentos fúteis repentinos, quando eu saí para o banheiro até felizinha com o clima amigável do nosso bate papo com sorvete, quando estava quase começando a ficar feliz por estar numa ilha grega... Eis que ele mostra sua OUTRA FACE.

– Amor? – Ouço ele me chamar, mas ignoro. Infelizmente, ele vem em minha direção. – Amor, o que você tá fazendo aí atrás da pilastra? Encontrei uma amiga minha aqui, a Luisa, olha que coincidência. Nem sabia que ela estava aqui!

Sorriso amarelo e vou lá cumprimentar a tal amiga que é tão próxima dele que 1) Nunca ouvi falar, 2) Não foi convidada para o nosso casamento, 3) Nunca vi nem no Facebook dele e 4) Convenhamos, é bonita e estilosa demais para que eu concorde com essa amizade. Quer dizer, tanto faz, né? Eu nem deveria me importar com o que o Felipe faz ou deixa de fazer daqui para a frente, já sei que ele não presta, mesmo, e não vejo a hora de eu não prestar também e dar o troco nele... Ah, sei lá.

– Essa aqui é a mulher da minha vida, Luisa – ele diz, pondo a mão na minha cintura. Felipe e suas mãos na cintura. – A gente está em lua de mel.

– Não acredito! Vocês se casaram, que demais! Parabéns! – ela diz, toda simpática. Deve estar se mordendo por dentro.

– Como foi a festa? Adoro esse assunto! Nem namorando eu estou, mas vivo pensando na minha futura festa!

– Foi legal – respondo. Ah, não vou ficar aqui descrevendo as flores da igreja para essa desconhecida.

– Você está de férias? – o Felipe pergunta, claramente constrangido com a minha frieza.

– Mais ou menos! – ela responde. – Estou morando em Roma, te contei? De vez em quando venho pra cá com uns amigos que têm casa aqui.

Finjo achar supernormal aquela vida no eixo Roma-Santorini e abro a boca pra encerrar a conversa com um “legal te conhecer, Luisa, até mais”, mas ela fala primeiro:

– Amei o seu vestido! – ela diz do nada, toda simpática. – E com esse coque, então, ficou um visual muito balneário... Amei.

Agradeço, sorrindo amarelo mais uma vez. Ah, aí já é demais. Ela está querendo me agradar, só pode, né? Ela parece que saiu diretamente do closet de uma blogueira de moda e vem elogiar meu vestido simples e meu coque-causado-pelo-frizz? Deve estar rindo de mim internamente, só pode. Ela vai ver, essa palhaça.

– Falando em moda, essa sua sandália... É tendência, né? Acho o máximo quem tem coragem de usar tendência assim logo no início, quando a peça ainda é meio esquisita. Ela deixa o pé meio achatado, mas acho legal. O que importa é mostrar que está bem informada sobre moda.

Silêncio. O Felipe me olha, a Luisa me olha e eu não sei o que dizer. Acaba que ela se despede e sai do café.

– O que foi aquilo? – o Felipe me pergunta assim que voltamos para a nossa mesa.

– Aquilo o quê?

– Você foi meio... grossa com a Luisa, não acha?

– Ué? Sou obrigada a gostar dela? Aliás, vocês são amigos de onde?

– Na verdade, não é bem amiga, a gente saiu anos atrás, faz muito tempo.

Espera, então ela é ex dele? Puxa, eu sei que é imaturo ter ciúme de ex, que o que passou, passou e tal, mas o que posso fazer se acho muito estranho

conhecer uma ex do Felipe? E uma tão bonita, ainda, estilosa... Que deve ter me achado uma completa idiota e/ou sem educação com meu comentário absolutamente sem noção sobre a sandália. Bom, também, e daí o que a ex do Felipe pensa ou deixa de pensar a meu respeito? Aliás, e daí que o Felipe tem ex? Que se dane!

– Bom, tá na cara que você ficou com ciúme – ele diz. – Mas olha, fazia muitos anos que a gente não se via. Acho que nem temos o Facebook um do outro.

– Vamos voltar para o hotel, vai. Cansei de ficar aqui. Aliás, se você quiser, você fica, eu estou indo – digo, andando.

– Caramba, Débora, você tá exagerando no ciúme, não? – ele diz, vindo atrás de mim. – Eu também não gostaria de encontrar um ex seu por aí, não gosto quando você fala alguma coisa sobre aquele tal de Caio...

– Nossa, meu namorado de milênios atrás...

– Que seja... Não gosto quando você fala de nenhum namorado... Mas você está exagerando, né, convenhamos? Da próxima vez, se a gente se encontrar com uma ex minha, o que você quer que eu faça? Que eu minta, falando que ela é minha prima de segundo grau?

– Pode ser, você mente tão bem! – eu grito e saio andando rápido.

Meu Deus, que cena eu fiz em pleno coração da Grécia! Quer dizer, sei lá se Santorini é o “coração da Grécia”, mas enfim. Quando vejo, tem várias pessoas me olhando. Ah, elas que se danem! Volto correndo e chorando para o hotel. Entro no quarto e, minutos depois, ele entra. Eu odeio esse homem, ele é um estranho para mim, eu...

– Vem cá – ele fala.

Penso que ele vai começar a conversa do século, reclamando mais uma vez que eu estou estranha, quando ele me pega pela cintura, começa a me beijar e me joga na cama.

– Não estou no clima agora, Felipe. Não estou...

Mas ele já está em cima de mim, levantando meu vestido e tirando a minha calcinha. Quando vejo, fecho os olhos e me concentro no sexo oral incrível que estou recebendo. Ai, Felipe... Depois de, bem, chegar lá duas vezes, fecho os olhos.

– Você sempre foi louquinha, né, Débora? – ele diz, rindo. – Não dá pra entender você.

Ele tem toda razão, penso, feliz e relaxada.

Não dá para me entender.

22 de maio, quinta-feira

Último dia nas ilhas gregas. Amanhã, vamos embora. Ainda não acredito que acabei de acordar e estou me espreguiçando em Creta, uma ilha que apareceu tanto nos meus livros de história da escola, com sua arte, sua política, sua democracia... Claro que, nesse contexto da minha lua de mel, Creta virou sinônimo de sol, praia e restaurantes incríveis, mas tudo bem. Olho para o Felipe ao meu lado, me espreguiço e caminho até o banheiro. É inegável que, nos últimos dias, fiquei bem com ele. Não cem por cento, não é como se eu não soubesse de nada, mas é que aqui, ao lado dele, nesse cenário ensolarado, acabei ficando mais tranquila. Temos longas e agradáveis conversas, fazemos caminhadas românticas e agora a gente tem transado todos os dias. Me sinto feliz, o que eu posso fazer?

Volto para o quarto e acaricio o cabelo do Felipe, que ainda dorme. Quero aproveitar bastante hoje, porque amanhã não vai dar para fazer nada: vamos acordar, tomar o café rapidinho, fazer o check-out, ir para o aeroporto, etc. Assim que ele acordar, vou propor de a gente ir a uma praia linda que vi na internet ontem, aonde não fomos ainda. Eu ia adorar! Pronto, vou acordá-lo. Ou não, ele está dormindo tão tranquilo... Não, preciso acordá-lo, é nosso último dia. Ah, deixa ele dormir... Passo a mão no cabelo dele e concluo: é, talvez eu esteja feliz. Talvez eu deva deixar tudo pra lá e aproveitar minha vida.

Acabo ajeitando minha cabeça no travesseiro e pegando o celular para me distrair um pouco. Tiro uma foto linda do Felipe dormindo e quero esperá-lo acordar para perguntar se posso postar, mas acabo postando. Ah, a foto tá tão linda, não tem como ele achar ruim! Ponho um filtro preto e branco e posto com a legenda: “amor verdadeiro”. Aproveito e troco mensagens com as minhas amigas, checo meus e-mails – ufa, não tem nenhum da revista *Joy* com algo horrível do tipo “Foi um engano, você não foi contratada”. Dou sinal de vida para minha família, atualizo meu Twitter que já está criando mofo, coitado, rio um pouco com os vídeos do Vine, dou uma olhada sem compromisso no Snapchat, vejo quantas pessoas curtiram as fotos lindas que

postei ontem, da praia de Falasarna... Espera. O que é isso? Estou vendo direito?

É a foto da Luma. Uma selfie com a seguinte legenda: “Sabe saudade? Volta logo, volta, volta”.

Putá. Que. O. Pariu.

Eu odeio você, Felipe. Eu mal posso acreditar que você seja cínico a esse ponto. Eu vou acabar com você como você tá acabando comigo. Me aguarde.

Aqui estou eu, aproveitando o último dia da minha lua de mel da seguinte maneira: diante do computador, revirando de cabeça para baixo meu Facebook atrás de um cara disponível para ser meu amante.

Foi um estresse conseguir esse tempo só para mim. Quando o Felipe acordou, estava tão louco para curtir o último dia quanto eu. Quanto eu, digo, antes de eu ver a selfie da Luma, né? Porque, depois disso, tudo em que eu conseguia pensar era: preciso arranjar um amante HOJE. Preciso voltar para o Brasil já com um encontro marcado. Preciso resolver isso *agora!!! JÁ!!!*

– Estou com muita, muita dor de cabeça – eu disse para ele, tentando manter o sangue-frio apesar da raiva.

– Nossa, sério? – ele perguntou. – Você deveria ir ao médico na volta, amor, sua saúde anda tão delicada...

– Vai você passear. Acho que é enxaqueca, preciso fechar as cortinas e não vou poder com barulho nenhum.

– Putz, mas como vou sair do quarto com você assim...

– Por favor. Vou sarar *muito* mais rápido se ficar aqui, deitada, sozinha, no escuro. Daí, quem sabe a gente aproveita o fim do dia junto.

– Tá bom então...

Ele pegou um livro para ler depois do café da manhã no restaurante, e eu estou aqui, sem dor de cabeça nenhuma, com o estômago roncando porque não comi nada, e ainda por cima no escuro. Fechei as cortinas porque vai que o Felipe aparece de repente, né. Bom, vamos começar logo e... Ei, o que é isso? O Felipe atualizou o status dele para “casado”. Me trai e ainda faz questão de avisar o mundo que a gente casou! Hipócrita! O certo seria o Mark Zuckerberg criar a opção “casado e traidor” para pessoas fingidas como o Felipe usarem, mas ok. Confirmando que é comigo que ele casou e vejo,

contrariada, meu novo status avisando para o mundo meu estado civil. Bom, o que eu posso fazer. Vamos nos concentrar e decidir logo quem vai ser o primeiro felizardo a receber uma cantada minha.

Oi, Alex!

Digito para o meu ex-peguete da faculdade. Lembro bem de como a gente tinha química. É outro que, como o Guilherme, pode resolver meu problema fácil, fácil! Espero. Espero. Espero. Estou vendo que ele está online, então por que essa demora para falar comigo? Que falta de ansiedade/curiosidade para ver o que eu quero, credo. Mal sabe ele que tenho aqui para oferecer uma noite sem compromisso de pura luxúria. Anda, Alex, responde logo... Será que vou digitando para outro ex-peguete enquanto isso? Calma, Débora, não surta. Ah, mas e se o Felipe chegar e eu não tiver conseguido nada? Quero resolver isso hoje! Não aguento mais ficar com isso na cabeça e...

Oi, Débora! Quanto tempo!

Ele digita um coisa meio impessoal, mas é melhor que nada. Vou tentar me virar com essa abordagem meio seca dele, mas sem os exageros que cometi com o Guilherme na festa.

Vi que você casou, parabéns!

Pois é!

Puxa, eu não queria me estender nesse assunto, o que eu faço?

E aí? Tá feliz, imagino!

Pense, Débora, pense... Com raciocínio e inteligência... Não com exagero e loucura...

Mais ou menos. Na verdade... Sei lá... Tenho dúvidas.

Sério??? :-(Que chato... Você casou tipo outro dia, não foi?

Pois é... Sabe o que eu estava pensando?

O quê?

Faço uma pausa. Nem eu sei o que eu estou pensando. Tenho tantas possibilidades agora, depois dessa pergunta, mas não sei qual usar! Posso ir desde “Estou pensando no sonho que tive com você essa noite, olha que loucura! Você estava numa padaria e...” até: “Estou pensando que a gente podia tomar uma cerveja para eu te contar melhor sobre isso!”. Hmmm melhor a segunda opção.

Que a gente podia tomar uma cerveja para eu te contar melhor sobre isso. O que você acha?

Claro, acho ótimo! Chamamos o pessoal, vai ser bacana. Você anda encontrando alguém da nossa turma?

AAAAhhhh tudo o que eu *não* queria: um papo leve e amigável. Quero sexo, Alex, sexo!!! Como daquela vez na república onde você morava, entendeu? Nossa, como será que eu deixo isso claro? Infelizmente, vou ter que cortar essa conversinha mole, que não está me levando a lugar nenhum. Exagero, volta aqui, me arrependi e quero você de volta.

Sabe. Quando eu falo em tomar uma cerveja, quero dizer: uma cerveja só nós dois.

Ah... Pra você desabafar, né.

Meu Deus do céu, ele é tonto ou o quê? Será que vou precisar digitar: *ACORDA*, quero *dar* pra você, meu filho! Argh!!!

Estou com saudade de você.

Ele começa a digitar, mas a mensagem não vem nunca. Afe, quantos anos

ele vai levar para digitar isso? Nossa, nunca conversei com ninguém que tenha ido atrás de um amante, mas duvido que a busca dessas pessoas seja assim, desesperada e complicada como a minha.

Débora

Inacreditável, levou tantos anos para digitar “Débora”.

Fala.

Você sabe... Te acho muito legal, sempre fui seu fã...
Mas, em nome dos velhos tempos, vou te perguntar de forma bem direta: é impressão minha ou você tá dando em cima de mim?

Engulo em seco. Bom, se é para sermos diretos, então vamos lá, né? Ele me encostou contra a parede e só me resta o exagero extremo.

Acertou.

Digito, com o coração disparado. Ai, não queria, mas estou muito tensa. Ele passa mais alguns anos digitando.

Cara... Que loucura, isso.

Como assim?

Ué, você acabou de casar... Que coisa mais bizarra...
Esse Felipe, seu marido, parece um cara legal...

Sinto minhas bochechas corarem. É horrível ver alguém defendendo a dignidade do meu marido assim... Alguém que não sou eu! Ele parece estar sentindo *pena* do Felipe e isso faz com que eu me sinta muito, muito mal. Parece que estou expondo tanto o Lipe com essa situação! Parece não: estou, não é? Além disso, posso falar o que quiser do Felipe, mas, pelo menos, ele teve a decência de fazer o que fez entre quatro paredes. Agora, se o Alex quiser mostrar para todo mundo essas mensagens explícitas que eu estou

mandando, ele vai poder fazer isso! AAAi será que fiz besteira? Estou me sentindo tão mal de repente, tão nervosa, tão...

Débora, se você quer se separar, separa. Mas não faz isso, sério, você é uma menina tão legal. Desculpa falar assim, mas ficar saindo atrás de homem na internet não tem nada a ver com você.

Ah, não, aí já é demais. O Alex, o maior cafa da faculdade, vindo me dar lição de moral?! Só me faltava essa!!! Fiz besteira? Talvez. Expus meu marido? Expus. Mas dispenso esse tonzinho paternal pra falar comigo. Dispenso meeesmo. Não quer ficar comigo, não fica!

Não respondo e começo a procurar outro ex-peguete. O Alex não vai fazer com que eu me sinta envergonhada do que estou fazendo, não vai! Ele não sabe o que eu estou passando! Bom, ok, ele conseguiu, estou morrendo de vergonha e tão nervosa que daqui a pouco minha enxaqueca fake se torna verdadeira. MAS continuo atrás de alguém, de preferência sem expor a crise do meu casamento, e de preferência alguém que se interesse em ficar comigo sem questões morais!

Oiiiiii

Digito para o Gustavo, também da faculdade, também ex-peguete, também online.

Débora!!! Pensei em você hoje, que coincidência!

Ele responde. Ufa, com esse a coisa parece que começou melhor.

Jura? Que bom! Pensou o quê?

Fiquei noivo semana passada, você viu? E uma vez você postou a foto de uns docinhos dourados que você experimentou pro seu casamento, e minha noiva está me pedindo todo dia pra te perguntar de onde são esses doces.

Hum.

Dou o nome do buffet e me despeço. Não, Gustavo, eu não sabia que

você tinha ficado noivo, e não, você não está sendo nada útil na minha vida neste momento.

Levanto e tomo um pouco d'água. Droga, só me estressei e perdi meu tempo até agora. Volto para o computador desanimada: que banho de água fria o ex-peguete número três terá para mim? Passo algum tempo procurando alguém, lembro da conversa com o Alex e sinto vergonha de novo, em seguida raiva de novo do tom que ele usou comigo, em seguida vergonha de novo... Penso em mandar uma mensagem pedindo para ele jurar não contar nosso diálogo para ninguém, mas deixo pra lá, passo mais tempo procurando alguém... Acabo conversando um pouco com o Bruno, ex-peguete antigo, mas a conversa não vai para lugar nenhum e perdi a coragem de ser tão explícita novamente, e papeio com o Fred, também da faculdade, mas lembro como o beijo dele é esquisito e acabo me despedindo sem falar nada de mais.

– Melhorou? – o Felipe me pergunta, entrando no quarto. Fecho o computador. – Fiquei me sentindo um marido ruim por estar lá fora com você aqui passando mal... Vou ficar deitado do seu lado assim, no quarto escuro.

– Já melhorei – respondo. – Estava aqui mandando um e-mail para minha mãe, já ia te procurar no café.

– Que bom! Quer dar uma volta? Quer ir para a praia?

– Claro, vamos para a praia – respondo, me levantando. Fazer o quê?

6

26 de maio, segunda-feira

Estou de volta ao Brasil e hoje é meu primeiro dia no emprego novo! Nem acredito. Estou mais ansiosa que em véspera de primeiro dia de aula, quando estava na escola. Coloco as três roupas finalistas em cima da cama: ontem eu tinha escolhido cinco roupas e mudado de ideia cinco vezes. Quero muito causar uma boa primeira impressão! Já basta ter reparado, no fim da entrevista, que a alça da minha bolsa estava um trapo.

No fim, estou entre estas: meu vestidinho novo pink, que provavelmente é o item mais fashion do meu guarda-roupa... Não, não sou repórter de moda, não quero ficar com cara de repórter de moda. Vou com jeans e blusinha? Ah, não, muito simples. Calça social e camisa? Calma, Débora, você é repórter, não diretora de redação... ainda. Ah, está decidido: vou com o vestido pink. A quem estou enganando, né? Nunca vou ficar com cara de repórter de moda. Quando comprei esse vestido, estava em todas as revistas e blogs em que pink era tendência, mas isso foi há um mês e agora todo o pessoal da moda vai estar de preto, tenho certeza.

– E aí? Decidiu? – o Felipe me pergunta, entrando no quarto e me abraçando.

– Acho que vou com o vestido pink.

– Você fica linda com ele. Mas tá meio frio...

– Vou de casaco e meia-calça – respondo, meio seca.

Ele me dá um beijinho no rosto, aparentemente sem perceber minha seca.

– Boa sorte hoje, amor – ele diz, vestindo um blazer cinza por cima da camisa branca. Amo quando ele usa esse blazer. – E vai logo mostrando sua aliança se algum cara der em cima de você, hein? Com esse vestido, eu tô

perdido.

Acabo sorrindo. Achei fofo. O Felipe é tipo o ciumento perfeito. Faz esse tipo de comentário de brincadeira, mas sempre com um fundo verdadeiro e nunca com agressividade. Quer dizer, uma vez ou outra ele já exagerou, mas menos vezes que eu, com certeza.

– A gente janta junto? – ele pergunta, antes de sair para o escritório. Imediatamente, acho fofíssimo. “A gente janta junto?” é uma coisa TÃO marido e mulher. Aliás, os momentos que tenho mais achado marido e mulher, até agora, são as refeições: essa coisa de ele levantar e ir à padaria enquanto eu ponho a mesa do café da manhã e ligo a cafeteira...

– Acho que sim, mas não posso garantir, não sei que horas o pessoal vai embora – respondo, um pouquinho mais doce. – Não quero sair antes de todo mundo.

– Eu te espero. Daí a gente janta vendo um filme, que tal?

Suspiro. Imaginei tanto momentos como este: eu chegando do trabalho, a gente jantando e vendo um filme...

– Adorei – respondo, agora já no meu modo ultra-doce-amor-ter-casado-com-você.

Ele sai e eu visto a calça jeans e blusinha – ah, melhor não causar logo no primeiro dia com um vestido chamativo. Vou básica mesmo. Escovo os dentes e começo o difícil e exaustivo processo – para mim – de delinear meus olhos. Eu e o Felipe praticamente não saímos de casa no fim de semana. Ficamos entre desfazer as malas, desembulhar um presente aqui e outro ali, receber a minha família à tarde e alguns amigos à noite, com quem pedimos pizza e fizemos uma noite de jogos, com vários jogos de tabuleiro... Ficamos só curtindo nossa vida nova (e lavando louça. Credo, eu nunca tinha percebido que visita = louça suja na pia! Pensando em aposentar a porcelana e comprar pratos descartáveis).

Animada com meu novo emprego e me sentindo superadulta por ter minha própria casa, acabei me acalmando depois do episódio da selfie da Luma, que o Felipe não curtiu, não comentou, não nada, assim como o comentário dela sobre o grande dia. Sei lá, acho que o fato de ele tê-la ignorado no Face me deu uma animada. Vai que essa história ficou para trás, né? E ele está tão atencioso comigo... como sempre, aliás!

Termino o delineado, abaixo os olhos mil vezes diante do espelho para ver se o traço ficou mesmo digno ou se parece ter sido feito por uma criança.

Passo hidratante, pó, blush e batonzinho, visto a roupa e saio de casa com frio na barriga. Vida de jornalista da *Joy*, vem pra cá que você é minha!

Chego à redação tentando disfarçar minha decepção misturada com espanto. Puxa, *esta* é a redação da *Joy*? A recepcionista tinha dito sexto andar, será que estou mesmo no sexto andar? Olho para o lado esquerdo e vejo uma plaquinha onde se lê: “6º andar”. Será que me confundi?

Olho para o lado e vejo uma plaquinha mixuruca escrito “Redação Joy”. É, parece que é aqui mesmo. É um lugar minúsculo, apertado e mal ventilado, sem charme algum, preenchido por baias beges e sem-graça. É simplesmente uma redação, Débora, digo a mim mesma, tentando me animar. Pessoas sentadas à frente dos seus computadores fazendo uma revista feminina. O que você queria, que cupcakes caíssem do teto? Sorrio para mim mesma, confiante, e tento adivinhar com quem devo falar, já que não vejo nem a Paloma e nem a Bruninha, e cada um está compenetrado no seu computador ou telefone. A secretária aparentemente inexistente ou não está na mesa dela e ninguém, absolutamente ninguém esboça algum tipo de reação à minha chegada.

Pra ficar claro: quando estou falando de “cada um no seu computador”, “pessoas”, etc., estou me referindo às cinco pessoas que estou vendo. Eu não sei que número exato de pessoas eu tinha em mente quando pensava na equipe que fazia a *Joy*, mas com certeza era um número de dois dígitos.

– Oi, Cinthia! Que bom que você chegou, querida – a Paloma diz aparentemente para mim, surgindo do nada. Seu cabelo castanho escuro está solto e bem-cuidado, veste um lindo terninho cinza e pink e usa saltão, no melhor estilo “executiva moderna que trabalha muito, mas tem tempo para se cuidar”. Acho que ela está bem-vestida *demais* para um ambiente simples como esse, mas enfim, ela é a chefe.

– Débora – eu corrijo.

– Débora! Desculpa! Você tem cara de Cinthia. Vem cá, querida, deixa eu te apresentar pra redação.

Ela pede pra *todo mundo* (cinco pessoas) parar um minutinho:

– Queridos, essa aqui é a nossa nova repórter de comportamento, a Débora. Ela vai ficar com a Bruninha, que foi ao dermatologista fazer uma limpeza

de pele e já volta.

Puxa, que delícia um trabalho em que você pode chegar atrasada porque está fazendo uma limpeza de pele. Bom, mas preciso me concentrar nas pessoas que ela vai me apresentando: Luca, editor de cultura, gordinho, quase careca, de óculos modernos e cara de antipático; Drica, editora de moda, que estranhamente está malvestida com uma saia esquisita e uma blusa com caimento ruim que ninguém neste mundo vai me convencer de que é tendência; Flavinha e Giuliana, designers, supermoderninhas, de cabelo joãozinho, tatuagens e cara blasé; e Marina, a estagiária.

– Marina é pau pra toda obra, fica circulando entre todas as editorias e ajuda todo mundo a fazer a revista.

Olho para a Marina, que tem cabelo curtinho, liso, e usa óculos enormes. Ela sorri amarelo e me olha com as duas olheiras roxas em volta dos seus olhos. Marina, vou fazer o possível para não te sobrecarregar, amiga, juro.

– Sua mesa é essa aqui. Daqui a pouquinho começa a reunião de pauta, só preciso fazer uma reuniãozinha rápida antes no andar dos meninos e já volto.

Concordo, ponho minha bolsa em cima da mesa e ligo o computador. Bom, a recepção da Paloma até que foi calorosa, menos mau. A Marina, fofa, vem me ajudar com o computador e fazemos uma senha para mim.

– O que é “andar dos meninos?” – pergunto, enquanto ela me ajuda a configurar meu e-mail.

– Ah, é que a editora Chammas tem três andares nesse prédio. Este aqui é o andar das revistas femininas: além da *Joy*, tem mais três títulos, a *Lótus*, a *Mulher Moderna* e a teen *Glitter On Me*. No andar de cima, ficam as masculinas: a *Êxtase*, de mulher pelada, a *Taurino*, de mulher pelada, e a *No Gramado*, de esportes.

Franzo as sobrelanceiras. Juro que nunca ouvi falar de nenhum desses títulos. Preciso conhecer melhor a editora Chammas, digo a mim mesma, me recriminando por só ter lido uma edição da *Joy* até hoje e olhe lá.

– O outro andar é o marketing de todas as revistas, e lá fica o pessoal que cuida dos anunciantes e tal – continua ela. – Ah, e também é lá que ficam o Gustavo e o Nando, do help desk. Se tiver algum problema no computador, avisa os dois. Mas já vou adiantando que eles vão falar pra você “reiniciar a máquina”. Se o problema for mais sofisticado que isso, dê adeus ao seu computador por no mínimo dois dias. Sempre faça backup de tudo, sempre.

– Obrigada, pelas dicas, Marina – digo, depois de ela me avisar para

evitar comer no restaurante do prédio sempre que possível (Já foi interditado duas vezes pela vigilância sanitária e vira e mexe alguém passa mal), e de nunca, jamais, irritar a Paloma (Ela às vezes é fofa, mas é bipolar. Não, não é força de expressão. Ela é diagnosticada. Torça para ela nunca esquecer o remédio).

Não estou exatamente animada com o panorama apresentado, mas vamos lá. Não quero desanimar antes mesmo de começar a trabalhar. Além disso, posso pensar em trazer comida de casa. Já vi umas marmitinhas muito lindas na internet.

– Marina – digo, já com minha própria senha e mexendo no computador, embora não tenha muito o que fazer, claro –, é meio loucura isso de ter só uma estagiária aqui, não? Digo, como você dá conta?

– Bom – ela diz, suspirando – ou dou conta ou dou conta, né? Tô no segundo ano de faculdade, a experiência que estou ganhando aqui vai contar demais no meu currículo, é nisso que eu tenho que focar. Na experiência. Além disso – ela faz uma cara fofinha –, agora vai ter você, né? Quando falaram que agora íamos ter uma repórter pra me ajudar a tocar o dia a dia das editorias, rezei pra que ela fosse contratada logo.

– Ué – eu digo, franzindo as sobrancelhas. – Mas eu não estou aqui pra tocar “as editorias”, eu sou repórter da editoria de comportamento, ou seja, vou cuidar, com a Bruninha, das matérias de comportamento.

– Hum... – ela diz, fazendo uma pausa, claramente para escolher as palavras. – Repare que aqui só tem editoras. São três editoras, cada uma de uma editoria: cultura, moda/beleza e comportamento. Você é a única repórter.

– Logo... – respondo, com medo de acompanhar a linha de raciocínio dela.

– Logo, Débora, você vai ficar desesperada igual a mim, tocando matérias pra todas as editoras. Mas você vai ganhar mais que eu, olha que bom!

Sorriso amarelo. Lembro do meu contracheque que não vai ser exatamente polpudo. E me consolo pensando no que a Paloma me disse na entrevista sobre o salário: “Sei que não é muito o que temos a oferecer, mas veja, você é recém-formada e já vai ter essa oportunidade de ganhar uma baita experiência”.

É. Pois é. Preciso me focar nisso. Na *experiência*.

Se está mais para a experiência incrível que eu estava imaginando ou para uma tão desagradável quanto o restaurante daqui parece ser, aí já é algo em

que ainda não quero pensar muito...

– Mas não temos uma rede de colaboradores ou algo assim? – pergunto.

– Temos sim, a revista trabalha com vários repórteres freelancers – ela responde. – Geralmente, eles fazem a matéria de capa e alguns artigos assinados. Na verdade, a matéria da capa é bem mais importante que o resto, é o que chama a atenção na banca. No nosso caso, costuma ser sensacionalista, do tipo: “Fulana de tal grávida?”. Lembre-se, a *Joy* é uma revista feminina, não de fofoca, mas em tudo, tudo o que você puder, inclua uma celebridade no meio. De preferência internacional, que é pra gente não ser processado – ela suspira. – Muito cuidado com celebridade nacional. Agora, as internacionais você pode inventar, xingar, falar qualquer coisa, que elas não vão ficar sabendo.

– Não pretendo *xingar* ninguém – eu falo, tomando cuidado para não parecer antipática. – Sabe como é, não sou celebridade, mas não quero ser xingada.

– Ih, o Luca adora um tom ofensivo-engraçadinho, principalmente para celebridades acima do peso.

– Mas ele mesmo está acima do peso!

– Pois é... Mas continuando – ela suspira. – O público da *Joy* não é exatamente fiel: é aquela pessoa que passa na banca, não quer gastar muito e se interessa pela matéria da capa. Por isso ela é tão importante. O resto da revista, você vai ver, o *recheio*, é feito de qualquer jeito, sem a mínima preocupação com originalidade. São pautas do tipo: chocolate dá espinha? Você sabe o significado dos seus sonhos? Etc. Sempre, sempre ilustrando com celebridades, ok? Por exemplo, “Jennifer Aniston já declarou que sonha bastante” é uma boa legenda pra essa matéria do sonho. Alguns artigos assinados, feitos por colaboradores, as leitoras mais fiéis adoram: o horóscopo é assinado por um astrólogo famoso, tem uma página de contos eróticos escrita por um escritor muito *cool* que assina pra gente com pseudônimo...

– Marina – digo, sussurrando. – Você *gosta* da *Joy*? Tipo, como leitora?

– É claro que não – ela responde, virando os olhos.

De repente, ouvimos um grito, e nossa atenção se volta para o outro lado da sala. Me concentro para tentar entender, mas aparentemente aquilo é normal na redação.

– Gente! O que está acontecendo? – fala a Bruninha, minha editora, que

acaba de chegar toda empolgada. Ela tem o cabelo comprido, usa um vestido rodado e faz o estilo mignon, baixa e magra. Parece uma bonequinha, mesmo, como no dia em que me entrevistou com a Paloma. – Cheguei do consultório da minha dermato e tinha uma criança, uma cri-an-ça fazendo limpeza de pele! Não tinha nem 11 anos a menina. Fiquei passada! – ela continua, de um jeito meio afetadinho, é verdade, mas fofinho.

– Matéria, né? – pergunta a Paloma, igualmente empolgada.

– Matéria! – responde Bruninha. – Gente, meu cabelo tá bom? Tô me sentindo horrível! Débora, você está aí! Tudo bem, querida? Seja bem-vinda! E anota essa pauta, por favor, pra gente tocar, hein?

Sorrio e anoto no meu bloquinho. Estamos todas sentadas em almofadas no chão de uma sala apertada e bagunçada, com alguns cabides com roupas penduradas e até uma tábua de passar. Apesar do cenário pouco animador, estou me sentindo *a* jornalista, com meu bloquinho e minha caneta em punho. Além disso, estou me sentindo superprofissional, já que trouxe bem detalhadas as ideias de pauta que dei na entrevista, e que a Paloma tinha me pedido para levar no primeiro dia, na reunião. Checo se o celular está no silencioso e vejo que tem uma mensagem do Felipe:

Tô louco pra saber como está sendo seu primeiro dia! Te amo!

Desligo o celular sorrindo, mais pela mensagem do que pelo meu primeiro dia, naturalmente... Comemos algumas (ou muitas, no meu caso) bolachinhas que estão à nossa frente, em uma bandeja em cima de um pufe, trocamos ideias, pautas são recusadas, pautas são aprovadas. A secretária – agora ela chegou, é uma senhora chamada Regina, de óculos, parece bem simpática – traz mais biscoitos, água e café e a reunião continua.

– Gente, pra que tanto biscoito numa reunião, me explica? – a Bruninha reclama em determinado momento. – Tô virando uma bola. Desse jeito meu namorado não vai mais me querer!

– Só pra falar que tá namorando! – a Drica comenta, rindo. – Vi vocês outro dia se pegando lá embaixo. Ele é um gato!

– Ih, menina, então melhor fazer uma pausa, ir ao banheiro e botar esse medo pra fora! – o Luca fala.

Todo mundo ri, mas eu não consigo disfarçar a cara de nojo. Ele está sugerindo que ela vomite, é isso? Que horror! Sem contar que ela está

reclamando dos biscoitos, mas esse é o segundo que ela pega, se não me engano. Só eu comi já mais de sete.

– E você, Débora? Trouxe alguma pauta? – me pergunta a Paloma. Todos se viram para mim.

– Trouxe, sim! – respondo toda aplicada, me sentindo a aluna que fez o dever de casa. – Vou começar pela...

– Antes, você gostaria de tirar alguma dúvida, querida? – pergunta a Bruninha, toda maternal. – Não precisa ficar tímida, pode perguntar qualquer coisa, tá? Já tem sua senha do computador? Já tem seu e-mail? Sabe onde é o banheiro, a cozinha, onde estacionar, onde almoçar...?

Todos riem. O Luca, sarcástico, pergunta se a Bruninha não quer saber se eu preciso de ajuda para respirar. Apesar disso, sorrio, me sentindo mimada. Já sei de todas essas informações, menos onde almoçar – embora eu saiba onde *não* almoçar.

– Crachá? Dia do pagamento? – ela continua.

– Help desk? Banco de horas? – a Paloma completa.

Puxa, já sei de tudo isso, mas está ficando feio não ter dúvida nenhuma. Não quero parecer desinteressada, então paro de só sorrir igual a uma idiota e pergunto:

– Onde fica o acervo de moda?

Silêncio.

– Acervo de moda? – pergunta a Paloma.

– É... – explico. – Onde a gente pode pegar roupas emprestadas, igual no filme “O Diabo veste Prada”.

Silêncio parte dois. De repente, todo mundo começa a rir. Quase acho que a Bruninha vai ter um treco, de tanto gargalhar. O Luca, então, só falta babar.

– Nós *estamos* no acervo, meu bem – diz a Drica, editora de moda, também gargalhando, e eu fico chocada. – Mas não emprestamos as roupas para os jornalistas... As roupas vêm, são fotografadas, e temos que mandar de volta para as marcas, entendeu?

– Isso quando vêm, né? – diz a Regina, passando uma peça. – Cada vez vem menos roupa pra cá.

– Ah, as marcas estão mandando cada vez mais tudo para as blogueiras e para as *it girls* – diz a Drica, revirando os olhos. – Lembra quando eu recebia uma bolsa de cada cor da mesma marca? Ai, ai. Outros tempos para o jornalismo impresso...

Agora sou eu que estou suspirando. Estou tentando manter o ânimo, mas olha, está difícil. É restaurante gorduroso, é o fim do acervo dos meus sonhos, é a crise do jornalismo impresso...

– Bom – acabo dizendo –, as pautas: eu trouxe uma sobre ciúme, depoimentos de mulheres que já fizeram loucuras por ciúme e...

– Aprovada. Duas páginas, pode tocar – diz a Paloma, olhando no relógio e com o estômago roncando a 9 mil decibéis. É 1 hora da tarde.

– Também pensei numa sobre superação. É assim, eu...

– Superação é bom sempre! – diz a Bruninha.

– Então, pensei em entrevistar uma menina que conheci na faculdade que foi abandonada pelo marido depois de dois meses de casamento. Ele a trocou por outra, ela ficou muito mal, mas saiu dessa e...

– Perfeito! Faz para a seção “Volta por cima”. São duas páginas com foto, depois pede pra Marina te explicar sobre os fotógrafos que contratamos, como funciona, etc. – diz Paloma. – Isso para daqui três edições, né, Bruninha?

– É – diz a Bruninha. – As próximas já estão prontas. Só título, linha fina e um boxe com as dicas, Débora, depois dá uma olhada nessa seção nas edições passadas.

– É isso, gente, e...

– E a outra – continuo, interrompendo a Paloma – é sobre dicas para o primeiro dia no emprego novo. Pensei em conversar com...

– Ah que gracinha! Uma matéria autobiográfica – diz o Luca, entre condescendente e irônico. – Amei!

– Uma página – diz a Paloma. – Para a seção “Corra atrás dos seus sonhos”. Entreviste um coach e um psicólogo. É isso, gente!

Todos se levantam e eu termino de anotar: coach, linha fina, boxe...

Antes de me levantar, olho para o lado e vejo a apertada e bagunçada sala do almoxarifado, onde fui entrevistada. Ah, sim. Não é sala do almoxarifado, digo para mim mesma quando vejo a Paloma entrando e pegando a bolsa dela. É a sala da Paloma.

No fim do dia, saio da redação cansada e sem a menor vontade de voltar. E ainda com medo de passar mal, pois almoçamos no restaurante do prédio –

todo mundo quis almoçar lá e não ia ser eu que ia dizer: “Ah, gente, vamos atravessar a rua pelo bem da nossa saúde, né?”. O pessoal me chamou para ir a uma *happy hour* com eles, mas falei que tinha “um compromisso” e que ficava para outro dia. Que ideia, *happy hour* em plena segunda-feira? Bom, mas a verdade é que ainda estou digerindo meu primeiro dia na redação e não estou a fim de continuar meu dia ao lado deles: pelo menos para o dia de hoje, já deu. Estou exausta.

No caminho até o estacionamento, paro em uma banca de jornal para comprar alguns títulos da editora. Peço o último exemplar de cada revista: as femininas *Lótus*, *Mulher Moderna* e *Glitter On Me*, a de esportes, *No Gramado*, e, vá lá, as masculinas *Êxtase* e *Taurino*. O cara da banca arregala os olhos.

– *Êxtase* e *Taurino*? Você tem certeza?

– É que eu trabalho na editora dessas revistas, moço – respondo de má vontade, pegando o dinheiro na bolsa. Estou louca para ir para casa.

– Ué, por que você não pega as revistas na editora então?

Tenho vontade de responder: “Ué, por que você não faz o seu trabalho e me entrega as revistas logo?”, mas me controlo. Afinal de contas, ele tem razão: eu deveria ter procurado saber como faço para pegar as revistas de graça, né?.

Chego ao estacionamento, sento no carro e abro o plástico da *Êxtase*. Sinto meu rosto corar com as imagens que vejo. Folheio a *Taurino*... meu Deus do céu, ela é ainda pior. Quanto custa essa revista? Olho na capa: cada uma custa o mesmo que um chocolate pequeno com mais gordura hidrogenada que cacau. Olho as fotos mais uma vez da *Taurino*, sinto meu estômago embrulhar e já não sei se é o restaurante ou se são as fotos. Só sei que essas fotografias fazem a *Playboy* parecer uma revista infantil, dessas de colorir.

É oficial, digo a mim mesma, dando a partida no carro. Estou trabalhando numa editora de quinta categoria.

Abro a porta do apartamento exausta e desanimada. Então, vejo a mesa posta, o Lipe fofíssimo de roupa “de ficar em casa” com um sorriso, e sinto um cheirinho de comida vindo da cozinha.

– Macarrão com molho aos quatro queijos – ele anuncia, todo orgulhoso, me dando um beijo. – E um vinho especial, como não poderia deixar de ser, que é para você me contar como foi seu primeiro dia na *Joy*.

– Que delícia, amor!

Puxa, será que a vida de casada é essa coisa meiga todo dia? Meiga e engordativa, aliás, porque convenhamos, né, massa com molho aos quatro queijos e vinho tinto em plena segunda-feira...

– Nossa, linda, que leituras são essas? – ele me pergunta quando volto do banheiro, onde fui lavar as mãos. Ele está folheando a *Êxtase* (pelo menos não é a *Taurino*).

– E aí, como foi o seu primeiro dia? – ele pergunta.

– Até agora, eu estava achando péssimo – respondo. – Mas agora que estou comendo essa massa incrível, meu humor melhorou e vou dizer apenas que foi muito ruim.

– Sério, amor? Mas por quê?

– Nossa, mil motivos... O lugar é decadente... O pessoal, tirando um ou outro, é afetado... E, principalmente, descobri que a revista é uma porcaria. Trabalho num lugar que é uma porcaria! Por isso comprei essas outras publicações da editora, pra conhecer melhor o que eles fazem... Mas é tudo um lixo, Lipe, não sei o que fazer.

– Calma... Você não vai trabalhar lá pra sempre. Não se deixe desesperar.

Adoraria ter a chave do “não desespero”, penso, mas meu botão de histeria/falta de esperança/escuridão no fim do túnel é bem mais acessível.

– Você deve aproveitar ao máximo o período em que estiver lá para conseguir *experiência* – ele continua.

– Sério, não usa essa palavra, tô pegando horror. Experiência era pra ser uma coisa bonita, não justificativa pra qualquer situação nesta vida!

Ele ri.

– Você mesma já disse que ainda se sente insegura pra escrever – ele fala.

– Você dizia isso no último período da faculdade, “não me sinto capaz de publicar alguma reportagem com meu nome”. E, na assessoria, você morria de vergonha de entrevistar as pessoas.

– É, isso é verdade...

Respiro aliviada. Falar com ele me fez um bem danado. Repito a massa pensando que eu deveria ter me dedicado mais a escrever matérias na faculdade, mas sabe como é, eu era até boa aluna, mas desperdiçava muito

minha energia entre cervejadas e pensamentos improdutivos do tipo “será que vou conseguir um bom emprego?”, “dizem que o mercado está péssimo”, “preciso conseguir um estágio”, “que saco, será que vou ficar presa nesse estágio pra sempre?”, etc.

– Quando você estiver bem à vontade no papel de jornalista, daí você procura um lugar mais legal – ele conclui.

Sorrio com o plano. Só espero que o caminho até ter mais experiência e buscar outro emprego não seja tão sofrido.

– E no escritório? Como foi? – eu pergunto, quando estamos comendo a sobremesa que ele comprou: sorvete com calda de caramelo.

– Tranquilo – ele responde. – Estamos quase fechando com um cliente novo. É um projeto que pode abrir muitas portas. É um cara que eu e o Diego conhecemos totalmente por acaso e acabou de comprar uma casa gigante, para onde vai se mudar com a nova mulher e os filhos dela. Se der certo, vai ser muito, muito legal.

– Vai dar certo – eu digo, toda animada de repente. – E a irmã do Diego, estava lá no escritório hoje?

– Hã? – ele franze as sobrancelhas, estranhando a minha pergunta. Claro, eu também estranhei a minha pergunta. Afinal, ela veio do total e absoluto nada, mas o que posso fazer se a minha boca me surpreende enquanto a minha mente está distraída com sorvete e caramelo?

– A Luma – completo. Puxa, me arrependi de falar isso agora, está tão agradável este momento a dois, mesmo sabendo que ele não é quem parece ser... Eu podia muito bem retomar amanhã minha tristeza matrimonial/coração partido/necessidade de me vingar. Saco. Bom, mas agora já falei. – Ué, não... Por que ela estaria lá?

– Sei lá. Vocês são amigos?

– Não muito. Ela é irmã do Diego. Que perguntas mais nada a ver, Dé...

– É, né? Amei esse sorvete – finalizo, como se o sorvete fosse a melhor conclusão possível para esse desfile de perguntas sem sentido. Quer dizer, para ele foi sem sentido. Para mim, nem tanto: difícil passar duas horas inteiras sem minha mente lembrar da existência da Luma, nem que seja só um fiozinho de cabelo dela passando de relance na minha imaginação. O jantar estava bom, mas daqui a pouco eu ia voltar para a minha angústia, tenho certeza.

– Quer ver algum seriado? – ele pergunta e eu concordo.

Ele começa a tirar a mesa. Ah, é, tem essa: a gente precisa lavar a louça. Argh! Esse é um aspecto negativo de sair da casa dos pais, sem dúvida.

– E amanhã a gente tem que fazer supermercado, hein? – ele fala. – E dar um jeito na casa, porque a diarista ainda não veio. Tirar o lixo, essas coisas, antes que vire um caos.

Colocamos os pratos e os talheres na máquina de lavar louça enquanto tento puxar assunto sobre alguma coisa, mas ele está meio estranho desde que mencionei a Luma. Ou é coisa da minha cabeça. De qualquer forma, quase abro a boca para pedir desculpas: “Puxa, querido, desculpe, não queria ter distraído você, te lembrando da *mulher com quem você transou na véspera do nosso casamento*”. Mas acabo não falando nada. Na verdade, o jantar foi tão agradável, está tudo tão gostosinho, que me dá vontade de arrancar esse ressentimento de mim e recomeçar do zero.

Começo a achar que é viagem minha esse negócio de os dois continuarem se vendo, sabe? Acho que foi só uma vez, e foi terrível, mas eu posso superar. Ah, sei lá, estou evoluída, hoje. Ou talvez tenha sido o vinho. Ou o sorvete com calda de caramelo. Ou os dois juntos.

27 de maio, terça-feira

Acordo com uma sensação ruim. Não sei se é o excesso de calorias sendo digerido no meu estômago, se foi o primeiro dia na redação, se foi porque não dormi muito bem... Ou se foi porque me dei conta de como amo o Felipe.

Eu não queria amá-lo. Não neste contexto. Não sabendo o que ele fez comigo. Mas, puxa, está sendo tão, mas *tão* gostoso esse dia a dia com ele, nas ilhas gregas ou aqui, na nossa casinha. Fico com raiva de mim quando percebo que estou jogando para baixo do tapete o plano de ir atrás de um amante! Porque é isso que estou fazendo: estou feliz. E eu não deveria estar feliz. Puxa, como é verdade essa coisa de que as pessoas se acomodam na vida de casada. Impressionante.

Ele acorda e me beija. Ele precisa se levantar para ir para o escritório, mas eu só entro na redação às 10h, 10h30, e posso dormir mais um pouco.

– Ah, toma café da manhã comigo. Eu faço um misto-quente pra você – ele diz, beijando minha cabeça.

– Hmm não, acho que vou dormir mais...

– E se eu lavar toda a louça do café?

Isso é realmente tentador. Casamento é igual a acomodação mas também autoconhecimento. Eu não conhecia minha aversão a lavar louça.

– Vou dormir mais – decido, fechando os olhos. – Bom café da manhã pra você.

Ele beija minha cabeça mais uma vez e sai sem falar nada, mas está na cara que ficou “meio assim”. Ah, somos recém-casados, né? Talvez os recém-casados sigam esse protocolo de dormir e tomar café da manhã juntos por algumas semanas ou meses até cada um voltar para o seu fuso-horário pessoal. Continuo de olhos fechados e aperto o travesseiro, mas não durmo.

Puxa, estou infeliz por estar feliz. Sou maluca?

Acabo pegando o celular, que está no criado-mudo carregando. Entro no Facebook já sabendo que vou olhar a página da Luma para ver se tem alguma novidade. Não tem nada. E se eu parasse de fuçar as coisas dela, hein? Entro na página do Felipe: nada. E se eu parasse de fuçar as coisas dele, hein?

Tenho lembrado cada vez menos da Luma. Quer dizer, lembro de duas em duas ou de três em três horas, digamos, e não mais de cinco em cinco minutos. Mas aí entro na sua página e volto a pensar nela com toda a força, entro na página dele e não parece mais o meu querido Felipe com o sorriso mais lindo deste mundo, mas um mulherengo terrível com um sorriso sacana nessa foto. O que eu faço? Desencano oficialmente do meu plano de sair em busca de um amante?

Bom, por agora eu sei o que vou fazer: daqui em diante, vou entrar apenas na minha página do Face, que, aliás, está megadesatualizada. Chega de ficar fuçando na página do Felipe ou da Luma, que isso só me traz ansiedade!

Felipe volta para o quarto e eu abro os olhos como se ele tivesse me acordado, o que é meio ridículo, já que estou com o celular na mão... Enfim, não sei por que eu fiz isso.

– Tô saindo – ele diz, me dando um beijinho.

– Nossa, meio cedo até para você, não é? Que horas são? Sete e meia?

– Combinei com sua mãe que vou passar lá de manhã e ajudá-la com umas coisas do condomínio – ele diz. – Ela está meio perdida, agora que é síndica.

Suspiro, melancólica. Ele não me ajuda em nada sendo fofo assim.

– Que foi? – ele pergunta.

– Nada. Acordei me sentindo meio mal – respondo. E não deixa de ser verdade. – Obrigada por ajudar minha mãe. E bom trabalho.

– Pra você também – ele diz, me dando um beijinho. – Tô torcendo para o seu segundo dia no trabalho ser melhor, viu?

Sorrio. Ai, meu Deus, eu gosto do meu marido, que tipo de maluca eu sou?

Assim que ele sai, mando uma mensagem para a Sofia, perguntando se pode almoçar comigo. Ela responde que só amanhã. Ai, ai. Isso significa que:

1) Vou ter que guardar para amanhã meu desabafo-sobre-querer-de-repente-ser-feliz-ao-lado-do-meu-marido.

2) Muito provavelmente, vou comer de novo no restaurante gorduroso. Ah, não, isso não.

Vou ver se consigo falar que preciso ir ao banco ou qualquer coisa assim e almoço fora, mesmo que seja sozinha.

Meu segundo dia na redação acaba sendo melhor que o primeiro. Logo pela manhã, pequenas coisas me deixam feliz: o fato de eu ter minha própria mesa e ter colocado um vasinho fofo nela que comprei em uma lojinha no caminho entre o estacionamento e a redação, o café gostoso que descubro que fica na cafeteira na cozinha, conversar com a Marina, que é uma fofa. Além disso, para minha surpresa, na hora do almoço, a Marina, a Drica e o Luca me chamam para almoçar com eles em um restaurante bonitinho, a algumas quadras do prédio. Está certo que a caminhada até o restaurante não é das mais divertidas.

– E aquela ali? Meu Deus – o Luca fala, quando uma inocente senhora passa pela calçada, mais com cara de que precisa pagar alguma prestação do que preocupada com o visual. – Rápido, rápido: meia-calça velha... Saia com caimento terrível... Piranha no cabelo... Falta de maquiagem...

– Falta de maquiagem não é um erro – a Drica fala.

– Como não é um erro? Quer coisa mais derrotada do que uma mulher acima dos 40 saindo de casa sem um corretivo e um blush? Fica com essa cara de acabada. Eu devia falar acima dos 30, mas estou de bom humor hoje – ele responde, e a Drica ri.

– Um batonzinho também não faria mal – eu acabo falando.

Nossa, só falei para me enturmar, como eu sou ridícula! Deixa a mulher sem batom lá, sossegada com a vida dela, ué. O humor desses dois não me desce, sério mesmo. Não quero dar uma de moralista nem nada, mas essa brincadeira de “7 erros fashion das pessoas que estão passando na rua” que eles fazem, acho meio de mau gosto.

– Vamos contar os erros da Débora agora? Um: esse cabelo medieval, que está precisando de um corte...

– Luca! – a Drica repreende, rindo, claro. E é aí que eu decido não rir mais. Povo chato! Melhor andar muda, como a Marina está fazendo.

Mas, no restaurante bonitinho, as coisas voltam a melhorar. Encontramos

dois jornalistas da revista *No Gramado*, o Erik e o Fabinho, e é muuuito divertido conversar com eles. O Erik é uma simpatia, engraçado e tal, e o Fabinho é meio tímido, mas também é bem simpático, e muito, extremamente, gato. Faz o gênero surfistinha, com pele bronzeada, corpo definido, cabelo castanho com as pontas mais claras por causa do sol... Como se não bastasse, ele tem olhos azuis. Namora uma jornalista da mesma redação que ele, a Marcella, que também é lindíssima, já vi os dois juntos. Devem formar o casal mais bonito no raio de três quilômetros da editora.

Voltamos todos caminhando, no solzinho. A Drica e o Luca contêm a acidez deles. Gosto de uma limonada, mas sempre faz arder meu estômago! E eu, andando sob o sol e em silêncio, me sinto bem. Sem contar o fato de estar apaixonada e tranquila ao lado do meu marido. Isso também tem me feito bem.

Já o trabalho em si... Será que vai ser bom? Começo tocando a matéria sobre limpeza de pele e crianças, já que a Bruninha estava absolutamente passada com o fato e eu achei legal fazer uma média com ela. Problema: ligo para o primeiro dermatologista, um médico famoso, e ele:

– Limpeza de pele em criança? Nunca ouvi falar.

– Tem certeza de que não é uma tendência? – pergunto, seguindo a orientação que a Bruninha tinha me passado antes de telefonar.

– Tend... Não. Olha, tenho 27 anos de carreira e nunca passei esse tratamento para um paciente criança.

– Mas as mães te pedem esse tratamento? Elas insistem para que as crianças façam limpeza de pele? – idem: orientação da Bruninha.

– Nunca passei por essa situação.

Desligo frustrada. Ligo para o segundo dermatologista: mesma resposta. Ligo para o terceiro: idem.

– Liguei para três dermatos e nenhum deles prescreveu limpeza nem viu mães pedindo esse tratamento – digo para a Bruninha.

– Será que eles estão mentindo?

– Olha, pelo tom de surpresa deles, acho que não, viu...

– Hum... Bom, coloca uma interrogação no título então.

– Hã? Como assim?

– O título é: “Limpeza de pele em criança: uma tendência?”. Se você coloca interrogação, Débora, então não está afirmando, está perguntando, entendeu? Você pode usar muito isso com artistas, estados de saúde de

pessoas públicas... Brad Pitt traiu Angelina Jolie? Bono Vox está à beira da morte?

– Mas...

– Você abre a matéria relatando o caso que eu presenciei: uma criança indo fazer limpeza de pele. Daí desenvolve na linha: onde vamos parar? Frisa o terror da coisa. Aí você completa com psicólogos falando sobre os perigos da vaidade exagerada e da infância abreviada. E faz um boxê explicando quem deve fazer limpeza de pele e porquê.

Balanço a cabeça, concordando. Putz, que matéria mais nada a ver. Mas o que eu vou fazer, não é?

– Não perde muito tempo com isso, Débora – ela conclui. – Você ainda tem os outros textos e depois o Luca quer sua ajuda.

– Ok! – respondo, entendendo melhor como vai ser o meu trabalho nesta redação: só cumprir ordens e fazer tudo a toque de caixa, sem muita preocupação com a qualidade.

– Agora, tem uma coisa que me preocupa... – ela fala, e eu é que fico preocupada.

– O quê? – pergunto.

– Este vestido que eu estou usando me deixa mais gorda? – ela pergunta, abrindo um Sonho de Valsa.

– Mais gorda? De jeito nenhum.

– Acho que deixa, sabia. Mas vou comer mesmo assim, tô morrendo de vontade, e olha que me empanturrei de biscoito. Eu não tenho jeito, mesmo – ela fala, para o meu espanto, partindo o bombom ao meio com uma faca de mesa que tira da gaveta.

– Você vai comer *meio* Sonho de Valsa? – pergunto.

– É, ué. Vou guardar para mais tarde. Já engordei meio quilo semana passada, não quero virar uma baleia.

– Bruninha, se você engordar mais dez quilos, continua magra, juro.

– Há há há – ela ri, sarcástica, guardando na gaveta a metade embrulhada do bombom.

Única pessoa que já conheci na vida que parte um Sonho de Valsa ao meio. Juro.

Entro em casa e vejo que o Felipe ainda não chegou. Jogo minha bolsa na cadeira, confirmo meu almoço com a Sofia amanhã e abro a geladeira. Pego o iogurte e me sento no sofá. Só agora reparo que a sala está meio bagunçada. Chaves fora do lugar, um copo em cima da mesa, uma nuvem de poeira passando no chão... Ai, alguém precisa varrer esta casa. Aliás, os produtos de limpeza não foram usados até agora, além do detergente. Tem umas coisas lá na área de serviço de que eu nunca ouvi falar.

Guardo as chaves dentro de uma cestinha pequena de vime ao lado da TV, lavo o copo e respiro fundo para pegar o aspirador na área de serviço, mas mudo de ideia no meio do caminho e ligo para minha mãe para perguntar que dia a diarista vem. Ufa, é amanhã, ela diz. A Vilma é diarista da minha mãe e vai passar a vir aqui também. Pego a nuvem de poeira com a mão mesmo, me sinto careca ao ver que ele consiste basicamente em fio de cabelo, joga no lixo e pego uma revista.

O que eu faço até o Felipe chegar, hein? É estranho, isso. Não me sinto em casa ainda. Parece que ele tem que chegar para eu fazer alguma coisa, sabe? Olho no celular: são 8 horas. Será que janto sozinha? O que tem para jantar, mesmo? Pego o celular para mandar um WhatsApp para o Felipe, mas ele manda primeiro:

Oi, linda! Chegou bem? Hoje vou chegar tarde, tá?
Até estamos pensando em pedir uma pizza daqui a pouco.

Ih, se tem pizza é porque a noite vai longe. Respondo que cheguei bem e continuo parada no sofá igual a uma boba. Será que tomo banho? Vejo algum seriado? Será que janto na casa do meu pai, que não é tão longe daqui?

Acabo pegando o celular e entrando na página da Luma. Nada de interessante. Resolvo deixar o celular para lá e... Opa, o que é isso? Ela acaba de postar uma foto vestida toda sexy com a legenda: “Hoje a noite vai ser boa”.

Começo a tremer no sofá. Será que... Será que o Felipe não vai ficar no escritório hoje até mais tarde? Será que ele vai sair com a Luma? Calma, Débora, calma. Está tudo bem, foi só uma coincidência: ele vai ficar no trabalho até tarde, no mesmo dia em que a noite dela vai longe. Sem pânico. Respira fundo. Isso! Viu? É uma questão de autocontrole. Largar as coisas para o universo resolver, não querer estar à frente de tudo. Está tudo bem.

Mas quando vejo, estou no meu carro, dirigindo até o escritório do Felipe. Bom, eu sei que está tudo bem, mas é que além de saber eu preciso *ver*. Dirijo rápido, me sentindo patética. Sério mesmo, a que ponto eu cheguei, meu Deus? Eu podia estar em casa relaxando, vendo TV, lendo, fazendo hidratação no meu cabelo, que está um horror. Mas não, estou aqui surtando.

Saio do estacionamento e caminho rápido até o escritório. Vejo o carro do Felipe e respiro aliviada. Da janela, vejo ele conversando com duas pessoas em frente ao computador. Ufa! Vi meu marido, posso ir embora agora.

– Débora? – ele me chama, olhando para fora da janela.

Ai, ai.

– O que você está fazendo aqui, amor? – ele pergunta, depois de descer e abrir a porta.

– Vim fazer uma surpresa. Surpresa!

– Que bonitinha, você – ele me dá um beijo, mas um beijo no modo “pressa”. – Mas preciso trabalhar, o cliente pediu mudanças de última hora e estou muito, muito enrolado.

– Certo. Vou deixar você trabalhar. Tô indo.

Dou um beijo nele e volto para o estacionamento, meio envergonhada.

Chego em casa com vergonha de mim mesma. Me jogo no sofá com minha autoimagem abalada, penso se tomo um banho ou se vejo a novela e acabo checando o celular — minha vontade, no momento, é jogar isso fora, sério mesmo. Entro na página da Luma. Nada novo. Tomo banho, visto o pijama, como um sanduíche, ligo a TV, checo a página de novo, e nada. Tento diferentes nomes até descobrir o Instagram dela e quase pulo do sofá: tem uma foto dela num bar, drinque na mão, maquiagem sexy e elaborada, com a legenda: “Noite começando a ficar boa!”.

Que saco, agora estou achando que o Felipe já acabou o trabalho no escritório e saiu com ela! Por que não deixei para persegui-lo no escritório mais tarde? Que idiota, eu! Ok, ele estava trabalhando, mas *naquela hora* que eu fui lá. Nada me garante que ele esteja trabalhando *agora!!!* O que eu faço, será que eu volto lá? Tento pensar em outra coisa, mas não dá. Por que ela não faz igual a todo mundo e posta uma *selfie* com as amigas? Na foto, ela está sozinha. Será que o Felipe ainda está no escritório? Será?

Não resisto e ligo para o escritório. Chama, chama e não atende. Meu coração quase sai pela boca. Ligo para o celular do Felipe. Chama, chama e não atende. Mando uma mensagem. Ligo de novo. Ligo no escritório. Nada.

Começo a tremer. Vou explodir, juro. Os dois estão juntos no bar? Vou para lá agora. Onde essa vaca mora? Onde está o Felipe? Será que volto no escritório? Será que vou para o bar? Mas que bar é esse? Por que ela não fez o favor de marcar *a droga do bar*???

Começo a checar as páginas de todo mundo que trabalha no escritório com o Felipe. Não tem foto de ninguém. Que saco esse pessoal offline, como eles atrapalham a vida das pessoas, *que saco*! Por que eles não são viciados no celular como eu e, parece, a Luma? Se tivesse uma foto do sócio do Felipe em frente ao computador com a legenda: “trabalhando muito”, eu ficaria bem mais tranquila.

Começo a ter certeza de que os dois estão juntos na casa dela. Começo a tremer. *Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus*. Tomo uma água para me acalmar, mas não adianta nada. Quem inventou essa história de tomar água para se acalmar? Ponho um pouco de açúcar no copo e tudo que eu consigo é uma água doce. Falta uma vodka aqui, aí sim esse troço seria calmante. Jogo a água açucarada fora e fico andando para lá e para cá pela casa. Estou tão nervosa, e não consigo controlar essa sensação horrível! Será que dou um Google para ver como se medita? Será que volto a escrever diário? Esse hábito sempre me acalmou... Será que estou nervosa à toa, o Felipe está trabalhando tranquilamente e não tem nada com a Luma?

Quem eu quero enganar? Os dois são amantes e se encontram onde dá, quando dá. Também, que diferença isso faz? Eu vi os dois ficando na véspera do meu casamento. Meu Deus, quem eu sou? Primeiro, persigo meu marido no escritório. Agora, não tenho um segundo de paz mental em casa depois de um dia cansativo no trabalho.

Eu. Não. Posso. Viver. Assim.

Não posso ficar checando meu celular a todo momento, indo até o escritório do meu marido, desconfiada quando ele fala que vai ficar no escritório até mais tarde e tomando água com açúcar como uma vovó de novela. Vou morrer precocemente, de ataque cardíaco. Não dá!

Depois de chegar a essa conclusão, continuo fazendo exatamente o que estava fazendo antes: alternando caminhadas sem rumo na minha própria casa, olhando o celular meio sem destino e com a minha imaginação me torturando com pensamentos do tipo “agora eles pediram a conta e vão para a casa dela”. A Luma mora sozinha? Não lembro se ela mora sozinha. E daí, eles vão para o motel, para o banheiro do bar, para cima de uma árvore, *tenho*

certeza! Como eu odeio o Felipe, como eu odeio!!!

Quando ele chega, duas horas depois, está com uma cara de cansado, não sei se de trabalhar ou de fazer sexo com outra mulher.

– Ainda acordada? – ele pergunta, fechando a porta.

Mal respondo e vou para o quarto.

– Amor, o que você tem? – ele pergunta. – Tô te achando tão esquisita hoje...

Deve ser a minha sinceridade, penso. Ele acha esquisito pessoas sinceras, honestas e tal.

– Te liguei mil vezes e você não atendeu – respondo.

– Sério? – ele pergunta, tirando o aparelho do bolso. – Estava tão absorvido no trabalho e... Nossa, você ligou muitas vezes, hein?

– Também liguei no escritório!

– Ué, Dé, tava todo mundo lá em cima, o telefone tava lá embaixo, ninguém ouve.

– Mas tem um telefone na sua mesa!

– Que só toca quando a secretária passa a ligação, e a essa hora a secretária já devia estar dormindo há um tempão, como eu gostaria de fazer agora, depois de trabalhar tanto!

– Onde você estava, Felipe? Fala a verdade!

– No escritório! Aliás, você me viu lá. Que insegurança maluca é essa, de repente? Você acha que eu estava fazendo o quê?

– Não sei, me diga você!!!

– Amor, você sempre foi meio ciumenta, mas, na boa, você está sendo irracional. De onde tirou essas ideias?

– Eu posso confiar em você, é isso que você está me dizendo?

– É óbvio que pode! Eu estava trabalhando... E eu te amo tanto!

Como ele pode ser tão cínico? Falo que vou dormir, bem seca, e vou para o quarto. Ele vai até lá e me pergunta como foi meu dia, no melhor estilo “tentando falar normalmente como se não tivesse escutado nenhuma explosão”, mas não sinto a menor vontade de contar, a explosão ainda ecoa no meu ouvido. Minha vontade é sumir, explodir, morrer! Me sinto sem forças, oca, arrependida de ter casado, arrependida de ter nascido. Por que tudo tem que ser tão difícil? Nem sei mais o que estou pensando. Digo que estou com sono, dou boa noite e só.

– Essa foi a discussão mais sem sentido que eu já vi – ele murmura,

saindo do banho e se deitando ao meu lado.

– Você não foi a nenhum bar esta noite? É isso que você está me dizendo?

– Não fui a nenhum bar esta noite. É isso que estou dizendo. Eu estava trabalhando. Desculpe não ter te atendido. Não vi suas chamadas – ele completa, secamente.

Não respondo e ele acaba se levantando quando o celular dele toca. Vai ver é a Luma. Eu perco o meu tempo no *meu* celular, eu deveria checar é o celular *dele*.

Na cama, de olhos fechados, escuto ele falando baixinho. Vou lá na sala e escuto um pouco da conversa: ele está falando com o Gabriel. Parece triste e cabisbaixo.

– Débora? – ele me pega ouvindo a conversa.

– Oi, vim te dar boa noite.

– Você já deu boa noite...

– Ah, é.

Viro para voltar ao quarto, mas acabo parando no corredor. De lá, escuto ele falando no celular: “Bom, ela está um pouco estranha comigo, às vezes... Diferente do namoro”. *Tadinho do Felipe*, penso, deitada na cama. *Está triste com as patadas que leva de mim*. Ei, Débora, o que é isso? *Tadinha de mim*, que vi meu marido fazendo sexo com outra mulher e perco meu sossego achando (ou tendo certeza, de acordo com o momento) que ele está fora de casa com outra.

Ele volta para a cama com uma cara muito pior do que quando se levantou. Desabafar com o Gabriel fez mal a ele. Espero que a minha conversa com a Sofia amanhã tenha um efeito mais positivo sobre mim.

Ele beija meu rosto e eu não retribuo. Estou com raiva dele. Estou meio descompensada, na verdade.

E decidida a ter um amante.

28 de maio, quarta-feira
Hora da retomada

– De novo com esse negócio do amante? – a Sofia me pergunta.

Estamos em um restaurante perto da redação. É uma cantina bem charmosa que a Marina me recomendou. A comida realmente é maravilhosa, mas o preço é horroroso. Como a Marina recomenda isso aqui sendo estagiária, meu Deus? Aliás, pedi a recomendação para ela, e não para Bruninha, justamente porque pensei que ela fosse sugerir um lugar bonitinho, mas econômico, que servisse tipo macarrão instantâneo. Quase pulei da cadeira quando vi que um prato de massa custa o mesmo que uma escova num salão bom. Tudo bem que minha lasanha estava sensacional, mas puxa, é até uma relação de duração/alegria: comi meu prato em quinze minutos, no máximo, e a escova dura dois dias, no mínimo. Sem contar que a lasanha engorda, enquanto uma boa escova me deixa mais bonita. Preciso rever as minhas prioridades nos gastos, né? Mas tudo bem, neste momento há questões mais importantes a serem resolvidas.

- Pensei que você já tivesse desencanado dessa história – ela continua.
- Sofia, você tá lembrada do que eu vi um dia antes do meu casamento?
- Estou, claro.
- Você ouviu tudo o que eu te contei agora no almoço?
- Que você *acha* que os dois saíram ontem à noite, ouvi sim. Mas ainda acho que é pura especulação...
- Bom, eu não tenho motivos para *confiar* no Felipe, tenho?
- Déb. Amiga. O Felipe, pelo que você me conta, tem sido sempre super carinhoso, legal com você, etc. Esquece essa história, bola pra frente. Ou então abre o jogo com ele... Conversa...
- Lá vem você com as mesmas soluções de sempre...
- Soluções *normais*, você quer dizer...
- Se eu tivesse como ter certeza de que foi uma vez só, aí, quem sabe. Daí pode atééé ser que, com muuuita dificuldade e amor no coração, eu o perdoasse. Até porque o ódio que eu senti quando vi aquela cena já deu uma esfriada, fato. Mas eu não tenho certeza, pelo contrário, minha desconfiança só aumenta. Como posso confiar nele, me diz? Imagina se ele for esse duas caras, Sofia? Se ele estiver mesmo saindo com outra esse tempo todo?
- Eu não posso acreditar nisso – ela diz, coçando a cabeça. – O Felipe sempre foi um cara tão legal. Você só me conta coisas boas dele, e convenhamos, é alguém que você conhece há tempos, não conheceu ontem na balada, sabe? E ele é legal mesmo, sem esforço, sem ser aquele tipo que paga de legal para impressionar, sabe como? Ele tem um bom coração, tenho

certeza.

– Eu também tinha certeza. Até vê-lo transando com outra na véspera do nosso cas...

– Certo, certo. Eu sei.

– O que eu não entendo é por que ele se casou comigo, se era pra ter uma amante! Como os homens são ridículos!

– Êêê, não precisa culpar o gênero todo, Déb. Sabe o que eu acho? – ela diz, pedindo a conta para o garçom. – Que sua raiva do Felipe não só esfriou, como passou totalmente. E que você continua insistindo nessa história de arranjar um amante só para não se sentir por baixo: tipo, ele te traiu, agora é a sua vez, e pronto, estão quites.

– Ué, e daí se for isso? – digo, malcriada. – E se eu achar que vou me sentir bem, que vou me sentir menos otária, sabe, menos passada para trás... Se ficar com outro cara? Talvez eu só relaxe depois disso, fazer o quê. Mas *não acho* que seja esse o ponto. O ponto é que eu não posso aceitar que ele tenha me traído. Não é certo.

– E eu acho que, no fundo, você quer que fique tudo bem com o Felipe porque você o ama demais, ponto. Você vai ficar com outro cara pra consolar seu ego, não vai mostrar para o Felipe nada e vai continuar casada, sentindo que agora ficou tudo bem, que tudo foi solucionado com essa solução bizarra que você arrumou.

Suspiro. Estou confusa.

– Déb, por que você casou, me diga? – ela pergunta. – Se você acha tão errado assim ele ter ficado com outra mulher, por que não cancelou seu casamento? O que te fez casar?

– Já falei – digo. – Quero dar o troco nele. Quero me vingar.

– Será? Ou será que você se casou porque ama o Felipe demais e não teve *coragem* de terminar tudo? Isso, fora o apego à ideia de se casar, da festa, de se mudar para o apartamento novo, etc.? A impressão que eu tenho é que, no fundo, você perdoou o Felipe.

– Mas não posso perdoar o Felipe, Sofia! – digo, quase chorando. O garçom traz a maquininha e passamos nossos cartões. – Eu jamais faria com ele o que ele fez comigo, não é justo!

– Mas como você não faria, se é justamente o que você está planejando fazer!

– Mas ele fez primeiro!!

O garçom arregala os olhos para a gente. Pego o papelzinho e ele sai.

– Débora, você está reduzindo uma crise de casal a um argumento de uma criança de 4 anos.

Apoio as costas na cadeira, contrariada. Puxa, por que a Sofia tem que estar tão madura hoje? Eu já tinha suspeitado pelo pedido dela: *agnolotti* recheado com queijo brie e nozes, e eu aqui, na lasanha à bolonhesa. Entrei nesse restaurante decidida a ter um amante, e agora não sei de mais nada. Que saco! O que eu faço? O que eu façoóóóó?

– Vai pra balada comigo. Hoje – peço, por fim.

– Ai, meu Deus.

– Por favor! Por favor! Estou traumatizada com o Facebook, quero achar meu amante num mar de desconhecidos que não têm nada a ver com a minha vida!

– Hoje tenho um aniversário.

– De quem? Que saco! Amanhã, então!

– Débora, você quer enfrentar suas questões ou só fugir delas?

– Gente, cadê minha amiga jornalista, você virou psicóloga? Vai ver TV, vai! – falo, irritada, lembrando do freela dela, na produção de um humorístico na TV, em que ela ajuda a selecionar programas para o apresentador comentar.

– Saiba que saí desse trabalho, ok? Era divertido, mas pagavam muito pouco e eu ficava o dia todo, não tinha tempo para pegar outros trabalhos e compensar a grana.

– Sério? Eu não sabia...

– Claro que não, a gente só fala de você!

Peço desculpas e proponho um sorvete numa confeitaria ali do lado. Já estou uma pilha por causa do Felipe, não quero brigar com a minha amiga. Além disso, já que estou imatura hoje, sorvete super vai combinar com esse momento, né? Tomamos nosso sorvete em paz e ela conta sobre o novo trabalho: pegou um freela enorme como redatora publicitária e vai ajudar a desenvolver o roteiro de uma websérie e fazer o texto dos banners que vão aparecer em sites e do publiteditorial que vai sair numa revista (uma revista de primeira linha, diga-se). Ela me conta que só começa na próxima semana e isso me lembra de uma coisa:

– Então, amanhã à noite, você é minha, hein?

– Ai, eu pensei que você tivesse se distraído.

– Aliás, e esse seu aniversário de hoje, vai ser legal? Para conhecer pessoas, digo?

– Que desespero, hein, amiga! Calma... Acho que não, é aniversário da Fabrícia e ela chamou a família e tudo mais – diz ela, que mora com a Fabrícia e mais uma menina.

– Mas ela não tem nenhum primo gato? Ela tem irmão? Você já viu o irmão dela? Me fala a página dela no Facebook.

– DÉBORA! Para de surtar. Amanhã saio com você. Juro.

– Fechou, hein! Nada de arranjar outro aniversário, ficar gripada, ter dor de barriga...

– Amiga, não posso controlar meu destino a esse ponto, mas se minha saúde de amanhã estiver como a de hoje a gente sai, ok? E vê se se acalma. Toma um chazinho de camomila quando voltar para a redação.

– Ai, tá bom – digo, me levantando. – Falando nisso, preciso voltar pra lá. Obrigada, Sôfi. E lembra, é amanhã, hein? Amanhã. Quer anotar?

– Não precisa.

– Tô te mandando um WhatsApp pra você não esquecer. Vai pensando num lugar legal, porque não fico solteira há séculos e nem sei mais onde a gente pode encontrar um cara *incrível e rápido*.

– Bom, eu, que estou solteira há tempos, não conheço esse lugar, mas ok, vou pesquisar.

– Legal!

– Só mais uma coisa, Dé.

– O quê?

– Amanhã, se você quiser desistir, eu entendo, tá? A gente chama as meninas, vai para um bar ou para a casa de algu...

– Não vou desistir!!!

8

29 de maio, quinta-feira
O dia D

Acordo com vontade de desistir, claro. Mas não vou. Não posso. É uma questão de *honra*.

O que dificulta tudo é que não tenho vocação para traidora, sabe? Só de pensar em mentir para o Felipe hoje e ir para a balada, já fico nervosa. Para quem é cara de pau por natureza, tudo é fácil. Mas, para mim, dá um frio na barriga. Quer dizer, tá mais para queimação. Mas eu vou hoje. Com ou sem dilemas internos: está decidido.

– Hoje à noite meus pais e meus tios vêm para cá, eles vão ficar lá no Alexandre. O que você acha de a gente jantar com eles? – o Felipe pergunta, entrando no quarto. Ele já está de banho e café tomados, enquanto eu nem me levantei, e minhas questões internas já estão bem acordadas.

– Hmmm... é que eu já tinha planos pra hoje. Eu vou sair com a Sofia – digo.

– Sério? Meus pais estão com saudade de você.

Acho que ele forçou um pouco usando a palavra *saudade* – gosto dos meus sogros, mas a gente tem uma relação só cordial, de educação mesmo, e olhe lá. Mas tudo bem.

– É que eu já tinha combinado com a Sofia, sabe... – digo.

– Aonde vocês vão?

– Não sei ainda – respondo. Bom, não estou mentindo: a Sofia ainda não me passou o nome do lugar. – Casal independente, a gente, né? Cada um passa a noite de quinta em um lugar.

– Casal feliz – ele diz, me dando um beijinho. – Queria muito que você fosse hoje comigo, mas, se não dá, não dá – ele fala, me dando outro

beijinho.

– Outro dia vejo sua família, tá? É só porque eu já tinha combinado com a Sofia, mesmo. É até bom ser hoje, porque aí você não fica sozinho aqui em casa.

– Olha lá, hein? Não vai pra balada – ele diz, rindo.

Ops.

– A gente ainda não sabe aonde vai – digo, saindo pela tangente. Não menti, a gente não sabe aonde vai, ufa! Evitar mentiras sem necessidade é o meu lema.

– Mas não é balada não, né?

– Não! Claro que não. – E pronto, eu menti. Ai, ai. Mas ok, houve necessidade, o que eu ia dizer...

– Aí já é demais, né? Do jeito que você é linda, todo mundo ia sair dando em cima de você.

Ele me dá outro beijo, se despede e vai embora. Eu continuo na cama, amaldiçoando o fato de entrar tarde no trabalho; se eu já tivesse saído, não estaria ainda na cama, com tempo para pensar mil coisas, inclusive em como me culpar/me sentir malvada/me sentir péssima esposa/etc. Eu deveria parar de ficar à toa de manhã e ir para a academia, isso sim. Ou voltar para a natação. Em vez disso, me espreguiço, levanto e preparo uma tigela de cereal com bastante açúcar. Bom, pelo menos tem zero de gordura. E eu pretendo dançar hoje! Com foco em arranjar um amante, é claro. Mas eu pretendo dançar hoje!

Chego à balada me sentindo muito estranha. Caprichei *tanto* na produção que até me sinto meio ridícula. Coloquei saltão, vestido sexy, fiz uma make elaborada (considerando a minha capacidade e coordenação motora, claro). Agora nem estou me sentindo eu mesma. Se minha produção tivesse um nome, seria “desespero”. Bom, talvez esse nome combine comigo, afinal de contas. Ainda bem que o Felipe não me viu assim, nossa. No fim, falei para ele que ia ao cinema com a Sofia, e talvez comesse em algum lugar com ela depois, e essa produção, definitivamente, está meio *over* para um cinema.

Bom, pelo menos estou me sentindo bonita. Não estou me sentindo eu, mas estou na pele de uma estranha bonita. Isso vai servir bem aos meus

propósitos. Ai, só de pensar nisso me dá queimação no estômago! Tento fazer um esforço para descansar e parar de pensar por cerca de DOIS SEGUNDOS, mas aqui estou eu, pensando de novo sem parar. E onde está a Sofia? Mando uma mensagem para ela e vou para a fila.

O lugar que ela escolheu, e que jura que está bombando, é um bar mexicano com uma pista. Parece que vai ter uma banda tocando salsa e tal. Nunca dancei salsa na vida e torci o nariz quando a Sofia falou nisso, mas, realmente, a julgar pela fila, aqui dá um pessoal bonito. Se a gente conseguir entrar, claro – tem uma galera mais à frente que eu jurava que estava na fila de uma hamburgueria, mas agora estou vendo que é aqui para a balada-mexicana-salsa, mesmo. Ai, ai.

Suspiro, checo o que não há para ser checado no celular, já que fiz isso pela última vez não faz nem dois minutos e amaldiçoo as redes sociais por não serem tão rápidas quanto a minha ansiedade. Sério, se eu pudesse apertar um botão, estaria agora na cama com um cara gato, acabado de transar com ele e tirando uma foto que – ops – vazaria sem querer no e-mail do Felipe.

Incêndio na minha barriga agora. Não quero transar com nenhum cara gato. Quero só o Felipe. Por que fui nascer com esse coração monogâmico!? Saco!!! Será que nasci assim ou enfiaram isso na minha cabeça? Estou achando que enfiaram isso na minha cabeça. Como eu faço para ejeter esse chip? Preciso de umas caipirinhas, decido. Existe caipirinha mexicana?

– O que você tá fazendo aí? – Uma toda-produzida Sofia me puxa. – Vem cá, essa balada é de um amigo meu.

Como não imaginei isso? A Sofia é impressionante, não só sabe das baladas como entra rapidamente até nas mais lotadas. E ela fala isso sempre de boa, sem nenhuma arrogância, tipo: vou tomar um suco de maracujá, vamos ver um filme, vamos pular essas duzentas pessoas e entrar sem dificuldade?

– Você tá linda, amiga – ela fala, assim que a gente entra.

– Eu estava me sentindo assim, até você chegar. Sério, eu estou bonita, mas você está bonita e moderna! Como eu queria ser assim, nossa! *Esse chip eu não tenho.*

– Ai, Dé, só você – ela me puxa pela mão até o bar, fazendo pouco de mim.

– É sério, você vai acabar atraindo todos os caras legais, sua chata.

– Ué, eu também estou a fim de conhecer alguém, pensa que é só você?

– Eu não estou a fim de conhecer alguém, amiga, eu só *preciso* conhecer alguém.

– Ok, você precisa, eu quero, e o importante é que eu dei uma animada e hoje a gente vai dançar muito! Eba!

– Uhu!

Pedimos dois mojitos, e antes mesmo de encostar o canudinho na boca me sinto menos tensa. Encontrar a Sofia deixou tudo mais leve! De repente, não sou mais a mentirosa-que-vai-trair-o-marido, mas apenas a-maluca-com-copo-de-mojito-na-mão. Tudo nesta vida é uma questão de escolha de palavras, né? A vida é bela! É bom estar na balada, afinal de contas! E esse ritmo que está tocando é salsa? Adorei! Que delícia!

– Daqui a pouco começa a banda e você vai pirar, ela é muuuito boa – a Sofia fala, olhando atentamente para o celular dela.

Mal posso esperar. Olho à minha volta: o lugar é muito bonito, de aparência descoladinha. Estamos em pé no bar, que já começa a encher. A alguns metros, tem um palco. Só estou achando meio pequeno e... Ah, não, ali tem uma escada. Ótimo, se eu não gostar de ninguém aqui embaixo, subo para checar o mezanino. Nossa, Débora, calma! Não preciso arranjar um amante *hoje*. Ah, mas eu queria tanto, sabe? Resolver isso logo. Talvez nem mostrar foto nenhuma para o Felipe, talvez só traí-lo e me sentir melhor com tudo isso. Nossa, o que estou dizendo? Vou mostrar a foto, SIM. Só aí ele vai sentir o que eu senti – em 2D, infelizmente, sendo que eu tive o desprazer de assistir tudo em 3D, mas filmar é um pouco demais. Aí, sim, ele vai sentir o que eu senti, e aí terminamos, ou, quem sabe, sentamos para conversar e resolver nossa vida, ele me diz qual é, afinal, seu grau de envolvimento com a Luma... E aí a gente fica junto para sempre, porque eu amo o Felipe, sabe, eu não queria estar nesta balada, eu...

FOCO, Débora. Na balada. Nos caras. No mojito. *Foco*.

– Ai, larga o celular, amiga... – eu falo, sem autoridade nenhuma.

– Tô no Tinder, é rapidinho, só dando uma olhada no que tem de interessante...

Gente, o Tinder! Será que eu iria otimizar a minha busca se baixasse isso? Ia ser mais divertido do que ficar fuçando a página da Luma.

– Para de fuçar a página dessa mulher, Dé. Só gera mal-entendido, especulação... Vem para o Tinder, pode ser uma boa, mesmo. Se bem que...

– Que o quê?...

- Todo mundo vai ver que é você, né? Não dá.
- Verdade. Dã.
- A não ser que você assuma a verdade e vire uma daquelas pessoas loucas que põem as fotos do seu casamento... Você de noiva... Hahaha!
- Nem brinca com isso! Posso usar uma foto X, né? Pego na internet alguém com meu mesmo grau de beleza, de repente?
- Pode ser... Você cria um perfil fake no Face, só com foto fake e tudo mais, e usa esse perfil... Será que é uma boa?
- Bom, enquanto isso, capricha nas fotos aí, e, se conversar com alguém, me passa esse celular pra cá.
- Você vai conversar usando a minha foto, é isso?
- Deixa ver sua foto... É, tá linda. Vou.

Acaba que a banda começa a tocar, tiramos os olhos do celular e vamos para a pista. Depois de mais dois mojitos, dois caras bem interessantes começam a conversar com a gente. O começo da conversa é meio patético (“Essa banda é boa, né?”), mas agora parece que a conversa está engrenando. O Marcelo é administrador. O loiro-que-esqueci-o-nome é advogado. Falamos sobre os lugares que costumamos frequentar, a conversa muda para viagens, lugares que gostaríamos de conhecer, etc., e de repente minha bolsa vibra. Pego o celular e é uma mensagem do Felipe com uma foto dele feliz, com os pais, o irmão e os tios, todo mundo sorrindo. Me sinto a pior pessoa do mundo. E olha que até agora tudo o que eu fiz de comprometedor foi ficar de conversa mole com esses dois caras, sendo que nem sei o nome de um deles!

- Você é casada? – um deles pergunta, olhando a minha aliança.
- A pergunta deveria ter sido: “Você é retardada?”. Porque, sério, já que a ideia era conhecer alguém, por que não tirei isso do dedo?
- Ela é casada, mas gosta de se divertir, qual é o problema? – a Sofia fala, todos riem e eu me sinto PÉSSIMA.

- Que comentário foi aquele? – pergunto para ela, no banheiro, depois de a gente ter conversado com os dois carinhas só mais um pouco.
- Que comentário?
- Que eu “sou casada, mas gosto de me divertir”. Que horror! Me senti

uma senhora safada de filme B!

– Ai, desculpa, tentei te ajudar, amiga. A gente deveria ter pensado na sua aliança.

– Sério, você me fez me sentir muito mal, parece que eu sou casada mas estou na balada procurando outro homem, sabe!

– Oi? É exatamente isso o que você tá fazendo, né?

– Ok, mas eu tenho um bom motivo!! – eu digo. – E o Felipe me mandou uma foto tão meiga, tão família, olha... – digo, esticando meu celular.

– Amiga... E se a gente só dançasse, hein? Esquece esse plano maluco. Só hoje. Que tal? Você nem fez nada de mais e já está aí toda arrependida!

Sorrio e concordo. Voltamos para a pista, ignoramos o Marcelo e o amigo sem nome dele do outro lado, e dançamos salsa por mais de uma hora sem pausa. Entramos no táxi exaustas e até meio suadas. No fim, a balada valeu a pena.

Chego em casa e encontro o Felipe dormindo. Tadinho, nem sabe onde eu fui. Bom, mas é melhor assim do que ele me encontrar toda produzida. Amanhã, quando ele me perguntar sobre a saída, falo que fui a um bar com a Sofia e tudo bem. Tiro a maquiagem, tomo um banho rapidinho, visto o pijama e olho as horas: 4 da manhã. Ai, e vou acordar às 7h, que é a hora que o despertador do Felipe toca! Tomara que eu consiga dormir depois. Me cubro e olho para ele por alguns segundos. Parece um neném dormindo.

Ai, amor, por que nosso casamento foi virar essa confusão? Eu não queria estar passando por nada disso, queria ter visitado sua família com você. Se bem que a balada, no fim, foi bem divertida. Mas o que eu queria, mesmo... Era saber que você é o mesmo cara por quem eu me apaixonei.

3 de junho, terça-feira
Depois da tempestade
(metafórica, porque o céu lá fora está bem azul)

Tudo mais calmo nos últimos dias. Enfrentei as questões do meu

casamento da seguinte maneira: empurrando todas para debaixo do tapete. Ah, preciso descansar um pouco, estava ficando mentalmente exausta. Sentimentos contraditórios na balada, vontade de ficar com o Felipe numa boa, ódio do Felipe, dúvidas quanto ao futuro... Pode não ser muito evoluído da minha parte, mas, pelo menos, estou me sentindo melhor. Já bastam meus problemas no trabalho.

Agora, por exemplo, acabei de voltar de uma reunião muito frustrante: estou sentada na minha mesa em frente à tela do computador com a lista que passei a manhã inteira fazendo: a Bruninha tinha me pedido para ajudá-la com um ranking dos 5 artistas brasileiros contemporâneos mais legais para a leitora conhecer. Achei essa pauta bem diferente da linha da revista, já que, convenhamos, é uma pauta de bom gosto, e fui toda animada pesquisar quem está bombando. Daí chego na reunião, ela vê minha lista de sugestões e o que ela fala?

– Esse não. Odeeeio o assessor dele, tentei uma entrevista com ele ano passado e o assessor ficava me enrolando, quero que ele se dane.

– Mas esse cara é muuito bom! – eu disse. – Acabou de ganhar um prêmio para jovens talentos e...

– Esse também não. E que lista é essa que não tem meu namorado? Ele é um artista dos mais talentosos.

Ah. Tá explicada a pauta, pensei.

– Não coloquei seu namorado porque você falou que era pra escolher os que estavam bombando, e ele começou agora...

– Põe ele, ué, senão como ele vai bombar? E bota uma amiga minha também, a Anita Sodré – ela pediu, com aquela vozinha irritante dela.

– Nunca ouvi falar...

– Ela é muito boa, pode por.

Suspirei e acatei. Meu ranking estava bem melhor, sinceramente. Mas vou fazer o quê, né? Aliás, “suspirar e acatar” tem sido meu lema aqui. Mas o pior foi ontem: o Luca pediu para eu entrevistar um ator de novela novinho, Jonas Cordel, que está começando, mas que já está fazendo o maior sucesso. Antes de vir para a redação, fui lá na casa do cara, bloquinho e gravador na mão, toda animada: minha primeira entrevista com alguém (quase) famoso! O Luca já tinha me orientado: a entrevista já tinha um título, “Cara pra casar”, e falaria sobre a fofura dele, que tem olhos claros, parece um anjo e anda sendo i-do-la-tra-do pela mulherada. Até aí, tudo bem. Mas o problema

é que cheguei na casa do Jonas e ele estava com o namorado dele no sofá. De mãos dadas. Sério, acho ótimo assumir a homossexualidade, tanto meninos como meninas. Eu tenho um amigo que é gay, o Rafael, e a gente se adora... Mas acabei ficando meio desconfortável com aquele cinismo todo, porque eu perguntava coisas assim:

– O que uma mulher tem que fazer para conquistar você?

E o namorado dele, enxerido pra caramba, respondia assim:

– Ter um pênis! Hahaha!

Odeio mentira e minha vida está repleta delas, argh! Mas, na volta, quando fui falar com o Luca, ele me criticou:

– Esse tipo de reportagem é pra leitora sonhar! Que diferença faz se ele é ou não gay, ela não vai ficar com ele, mesmo! Acorda, chuchu.

Para piorar, espiei a matéria editada lá com o pessoal da arte e vi que o Luca simplesmente mexeu em várias respostas do ator. Não entendo isso. Eu que entrevistei o cara, como é que ele, que não estava lá, altera as aspas?

– Luca, vi que você mudou algumas respostas do Jonas... Ele nunca falou isso aqui, e...

– Não se preocupe. O importante é a entrevista ficar boa.

– Mas é certo colocar frases na boca do entrevistado? Eu...

– É certo a entrevista ficar boa! Débora, querida, não quero ser grosso, mas você só entrevistou o menino e eu é que sou o editor da página, tá? Posso fazer meu trabalho? Obrigado!

Enfim. Paciência. Não é da sua conta, Débora, digo a mim mesma.

Olho meu ranking mais uma vez, o ranking original, e suspiro. Eu deveria fazer um blog para pôr as coisas que eu gosto, né? Seria uma maneira de me realizar escrevendo, coisa que não consigo aqui, já que, aparentemente, minha função é escrever porcarias. Passo o dia coletando por telefone os depoimentos de mulheres ciumentas – e me sinto uma flor depois de conversar com uma que, ao descobrir que foi traída, rasgou todas as roupas do marido e mandou um e-mail para todos os amigos dele, falando para terem paciência, porque ele estava se tratando com um especialista para combater seu problema crônico de (falta de) ereção. Que horror! Num boxe, escrevo que devemos olhar para nós mesmas e investigar os reais motivos de nossas inseguranças, se elas têm ou não fundamento, mas a Bruninha me avisa que não é para eu escrever coisas da minha cabeça e que preciso entrevistar um psicólogo. Faço isso, e adivinha o que o psicólogo me diz?

– O importante é que a mulher ciumenta olhe para si mesma e investigue os reais motivos de suas inseguranças. Elas têm fundamento ou não?

Ok, não foram *exatamente* as mesmas palavras, mas praticamente! Bufo de raiva pela perda de tempo, mas ok, aspas coletadas. Se tem que ser um psicólogo para falar isso, tem que ser um psicólogo, né? Termino de escrever os depoimentos e a fala do psicólogo no Word, deixo para revisar amanhã de manhã, quando eu chegar, e desligo meu computador. Hora de ir para casa.

– Amor... Que bom que você chegou... – Ouço uma voz fraca dizendo lá do quarto.

Ponho minha bolsa na cadeira, tranco a porta e vou para o quarto, preocupada. Vejo o Felipe deitado na cama, todo coberto, com cara de doente terminal, mas provavelmente é só uma gripe.

– Tô mal... – ele diz.

Ponho a mão na testa dele: nossa, deve estar com pelo menos 38 graus de febre. *Morro* de dó. Pego o termômetro: 38,5°C, Pergunto o que ele está sentindo, trago água e antitérmico e falo que vou dar um pulo rapidinho no supermercado para comprar alguns legumes e fazer uma sopinha para ele. No elevador, me repreendo por estar sendo uma esposa tão dedicada, mas o que posso fazer? Esse homem me traiu e sabe Deus se ainda trai, mas tenho um bom coração.

– Pô, será que amanhã eu vou estar melhor? Estava combinando de ver o remake do *Vingador do Futuro* com meus amigos – ele diz, quando estou de novo no quarto, sopa na mão. Acabou que, fazendo uma média entre esposa mentirosa e esposa dedicada, comprei sopa pronta em vez dos legumes. – Desculpa, linda, nem te chamei, porque...

– Porque você sabe que não é exatamente meu programa preferido, né? Ssshh... Toma mais uma colherada, senão você vai ficar muito fraco.

– Parece que tá tão legal esse remake... E vai saber quando eles vão poder ir de novo... E o trabalho, putz... Não adiantei nada do que eu planejava hoje...

– Mais uma colherada, vamos lá – digo, colher na mão, no melhor estilo “olha o aviãozinho”.

Ele termina de tomar a sopa, vai ao banheiro, veste o pijama e se deita de novo. Não para de espirrar e tossir, o pobrezinho! Morro de dó (e de medo de estar toda catarrenta daqui a pouco, mas espero que não aconteça, porque tomei vacina antigripe. Já o Felipe, teimoso, não quis saber de tomar). Tiro de novo a temperatura dele, que está mais baixa. Vou para a cozinha buscar o copo d’água que ele pediu, mas, quando volto, vejo que dormiu. Tadinho! Acabo dando um beijinho na testa, depois outro na bochecha, passo a mão no cabelo dele, apago a luz e saio do quarto.

Pego um pouco de sopa para mim, ligo a TV e começo a ver um filme, mas acabo mais falando com as minhas amigas pelo WhatsApp do que assistindo. A Catarina, que sempre teve um cabelão, me mostra seu corte de cabelo novo: hipercurtinho, quase raspado, mesmo. E ainda está usando óculos de grau! “Quem é você e o que fez com a minha amiga?”, eu pergunto, e ela responde que os óculos são fake, ela não tem grau nenhum, maaas como passou da editoria de cidades para o caderno de cultura no jornal onde trabalha, achou por bem cortar o cabelo e usar óculos, para “combinar com o pessoal”. Acho uma bobagem fazer isso, mas, se ela quer, o que eu vou fazer, né? Deixa ela. “E estou doando todas as minhas roupas *girlie*”, ela digita. Opa! Agora, sim, apoio a mudança! “Estou aceitando doações”, digito, e logo em seguida vejo uma movimentação no meu grupo com a Bia e com a Lu.

As duas estão reclamando que eu sumo e só dou bola para as minhas amigas da faculdade, o que é parcialmente verdade (ok, totalmente, como as pessoas conseguem conciliar trabalho, casamento, amigos de todas as turmas e planos de arranjar um amante, meu Deus?). Acabo atualizando as duas sobre o meu emprego, minha vida e penso que se a gente não cultiva os vínculos, eles não se autocultivam, né? Acho que, antes de dormir, vou escrever um post sobre isso para publicar no meu blog imaginário.

9

4 de junho, quarta-feira

Estou refugiada no banheiro da redação. Estou tremendo. Será que é isso o que os médicos chamam de ataque de pânico? Nem sei direito quais são os sintomas, mas estou tendo um, certeza! A Luma está na redação. *A Luma.*

Quando a vi entrando e conversando com a Paloma, as duas megafelizes, pensei que estivesse vendo coisas. Eu estava trabalhando tranquilamente, mas acho que meu inconsciente tem lidado com a imagem da Luma em tempo integral e, quando ela apareceu, até pensei que era coisa da minha cabeça. Mas não. Ela está *mesmo* lá fora, falando com a Paloma. E eu, patética, vim para o banheiro discretamente. Talvez eu passe o resto do dia aqui. Talvez eu devesse ter trazido meu notebook para cá. É estranho trabalhar do banheiro?

E pensar que tudo estava até tranquilo de manhã. Saí de casa com o Felipe implorando para que eu ficasse, tadinho. Ele acordou quase tão mal quanto ontem e levei o café para ele na cama. Mas eu não tinha como matar o trabalho... Ele ficou todo manhoso, falando que estava passando muito mal, que não ia conseguir ir ao cinema com os amigos dele ver o remake do *Vingador do Futuro*, que nunca tinha ficado tão gripado assim na vida, que achava que ia morrer (essa parte foi meio exagerada). Tirei a temperatura, que estava só febril, dei vários beijinhos nele e saí falando que faria o possível para voltar cedo para casa. Cheguei na redação, dei um gás nas matérias que estou tocando, imprimi a seção “Volta por cima”, para mostrar para a Bruninha, e estava me sentindo *a* produtiva, quando... A Luma apareceu. E eu vim para o banheiro.

– Débora? – a Marina me chama, abrindo a porta do banheiro.

– Oi, Marina! – respondo, tentando parecer natural.

– Tá tudo bem? Você veio correndo para o banheiro de repente. Foi o

almoço de ontem aqui no restaurante, né? Também não caiu bem pra mim.

– Você conhece a Luma? – eu pergunto, abrindo a porta do reservado.

– Hã?

– Aquela que entrou com a Paloma...

– Ah! A Luma Diegues, elas são amigas. A Luma trabalha na *Mosby*...

– Eu sei, eu sei – respondo, irritada. Já basta a Luma ter ficado com o meu marido, eu ainda tenho que engolir o fato de que ela trabalha na *Mosby*, o Santo Graal das revistas femininas, enquanto eu estou aqui, comendo o pão que o diabo amassou, para não falar da comida gordurosa. – Já até mandei meu currículo para ela. Ela confirmou o recebimento toda simpática, aliás, e nunca mais deu notícia. Ela é irmã do sócio do meu marido.

– Ah, tá. Mas foi por isso que você se escondeu aqui? Quanto ressentimento por ela não ter respondido seu currículo, Débora, também não é assim...

– Não é isso, é que a gente não se dá muito bem, sabe? – respondo, adocicando a verdade, que, no caso, seria: “É que ela transou com meu marido, sabe?”. – Acho que vou ficar aqui até ela ir embora. Você pode trazer meu note?

– Bom, Déb, sinto te informar então, mas a Bruninha tá doida atrás de você pra conversar sobre os textos que você entregou. Foi por isso que vim aqui te chamar, na verdade.

Ai, meu Deus, e agora? O que é mais importante?

a) Evitar contato visual com o ser detestável que transou com meu marido na véspera do meu... Ok, apesar de todo o ódio e ressentimento que ainda reina no meu coração, nem eu aguento mais repetir para mim mesma essa frase. Acho que vou substituir pela sigla AVQTCMMNVDMC (a vaca que transou com meu marido na véspera do meu casamento).

b) Ir lá dar satisfação para minha chefe. Tipo agora.

Saio do banheiro com a Marina como se estivesse pisando em um campo minado. Ufa, a Luma está lá longe, no maior papo com a Paloma na sala dela. Se elas saírem pela porta da frente não serei obrigada a cumprimentar a Luma e o dia vai seguir como se a gente nunca tivesse respirado o mesmo ar.

– Onde você estava com a cabeça na hora de tirar foto dessa feiosa? – a Bruninha me pergunta assim que me vê.

– Hã?

– Essa personagem para a seção “Volta por cima”!

Faço sinal de que um espirro está vindo, mas só estou tentando ganhar tempo. Do que ela tá falando, meu Deus!? E o que é “personagem”, mesmo? Ah, tá, o povo que a gente entrevista para as matérias. Não me acostumei com essa nomenclatura ainda.

– Essa sua amiga que foi abandonada pelo marido pode ter superado o divórcio e tudo mais, parabéns para ela, mas é muito feinha, Débora, não dá pra colocar na revista alguém assim.

– Nossa, Bruninha! – eu falo, desistindo do meu falso espirro, lembrando do meu texto e tentando parar de olhar para os lados à procura da Luma. – Mas a história de superação dela é tão legal! Ela encarou tudo com bom humor, aprendeu muito e...

– Não importa, ela é feia, e a gente não publica gente feia, porque a revista fica, adivinha como, *feia!!!* Aprenda: a gente já economiza bastante com fotógrafo, e se é para contratar uma diária, a personagem tem que ser bonita.

– Tá certo... – digo, virando os olhos sem que ela veja. Sério, o depoimento estava ótimo. A revista já é feia e ainda quer que os entrevistados incríveis também sejam lindos? Mas cadê a Luma? Será que ela já foi embora? Tomara que ela tenha ido embora, tomara que ela tenha ido embora, tomara que ela...

– Débora? Oi, Débora! – Ouço a Luma falar e quase tenho um treco.

– Oi, Luma, tudo bem? – respondo, mais simpática do que eu gostaria.

Ela sorri, a Paloma sorri, elas conversam um instante com a Bruninha. Cara, tudo nessa mulher me irrita, é impressionante! O jeito como ela arruma o cabelo supervolumoso, achando que, tipo, está numa capa de revista, argh... A roupa incrível que ela usa, o olhar provocante, tipo, para que isso? Ela está provocando quem, neste momento?! E olha o delineado dela, está perfeito e aposto que ela levou tipo dois segundos para fazer. Argh! Tudo nela soa esnobe, não sei como o Felipe foi capaz de *encostar* nela. Ai, só de pensar nisso, me dá uma coisa no estômago.

Felizmente, o papo acaba e a Paloma avisa que está saindo para almoçar com a Luma. Bruninha me avisa que era isso que ela tinha para me falar, pergunta se entendi tudo, concordo e volto para a minha mesa.

Do meu lado, no computador dela, a Marina, de fone, trabalha normalmente. Ufa, parece que o momento de tensão acabou e tudo voltou ao normal. Vou só dar um tempinho para a Luma e a Paloma irem para bem

longe e já saio para almoçar. Levanto para encher minha garrafinha de água e, chegando à cozinha, vejo que as duas, adivinha, estão lá tomando água. Saco, quem toma água antes do almoço? Pede água no restaurante! Ok, ok, eu vivo tomando água antes do almoço – para que pagar R\$ 3,20 se tem água de graça aqui no filtro... Me viro para voltar para minha mesa, mas acabo ouvindo um celular apitar. Na sequência, ouço a Luma falando:

– Ah, meu cinema foi desmarcado hoje, que pena!

Paro no corredor, meio sem saber por quê.

– Que filme você ia ver? – a Paloma pergunta.

– O remake do *Vingador do Futuro*. Ah, nem gosto, mas quando a companhia é interessante...

Sinto meus órgãos internos congelarem.

– Ainda aquele cara? – a Paloma diz. – Você gosta de sofrer, né, amiga?

Eu tremo.

– Ai, eu sei! Mas você não pode falar nada, né, Paloma? Até hoje com aquela paixãozinha platônica...

– Somos patéticas! Hahaha!

Trêmula, caminho de volta à minha mesa antes que elas saiam da cozinha e me vejam. Não posso acreditar no que acabei de ouvir. Não pode ser.

Agora estou de volta ao banheiro. Chorando.

– Sofia – falo, meio sussurrando, pelo celular. – Felipe me falou que ia ver *O Vingador no Futuro* hoje no cinema e teve que desmarcar, acabei de ouvir a Luma falando que desmarcaram com ela, olha minha situação, tô no banheiro do trabalho chorando, não sei o que vou...

– Nossa, Déb, não tô entendendo nada... E acabei de acordar. Respira fundo e conta do começo.

– Você acabou de acordar? É 1 hora da tarde!

– Trabalhei até as 4 da manhã na bendita campanha! Conta.

Respiro fundo, saio do reservado para conferir se não tem ninguém no banheiro, volto e conto tudo com o máximo de calma que consigo ter neste momento (que não é muita).

– Déb, toda a cidade está vendo o remake do *Vingador do Futuro* – ela fala, com voz ponderada.

– Sofia, você ouviu tudo o que eu falei? Vamos lá: o Felipe me trai com a Luma na véspera do nosso cas...

– Já sei essa parte. Pula.

– Gripadíssimo, ele fala que vai ter que desmarcar o filme com “os amigos”. E a Luma, “coincidentemente” teve desmarcado o seu cinema com um cara... Uma “companhia interessante” que, segundo a amiga dela, “faz com que ela sofra”. Será que é porque esse homem é casado? Liga os pontos, amiga!

– Olha... Você tem motivo para estar desconfiada, admito. Mas não tem nenhuma prova.

– Prova retroativa conta? Eu ter visto os dois juntos na véspera do meu...

– Ok, ok...

– Isso não conta? Para mim, é mais que suficiente!

Silêncio. Conheço a Sofia. Ela não está cem por cento convencida, ainda está ponderando toda a situação e tal. Mas, na boa, chega de ponderar: estou sendo feita de palhaça aqui!

– Que dia a gente vai pra balada de novo? – eu pergunto.

– Ai, Déb...

– Sério, se você não for comigo, vou sozinha. E saio com um cara de lá, ah, se saio! Ou não me chamo Débora!

– Olha lá, hein? Não vai botar sua segurança em risco. Eu vou com você. Apesar de...

– De?

– Ainda não estar totalmente convencida dessa história.

Não falei?

– Mas vou com você – ela reforça. – Mas semana que vem, tá? Porque tô muuuito enrolada com esse freela.

– *Semana que vem?!*

– Tô muito, muito ocupada, amiga! Mas é até bom, porque aí você pensa melhor, esfria a cabeça...

– Ok, semana que vem, mas eu não vou esfriar a cabeça!

6 de junho, sexta-feira
À noite

Puxa, eu realmente esfriei a cabeça. Eu não queria, mas esfriei. Que saco ter uma cabeça tão esfriável!

Foi só eu ver o Felipe de novo, na quarta, doentinho daquele jeito, que meu coração já amoleceu. Sei lá, tem algo de antiético em trair alguém doente, não tem? Na quarta à noite, acabei tendo que ir com ele ao hospital, porque ele voltou a ter febre. Agora ele está tomando antibiótico e anti-inflamatório e está com um aspecto melhor, mas ainda não está cem por cento.

Ontem foi fechamento lá na redação, então não consegui voltar cedo para casa, mas fiquei bem preocupada com ele à distância, lembrando ele de tomar os remédios, etc. Estou mais calma, vai que o negócio da Luma/*Vingador do futuro*/cara que a faz sofrer foi só uma coincidência mesmo, né? Ai, será que eu estou me enganando? Bom, às vezes, é bom a gente se enganar. Quer dizer, torço para que eu não esteja me enganando, para que essa esperança seja verdadeira. Ah, sei lá.

Agora o Felipe está no banho e eu, me arrumando. Vamos jantar na casa de um casal de amigos, a Júlia e o Pedro. O Pedro fez faculdade com o Felipe. A Júlia é alguns anos mais velha que ele e é médica. Eu me sinto tão adulta saindo para jantar na casa de uma *médica*!

– Putz, esqueci de pegar a roupa na lavanderia – o Felipe fala, vestido só com uma calça jeans. Nossa vida doméstica ficou bem mais simples (e cara) depois que a gente começou a mandar algumas roupas para lavar e passar fora. Sem contar a diarista que vem duas vezes por semana. Dá para passar o fim de semana na praia com essa gastação toda? Não dá. Mas prefiro. Sério!

– Eu peguei, mas não tirei do saco, tá lá na área de serviço – eu falo.

– Ah, ótimo. Você não tá pronta, amor? – ele pergunta me vendo de calcinha e sutiã.

Ah, é. Não tô pronta. Fiquei aqui pensando na vida e nem me arrumei. Pego uma saia no cabide e uma camisa branca com estampa floral. Já pensei mil vezes em combinar essas duas peças, e hoje finalmente vou ver o efeito delas na vida real.

– O que você achou, amor? – eu pergunto, cansada da autoavaliação no espelho. – Amor?

Saio do quarto e vou em direção à área de serviço. Meu coração começa a bater forte quando escuto o Felipe sussurrando no celular. Paro na cozinha.

– Eu jaikdfats... Mas uwlaosfra kaofbslxp...

(Não consigo ouvir o que ele diz).

Ele se despede rapidamente e, antes que volte para a cozinha, vou para o

nosso quarto.

Meu coração bate *muito* forte. Sinto que tem alguma coisa errada naquela ligação, não sei explicar. Só sei que estou quase passando mal de tanta tensão. Quando ele volta para o quarto com uma camisa na mão, parece meio tenso. Enquanto ele a abotoa, olho fixo para o bolso de trás da calça dele: o celular está lá.

Preciso. Pôr. As. Mãos. Nesse. Celular. Assim. Que. Possível!!!

– Você tá linda – ele diz, me pegando pela cintura. – Aliás, antes de sair, será que dá tempo da gente...

– A gente já tá atrasado, Felipe – corto, meio seca. Só consigo pensar no celular.

– Tá tudo bem?

– Tá tudo ótimo, amor, só tô morrendo de fome e a gente tá atrasado. Com quem você tava no telefone?

– Hã?

– Parece que ouvi você falando alguma coisa com alguém.

– Ah, não era nada, era... – ele fala, gaguejando. – Meu pai. Só para saber como a gente tá, essas coisas.

Vou para o banheiro arrumar o cabelo e noto que ele pegou o celular para olhar as horas. *Joga o celular na cama, Felipe, joga o celular na cama... Ótimo!*

Ele jogou o celular na cama.

– Vou pegar um iogurte, quer? – ele pergunta.

– Não. Vai lá você.

– Tem certeza? Você falou que tá morrendo de fome.

– Não. Quero. Iogurte.

Ele sai para pegar o bendito iogurte e eu pego o celular dele no mesmo instante. Tenho que ser rápida. Destravo o aparelho, corro para ver a última chamada e...

Não posso acreditar.

Jogo o aparelho na cama e sento, sem forças.

Sinto que vou desmaiar.

Era a Luma.

10

7 de junho, sábado Hora da depressão no provador

Estou trancada no provador de uma loja, com uma pilha de roupas em cima do colo e sem vontade de experimentar nenhuma. É incrível, sinto que nos últimos tempos tenho me trancado muito no meu quarto, no banheiro ou no provador. Quão deprimente é isso?

E agora está sendo pior ainda do que naquele dia na redação, em que eu estava me escondendo da Luma: agora, estou me escondendo das minhas próprias amigas, a Lu e a Bia. Por que eu não conto para elas o que está acontecendo? Não sei.

– O que você tem, hein? – a Lu me perguntou assim que a gente se encontrou.

– Eu? Nada.

– Nada de verdade ou aquele tipo de “nada” que significa “tudo”?

– Nada de verdade – menti. Se fosse na época do colégio, tanto ela como a Bia já estariam sabendo de tudo desde o início. Mas, sei lá por que, nossa amizade acabou ficando meio superficial, acho...

E tenho mais vergonha do que vontade de contar para elas o que está se passando no meu casamento. Não tenho a menor ideia do porquê desse sentimento, *vergonha*: tipo, eu quero impressionar as duas, por acaso? Não, claro que não, pelo menos eu penso que não. E, mesmo assim, sinto vergonha. Saco.

– Débora, quero ver a calça larguinha! – Ouço a voz da Bia.

– Já vou!

Começo a tirar a roupa para experimentar a droga da calça. Puxa, tudo bem que eu não estava no espírito de comprar roupas hoje, mas por que eu

vim de saia, meia calça e uma botinha com cadarços infinitos, me diga? Pior figurino para comprar roupa *ever*. Tiro a meia-calça com cuidado e suspiro. Eu queria me abrir com as duas, mas ao mesmo tempo não queria. Acho que um lado meu quer *conservar* a imagem que elas, imagino, têm do meu casamento. Que coisa mais patética!

– Nossa, ficou incrível – a Bia comenta, quando eu saio do provador.

– O seu vestido também! – falo.

Realmente, esse vestido azul com estampas geométricas brancas ficou a cara da Bia. Já a minha calça larguinha de bolinhas está me deixando meio dividida: acho bem fashion, mas me deixa meio gorda. Não dá.

– Quero ver a saia no joelho, Déb! – a Lu grita.

Tá bom, tá bom, vou mostrar a saia para ela. Mas o que eu queria mostrar mesmo era o seguinte, penso, experimentando a saia: *o surto* que tive ontem depois que vi que o Felipe tinha acabado de falar com a Luma pelo telefone. Foi um surto da categoria “introspectiva, melancólica e serena”: não gritei, mas chorei, não briguei, mas me isolei, e não xinguei ou falei tudo o que eu queria, mas, pelo contrário, fiquei totalmente calada. Muda. Acho que *perplexa* é a palavra.

– Amor, o Pedro e a Júlia prepararam um jantar tão gostoso... – o Felipe me disse na volta, no carro.

– Eles pediram pizza, Felipe.

– Ok, mas foi uma pizza ótima, a Júlia preparou uma sobremesa incrível, deu a maior atenção pra gente...

– Até ela sair pra uma emergência – eu completei.

– Ok, o que eu estou dizendo é: eles nos receberam muito bem e você ficou *com essa cara*.

Silêncio. Tive vontade de dizer: com que cara você ficaria se, depois de me pegar transando com... digamos, seu sócio, me visse sussurrando pelo telefone com ele na área de serviço?

E a parte em que a Júlia puxou conversa sobre nada mais, nada menos que *traição*? Uma amiga dela descobriu que estava sendo traída pelo marido e saiu de casa.

– Acho que ela fez muito bem – ela falou.

– Ser enganada desse jeito... – o Pedro completou.

– Infelizmente, algumas pessoas não têm o menor respeito com a outra – o *Felipe-duas-caras* comentou.

Depois disso, eu não pronunciei mais praticamente nem uma palavra. Naquele jantar, me empanturrei de pizza, mas o que quase me deu uma indigestão foi essa cara de pau.

– Nossa, essa saia ficou sensacional – a Lu me fala.

– Em você também! – digo a ela, que está vestindo uma saia igualzinha, tentando passar alguma animação.

Acabo levando a saia e uma blusinha que também ficou boa, enquanto a Lu leva a saia e um vestido, e a Bia, coitada, não leva nada.

Checo meu celular duas vezes: até agora a Sofia não respondeu o áudio desesperado que mandei para ela ontem (quando eu estava, adivinha? Trancada no banheiro da casa da Júlia e do Pedro). contei sobre a ligação da Luma e praticamente intimei a coitada a sair comigo semana que vem. Ah, chega de ser feita de palhaça! Acabou ontem qualquer dúvida que eu tinha a respeito do plano de arranjar um amante ou deixar essa história pra lá. Dessa vez, ela vai concordar comigo, tenho certeza. Admiro pessoas que ponderam as situações, acho saudável e tudo mais, mas o limite da ponderação é quando a gente está sendo feita de palhaça.

Caminhamos felizes (quer dizer, eu nem tanto) para a praça de alimentação e levamos tipo vinte minutos para decidir onde comer. Acaba que a Bia vai para a fila de um restaurante japonês e eu e a Lu, menos finas e mais gluttonas, vamos para uma lanchonete.

– Você podia me contar o que você tem, né, amiga? – a Lu me fala, na fila. – Você tá com uma carinha meio triste.

– Hmm... É que não estou muito bem, sabe.

– Por quê? Alguma coisa no trabalho?

– Não.

– Alguma coisa aconteceu com a sua família?

– Não.

– Alguma crise existencial que veio do total e absoluto nada?

– Alguma coisa com seu casamento? – ela pergunta finalmente. Ufa, já estava me sentindo uma extraterrestre.

– É... Estou meio assim com o Felipe.

– Sério? *Por quê?!!!?* – ela praticamente berra no meio da fila.

Me arrependo imediatamente de ter contado. Eu me casei no mês passado. Eu não quero ser a louca que se casou no mês passado e está infeliz. Não, obrigada.

– Não tô a fim de falar sobre esse assunto, Lu. Foi mal. Não quero pensar nisso, sabe.

Mentira: é só no que eu penso ultimamente.

– Nossa – ela fala. – Tá bom, então. Mas saiba que qualquer coisa estou aqui, tá? Eu sei que a gente tá meio distante ultimamente, amei que você me chamou para ser sua madrinha, amei que a gente tá se vendo hoje. Aliás, amo você. Você sabe, né, amiga?

Dou um abraço nela e meus olhos se enchem d'água. Nossa, essa aqui, me abraçando, já foi a amiga para quem eu contava tudo. Já foi a pessoa que acompanhou todos os detalhes de quando eu conheci o Felipe, e foi quem, inclusive, confiou em mim a tal ponto de me dar as chaves da casa dela para que eu perdesse a virgindade sossegada. Quero voltar a ter essa intimidade com você, Lu. Quero voltar a ser essa pessoa que conta tudo para você. Não agora. Mas quem sabe mais para frente.

– Nossa, o que eu perdi nessa fila? – a Bia pergunta, chegando toda animada, vendo eu e a Lu saindo do nosso abraço emocionado.

Pegamos nossas bandejas calóricas, o menu saudável da Bia fica pronto e conversamos sobre assuntos variados. O abraço me fez bem, e estou um pouco mais animada. Apesar da minha atual vida dupla (apenas no plano mental, por enquanto), é bom ficar com as duas e saber as novidades da vida delas. A Bia se formou em Direito, está estudando para tirar sua carteira da OAB e está solteirinha de tudo. A Lu está namorando há quase um ano, pensando em morar sozinha e foi contratada pela empresa em que tinha sido trainee durante o curso de administração.

No fim, consegui rir bastante, relaxei com os casos que elas me contaram e, quando as duas falaram de ir embora, me deu um vaziozinho... Queria estar alegre de voltar para casa, mas sinto raiva só de pensar na cara do Felipe!

A gente mal se viu hoje: quando acordei, quase meio dia, ele tinha saído para andar de bicicleta (na véspera, ele me chamou para ir com ele, mas na boa, acordar em um sábado às 7 da manhã para andar de bicicleta, nem se eu estivesse no melhor momento do casamento mais sem crises do mundo). Quando ele voltou e tomou banho, eu ainda estava dormindo, daí quando ele me acordou todo feliz, me chamando para almoçar fora, eu quase pulei da cama assim que vi as horas no celular, por causa do meu almoço/tarde de compras com as meninas.

É, amiga... Depois dessa, acho que infelizmente as dúvidas acabaram, né? Recebendo telefonema da Luma e atendendo clandestinamente? E falando que quem ligou foi o pai... Pode até ser que eles não estejam juntos; mas, no mínimo, estão enrolados...

Eu ouço, no carro, dirigindo de volta para casa, a mensagem de áudio que a Sofia acaba de me mandar no WhatsApp. Ela fala conservando alguma dose de ponderação, como sempre. Impressionante. Clico na outra mensagem de voz que acaba de chegar.

Puxa, amiga, entendo o que você deve estar sentindo agora. Ainda acho que vocês deveriam conversar, mas sério, é mais do que humano sentir raiva e até vontade de fazer o mesmo que ele. Não entendo o Felipe, não dá para entender. Estou com você. Balada terça?

Respondo toda animada, quando o sinal fica vermelho

Pois é, as pessoas são loucas, não só os homens, mas as pessoas, fato! Mas agora tô animada, balada terça, fechou! E sério: vou pegar alguém nessa balada. Não preciso transar no mesmo dia, né, mas poxa, pegar alguém é tão difícil assim? Vou beijar alguém, marcar um encontro e ir levando, torcendo para que o negócio vá para os finalmentes.

Um bom sinal de que o seu casamento não anda lá essas coisas: quando os momentos mais felizes do seu dia são todos com as suas amigas, ao vivo ou até mesmo pelo celular.

9 de junho, segunda-feira, 14h55

Subo o elevador rumo ao andar “dos meninos”, onde vou tomar um café com o Fabinho e a Marcella, a namorada dele. Os dois são muito simpáticos. A gente almoçou hoje em uma mesa enorme aqui do restaurante gorduroso – eu, os dois, e outros jornalistas da minha redação e da *No Gramado* – e engatamos uma conversa só nós três. Combinamos de tomar um café às 3 da tarde para terminar um assunto (que, sinceramente, já nem me lembro qual, mas tudo bem). É bom fazer amigos no trabalho, né!

Chego à máquina do café e eles ainda não estão. No meu andar tem uma

cozinha apertadinha, mas o deles não tem cozinha, só uma máquina ao lado de um bebedouro no corredor. Fico olhando a paisagem cinza lá de fora enquanto espero. Amanhã é o dia da balada decisiva. Preciso no mínimo beijar outra boca para me sentir um pouco menos idiota do que me senti o resto do fim de semana: no sábado, quando cheguei do shopping, mal conseguia olhar na cara do Felipe – e, ao contrário de outras vezes, não me senti culpada por conta disso. Ah, é muito cinismo! Cheguei em casa e ele estava lá todo felizinho, carinhoso e romântico, perguntando se mais à noite eu não queria ir ao cinema, ou quem sabe visitar os meus pais (quer dizer, visitar *ou* meu pai *ou* minha mãe, né. Ô sina essa dos filhos de pais separados).

Acabou que fomos ao cinema. Afinal, se fosse para fazer algum programa com ele, melhor um em que a gente pudesse ficar calado, sem interagir muito. Depois fomos comer alguma coisa e ele passou o tempo todo falando animadíssimo do filme, enquanto eu fiquei mais no estilo “arram”, “sei”, etc. Teve uma hora em que ele perguntou por que eu estava com aquela cara (as pessoas bem que poderiam pendurar uma placa no pescoço, uma placa escrita: “Por que você está com essa cara?”). Daí eu penduraria uma em mim com a frase: “NÃO É NADA” e a vida seguiria sem esse diálogo repetitivo). Respondi que não era nada, que estava com sono, e fomos embora sem dramas. Em casa, não preciso dizer que quase dei um tapa nele quando ele ousou *encostar* em mim cheio de segundas intenções. Dei boa noite e virei para o lado.

No domingo, fomos ao clube de manhã, fazia séculos que eu não ia lá. O Felipe ficou jogando futebol todo feliz, enquanto eu fazia sauna, hidratava meu cabelo e, sobretudo, tentava pensar em outra coisa. Depois fizemos uma *via crucis* pelas famílias... No fim da tarde ele assistiu futebol com o pai dele e eu fiquei lá, conversando com a minha sogra, folheando revistas, mexendo no celular e alternando pela milésima vez pão de queijo/chocolate/pão de queijo/chocolate. Noite sem sexo de novo.

– Oi, Débora! – Ouço o Fabinho e a Marcella dizerem.

Cumprimento os dois e me lembro imediatamente do nosso assunto: as loucuras que a Marcella ouvia quando trabalhava na redação de uma revista feminina, aqui mesmo na editora, a *Mulher Moderna*. No restaurante, ela falou tudo meio sussurrado, e aqui a conversa segue no mesmo tom:

– Eu não poderia deixar de falar da minha chefe maluca que odiava

mulheres. O que era irônico, porque ela comandava, afinal, numa revista feminina – ela diz.

– Acho que agora não precisa sussurrar, ela saiu da editora – diz o Fabinho. – Saiu do jornalismo, aliás, entrou num projeto que não sei bem o que é, organização de festas, eventos, alguma coisa assim, ligada ao público infantil.

– Ah, então ela deve odiar criança – diz a Marcella. – Porque, sério, quando ela era a minha chefe, passava o dia julgando fotos de celebridades mulheres, dizendo coisas como: “Engordou!”, “Tá horrível sem maquiagem!”, “Fracassada!”, “Vagabunda!”, “Velha!”. Eu tinha *medo* de passar por ela e ela ficar fazendo esse tipo de comentário sobre mim. Ai, sou mais feliz escrevendo sobre esportes. Chega de revista feminina para mim.

– Bom, revista feminina não tem que ser assim necessariamente, né? – diz o Fabinho.

– Aqui nesta editora, pelo menos, amor, é assim. Necessariamente.

Eu queria desabafar, falando que a minha chefe pede para as leitoras terem “autoestima” e “gostarem de si mesmas do jeito que são” enquanto ela própria se xinga de todos os nomes quando come meia colher de café de Nutella, mas melhor deixar quieto.

– Gente, tenho que voltar – a Marcella diz. – Tenho uma entrevista daqui a pouquinho.

– Ah, também estou indo... – eu falo.

– Não, não, fiquem aí! Beijo.

Olho para o Fabinho meio sem-graça. Ah, que caipira eu sou, né! Fico sem-graça de conversar com caras que mal conheço, ainda mais caras lindos como o Fabinho. E ele ainda por cima é tímido. Já vi que vamos ficar os dois sorrindo amarelo e...

– Você fica muito bem com esse vestido – ele diz, do nada.

– Er... obrigada – respondo, olhando meu vestido branco. Estou corando, tenho certeza. – Adoro esse vestido. Comprei em uma liquidação.

– Bom, se bem que tanto faz o vestido, né, você é o tipo de mulher que fica bem vestindo qualquer coisa – ele fala, me olhando com aqueles olhos azuis de um jeito desconcertante.

É imaginação minha ou ele está dando em cima de mim? E a gente *acabou* de se despedir da namorada dele... É isso mesmo, Brasil?

– Obrigada... E essas chefes de revistas femininas, hein? Que loucura – eu

mudo de assunto sem a menor sutileza.

– Tô começando a achar que “sem noção” faz parte dos requisitos básicos dos chefes de qualquer revista – ele diz, espirituoso. – Desta editora, com certeza! Mais um café?

Acabo falando que preciso voltar para minha mesa, e preciso mesmo. Hoje teve reunião de pauta e tenho que organizar minha vida para o resto da semana, fazer um cronograma das minhas tarefas para as matérias das próximas edições, tentar já marcar algumas entrevistas, etc. Juro: sei que é cedo para falar, mas eu esperava que a vida de repórter fosse ser *bem* mais legal do que isso.

Me despeço e desço as escadas, pensando na falta de vergonha na cara do Fabinho. Quem diria que ele é mulherengo! Porque, sério, conheço esse tipo: pelo jeito como ele falou do meu vestido, pelo olhar, e principalmente pela mudança brusca de personalidade assim que a namorada saiu de cena... sem dúvida ele é cafa. O pior é que até gostei de ter sido elogiada! Esse é o pior tipo de cafa: aquele que faz a gente se sentir bem. Tem dois tipos: aquele que faz a gente se sentir linda, única e especial, e aquele que faz a gente se sentir um lixo. Esses do tipo um que ainda por cima são lindos, como o Fabinho, nossa, acabam com a vida de uma mulher... Eles perguntam como a gente tá, olham no olho, curtem o que a gente posta, se interessam pela nossa vida, enfim, eles dão atenção pra a gente... Assim como dão atenção para milhares de mulheres ao mesmo tempo, afe! Esse tipo de cara tem um talento! Coitada da Marcella. Pensando bem, coitada de mim! Talvez meu marido também faça o tipo mulherengo, o tipo um ou dois, sei lá como ele trata as outras mulheres... Ai, ai, deixa eu pensar em outra coisa.

Volto para minha mesa e, em vez de começar a marcar as entrevistas logo, acabo escrevendo uma crônica sobre os homens mulherengos. Pronto, mais um texto fresquinho para o meu blog imaginário! Agora, sim, ao trabalho: agendo algumas entrevistas, mando um e-mail (covarde, eu sei, eu deveria ter ligado) para a minha amiga-que-superou-o-divórcio-mas-não-é-bonita-o-suficiente dizendo que a matéria não vai sair porque minha chefe é louca (mas não menciono nada sobre a opinião da minha chefe sobre a beleza dela, claro), enrolo um pouco no computador, vejo que o Fabinho me adicionou em absolutamente todas as redes sociais e curtiu minhas postagens mais recentes. Só o adiciono, não curto nada e deixo pra lá.

Chego em casa não exatamente animada: fiquei feliz de deixar a redação, fiquei feliz no trajeto da redação para casa, em que ouvi música e cantei no carro descontroladamente, mas não curti muito chegar aqui e dar de cara com o Felipe. Sinceramente, preferia ficar sozinha.

– Chegou cedo! Vou começar a cozinhar agora – ele fala, todo animado. – Como foi seu dia? Vamos ver alguma coisa no Netflix?

Puxa, se eu pudesse dar uma resposta sincera, seria: posso pegar o meu prato e ir comer de frente para o computador? Porque a comida dele é bem boa, mas, sinceramente, não estou a fim de interagir. Não depois daquele telefonema dele com a Luma.

– Vamos – respondo, por fim. – Ah, amanhã vou sair com a Sofia, tá?

– Aonde vocês vão?

– Pra balada – falo, sem cerimônias.

– Sério? – ele pergunta.

– Sério.

Silêncio. Então ele me olha com a cara meio fechada e diz:

– Não fico confortável com você indo pra balada sem mim, sinceramente.

Minha vontade é dizer: foda-se, sinceramente.

– Bom, a Sofia está triste porque brigou com o cara com quem ela tava ficando, insistiu muito pra eu ir com ela e eu não tive como recusar – invento. – Ela tá precisando dar uma animada.

– Entendi – ele acaba dizendo, meio seco. – Mas que eu acho estranho, acho. Eu não iria pra balada com o Gabriel sem você. Mil caras vão dar em cima de vocês duas.

Assim espero, penso.

Quando o jantar fica pronto – salada, frango com curry e risoto de queijo, porque claro, tinha que ter um item megacalórico –, ambos melhoramos a nossa cara.

**10 de junho, terça à noite
Hora da escolha deprimente**

– Meu Deus, não pode ser. O que tem de errado com esses homens? Será que é o lugar onde a gente tá ou a safra deu uma piorada? – pergunto para a Sofia, que balança a cabeça, tão desconsolada como eu.

– Acho que as duas coisas, amiga – ela responde.

Estamos em um bar da moda, bonitinho e badalado. Acho que badalado *demais*, esse é o problema! Tem muita modelo, muito cara com jeito de que só sai com modelo e muito gay. Sofia e eu estamos produzidíssimas: ela com um minivestido nude e uma sandália fashion; eu com calça justinha que sempre me deu sorte, blusa de renda e salto. Meus olhos estão perfeitamente delineados e estou até evitando piscar com força. Meu cabelo tá num dia ótimo e o da Sofia está num dia normal para ela, ou seja, está ótimo também. Mas o pessoal faz a linha completamente blasé, como se a gente não existisse.

– Vamos para outro lugar – ela diz.

– Para outro lugar? Tipo, jogar no lixo os cem reais que pagamos para entrar?

Ela me olha com uma cara que soa compreensiva, mas que tem um verniz de “ai, essas preocupações mundanas”. Fazer o quê, se eu não quero ter que pedir dinheiro para o Felipe no fim do mês? Sou a mais pobre das minhas amigas, impressionante.

Decidimos ficar mais um pouco. Depois de uma hora conversando no bar, dois sujeitos acabam conversando com a gente meio que por acaso: não que eles pareçam interessados, não que tenham dado a entender que somos bonitas/atraentes/incríveis ou algo do tipo. Eles só estão esperando a bebida deles e passando o tempo conversando com a gente.

– Também estudei lá! O que você faz? – escuto um deles, o loiro de barba, perguntar para a Sofia.

– A gente tem uma *startup* que desenvolve aplicativos de celular – o outro diz.

– Sério? – pergunto, sinceramente interessada.

E aí eles se empolgam com o próprio assunto e desandam a contar, em detalhes, como o negócio deles foi sendo concebido/cresceu/amadureceu/quase fracassou/quase deu certo/a segunda crise/quase desistiram/o fim da segunda crise/agora está crescendo. Eu e a Sofia passamos vários minutos seguidos só concordando com a cabeça, mas eles não se importam e continuam se comportando como se fossem nossos

entrevistados. O moreno pergunta em determinado momento:

– E aí, como vocês solucionaram isso, vocês me perguntam...

Querido, não estou te perguntando *nada*, tenho vontade de responder.

– Não foi nada simples, vamos esperar as bebidas que a gente senta e eu conto tudo o que rolou, tem que explicar cada detalhe, senão não dá para entender.

Nãããã!!!!!!

Olho para a Sofia, ela olha para mim, cancelamos nossas bebidas e falamos que precisamos ir a um aniversário. Tudo bem, eles são até bem bonitinhos, mas não há beleza que compense essa convocação à força para uma reunião que não me interessa e que não vai contar pontos.

Vamos a pé para outra balada, que a Sofia garante que vai ser muito melhor. Impressionante como eu não tenho mais noção do que está bombando e o que está caído, nossa.

Entramos no lugar e me sinto *bem* melhor. Assim que cruzo a porta, ouço tocar uma das minhas músicas preferidas e, se isso não é um sinal, não sei o que é. Confiro se minha aliança está guardadinha na bolsa: sim, está. Peço uma Coca-Cola, Sofia pede uma bebida azul linda e exploramos o ambiente. É um lugar bem gostoso, que existe já há algum tempo, já ficou quase tradicional. Olhamos, recebemos *muuuitos* olhares de volta (*thanks*, rapazes), terminamos nossas bebidas e agora estamos na pista, dançando mais uma das minhas músicas preferidas. Mas foco, Débora! Você não veio aqui só para dançar.

– Estou aqui pra beijar, Sofia, preciso de foco – sussurro no ouvido dela, na música seguinte.

– Eu sei, ué! O que você quer, um crachá?

– Estou mentalizando: vou beijar, vou beijar, vou beijar. Estou mandando isso para o universo e é isso que o universo vai me mandar de volta!

– Fala para o universo me ajudar com meu freela se ele tiver um tempinho? O cliente não aprova nada que a gente manda, um saco!

Finalmente, três músicas depois, um cara aparentemente muito feliz passa sorrindo por nós, volta sorrindo, para e começa a conversar e a dançar com a gente. Leonardo é o seu nome. Aparecem mais dois amigos dele, todos muito simpáticos, um grupo homogêneo em termos de beleza – nota 7 para cada um. Mas eu não facilito muito, nada acontece, eles se despedem com um “a gente se vê por aí” e seguem seu caminho.

– E aí? Cadê o foco? – a Sofia me pergunta, gritando no meu ouvido, o único jeito de conversar aqui.

– O que você queria? Que eu pulasse no pescoço de um deles? Não rolou.

– Mas eles eram fofos!

– Ah, mas sei lá, não deu o *click*, sabe?

– Débora, você tá procurando alguém pra transar ou pra casar? Porque casar você já casou, amiga.

Suspiro e continuo dançando, pensativa. Ela tem razão. Preciso não só de um carinho para beijar, mas de um cara para transar, é verdade. Mas ele não pode ser qualquer um! Preciso me sentir atraída por ele. Imagina, a ideia é *transar* com ele! Como pode ser um cara que não abale as minhas estruturas, pelo menos um abalozinho básico, digamos no grau 4 da Escala Richter? Amo meu marido, infelizmente. Não é fácil me sentir atraída por qualquer um!

– Olhei bastante pra todo lugar e cheguei à seguinte conclusão – um cara me diz do total e absoluto nada. – Você é a mais linda da balada.

Nossa, é sério isso? Que coisa mais cafona, meu Deus do céu. Mas ele até que é charmoso. A Sofia me lança um olhar encorajador. Vamos ver se melhora daqui para a frente.

– Oi, tudo bem? – respondo, soando mais formal do que pretendia.

– Hmm e a lindeza fala! – ele diz. Ok, de cafona está enveredando para o campo do hilário. Continuemos para ver onde isso vai dar.

– Meu nome é Débora, e o seu?

– Luan. Eu sou ator.

Aaa, mais um sujeito igual aos da *startup*, só que na versão artística. Nada contra falar sua profissão, sério mesmo, faz parte... Mas de um jeito muito detalhado, como foi antes, no bar, ou extremamente aleatório, tipo agora? Afe, preguiça. Eu nem tinha perguntado qual era a profissão dele!

– Fiz uma novela – ele continua, apesar do meu silêncio.

– Que legal! – falo, tentando passar alguma animação. – Seu papel tinha alguma fala? – pergunto, soando mais sarcástica do que pretendia.

– Tinha duas – ele responde, sério. – E você, o que faz?

– Sou jornalista.

– Que bacana! Trabalha em alguma revista?

– Adivinhou, trabalho na *Joy* – eu respondo, ele franze a sobrancelha e eu constato, triste, que ser jornalista e trabalhar na *Joy* é meio que equivalente a

ser ator e ter um papel de duas falas.

– Quer dançar?

– Estamos dançando.

– Nossa, você é sempre mal-humorada assim?

De onde ele tirou isso? Só comuniquei a ele o que a gente tá fazendo, não estou mal-humorada! Odeio esse tipo de cara que mal te conhece e já vai te analisando e rotulando.

– Nossa, e você é sempre *chato* assim? – devolvo.

Ele revira os olhos e sai. A Sofia me lança um olhar inquisidor. Puxa, ainda nem arranjei um amante, mas arranjei rapidinho minha primeira D. R. extraconjugal. Ah, que cara chato! Imagina sair com ele? Deus me livre.

Continuamos dançando quando um cara *lindo* começa a dançar perto da gente, com uma boa média de olhares: cerca de quinze segundos entre um olhar e outro – sim, considero importante um certo intervalo entre os olhares, para a coisa toda ficar no modo “que interessante” em vez de “que medo”.

– Ah, esse não serve para ser seu amante, Débora – a Sofia me fala, quando percebe minha animação.

– Ué, por que não?!

– Porque *eu* gostei dele!

– Sofia, eu preciso de alguém que me atraia pra valer, e esse cara se encaixa totalmente!

– Mas você só vai *usar* o cara, Dé, serve um menos bonito – ela diz. – Esse é *meeeu*!

Reviro os olhos, o cara se aproxima, e a nossa quase discussão acaba, porque ele decididamente se interessa pela Sofia. Mal me cumprimentou direito, o mal-educado. Bom, vou continuar dançando.

Depois de umas três músicas, quando eu já estou tão empolgada (ou seja, desfocada) que até me esqueci do plano, um cara bem bonitinho começa a me olhar. Busco apoio da Sofia, mas ela não está mais aqui. Hum. Olho de volta para o cara. Ele me olha de novo. Olho de volta. Ai, o intervalo entre os olhares até que está bom, mas isso cansa. Quando você está solteira esse tipo de coisa é divertida, mas quando você está casada e só quer arrumar alguém para se vingar do seu marido, sabe, você se pergunta: *querido, isso vai dar em alguma coisa ou você pode, por favor, ceder o lugar para alguém que vai tomar alguma atitude?*. Se bem que *eu* poderia tomar uma atitude, né. Ai, ai, a velha discussão: devo esperá-lo tomar uma atitude? Estou sendo machista?

Faço alguma coisa? Bom, independentemente de teorias, não vou tomar atitude nenhuma. Se ele quiser falar comigo, ele que venha e...

– Oi – ele diz, aparentemente sóbrio, o que conta pontos a essa hora da madrugada. Meu Deus, tenho que voltar pra casa, sou casada... Ok, Débora, concentre-se.

– Oi! – respondo, simpática.

– Qual é o seu nome?

– Débora. E o seu?

– Matias. – Ai, penso. – É um nome feio, eu sei.

– De jeito nenhum, é fofo! – digo. Estou sempre querendo agradar os outros, impressionante. É um defeito meu em que preciso trabalhar. O nome dele é feio mesmo, ué, ele que conviva com isso!

Ele sorri e dançamos um pouco. Acho que fui com a cara dele. Cabelo preto, só um pouco mais alto que eu, bem moreno, olhos castanhos puxadinhos, pele linda, sorriso perfeito. Cara de gente legal. Uma música um pouco menos agitada começa e ele se aproxima colocando as mãos na minha cintura, num movimento tipo “vamos dançar juntos”. Sinto um arrepio bom. Sorrio e balanço os quadris.

Ele chega mais perto de mim, ainda com as mãos na minha cintura. Ai, meu Deus, estou ficando meio tensa. Meu celular vibra na bolsa. Deve ser uma mensagem do Felipe. E eu aqui, com as mãos de outro cara na minha cintura, dançando e com as emoções divididas... Estou gostando, sim, estou gostando, mas estou com o coração acelerado de nervosismo. Tipo, faz quanto tempo que outro cara não coloca as mãos na minha cintura ou dança assim pertinho de mim? Ele aproxima o rosto e passa a mão no meu cabelo. Agora ele está com as mãos no meu rosto, ai, acho que vou desmaiar! Cadê a Sofia? Bom, não adianta me enganar. Agora é o momento do beijo. Ele aproxima o rosto do meu, estamos naqueles segundos-explosivos-antes-do-beijo-que-ambos-sabemos-que-vai-rolar e...

Pronto, estamos nos beijando.

Fecho os olhos e deixo acontecer.

Gosto do beijo, mas não posso dizer que rolou uma superquímica. Sei lá, achei o gosto da boca dele meio *estranho*, mas tudo bem.

– Vamos lá pra fora? – ele diz.

Estou meio aérea e só consigo responder:

– Hã?

– Tomar alguma coisa, conversar – ele diz, me dando mais um beijinho.

Saímos da pista de *mãos dadas*. Gente, esse cara faz o gênero “pra casar”, e eu aqui, já casada. Sinceramente, estou meio perdida com isso tudo. Nem sei o que fazer, nem como me comportar! Eu vou pra cama com esse cara? Tipo hoje? Ah, não, hoje não quero. Ele é uma graça, mas estou me sentindo zero à vontade! Tudo muito rápido! Precisamos sair mais algumas vezes e... Eu, espera, o que estou dizendo? Eu quero só alguém para ir para cama comigo ou quero envolvimento? Tipo, não estou *namorando* esse cara, meu objetivo com ele é puramente sexual. Ai, por que é tudo tão difícil? Queria *tanto*, pelo menos neste momento, ser uma mulher moderna, descolada, *cool*, que conhece um cara numa noite, transa com ele nessa mesma noite, se diverte e tudo bem! Mas não adianta, não sou assim. Preciso de um tempo a mais, preciso me sentir mais íntima da pessoa... Ai, como sou cafona, mas esta é a verdade. Mas puxa, digo a mim mesma, tudo bem que não sou assim moderninha, capa da revista *Mosby* e tudo mais, mas *estou* assim, certo? É o que combinei comigo de fazer, certo? Ir pra cama com outro cara. E talvez eu esteja com essa oportunidade diante dos meus olhos. *Certo?*

– E você? Toma o quê? – ele me pergunta, no bar.

– Ah... Pode ser uma caipirinha de saquê.

– De quê?

– Hã? De saquê, ué.

– Mas de que fruta?

– Ah, tá. Morango. Tem?

Ai, preciso me acalmar, tô muito nervosa. Mais uma dessas e ele vai achar que sou completamente estúpida e aí vou ficar sem opção de ir mais além com ele ou não.

Enquanto ele pega as bebidas, olho meu celular: é mesmo o Felipe, perguntando se eu demoro e mandando um coração. Suspiro e não respondo. Ah, me sinto uma falsa respondendo! Já basta ter acabado de beijar um cara, o... Qual o nome dele, mesmo? Ah, é, Matias. Puxa, eu queria não me importar tanto com o Felipe. O cara me trai, fica sussurrando pela área de serviço da nossa casa com outra mulher, durmo sentindo um ódio mortal dele desde que ouvi esses sussurros e *mesmo assim* fico me sentindo uma vaca por dar *um beijo* em outro cara na balada. Sou tonta, é isso. Sou uma tonta.

Bom, posso até ser meio tonta, mas essa sou eu.

O Matias pega as bebidas, nos sentamos num banquinho e começamos a

conversar. Ele é mesmo bem fofinho. Falo um pouco sobre a revista, ele fala do trabalho dele como advogado e me distraio refletindo: nossa, pensando bem esse cara é tão fofo que com certeza não vai dar nenhuma ideia do tipo “e se a gente fosse para o meu apartamento hoje?”. Fico meio assim de *eu* me jogar em cima dele – ai, ainda mais neste momento, que ele começou a falar do trabalho voluntário que faz numa instituição para crianças carentes. Como eu interrompo a frase: “E eu acabo me apegando muito às crianças”? Com: “E aí, vamos para um motel ou pra sua casa?”. Não dá!

Talvez eu devesse investir em caras com grau menor de fofura.

– Você mora com quem? – ele pergunta.

Respondo, gaguejando, que moro sozinha. Gênia, Débora, parabéns. Quis se fazer de descolada em vez de mentir falando que ainda mora com os pais, e agora? O que você vai fazer se ele se oferecer para ir à *sua* casa? Pensa rápido, pensa rápido: dedetizando. É isso, minha casa imaginária onde eu moro sozinha está dedetizando.

– Pretendo sair da casa dos meus pais este ano – ele responde, depois de um breve momento de parabenizações do tipo: que legal, você mora sozinha, como é, hein, que bacana...

Ele começa a falar sobre os planos dele e... Espera, o que é isso? O Gabriel está ali? Não, não pode ser, é muito azar. O superamigo do Felipe não estaria nessa balada nunca. Meu Deus, é ele mesmo!!! Nossa, o que eu faço, o que eu faço? Ele não pode me ver com outro cara! Tipo, ele é bem próximo do Felipe, ele é vizinho do meu pai, ele sabe que eu e o Felipe somos casados, ele *foi padrinho do nosso casamento!!!*

– Você tá bem? – o Matias me pergunta.

– Estou, estou... É que vi alguém que...

– Seu ex, acertei?

– *Meu ex!!!* – respondo, abençoando aquela ideia. – Você se importa de a gente ir para outro lugar?

Ele concorda, nos levantamos e ele *pega na minha mão*, meu Deus, o que esse homem tem? Vamos para a direção oposta ao Gabriel, mas estou nervosa demais, o que é isso?

– Amiga, finalmente nos encontramos! – a Sofia diz, se aproximando de mim, e imediatamente me sinto mais calma.

– Vai ao banheiro comigo? – digo.

– Acabei de sair de lá.

– *Vai ao banheiro comigo!!!* – repito, levemente histérica. O Matias franze as sobrancelhas, puxo a Sofia pela mão e vamos até um banheiro longe da pista, relativamente tranquilo. Fico o caminho todo olhando para os lados, como se eu fosse uma criminosa. Nossa, já pensou se o Gabriel me viu com o Matias? Espera, será que ele viu a gente e não estou sabendo?

Tensa, pego o celular para ver se tem uma mensagem do Felipe do tipo “Gabriel me contou tudo, Débora, acabou”. Ufa, não tem nada. Nossa, o que eu estou fazendo da minha vida?

– Conta tudo – a Sofia fala, assim que nos fechamos no reservado.

– Aquele cara com quem eu tava conversando... A gente se beijou.

– *Jura!!!* Nossa, Dé, ele é uma graça, arrasou!

– Sofia, você não tá entendendo! O *Gabriel* tá aqui, o Gabriel-amigo-do-Felipe!!!

– *Não!!!*

– Sim!!!

– Ele te viu com o outro carinha?

– Acho que não, mas não tenho certeza! Ai, tô tão nervosa!

– Puxa, amiga, foi vacilo nosso. Se for trair, tem que trair direito! Entre quatro paredes...

– Essa coisa toda de traição é muito nova pra mim!

– Pra mim também! Você pode ter certeza que é a primeira vez que uma amiga minha se casa e decide arrumar um amante para se vingar do marido. Vamos pensar...

No fim, decidimos ir embora imediatamente, dando o perdido nos caras: eu no Matias, ela no carinha dela – eles não chegaram a ficar, mas estava rolando toda uma conversinha mole, um papo de marcarem um bar qualquer dia desses, etc.

Saio do banheiro concordando com ela, mas emperro na volta: *preciso* cumprimentar o Gabriel. Preciso ver se a expressão facial que ele fizer quando me ver vai estar mais para surpresa, tipo “Débora, você por aqui?” ou de repreensão e censura, tipo “Ahá, soltou seu amante e veio me cumprimentar, sua traíra? Eu vi tudo!”.

– Nossa, que curso a gente tem que fazer para identificar essas expressões faciais com tanta precisão? – a Sofia me fala, quando conto essa minha necessidade.

– A gente vai saber, tenho certeza. Pela cara que ele fizer, pelo tom que

usar, a gente vai sacar se ele acabou de me ver aqui ou se já viu e está chocado.

– Amiga, deixa disso, vamos embora, vai...

– Sofia, você não tá entendendo. Não vou conseguir ir embora com essa dúvida! Viver em dúvida é a pior coisa que existe, sério. Se ele me viu, prefiro saber logo do que viver com *medo* do Gabriel daqui em diante! Viver pensando: “Ai, será que ele viu? Será que ele já contou para o Felipe? Será que é por isso que o Felipe está estranho hoje?”. Eu me conheço, eu vou ficar assim!

Ela suspira entre impaciente e tentando ser compreensiva, e saímos em busca do Gabriel pela balada, o que não vai ser fácil, já que este lugar está cada vez mais cheio e eu não me lembro da cor da camisa dele. Não vemos ele em lugar nenhum, mas, em compensação, vemos o Matias e o Lucas, o carinho da Sofia, não uma, mas duas vezes.

– Olha ele ali! – falo quando finalmente o vejo, no bar.

– Onde?

– Ali, de camisa branca, conversando com uma morena. Vamos lá, vem!

– Tem certeza de que é o Gabriel? – ela pergunta.

– Claro, ué!

Nos aproximamos do cara de camisa branca, e adivinha? Não é o Gabriel. É só um cara muito parecido com ele. Ou talvez nem tão parecido, mas que se transformou em muito parecido por causa do meu medo/sensação de culpa/imaginação sem limites, etc.

– Vamos pra casa, Déb – a Sofia diz, vendo a minha cara de decepção.

Tanto estresse em quase uma hora de busca para isso. Bom, pelo menos vou voltar para casa com a certeza de que não fui vista.

11

17 de junho, terça-feira do marasmo

Uma semana se passou desde a balada-do-Matias-e-do-Gabriel-fake e é hora de avaliar o quanto meu plano de ir à caça de um amante avançou do altar até agora: NADA.

Uau, foi uma avaliação rápida. Mas é isto: tirando o beijo no Matias, nada aconteceu. E o pior é que, depois do episódio área de serviço/sussurros no telefone, tenho mais raiva do meu próprio marido do que nunca.

Está cada vez mais difícil dormir ao lado dele, jantar ao lado dele, respirar o mesmo ar que ele! Minha sorte é que ele está nos momentos finais de um projeto e trabalhando *muito* nos últimos dias. Então, nesta semana e no fim da semana passada, não reclamou muito das minhas saídas frequentes/cara amarrada/olhar seco e cortante, etc.

– Débora, como está o teste? – a Bruninha me pergunta.

Ai, o teste. Verdade. Tinha me desfocado totalmente das minhas tarefas e entrado na minha própria cabeça, o lugar em que, aparentemente, mais gosto de ficar. Suspiro e volto a olhar para o computador. Agora é meio-dia e marquei de almoçar ao meio-dia e meia com o Fabinho e com a Marcella. Apesar de eles serem um casal e eu não curtir muito a ideia de segurar vela, tenho me divertido cada vez mais com eles. Estamos ganhando intimidade e gosto disso.

Enfim, vamos terminar logo esse troço, que é um teste que a louca da Bruninha me passou de última hora, sendo que eu nunca tinha escrito um teste na vida. E ela ainda me pediu para definir o tema! Minha preguiça acabou falando mais alto, confesso, e escolhi um não muito original. Não que eu me orgulhe do modo como estou conduzindo essa tarefa; sinceramente, se eu pudesse apertar um botão, eu queria estar numa revista feminina mais

inteligente, mais bem-feita, mais interessante, motivadora e instigante do que esta. Ontem, antes de dormir, até pensei se é o caso de eu já sair disparando currículos por aí. Mas tem a questão de aproveitar meu tempo aqui para ganhar *experiência*, porque acabei de ser contratada. Ontem, eu tinha pensado em ficar pelo menos mais quatro meses, mas acho que seis é melhor, dá mais credibilidade.

Escrevo mais algumas perguntas e deixo para terminar depois do almoço, pois o Fabinho acaba de me avisar pelo Skype que está descendo. Estranho o “está” em vez de “estamos”, já que ele vai com a Marcella, mas tudo bem, o Fabinho é mesmo o tipo de cara que não usa muito o pronome “nós”.

Desço e chego à portaria do prédio, e vou logo cumprimentando o Fabinho.

– Oi – digo, dando um beijo na bochecha dele, que está sozinho. Ô homem cheiroso, meu Deus. Lindo E cheiroso! – Cadê a Marcella?

– Ficou enrolada, vai comer um sanduíche na frente do computador mesmo. Agora você vai ter que me aturar! – ele diz, rindo.

Também rio, só que de vergonha. Certeza que ele vai dar em cima de mim no almoço, mais sutilmente ou mais “cara de paumente”, certeza! Suspiro torcendo que seja mais para sutil. Passando meu crachá na catraca, ainda tento arranjar mais uma companhia para o nosso almoço:

– Luca, almoça com a gente! – grito quando o Luca passa. Olha o nível do meu desespero, chamar o desagradável do Luca! Ele me olha com uma cara de “morra” e diz que precisa subir. Ele tem esse olhar do nada, é dessas pessoas que vira e mexe te olham com jeito de “nunca gostei de você”.

Bom, vamos ser só eu e o Fabinho, mesmo. Nossa, sou muito caipira/careta, só eu para ficar sem-graça com o simples fato de almoçar com outro cara, só nós dois. Ainda mais desde que comecei a ter essa certeza cada vez maior de que ele dá em cima de mim – e das quarenta mulheres do andar dele, claro.

Quando chegamos no restaurante, já estou (um pouquinho) mais descontraída. Nunca vim aqui antes: é um restaurante cubano bem simpático, com mesas de madeira escura com toalhas vermelhas, simples, mas descolado. Sentamos, fazemos nossos pedidos e conversamos sobre como ele começou a carreira de jornalista. O Fabinho é uma dessas pessoas com trajetórias de vida incomuns, meio que fragmentadas. Tipo: quando se formou em jornalismo, foi viajar pelo mundo. Voltou e foi trabalhar não

como jornalista, mas como gerente de uma loja de artigos esportivos enquanto fazia uma especialização. Pegou um freela aqui e outro ali, trabalhou por um tempo num jornal impresso, na editoria de cidades, mas queria mesmo cobrir esportes. Largou a loja, abriu um negócio de camiseta com os amigos e foi contratado pela *No Gramado*.

– E você? – ele pergunta, enquanto beliscamos uma batatinha apimentada antes dos nossos pratos chegarem.

Começo a contar sobre a faculdade, que eu sempre gostei de revista. Ele comenta sobre o irmão, que também sempre gostou de revista, mas acabou fazendo publicidade e, enquanto ele fala do curso, acabo prestando mais atenção no seu rosto do que no que está falando. Realmente, o Fabinho é *muito* gato. Não bastasse esses olhos, tem o sorriso lindo e um cabelo incrível. Pela camiseta cinza, certinha no corpo, e a calça jeans com caimento perfeito, dá para reparar que faz o tipo magro e definido, que eu amo. E ele tem uma vooooz... E tem um chaaarme... Concentre-se, Débora. Acene com a cabeça de vez em quando para mostrar que você está prestando atenção.

Os pratos chegam e começo a atacar, ou melhor, a comer elegantemente e com graça a lagosta e a salada bem diferente que ainda não descobri do que é. Fabinho volta a falar sobre o negócio das camisetas, interrompe o almoço para mostrar no celular as fotos de algumas estampas e, quando ele estica o braço em minha direção, só consigo pensar mais uma vez: ai, meu Deus, como esse homem é cheirososo! Nossa, o que está acontecendo comigo? Recapitulando as condições em que você se encontra, Débora:

1) Você é *casada*. Mas até aí tudo bem, porque paralelamente você está em busca de alguém.

2) Ele é do seu *trabalho*. E onde se ganha o pão não se come a carne, certo? Ou onde se ganha o pão se pega a carne e se faz um belo sanduíche? Bom, só sei que não posso ter nada com um cara que trabalha na mesma editora, no mesmo prédio, que eu. Ou posso? Eu vou ser demitida se isso acontecer? Relações entre funcionários não estão vetadas pelo código de ética da editora? Mas existe um código de ética? Nunca vi.

3) O Fabinho tem *namorada*, simpática e linda, por sinal. E ela está lá tranquila, trabalhando enquanto a gente almoça, porque é uma mulher bem-resolvida e porque *confia* em mim (ou porque sabe que é muito mais linda do que eu e talvez eu não ofereça ameaça, mas vamos tentar evitar a baixa autoestima). E ele é simpático comigo, mas sei lá, agora tô na dúvida se ele

está mesmo dando em cima de mim e... Espera!

4) Ele é um falso-tímido canalha que neste momento está pegando na minha mão e me olhando com um olhar matador, enquanto fala sobre a última matéria que escreveu, de um jeito que me faz ter certeza de que está, sim, dando em cima de mim!

Sorrio, sem graça, e retiro a mão. Ok, vamos admitir, me sinto atraída por ele e não seria nenhum esforço pular em cima neste momento, ao contrário do que foi beijar o Matias. Mas é só pensar na Marcella que sossego o facho, como diz minha mãe. Esse cara não serve para ser seu amante, digo a mim mesma, resignada.

Como a sobremesa com má vontade: uma fatia sem graça de abacaxi que estava incluída no menu executivo e volto caminhando com o Fabinho sob o sol. Quando atravessamos a rua para entrar na editora, ele toca meu ombro para me proteger do carro maluco que está vindo na faixa de pedestres, e eu estou dividida entre achar fofo e desfrutar a *mega* tensão sexual que estou sentindo.

Nos despedimos no elevador e entro no banheiro suspirando. Puxa, esse almoço foi um fiasco: antes, eu só achava o Fabinho lindo, e agora, além de achá-lo mais lindo do que nunca, estou superatraída por ele.

Foco, Débora, digo a mim mesma. Preciso de um amante tão lindo quanto o Fabinho, mas que esteja disponível e que não trabalhe comigo. Preciso e *rápido*.

Em casa, me sinto cínica com o Felipe, sendo que tudo isso começou por culpa dele, mas ok, não vou me sentir culpada por ser quem eu sou: não gosto de ser falsa assim, apesar de ele merecer e apesar da raiva que sinto. Preciso arranjar um amante e resolver tudo isso logo.

Ainda bem que combinei com a Sofia uma imersão no Tinder nesse sábado. Chegamos à conclusão de que é mais prático usar o aplicativo dela do que eu criar todo um perfil fake no Facebook e tal. Mal posso esperar!

21 de junho, sábado

Hora de acordar

Olho o relógio: 9 horas da manhã. Olho para o lado: o Felipe não está na cama. Respiro fundo. Será que hoje é o dia em que finalmente vou resolver essa questão pendente na minha vida que é arrumar um amante?

Fecho os olhos, pensando em quando isso tudo vai acabar, e mais ainda: no que eu vou fazer quando isso tudo acabar. A ideia é dar um jeito de o Felipe me ver na cama com outro cara, ok? Mas e na sequência, faço o quê? Deixo ele esgoelando em casa, pego minhas coisas e volto para a casa da minha mãe? Não, isso não. Até que gostava de morar com ela e com a Bárbara, coitadas, mas, depois de já ter experimentado o gostinho de sair de casa, a ideia de voltar me parece um grande retrocesso. Será que, enquanto busco um amante, toco em paralelo um projeto de morar sozinha? Puxa, mas meu salário é tão mixuruca, minha vida ficaria apertada. E, para piorar, não me vejo trabalhando na Joy por muito tempo, e se eu sair de lá, aí que não vai dar para morar sozinha mesmo! Sem contar que...

Não sei se estou preparada para sair desta casa, onde moro com o homem com quem planejei tanto me casar. Que é o cara da minha vida. Ai, ai. Nada é mais sem sentido do que o cara da sua vida sair da sua vida.

Mas ser pega no flagra é algo que eu *preciso* fazer para ficar “quites” com a traição dele. É algo de que preciso para minha autoestima, para minha autoimagem, para minha dignidade!!! Não tenho certeza de nada. Nossa, acordei cheia de questões hoje! Chega de ficar pensando na cama. O negócio é espreguiçar e levantar para a vida, porque isso de enrolar muito na cama antes de levantar é coisa de quem está sem problema nenhum.

– Finalmente acordou, hein, dorminhoca? Bom dia! – O Felipe entra no quarto carregando uma bandeja.

– Nossa, café na cama? – digo, me sentando. Acho meigo. Em todo o nosso relacionamento, é a terceira vez que ele me traz café na cama... Não que eu esteja contando. O que quero dizer é: é uma atitude fofa, especial.

Ele se senta ao meu lado e começa a passar manteiga no croissant. Está tudo lindo: tem uma cestinha com minicroissants e outros pãezinhos, queijo, peito de peru, manteiga, uvas, duas xícaras e um bule, além de pratinhos e do açucareiro. Ele caprichou.

– Eu estava aqui pensando – ele diz, comendo pão com queijo. – Depois do café, a gente podia andar de bicicleta, que tal? No parque.

– Hummm... preguicinha – respondo. Acho a *ideia* de andar de bicicleta uma coisa linda, mas pegaaar a bicicleta, pedalar nesse soooooool, ficar toooda suada... Me dá preguiça.

– Ah, vaaamos – ele diz, beijando o meu pescoço.

– Ah, não – respondo, pegando mais um croissant e, sem querer, afastando meu pescoço dele.

– Então o que você sugere para o nosso dia? – ele pergunta. – Quer ir para o clube? Visitar alguém? Se bem que, sei lá, acho que hoje eu queria ficar só com você, a gente está tão distante nos últimos dias. E se a gente almoçar fora e depois for ao cinema na sequência?

– Sabe o que é, Felipe, é que...

– Putz, tive uma superideia agora! Vamos pegar o carro e ir para o interior? Sei lá, uma cidade com cachoeira, um hotel bem gostoso pra casal... A gente volta amanhã à noite. Vamos dar uma olhada no Google? O que você acha? – ele pergunta, todo animado.

– Felipe... – eu corto. – Depois do café, vou encontrar a Sofia. E combinei de almoçar com ela.

Ele fica alguns segundos em silêncio, me olhando com a maior cara de decepção do mundo.

– Você pretende passar algum final de semana comigo? – ele pergunta, meio ríspido. – Assim, algum final de semana com programas de casal? Como os que a gente fazia quando namorava. Quando você tinha preguiça de andar de bicicleta, mas acabava pegando a droga da bicicleta...

– Ok, calma, Felipe...

– ...meio contrariada, mas depois acabava gostando, e às vezes, no parque, eu falava pra a gente almoçar e você falava pra a gente andar mais um pouco. E aí a gente ia para algum restaurante, você ficava um tempão escolhendo, você tinha o maior interesse em conhecer lugares ou planejar programas comigo...

– Eu ainda... Eu... Teve aquela sexta em que a gente jantou no Pedro e na Júlia, o fim de semana com os seus pais... – lembro, meio tensa.

– Espera, qual sexta? Aquela em que você ficou com a cara amarrada durante o jantar inteiro? Qual dia com os meus pais? Aquele em que você ficou conversando com a minha mãe e me evitando o tempo todo? E sexo, Débora? E se a gente começar a falar do que tá acontecendo quando o assunto é sexo?

Ih, ferrou.

Alguns instantes de silêncio. Ele fica um tempo calado, parece que tentando organizar os pensamentos, medindo as palavras ou sei lá... E então ele deixa a bandeja na cama bruscamente e se levanta.

– Deixa pra lá – ele fala, indo para a sala.

– Deixa pra lá o quê? – pergunto, indo atrás dele. Nossa, o que estou fazendo? Melhor encerrar essa discussão, que não vai dar em nada. Ou será que aproveito de uma vez por todas para falar que sei de tudo dele com a Luma e...

– Você não é mais a mesma – ele fala. Você mudou completamente depois que a gente casou. Não me liga ao longo do dia, não quer saber como eu estou, não planeja nada pra a gente, como você fazia...

– Nossa! Coitadinho de você, né? – falo, agora irritada. – Que vítima!

– Não tô me fazendo de vítima, pô, não tem essa de vítima, só tô falando que parece que você não tá nem aí pra construir uma vida comigo, um dia a dia. Você fica no seu mundinho, fazendo as suas coisas, me evitando, me cortando, sei lá!

– Você tá exagerando!

– Você nem parece que tem mais tesão por mim! Quando a gente transou pela última vez, me fala?

– Para de contar quantas vezes a gente transa ou deixa de transar, que coisa chata!

Minha vontade era dizer: sabe, eu morria de tesão por você quando eu achava que você só transava comigo!!!

– Não é questão de contar, Débora – ele fala. – É questão de querer ficar com a mulher com quem eu me casei e ela estar tão focada nas próprias coisas que nem percebe que eu tô em casa, ou ao lado dela na cama, ou chamando ela para andar de bicicleta, ou...

– Ai, isso não vai dar em lugar nenhum – digo, sentando no sofá. Estou muito, muito confusa. Não queria brigar com ele. Não queria começar meu sábado com uma discussão estressante, não mesmo! É horrível começar o dia assim. Mas não sinto a menor vontade de consertar as coisas entre nós, pelo menos, não agora! Talvez eu sente para conversar com ele depois de *tudo resolvido*. É isso: preciso retomar o foco. Preciso ficar com alguém e depois ver o que faço. Agora, não dá. Eu não sei quem é esse homem!!!

– Eu te amo – ele fala, sentando ao meu lado. – Você me ama também?

Você gosta de ter casado comigo?

Resposta sincera: *Mais ou menos*. Mas digo apenas:

– Gosto. Desculpa. Vou tentar mudar.

Ele sorri e me dá um abraço. Homem precisa de respostas práticas, impressionante, né? Eu jamais me contentaria com essa resposta. No lugar dele, eu continuaria a discussão: “Mas você tem certeza? Você gosta *mesmo*? E me ama *de verdade*? Então de onde veio essa frieza?”. Mas a expressão dele é de alívio.

– Vai encontrar sua amiga. Você já combinou com ela – ele diz. – Vou tentar ver se alguém vai jogar futebol. Mas sábado que vem é nosso.

– Combinado – respondo, torcendo para que até semana que vem eu já tenha um amante, já tenha armado um flagra. Ai, sou louca? Pode ser. Mas preciso ir adiante com isso!

A gente se beija e, antes que os carinhos evoluam, digo que vou tomar banho. Ele faz uma cara de “queria transar, mas ok, acabamos de brigar e vou dar um tempo para você se reestabelecer emocionalmente” (ok, posso ter viajado um pouco). Depois do banho, a gente se despede: ele vai para o clube, eu vou para a casa da Sofia.

Entro no sobrado, tentando segurar um pouco a baba. É a segunda vez que estou aqui, porque não faz muito tempo que a Sofia se mudou para cá, e na primeira fiquei tão obcecada em elogiar cada detalhe que uma das meninas que mora com ela perguntou se eu estava visitando minha amiga ou procurando um quarto para alugar. A decoração não é nada luxuosa, pelo contrário, é super *cool*. Uma casinha bem antiga por fora, mas, ao mesmo tempo, charmosa. Em cada cantinho você encontra uma fotografia descolada, um papel de parede surpreendente, uma mesinha-comprada-no-México ou qualquer coisa assim que faça a gente morrer de inveja, quer dizer, de admiração.

– Onde as meninas estão? – pergunto, na cozinha, onde a Sofia pega alguns biscoitos de um pote lindo para a gente levar para o quarto...

– A Fabrícia saiu para não sei onde, a Paulinha tá no quarto dela corrigindo prova... Ela é professora, não sei se já te falei, dá aula de português para o ensino médio e está atolada. Mas tudo é mais fácil quando a

gente ama o que faz, né? E ela ama dar aula.

– Esse espelho é novo – falo, quando entramos no quarto dela. Não que eu esteja reparando ou desejando cada item desta casa.

– Comprei em uma feirinha em Havana, mas estava lá na casa da minha mãe – ela diz, sentando na cama. Ai, a Sofia é tão descolada, impressionante. Quer dizer, ela é uma pessoa bem simples e tal, e é minha amiga mais próxima do mundo, mas que é descolada, é. Às vezes me pergunto se a minha roupa tá combinando com ela.

– Juro, se no fim das contas eu terminar com o Felipe, eu me mudo pra cá, tá?

– Ai, eu ia amar! Mas só se a Paula sair. São três quartos, o meu, o da Paulinha e o da Fabrícia e...

– Eu durmo no chão!

Ela ri e revira os olhos. Ah, pra que pagar de cool para minha própria amiga, né? Eu quero morar nesta casa, aqui é perfeito, é só entrar aqui sinto que a minha pele tá linda, que meu cabelo tá mais bonito e até que a sapatilha velha que eu estou usando parece *vintage*!

– Agora você tá com uma carinha melhor – ela diz, pegando o celular. – Quando fui lá fora abrir o portão, pensei que você ia chorar!

– Ah, é que briguei de manhã com o Felipe. Mas não quero falar disso, amiga, senão vou chorar e eu estava tão animada para esse momento Tinder, sabe.

Ela encosta no meu ombro e adivinha? Uma lágrima cai.

– Mas o que aconteceu? – ela quer saber. As amigas nunca aceitam um “não quero falar disso”, né, impressionante. É uma mistura de solidariedade com curiosidade.

– Vou falar brevemente: não estou dando atenção para ele e ele ficou puto.

– Bom, nem sei o que dizer, né? Você se colocou numa situação muito difícil...

– Ai, agora não...

– De casar com ele *sabendo* que ele te traiu, parece que continua traindo e tal...

– Eu sei, Sofia...

– E aí como você faz para conviver com ele no dia a dia, escondendo sua insatisfação, seu ressentimento?

– Ai, está acontecendo justamente o que eu NÃO queria! Eu estou ficando desanimada enquanto queria entrar num clima festivo-é-hora-de-Tinder-hey.

– Desculpa! Mas você pediu minha opinião...

– Hã? Em que momento?

– No momento em que... que...

E aí a gente começa a gargalhar. *Ufa*, essa gargalhada oxigenou meu cérebro, me sinto melhor.

– Então bora – ela diz, depois que a gente consegue parar de rir. – Estou com 42 matches atualmente...

– Uau! 42!

– Nem é tanto assim... Obviamente a gente precisa fazer uma triagem, porque alguns caras são bonitinhos, mas *tão* desinteressantes na conversa... Mas talvez saia alguma coisa boa daqui. Ai, esse Tinder dá um trabalhão – ela suspira, deitando na cama com o celular. – Cada caso é um caso, tem cara que só cumprimentei, tem quem me cumprimentou e eu não respondi, tem até um aqui que eu passei umas duas horas conversando e a gente estava quase marcando alguma coisa. Enfim, se você se animar com qualquer um, pode ficar pra você – ela diz, me dando o celular.

– Nossa, que desapego! Mas espera, como a gente vai fazer, mesmo? Marco um encontro como se fosse você, e o cara vai chegar lá e ver outra pessoa? Não é meio estranho, não?

– É totalmente estranho! Mas é esse o caminho que você escolheu pra sua vida, Déb, é isso que você pediu para o universo, é essa realidade que você tá construindo.

– Ok, ok, já entendi que hoje você tá numa pegada física quântica. Hummm... acho que vou conversar com eles falando que sou sua amiga. Melhor.

– Eles vão te achar a desesperada que pegou o celular da amiga e começou a ficar de papinho com os possíveis peguetes dela. Digita fingindo que sou eu e vai no encontro sem falar nada. Vai por mim, amiga! Eles nem vão se lembrar da minha cara. O que eles querem é encontrar uma menina bonita, tanto faz se for eu ou você. Pra garantir, chega no encontro com um decotão e pronto!

– Ai! Falando desse jeito, eu me sinto uma *mercadoria*.

– Ótimo! Bem-vinda ao Tinder!

Suspiro. Tô achando tudo meio estranho, mas, bem, não estou indo atrás de um caso de amor, né? Estou me sentindo praticamente numa loja, onde quero comprar sexo – só que de graça. Ainda bem, só faltava gastar dinheiro para ir atrás do meu amante. Pensando bem, a balada foi supercara! Tinder, ainda não saí com ninguém, mas tô amando essa economia que você proporciona.

– Bom, vamos ver o que temos aqui... – eu falo, mas nesse momento o WhatsApp da Sofia apita, ela pega de volta o celular, começa a digitar alegremente e eu fico só ouvindo a Paulinha, que de repente começa a berrar do cômodo ao lado:

– Não é possível!!! Já ensinei isso mil vezes! Alunos analfabetos! BURROS!

Uau, comento com a Sofia, mas ela continua digitando.

– Custa escrever “viagem” com G?! – ela continua, aparentemente gritando sozinha. – Custa colocar a *bosta* dos acentos nas *bostas* das palavras? Antas!!! Que sacooooo!!!!

Anotado: não bater na porta do quarto da Paulinha para nada, nem se a Sofia cair dura na minha frente e eu não conseguir chamar uma ambulância.

– Desculpa, amiga! – a Sofia diz, devolvendo o celular. – Era de um ex meu, o Pedro, lembra dele? A gente voltou a se falar. Na verdade, a gente voltou a sair... Depois te conto.

– Aaah, tá explicado o seu desapego com o Tinder...

– Bom, todo seu! – ela fala, mudando de assunto.

– Ai, toda cheia de segredinhos, hein...?

– Depois te conto tudo, juro! Vamos lá, vou te ajudando, a gente tem um longo trabalho pela frente.

– Sofia, sua amiga tá bem? A Paulinha? Você ouviu os berros dela?

– Ah, ela surta um pouco quando tá corrigindo prova, não repara. Deve fazer umas 14 horas que ela tá corrigindo, isso depois de ter dado onze aulas ontem, a pessoa fica meio alterada.

– Sofia! – a Paulinha surge no nosso quarto, do nada, com um papel na mão e cara de choro. Não quero ficar com medo, mas sem querer acabo jogando meu corpo para trás. – Oi, Débora, tudo bem? *Sofia!!!*

– Que foi? – a Sofia pergunta.

– Você precisa ver que linda... A redação que a Maria Eduarda, minha aluna do primeiro ano, fez... Estou tão emocionada!

– Que legal! – a Sofia diz.

– Vou deixar aqui na sua cômoda para você ler depois, tá? Nossa, a Maria Eduarda escrevia tão mal... Isso quando eu conseguia entender o que ela escrevia... Agora ela fez uma introdução tão criativa, elaborou tão bem as ideias, e ainda acentuou quase todas as palavras que levam acento... Estou quase chorando de alegria!

– Que bom! – diz a Sofia. – Deixa aí que leio depois.

A Paulinha volta para o quarto dela sorrindo e eu franzo as sobrancelhas para a Sofia, que apenas vira os olhos e diz:

– É assim mesmo.

Nossa, convivi com a Paula hoje por dois minutos, sendo que, no primeiro minuto, nossa convivência foi apenas auditiva, e já estou cansada por ela. Quantas emoções em dois minutos essa mulher viveu! Anotação mental: parabéns, Débora, por não ter seguido a carreira de professora, deixe para as pessoas que têm mais preparo psicológico do que você.

– Bom, tem esse aqui... – a Sofia começa, abrindo o chat. – Trocamos algumas frases e ele escreve meio mal, mas é lindo, trabalha como engenheiro, toca violão... Olha.

Vejo as fotos. Nada mal! Moreno, alto, sorriso lindo...

Oi, tudo bem com você?

Tudo.

O que você gosta de fazer no fim de semana?

Gosto de ir ao cinema, ficar com os amigos, viajar.

Suspiro. Esses papinhos às vezes me irritam: *quem* não gosta de ir ao cinema, ficar com os amigos, viajar?

E filmes? O que você gosta de assistir? Já viu *Antes do amanhecer*?

Não, mas já ouvi falar. Gosto mais do poderoso *chefão*.

Eu e a Sofia soltamos gritinhos de pavor! Quem escreve “chefão” com

“x”, meu Deus? Não dá, nem precisa ter o emprego da Paulinha para surtar! Não há beleza que compense um assassinato da língua portuguesa. *Next.*

Puxo papo com um tal de Henry, cuja foto mostra mais um tórax sem camisa do que um rosto, mas ok, é um belo tórax e talvez eu precise de caras desse tipo, que colocam foto sem camisa. Óculos, livros, camisa muito fechada, todo esse grupo tem cara de que vai me chamar para tomar um sorvete e eu preciso ir *além* disso.

Oi, gata!

Tudo bem com você?

Bom, seria melhor com você agora embaixo de mim...

– Aaaaaahh! Grito, jogando o celular na cama, horrorizada.

– Que péssimo – a Sofia diz, lendo a mensagem. – Mas é o que você quer também, né, amiga?

– Credo, não desse jeito!!! Não é porque eu quero comprar um brigadeiro que vou chegar na confeitaria dizendo: “Ei, moça, me dá aí um brigadeiro agora, anda, me dá!!!”.

Rimos e, com a permissão da Sofia, bloqueio o idiota, que continuou emendando frases como: “Você tem cara de safadinha nessa foto” e “Você vai ver que delícia, não vai se arrepender”. Afe!!! Mensagens assim deveriam dar cadeia!!!

Começo a teclar com um tal de Jean que é bem bonitinho e, pelas fotos e páginas curtidas, parece ser o cafa – vai a mil baladas, sempre de uísque na mão, sorriso safado...

Oi!

Escrevo. Sem resposta. Digito mais.

Quanto tempo!

Argh, nada criativo, eu sei. Mas é muito difícil puxar conversa nesse troço! Sinto que tudo o que eu digo soa meio bobo, sabe.

– Não se cobra tanto – a Sofia comenta, quando vê minha aflição. – A ideia é se divertir!

– Nossa, tô achando muito difícil. Você já saiu com alguém que conheceu pelo Tinder?

– Ué, o Bruno, lembra?

– O Bruno! É mesmo!

Fico mais animada. O Bruno é um cara com quem a Sofia saiu só umas três vezes, mas uma dessas vezes foi em uma festa onde eu estava com o Felipe e lembro que ele era muito bonitinho, o tipo do cara *agradável*, digamos, bom de papo etc. Puxa, eu não teria muita dificuldade em ficar com um cara assim, que me deixasse tão à vontade. A impressão que eu tenho, trocando mensagens com desconhecidos é que é tudo meio esquisito, que as pessoas são esquisitas, ah, sei lá.

– E o Gustavo, é claro – ela fala.

– Gustavo? Desse eu não lembro.

– Nossa, o Gustavo! Lindo, forte, estilo academia, mas inteligente, bom de papo... A gente saiu só uma vez.

– Defina “saiu”.

– A gente foi pra cama. E foi *muito* bom.

– Por que você não me contou? Onde foi? Aqui? Num motel?

– Na casa dele.

– Na casa dele? Um cara que você nem conhecia! Sua louca!

– Tá vendo por que eu não te contei? Sei lá, a gente foi a um bar, na verdade, mas eu me diverti muito, descobrimos alguns conhecidos em comum e aí fiquei bem a fim e tal. Ai, tem um lado meu que gosta desses caras fortinhos que ficam botando foto sem camisa... pronto, você descobriu!

– Por que vocês não saíram mais?

– Porque não, ué. Déb, bota na sua cabeça: a ideia do Tinder não é encontrar o pai dos seus filhos. Quer dizer, pode até acontecer, mas não é a ideia. É para se divertir. Eu me diverti. Ele se divertiu. Fim!

– Ai, você é tão descolada, Sofia, impressionante! Eu não me imagino transando com um cara assim, que eu mal conheci.

– Então como você vai arranjar um amante, minha filha? Resolve isso aí na sua cabeça. E responde para o Davi.

– Jean.

– O Jean não deu sinal de vida, o Davi tá falando, ele parece ser legal, responde aí, conversa e vê se sai de cima do muro e *marca alguma coisa* com quem te interessar.

– Aaaaai, tá bom!

Ela começa a ler um livro, compenetrada. Já eu passo algum tempo falando com o Davi, parando para dar satisfação para o meu marido, que me manda um WhatsApp (“Oi, amor, tudo bem por aí?”, ele pergunta, “Tudo, e por aí?”, eu respondo, tomando cuidado para não me confundir e emendar uma pergunta do tipo “De que filme você gosta?”).

Ele me conta que está saindo com o irmão dele para comprar não sei o quê e volto minhas atenções para o Davi. Ele é até legal, coitado. Ah, comum, sabe? Ainda está na faculdade de Direito, é dois anos mais novo que eu. Gosta de ver filmes blockbusters no cinema, tipo *O Vingador do Futuro* (ai, trauma desse filme, mas tudo bem), adora sair, jogar futebol com os amigos... Enfim, nada muito surpreendente. Mas, também, o que eu queria? Que ele falasse “meu sangue é verde”? Não que isso fosse me deixar interessada, claro. Falo um pouco das coisas de que gosto e espero a resposta dele, tentando me animar, mas é bem desanimador decidir marcar uma coisa com alguém tão picolé de chuchu. Não sei o que eu queria que ele falasse, mas é esta a minha impressão: que ele é sem-gracinha de tudo. Mas aqui é texto e, no papinho que rola no texto, talvez todos nós sejamos meio comuns, mesmo...

Um Felipe puxa papo comigo. Levo um susto quando vejo o nome dele: ufa, não é o meu Felipe. Quer dizer, claro que não seria o meu Felipe, mas é estranho ver o nome do meu marido com a foto de outra pessoa, né? Enfim: ele retoma o papo de onde parou e eu tenho que subir a barra para ver sobre o que ele e a Sofia conversaram. Puxa, eles estavam falando sobre um livro que eu não li, que saco. Mas gosto do assunto livros. Falo sobre um livro que adoro e pergunto se ele já leu, *Cartas a um jovem poeta*. Ai, ele já leu!!! Ou está querendo me impressionar. Hum, que fofo, ele acaba de citar um trecho do livro:

A maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou.

Acho fofíssimo! Se ele está querendo me impressionar, está fazendo isso direito, deu um Google e tudo!

– Nossa, se empolgou, hein? – a Sofia comenta, quando me vê digitando alucinadamente.

– Tô conversando com um cara bem fofo! – respondo.

– Deixa ver e... Aaaaah o Felipe? Logo o Felipe? Ele parece tão interessante, tinha dado uma sumida...

– O Felipe é meu, Sofia!

– Você já tem um Felipe!

– Você tinha me dito que eu poderia escolher! Não é justooooo!

– Ai, tá bom, tá bom – ela suspira e volta para o livro. – Que amiga eu sou, hein? Que amiga!

– Ai, você quer o quê, uma medalha? Eu faria o mesmo por você. Agora me deixa aqui falando com o Felipe II.

Falamos mais um pouco e descubro (quer dizer, não é bem descobrir, ele mesmo me conta) que o Felipe II (preciso chamá-lo assim para não confundir minha cabeça) é administrador, trabalha numa empresa de telefonia (sem-graça), já fez um mochilão no leste europeu (charmoso *and* específico!), amou *Antes do Amanhecer* (perfeito!), terminou o último namoro há três meses (indiferente) e gosta de chimarrão (se ele for gaúcho e tiver o sotaque de quem toma chimarrão, daí considero positivo).

Conversamos mais, a Sofia lê mais e chega um ponto em que ele me pergunta sobre meu estado civil.

Solteiríssima.

Ai, será que exagerei? Será que, além de mentirosa, fui *over*? Droga, ele sumiu. Droga, exagerei. Droga, droga, droga, dro...

Que bom, eu estou exatamente na mesma condição.

Ele responde. UFA. Nossa, estou mesmo empolgada!

– Que divertido, isso! – digo para a Sofia. – Estou adorando esse cara! Que coisa prática, trair por aqui!

– Lembrando que você não traiu ainda...

– Ai, calma, vou marcar. Quer dizer, espero ele marcar, né? Melhor.

– Ué, por que você mesma não marca?
– Ah, porque... Ai, meu Deus, acabo de lembrar que ele pensa que tá falando com você – falo, desanimada. – Puxa, é muito estranho isso, vou chegar lá no nosso encontro-que-ainda-não-aconteceu e ele vai ver que sou outra pessoa.

- Ele nem vai perceber...
- Sofia, você é *loira*...
- Tinge o cabelo antes de sair com ele!

Viro os olhos: ela claramente quer voltar a ler, a chata. Ele pergunta quando meu último namoro terminou e antes de continuar encarnando a psicopata e mentindo sem parar, eu acabo digitando:

Eu não sou a Sofia. Sou uma amiga dela.

?

Estou com o celular dela... Ela achou que a gente tinha a ver, eu e você. E ela tá namorando, sabe?

Ai, ai, mentir virou um hábito nesta minha vida, fazer o quê.

Silêncio. Ele não responde.

– Ai, Sofia, falei a verdade, que eu era sua amiga, e ele sumiu! – digo, desesperada.

– Ai, Déb! Bom, no lugar dele eu também sumiria, ele não sabe com quem está falando. Fala aí que tudo o que você digitou é verdade.

– Mas tudo o que falei com você é verdade O filme, o livro... Só sou outra pessoa.

E quem você é?

Me dá a louca e saio procurando uma foto minha com a Sofia entre as fotos dela no Facebook. Pronto, estou ótima nessa aqui... Ponho a foto e falo para ele. Ai, ai, ele ficou em silêncio. Puxa, ele vai ficar decepcionado, certeza. A Sofia é *bem* mais bonita que eu. Saco, saco, saco!!!

Você é linda.

- Ai, Sofia, ele disse que eu sou linda! Acho que estou apaixonada.
 - Menos, Débora, menos. Chama ele pra sair – ela diz, concentrada no livro. – E me avisa quando substituir minhas fotos/adicionar, etc., por gentileza, tá? Beijo.
 - Ai, será que eu chamo ele pra sair? Será? Será?
- Começo a digitar algo como “a gente podia se encontrar”, com os dedos tremendo, mas ele digita primeiro.

Bom, tenho que sair. Depois a gente se fala mais?
Quem sabe podemos combinar alguma coisa?

Amo o jeito como ele colocou, uma coisa leve, despretensiosa.

Com certeza. Adorei falar com você.

Opa. Então me dá seu WhatsApp.

Sorrio e começo a digitar meu nome como está no Facebook. Melhor, né, menos invasivo que o WhatsApp e... Nossa, como eu sou idiota!!! Se ele entrar no meu Face vai ver que eu sou casada!!!

Prefiro e-mail, pode ser?

Ele manda o e-mail dele. E eu abro a página do Gmail e crio uma conta nova em três minutos, sem usar meu sobrenome, obviamente – daí ele não vai me achar no Face nem em lugar nenhum. E vou ficar estressada lá em casa quando meu WhatsApp apitar a poucos metros do Felipe? Não! Parabéns, Débora, você é genial! Ufa, trair exige todo um cuidado e um raciocínio por trás... Não é à toa que tanto traidor é pego, não é todo mundo que deve ter paciência para pensar nessas coisas!

Dou meu novo e discreto e-mail, e ele manda um smile. Tô pensando aqui: por via das dúvidas, depois vou aproveitar e trancar meu Facebook

inteiro, daí só meus amigos vão poder ver as minhas coisas. Melhor.

– E aí? Vocês trocaram WhatsApp ou você vai confiscar meu celular? – ela pergunta, e eu rio.

– Trocamos e-mail, fica tranquila. Ai, tô tão feliz! Acho que vou resolver meu problema! Me imagino saindo com ele. A única coisa ruim é que...

– O nome dele é Felipe.

– Pois é.

– Bom, mas você vai superar isso, né?

– Super! É só chamá-lo de Felipe II.

– Felipe II, faça sexo com a minha amiga e resolva o problema dela!

A gente morre de rir. Ai, que bom, acabou que meu sábado foi produtivo. Resolvemos almoçar, porque já passa das 2 da tarde e estamos famintas. Vamos a um restaurante perto. Saio da casa dela cheia de esperança: finalmente, se tudo der certo, já sei quem será o meu amante. Não é o que sonhei para a minha vida de casada, mas é o que temos para o momento. Se vou ficar com alguém, que seja com um cara com quem eu ficaria se estivesse solteira. Vamos que vamos!

12

**24 de junho, terça-feira
hora da ansiedade**

Estou conferindo meu celular de uma em uma hora... Ok, de um em um minuto. Estou correndo aqui na redação, terminando de escrever uma matéria, mas é impossível resistir. É que ontem o Felipe II me mandou um e-mail quando eu estava dormindo. E não respondi porque bem, eu estava dormindo! Tinha combinado comigo mesma que só mandaria um e-mail para ele na terça, ou seja, hoje, caso ele não me mandasse. A velha tática não-quero-parecer-ansiosa.

Quase pulei da cama quando vi a mensagem dele hoje de manhã: “Oi, vontade de conversar com você de novo...”. Se não fossem as reticências, eu teria achado a abordagem meio neutra, mas as reticências deram todo o toque de segundas intenções (na minha cabeça, claro). Depois de ficar enrolando por aproximadamente vinte minutos só para deixá-lo com mais vontade (na minha cabeça), respondi: “Oba, vou adorar... ;-)”. Talvez tenha sido demais: ele não respondeu depois disso. O pior é que, lá em casa, fiquei checando o celular de segundo em segundo, até que o Felipe (I) falou:

– Por que você tá nessa fissura pelo celular hoje, amor?

Respondi que não era nada de mais, só conversando com minhas amigas. Ele não falou mais nada e larguei o celular discretamente, tipo “não preciso de você”. Já bastava o sufoco que eu tinha passado momentos antes, quando estava digitando o terceiro ponto das reticências, e ele entrou no quarto e eu quase pulei, como se desse para ver da porta o que eu estava digitando. Um tempo depois, aproveitei que o Felipe I estava distraído, peguei o aparelho e não fiquei olhando nada, mas passei a levá-lo discretamente comigo para todo canto da casa, inclusive para o banheiro (o que, bem, não é algo tão

diferente do que eu faço normalmente). Assim que o Felipe se despediu e saiu para o escritório, olhei o celular, mas não tinha nada. E agora não tem nada também. Para o bem da minha saúde mental, acho melhor passar a conferir só de quinze em quinze minutos a partir de agora.

– E aí, como anda a matéria? – a Bruninha me pergunta.

– Hum, temos um problema – eu digo, tentando recuperar o foco. Qual era o problema que eu tinha detectado, mesmo? Ah, tá. – A reportagem é sobre mulheres casadas versus solteiras, certo?

– Isso. Com o título “As delícias da vida de solteira”.

– Esse é o problema. Você me pediu para entrevistar mulheres casadas que perderam o contato com as amigas... E mulheres solteiras que veem as amigas sempre. O problema é que toda casada que entrevistei até agora tem uma relação bem próxima com as amigas! E as solteiras com quem eu falei estão loucas para sair da solteirice.

– Débora, Débora... – Ela aproxima a cadeira da minha, me olhando com as olheiras enormes que ela anda exibindo nos últimos dias, tadinha, desde que ela terminou o namoro. – A matéria é sobre o fato de as solteiras se divertirem mais. Então você *tem* que encontrar solteiras se divertindo *horrores*.

– Mas...

– E casadas *isoladas em casa*.

– Eu entendi, mas... – Tento não parecer rude. – Não é isso que estou encontrando. Não é melhor seguir o que estou encontrando e mudar a matéria a partir disso? Posso escrever algo na linha “As delícias de ser casada e de ser solteira”.

– Não! A matéria se chama “As delícias da vida de solteira”! – ela fala, levantando a voz estridente dela.

– Gente, é só mudar o título! – falo, mais ríspida do que gostaria.

– O que está acontecendo? – a Paloma pergunta para a Bruninha, se aproximando das nossas mesas. E eu aproveito para dar uma olhadinha rápida no meu celular. Nada, ainda. Inacreditável, né? Não eu, o Felipe II.

A Bruninha explica a situação para a Paloma, que me pergunta quantas mulheres eu entrevistei. Respondo que sete e ela me pede para entrevistar mais, e se as entrevistas continuarem apontando nessa direção, a gente conversa de novo. Suspiro, a Paloma sai, a Bruninha grita “Casadas deprimidas!”, e eu olho o celular.

O jeito é me distrair com o trabalho, já que ainda falta pelo menos uma hora para eu tomar um café – não posso ter almoçado às 13h30 e ir comer agora às 15 horas. Mas o incrível é que já estou com fome. Droga de massa com molho de tomate do restaurante da esquina. Adoro, mas fico com fome uma hora depois de comer.

Bom, o jeito é telefonar para mais uma possível personagem da matéria. A próxima da minha lista é uma mulher casada indicada pela minha prima Samantha. Elas são amigas da academia. Vejamos, a Giuliana tem 26 anos e está casada há dois. Giuliana, desculpa, nem te conheço, mas torço para que você esteja amargando um isolamento total da humanidade desde que se casou.

Entrevisto mais uma solteira que perdeu a vontade de viver e tento conseguir algum personagem pelo Facebook quando me chamam no chat: é o Fabinho, perguntando se eu não quero tomar um café. Será que a Marcella vai junto? Sempre me dá um frio na barriga quando ele não leva a Marcella. Respondo que subo em cinco minutos, deixo marcada na minha tela a solteira para quem vou ligar na volta e pego o elevador. Assim que viro no corredor em direção à máquina de café, vejo o Fabinho. Boa notícia: vejo também a Marcella. Má notícia: sinto um frio na barriga do mesmo jeito, porque... ô homem lindo, nossa senhora!

– Oi, gente! – cumprimento, tentando parecer simpática e não alucinada pela beleza do namorado da moça à minha frente.

– Amei seu vestido! – a Marcella vai logo dizendo. Nossa, não posso ficar com o Fabinho *mesmo*. Como vou passar a perna em alguém que elogia minha roupa? Esse casal, aliás, sempre adora meus vestidos, fofos!

Agradeço, pego meu café e ficamos conversando sobre coisas de trabalho, nosso assunto principal: loucuras dos nossos chefes, decadência da nossa editora, etc. Conto para eles o meu drama hoje com a matéria solteira/casada e eles sugerem que eu saia do computador e vá procurar personagens em uma balada. Concordo, toda empolgada, mas a verdade é que espero não ter que fazer isso.

Nos despedimos e volto para o meu andar pela escada. Falando em internet, lembro que deixei o celular na minha mesa, o que é tão raro eu fazer! Mas é bom passar uns dez minutinhos offline de vez em quando. Será que o Felipe II deu sinal de vida nesse período? Espero o dia todo, daí nos instantes que fico longe do celular... Ai, ai, por que não sou uma pessoa zen?

Ando até a minha mesa, pego o celular e...

Ele respondeu. É claro que ele respondeu. Porque sempre é assim. Justamente no tempo em que me ausentei! Está decidido: nunca mais desgrudo do celular na minha vida! Mas chega de rancores, leio a mensagem.



De: Felipe

Para: Débora

Desculpe pela demora! Fiquei enrolado no trabalho, reunião atrás de reunião. O q vc acha da gente se falar com mais calma hoje à noite? Umas 20h fica bom pra vc? Me adiciona aí no seu WhatsApp.

Quase dou um pulo! Dessa vez não teve reticências, mas nem precisou: tem todo um interesse em uma mensagem direta sobre a gente se falar mais tarde! Com os dedos tremendo, digito empolgada: “Fechou!”. E não tem jeito, vou ter que dar meu número para ele, mas tudo bem, é só eu ficar esperta com o meu celular, não deixá-lo jogado lá em casa.

Aaaahh estou tão feliz! Estou finalmente tendo um caso extraconjugal real! Quer dizer, por enquanto, só pelo celular, mas a coisa está evoluindo. E depois disso resolvido, vou poder finalmente voltar a ficar às boas com o Felipe I, que...

Ei, Débora, o que é isso? Pode parar. Você quer se *vingar* do Felipe I, é nisso que você tem que se concentrar. Depois você vê o que faz da vida. E o certo seria você *quebrar* o coração do Felipe I, como ele fez com você, e aí sair daquela casa, né? Por orgulho, dignidade, essas coisas todas. E não ficar louca para voltar às boas com ele depois que tudo estiver no “olho por olho, dente por dente”. Certo? CERTO?

Não respondo a mim mesma e decido focar no trabalho. Ah, chega de diálogos mentais, às vezes isso cansa. Vejo o número para o qual tenho que ligar, pego o telefone e me dá um frio na barriga: como vou falar com o Felipe II às 20 horas, meu Deus, se o Felipe I vai estar lá em casa? À noite, teoricamente, eu janto/converso com meu marido. Como vou ficar trancada no quarto digitando, rindo, etc.? Como?

– Ligou para mais alguém? – a Bruninha me pergunta.

– Quer ajuda, Débora? – a Marina me pergunta, me olhando com olheiras

que estão competindo em cor, tamanho e profundidade com as da Bruninha.

– Pode deixar, Marina, obrigada. Bruninha, vou dar uma otimizada aqui!

Respiro fundo, guardo minhas questões pessoais num compartimento separado da minha cabeça e passo a tarde ligando para solteiras e casadas. No fim, encontro duas casadas isoladas do mundo, tadinhas, e duas solteiras hiperbaladeiras e cheias de amigos. Informo a Bruninha e ela fica feliz com o resultado. Amanhã procuro mais uma solteira e mais uma casada e sento para escrever a matéria. Estou tão produtiva que acabo escrevendo também um texto para o meu blog imaginário sobre quem é mais feliz, as solteiras ou as casadas. Mas, diferentemente da *Joy*, o meu texto não é simplista e babaca. No fundo, o que tento dizer é que cada um pode ser feliz estando sozinho ou com outra pessoa, e que a felicidade, no fim das contas, se é uma sensação, sempre vai ser solitária... Uau, isso foi profundo!

Desligo meu computador, respiro fundo parte dois, pego minha bolsa e me despeço de todos. No estacionamento, olho as horas: são 7h15. E se o Felipe I chegar cedo do trabalho hoje, hein? Como vou fazer para falar com o Felipe II? O que eu faço? O que eu faço? Devo chegar em casa em meia hora. Cumprimento o Felipe e me tranco no banheiro? Não saio do carro, fico na garagem? Dou a partida ainda sem saber o que vou fazer da minha vida. Ai, esse caso nem começou e já está me dando dor de cabeça! Quem me dera ser uma casada isolada do mundo: em vez disso, sou uma casada louca.

Aqui estou eu, em um café perto de casa, me sentindo *A traidora* porque, em vez de ir para casa, resolvi pedir um cappuccino, um croissant e ficar tendo um caso pelo celular. Um pouco patético, eu sei, mas melhor do que ficar trancada no banheiro, né? Olho o celular: são 19h55 e... mensagem do Felipe. Não o Felipe II, mas o I, meu marido:

Oi, amor! Acabei de chegar em casa, cadê você?

Engulo em seco. Droga, ele *tinha* que chegar cedo hoje? Com a rotina que ele anda tendo no trabalho (ou com a Luma, vai saber) não é raro que ele chegue às 9h, às 10h... Saco! E agora? Respondo o batido “estou enrolada na redação” ou “parei num café para relaxar um pouco”? Pense, Débora, pense.

Parei num café, já vou para casa.

Respondo, fazendo a linha sincera.

Toma um café aqui comigo!

E em seguida ele manda:

Em que café você tá? Vou aí te encontrar.

Não, Felipe, não! Puxa, o que eu fiz de errado para não conseguir traír em paz? Meu erro é querer ser sincera, tipo, ou eu traio ou não traio, não dá para querer levar esse plano adiante E ser a rainha da sinceridade ao mesmo tempo!

Estou aqui com a Paloma, ela queria conversar.
Ela está com uns problemas pessoais e vim dar uma força.

Mandou bem! Fica sem pressa aí então,
que é bem legal ela saber que pode contar com você. Beijo!

Eu. Sou. Uma. Monstra.

Oi

O Felipe II acaba de me cumprimentar com uma mensagem. Bom, vou me consolar conversando com ele. O cappuccino e o croissant quentinhos acabam de chegar à minha mesa. Se é para se sentir culpada, que eu me sinta culpada neste café lindinho e aconchegante.

Tudo bem, Felipe? Como foi seu dia?

Reunião atrás de reunião... Estou com um chefe novo e ele é bem exigente, do tipo que entra cedo, fica até tarde e não dá descanso. O antigo era mais light, mas se bem que eu tinha outros problemas trabalhando com ele... Bom, quem está 100% satisfeito com o chefe, né?!

Nem me fale! Trabalho numa revista e o objetivo da minha chefe é fazer mau jornalismo, aparentemente.

Você trabalha em uma revista, que legal!

Você acha legal porque não conhece nem minha chefe nem a revista, que se chama "Joy" mas não é nada divertida, hahaha...

Entendo! Hehehe...

Afora o sentimento de me sentir uma esposa mentirosa, estou até aproveitando o momento. Ele fala mais sobre o trabalho, começamos a conversar sobre a vida e ele diz que é do tipo que tem que se forçar a curtir o momento, porque, se depender dele, planeja tudo. Comento sobre a minha velha amiga ansiedade e, quando vejo, estou rindo com ele, falando sobre nossos distúrbios mentais.

Eu estaria me divertindo *mais* se uma voz na minha cabeça não insistisse em dizer: "Débora, você pode conversar sobre esses assuntos com suas amigas, sua família e até com seu marido. O que você está fazendo? Você quer *namorar* esse cara?". Não quero dar bola para a voz, estou me divertindo, mas ela está certa. Putz, me sinto mal por falar desse jeito, mas eu preciso fazer sexo com esse cara e pronto. Esse é o objetivo, certo? Quantos cappuccinos eu vou ter que tomar antes de a gente ir para a cama? Mas, por outro lado, lá vou eu para a velha questão: como introduzo esse tema? Ele está agora falando de um amigo que é muito ansioso, daí interrompo e digo: "Esquece esse amigo, vem transar comigo"? Não, né! Peço outro cappuccino e continuo conversando. Agora são 21h30, estamos falando sobre o reino animal e nada de sexo/encontro/conversa apimentada pelo menos: n-a-d-a.

Vamos combinar de se ver? :-)

Acabo digitando, por fim, impaciente. Ai, será que ele vai perceber que estou impaciente? Espero a resposta enquanto tomo meu *terceiro* cappuccino, e já vi que, com essa quantidade de cafeína, não vou dormir hoje. Ai, estou muito nervosa. Será que ele vai me achar desesperada? Será que estraguei tudo? Será que estou louca? Será que... Ufa, ele respondeu:

Adorei a ideia. Nesse sábado?

PUTZ, mas sábado à noite não é dia de as pessoas casadas saírem, definitivamente, penso. Para sair para uma balada numa terça-feira com a Sofia já tenho que praticamente preencher um formulário em casa, imagina em pleno sábado à noite? Só se fosse sábado à tarde, daí eu daria um jeito. Mas à noite?

O que acha de quinta?

Nossa, agora que ele vai me achar desesperada mesmo. Quinta é depois de amanhã! Ai, ai, será que estraguei tudo?

Quinta. Fechado! Amanhã a gente combina o lugar, pode ser?

Respondo que sim, tremendo. Ai, meu Deus, o lugar... E se alguém ver a gente lá... E se o Gabriel real, não o Gabriel imaginário, estiver lá... Sinto minha barriga queimando e já não sei se é tensão ou excesso de cafeína. Bom, um problema de cada vez! Conversa desta noite: assunto resolvido. E depois de amanhã tenho um encontro que vou dar um jeito de transformar em sexo, de preferência. Agora vou pra casa! Pago a conta e entro no meu carro. Quanta emoção para uma terça-feira!

– E aí, ajudou sua chefe, amor? O que ela tem? – o Felipe me pergunta assim que piso em casa. Como não previ que ele perguntaria isso? Ai, sou uma tonta, mesmo.

– Ajudei, tudo o que ela precisava era desabafar um pouco! Quer ver um

seriado antes de dormir? – pergunto, distraindo a atenção dele. Sou um gênio.

– Tô meio cansado... Pode ficar para amanhã? O que ela tem, mesmo?

– Hã?

– A sua chefe.

– Ah – e não adiantou nada minha tentativa de distraí-lo. – Ela terminou com o namorado.

– Mas você tinha falado que a Paloma era solteira, se dava mal com os homens, aliás, tinha até uma paixão platônica meio “6º ano do colégio”...

– Nossa! Você presta mesmo atenção no que eu te conto, hein? – digo, dando um beijo nele. Quem sabe eu o distraio com *elogios*? – Você é tão atencioso, amor.

– Presto atenção ao que você me conta, lógico.

– Eu tinha te falado que estava com a Paloma? Era a Bruninha. A Bruninha que estava desabafando. – Ai se eu souber de um curso para aprender a mentir melhor, vou me matricular urgente.

– Ah, ela terminou com o artista lá?

– Terminou – boa, Débora, pode relaxar e contar a verdade de agora em diante. – Ela está com umas olheiras enormes, coitada, e ficou com um humor péssimo o dia todo, e me encheu tanto a paciência por causa de uma matéria que cismou de fazer do jeito dela e está me dando um trabalhão – digo, andando até a cozinha e pegando um copo d’água.

– Hummm legal – ele fala. É impressão minha ou ele está meio desconfiado? É bom viver na desconfiança, né, Felipe?

– E seu dia, como foi?

– Te conto lá no quarto, preciso dormir, tô quebrado – ele fala, no tom de voz normal dele. Acho que foi só impressão, ele não está desconfiado de nada. Que bom que cinquenta por cento das pessoas desta casa confiam no parceiro.

– Vou dormir com você – digo, e vamos juntos para o quarto.

Como ele está muito cansado, com certeza não vai falar nada sobre sexo. Menos mal. Meu ânimo para transar com o Felipe neste momento é zero. Tem uns dias, como hoje, que só de pensar em transar com ele, me lembro imediatamente da Luma, eles se pegando... Argh... Só sei que, com o Felipe II, estou mais animada com a ideia de tirar a roupa. Ah, sei que a gente ainda não se conhece pessoalmente, mas nossas conversas estão sendo tããão legais, que não vai ter como dar errado, tenho certeza. Nossa, falando em Felipe II,

preciso apagar as mensagens que a gente trocou no WhatsApp! Tudo bem que fico grudada no celular, mas para que facilitar... Pronto, tudo apagado. Aproveitei e desabilitei a prévia das mensagens que aparece na tela. Vai que ele manda alguma coisa bem quando eu estiver do lado do Lipe...

26 de junho, quinta-feira à noite hora da tensão

Aqui estou eu, no bar em que combinei de encontrar o Felipe II, e, até o momento, está dando tudo errado. Agora ele está no banheiro e eu estou, sinceramente, pensando em *fugir*. Mas, em vez disso, chamo o garçom e peço mais uma caipirinha. É a minha segunda da noite e vou parar por aqui, porque não quero fazer nada de que me arrependa depois.

Não que ele seja um psicopata nem nada. E ele não é feio, não mesmo. É só que a gente não tem naaaada a ver. Não rolou química nenhuma e só de pensar em beijar aquela boca eu sinto *arrepio*, imagina pensar em mais do que beijar.

Ele tem uma aparência meio *pegajosa*, fala salivando demais, fica passando a língua na boca toda hora, argh, não sei explicar! Fora que o cabelo dele parece que está sem lavar há duas semanas e ainda não mencionei a pior parte: ele tem mau hálito. Enfim, não chego perto desse cara, não dá. Estou tão decepcionada! Mas o pior é que ele parece empolgado comigo, fica tentando retomar as conversas que a gente estava tendo pelo WhatsApp... Eu sou muito educada, sério, eu deveria admitir que não vai rolar e ir embora de uma vez. Vou ficar mais meia horinha e vou.

Assim que volta para a nossa mesa, ele diz:

– Bom, agora vou falar o que está me incomodando.

Desde que a gente se encontrou, ele fica falando que algo está “incomodando”. Ninguém merece, sério.

– O que é? – digo, sem conseguir mostrar interesse.

– Eu vi no seu Facebook que você é *casada*.

Silêncio.

– Como você descobriu meu Face? – pergunto, ainda em estado de choque, e me recriminando porque enrolei e não deixei minhas informações

privadas... Ai, Déboraaaa....

– Você comentou comigo que trabalha em uma revista chamada *Joy*, então dei um Google e vi seu nome no expediente da revista.

Nossa, ele é pior que eu! Ou não, eu teria feito o mesmo, acho. Eu não devia nunca ter comentado o nome do lugar onde eu trabalho, quando a gente estava falando no café, eu fui muito sem noção! É por isso que as pessoas que traem mentem! Inventam outro nome, outra profissão... Custava eu ser Cinthia, a dentista que tem seu próprio consultório ou algo do tipo? Argh! Fui desmascarada! Que vergonha estou sentindo neste momento!

– Pois é – respondo, simplesmente. Ah, o que eu posso falar?

– Você sai com outros caras, é isso? – ele pergunta, e eu tenho vontade de responder: só quando meu marido me trai. Mas não com você, seu seboso!

Débora, tenha paciência, seja educada.

– É... Pode-se dizer que não me prendo a conceitos como monogamia e tal – eu falo, com vergonha da minha própria resposta.

Ah, o que eu posso falar?

– Interessante... E seu marido é assim também?

– Com certeza – eu digo, agora sem mentir. Infelizmente.

– Nossa, eu jamais conseguiria. Bom... Tenho que admitir que depois que vi que você é casada passei a te olhar com outros olhos.

– Como assim?

– Bom, você não estava conversando comigo para procurar companhia para o *cinema*...

É fato, penso. Para ir ao cinema tenho o Felipe I, mas não estou gostando do rumo que essa conversa tá tomando...

– O que você quer dizer exatamente? – pergunto.

– Eu não moro sozinho, mas, se você quiser, a gente pode pedir a conta e ir para um motel.

Fico sem palavras. Definitivamente quero pedir a conta, mas não quero ir para um motel. E me sinto subitamente *humilhada* por ouvir essa proposta. Por que me sinto humilhada? Por que sinto minhas bochechas corarem? Digo, eu vim aqui para isso, afinal de contas, não vim? Antes de achar esse cara um seboso, é claro... Eu não vim pensando em fazer sexo com ele? Então, por que me sinto *ofendida*?

– Tchau – eu digo, jogando duas notas em cima da mesa, bem dramática.

– Hã? Essa eu não entendi. O que você quer comigo, afinal? – ele diz,

grosseiro.

– O que eu quero de você? Nada! E escova esses dentes, marca uma consulta com um gastro, sei lá o que você faz, mas sua boca tá com um cheiro muito esquisito!

Agora é ele que fica sem palavras. Saio do bar e entro chorando no primeiro táxi que vejo. Ainda bem que eu vim de táxi para poder beber um pouco, porque estou sem condições de dirigir, e não é por causa da bebida, mas por causa dessa noite horrorosa! Não entendo por que estou chorando, sério mesmo. Se o Felipe II tivesse me atraído, a ideia era transar com ele. E, no entanto, me choco com a ideia de me proporem um motel! Sério, qual é o meu problema? O que tem de errado comigo?!

Chego em casa e o Felipe está na cama, com o notebook no colo.

– Já? A Lu e a Bia não estavam muito animadas, pelo visto – ele comenta.

– Ah, amanhã todo mundo tem que trabalhar – eu tiro os sapatos e me jogo na cama, enfiando a cabeça no pescoço dele.

– Ei, tá tudo bem? O que aconteceu?

– Nada, uma discussão boba com as meninas... Sobre política... – nossa, essa foi péssima.

– Vem cá.

Ele deixa o note no chão e me dá um abraço tão gostoso, mas tão gostoso, que acabo caindo em prantos de vez. Eu amo esse homem que está me abraçando: não tem Felipe I nem II, tem só o meu Felipe... E talvez por isso todos os homens do mundo terão, para mim, sempre um pouco de mau hálito.

– Calma... – ele fala, me fazendo um cafuné.

Acabo me acalmando mesmo. Ele continua passando a mão no meu cabelo, agora no meu rosto, desce pelo meu pescoço e já não estou mais nem um pouco nervosa quando ele tira minha blusa e começa a beijar minha barriga com uma boca tão gostosa e quente, uma boca que agora está lambendo meu umbigo e vai descendo, descendo.....

13

27 de junho, sexta-feira de manhã

Não rolou.

Digito no celular para a Sofia. Felipe acaba de sair para o trabalho e eu ainda estou na cama, tentando juntar algum ânimo para me levantar e sair para essa loucura chamada vida. Ok, Débora, menos drama.

Por quê?

Estou morrendo de preguiça de contar os detalhes. O problema de colocar as suas amigas a par de todos os seus dramas pessoais é que você tem que atualizá-las mesmo quando não está a fim; afinal, elas estão *envolvidas* com sua situação, ficam pedindo feedbacks e tal... Não dá para ir atrás delas só quando você quer um conselho ou precisa de ajuda. Venço a preguiça e mando um áudio falando basicamente que não teve química nenhuma, nada, zero, mas a parte polêmica em que ele fez com que eu me sentisse uma prostituta barata vai ficar para outro dia.

Puxa, Déb, ele parecia tão legal.

Pois é, mas não me senti atraída por ele, o que vou fazer, né! Meu amante não pode ser qualquer um, preciso sentir tesão, senão não vou conseguir ficar com ele.

O que torna mais difícil aprovar alguém é que você ama o Felipe, você sabe disso.

Suspiro parte II, mando uma carinha de pensativa e largo o celular. Saco, eu amo mesmo o meu marido. Saco! E ontem nossa noite foi uma delícia. Dormi como um anjo e... Nossa, segundo o teste que eu fiz para a revista, isso prova que eu sou uma pessoa sensível: quando eu durmo bem, falo que dormi como um anjo e não como uma pedra!

Olho o celular de novo: mensagem do Felipe II.

Olha, desculpa por ontem. Eu estava muito, muito nervoso e às vezes sou meio sem noção quando estou nervoso. A propósito: tenho gastrite e meu estômago estava queimando antes de ver você, e essa queimação tem esse efeito colateral chato na boca. Você é linda e muito legal. Amigos?

Acho fofo, mas não respondo. Em vez disso, levanto, lavo o rosto, visto uma calça jeans e uma blusinha que quase nunca uso e me sinto a pessoa vestida do jeito mais sem-graça do universo. Tá explicado por que nunca uso essa blusinha. Tiro a calça jeans, ponho a saia rodada e... Nossa, que isso, essa blusinha é linda! Funcionou muito com essa saia.

Saio do quarto me sentindo *a* fashionista e entro na cozinha me dando uma missão simples: tomar um prato de leite com granola sem me preocupar com nada. Às vezes, sinto que vivo mais na minha cabeça do que no mundo lá fora. Vamos lá: momento presente, aqui estou eu.

Agora estou no carro ouvindo música. Parece que é mais fácil pensar no presente enquanto se ouve música. A vida é muito silenciosa pra gente ficar pensando no que está acontecendo naquele momento.

Não deu certo com Felipe II, mas beleza, resolvi essa questão bem rápido, não é como se eu tivesse passado meses enrolada com ele e aí tivesse tido a decepção ontem: perdi o quê, uma semaninha no meu projeto-amante? Isso não é nada. Além disso, tive sexo maravilhoso com meu marido ontem e sexo maravilhoso é sempre uma coisa boa, me sinto incrível com essa saia rodada e, pelo amor de Deus, hoje é *sexta*! Alééém disso tudo, é bom lembrar que estou trabalhando em uma revista feminina e que isso era um sonho para mim. Claro, não é como se fosse a melhor revista do planeta, mas também não é um lixo. Sei lá, me sinto útil trabalhando nela sabe? É uma sensação boa.

Cara, eu odeio meu trabalho. Essa revista é um lixo. Eu estava tão animada com minha matéria sobre a praia, mas aí o negócio não anda, a Bruninha faz questão de deixar o troço mais *trash* do que já é e a Paloma não ajuda em nada! Acabei de desabafar com a Marina no banheiro.

A ideia era simples, certo? Indicar as melhores praias do Brasil. Daí achei interessante falar não só sobre a beleza e a infraestrutura das praias mas também sobre a limpeza: não quero nadar numa praia que me dê *diarreia*, confere? Beleza. Falei isso com a Bruninha e ela fez uma cara de “tanto faz”, e fui atrás dessas informações. Problema: estamos na baixa temporada e os dados que consegui sobre as praias brasileiras são desanimadores: boa parte delas está suja e imprópria para banho. O problema é que, quando eu falei isso para a Bruninha, ela me pediu para usar os dados das praias da alta temporada, ou seja, das últimas férias de verão. Achei estranho, porque não é melhor usar dados mais atuais? Mas ok. Ela me mandou por e-mail e fiquei chocada quando vi que, no verão, os dados mostram que as nossas praias estão todas magicamente *limpas*! Tipo, mentira, né? Como pode, justamente na época mais lotada a praia estar limpa?

– De onde vieram esses dados? Eles não são confiáveis – eu disse para a Bruninha, que bocejou tão perto da minha cara, que senti o sabor da bala dela na minha alma. Canela.

– Usa esses dados – ela se limitou a dizer.

– Mas, Bruninha, eu quero saber que praias estão *realmente* limpas, que informação eu vou passar para a nossa leitora – eu disse. – Puxa, temos o direito de saber se estamos numa praia poluída ou limpa, né?

– Débora, sério – ela me disse, olhando nos meus olhos. – Você não está num jornal diário. Se você se preocupa tanto com a qualidade da água, faz um blog e posta sobre o assunto. Aqui na *Joy*, só queremos falar coisa boas das praias e, ah, quer saber? Pula essa parte da limpeza e fala só da beleza das praias. De preferência, rankeia. Isso, faz um ranking: as praias mais lindas do Brasil. E escolhe uma foto de uma celebridade gringa numa praia daqui. Bora!

Engoli em seco com a resposta dela. Fiquei sem-graça em tantos níveis que estava sem reação! Tipo, sei que não trabalho com jornalismo investigativo, sei que não estou no filme *O Diabo Veste Prada* pagando de

“ai, estou escrevendo sobre temas bobos quando queria escrever sobre temas sérios”, sei que os nossos temas são leves, lúdicos... mas *poxa*, não dá para ter um *pouquinho* mais de ética??

– Débora – a Bruninha me chama, e eu sinto até um arrepio. Algo me diz que ela vai deixar pior tudo o que já está ruim.

– Bota a praia de Matuzinhos no ranking, tá? É uma praia de Pernambuco...

– Essa praia tem um monte de alga e esgoto, já fui lá – a Marina fala.

– Meu cunhado agora é prefeito da cidade, e a praia é linda de morrer, pode botar – a Bruninha responde.

Suspiro. Claro, estava demorando para aparecer um namorado/amiga/cunhado...

No fim das contas, escrevo o que a Bruninha pede, do jeito que ela quer, entrego para ela e ela faz uma cara de satisfeita. Nossa, como está difícil ser subordinada da Bruninha depois que acabou o namoro dela. Não que fosse uma maravilha antes, mas piorou demais.

O único momento bom da minha tarde é quando aparece na redação a Rita Amaral, diretora de uma editora concorrente, que aparentemente é amiga da Paloma. As duas se encontram para almoçar e eu tenho a oportunidade de trocar algumas palavras com ela no café, uma coisa bem vaga, tipo “oi, tudo bem? Admiro demais seu trabalho” (gaguejando), “Obrigada, querida!”, ela respondeu (cortês, firme e assertiva, o tom que eu queria ter na minha voz, mas que parece que vai ficar para a próxima encarnação). A Rita para mim é um exemplo: bem-sucedida e gentil, com cara de gente boa, super admiro.

Depois de cumprimentá-la, sinto vontade de parar de enrolar e criar meu blog e é isso que começo a fazer, agora, de volta à minha mesa, aproveitando que a Bruninha não está na mesa dela.

Até que não dá muito trabalho, já que pego um *template* pronto bem mais ou menos em termos de beleza, mas que vai quebrar o galho. Preciso publicar em algum lugar, algum texto de que eu me orgulhe minimamente de ter escrito! Não que meu blog vá ter só coisas ultrainteligentes e profundas, mas vai ter coisas autorais. Posto meu primeiro texto, que estava guardadinho, ilustro com uma imagem que pego na internet e pronto: postado!

Pego um café, enrolo um pouco conversando com a Marina, pego uma água, vou ao banheiro e volto para o computador na esperança de já ter tipo dez comentários, mas ainda não tem nada, claro.

Infelizmente, é só dar a hora de ir embora e desligar meu computador, que já me sinto mal novamente. O trabalho na *Joy* não me agrada nem um pouco, mas acaba preenchendo meu dia. Sozinha, não tenho como fugir das minhas questões...

Entro no carro me sentindo péssima por trabalhar onde trabalho e péssima por estar com a sensação de que estou deteriorando meu casamento. Não é justo, foi o Felipe que começou com essa coisa toda e eu me sinto responsável?

Na verdade, hoje estou louca para ficar com o Felipe quietinha vendo alguma coisa na TV. Fazia tempo que eu não tinha essa sensação de querer chegar em casa! Esse fim de semana, vou passar com ele, decido. Vou dar uma pausa momentânea na busca pelo meu amante.

Estaciono na garagem do prédio e ouço o apito de mensagem. Deve ser o Felipe II, ele tinha mandado uma mensagem na hora do almoço que não respondi. É o meu pai me mandando um dos vídeos que ele ama me mandar (e só ele gosta). Bom, vamos aproveitar que tô mexendo no celular para checar o Facebook. Vejo que tem uma mensagem do Fabinho:

 Só para te desejar um bom final de semana...

É muito xavequeiro, né? E para que esse tanto de reticências sugestivas? Sabe que sou casada, ele mora junto com a Marcella – não sabia dessa informação até nosso último café a três – e manda essa mensagem com qual objetivo? Sorrio, não respondo e guardo o celular na bolsa. Já é muita movimentação amorosa na vida de uma senhora casada.

Chamo o elevador, apreensiva. Decidi passar o fim de semana com o Felipe, mas, às vezes, me dá um medo de que ele não tenha mais interesse em mim! Ontem foi ótimo, mas o jeito como eu o trato desde que a gente se casou é tão variável que tenho medo de que ele acabe ficando de saco cheio e termine tudo.

Abro a porta de casa e dou de cara com o Felipe, o meu Felipe lindo, pondo a mesa. No fundo, tem uma musiquinha tocando. Me sinto imediatamente em paz.

– Oi, amor! Nossa, o que aconteceu? Tá tudo bem? – ele me pergunta, quando ainda estou parada na porta, observando a cena: ele estava ajeitando os talheres em cima dos jogos americanos, cada um com seu guardanapo e sua taça. No meio da mesa, um balde de gelo com uma garrafa de champanhe.

– Champanhe? Uau – digo. – Qual é o motivo da comemoração?

– O nosso casamento – ele diz, com a carinha mais fofa do mundo. – A sorte que eu tenho por ter encontrado você.

Corro para os braços dele, que me abraça e me beija. Só agora sinto que vem da cozinha um cheiro delicioso de comida e esse aroma, o abraço, a música, a mesa posta... Tudo isso me comove tanto que deve ser o motivo pelo qual estou chorando agora. Enterro minha cabeça no ombro de Felipe. Não perceba que eu estou chorando, Felipe, não perceba...

– Amor? Por que você está chorando? – ele pergunta.

– Ah... Tive um dia tão ruim no trabalho – digo. – E sei lá, estou sentindo que a gente está distante ultimamente e... E essa mesa posta, a música, tudo tão fofo...

E desando a chorar de novo.

– Vem cá.

Ele desliga o fogão e deitamos no sofá. Aninho minha cabeça no peito dele, ele faz um cafuné delicioso e ficamos assim por um bom tempo.

– Mais calma? – ele pergunta. – Vamos comer e você me conta tudo.

Lavo as mãos e vou para a cozinha ajudá-lo, mas ele diz que é para eu ficar na mesa e me sinto supermimada. Em dois minutinhos, ele chega com uma travessa de peixe assado que está com uma cara ótima: um molhinho ainda borbulhando, batatas e cebolas inteiras. Ele traz o arroz, abre o champanhe e brindamos. Ainda nem conversamos, mas já me sinto melhor. Passamos o jantar contando um para o outro como foi o nosso dia.

– Eu não fazia ideia de que você estava desestimulada assim no trabalho – ele me fala, enquanto comemos a sobremesa: banana com calda quente de Nutella. Ô sobremesa simples que eu amo!

– É tudo feito de qualquer jeito, não tem um cuidado por trás... mais que isso, não tem um interesse maior, sabe? – digo, tentando me concentrar em

algo que não seja Nutella.

– A lógica é o dinheiro, querem ganhar dinheiro, apenas isso.

– Não é só isso, quer dizer... O dinheiro é a lógica dos grandes, do pessoal que manda, os diretores e diretoras do grupo. Mas tô falando das pessoas que trabalham mais embaixo, os jornalistas como eu, minha editora... Não tem um interesse maior tipo “fazer o bem”, ah, sei lá.

– Mas amor, você trabalha em uma revista, não em uma ONG.

– Eu sei, mas acho que, em qualquer lugar em que você trabalhe, pode se esforçar para fazer o melhor possível. E quando você trabalha com comunicação, isso é mais importante ainda, porque está levando informação para milhares de pessoas, mesmo que seja em uma revista lixo.

– Acho que entendi seu ponto...

– A Bruninha, por exemplo, está muito mais interessada nas questões pessoais dela. O Luca é um cínico. A Paloma faz tudo do jeito dela. A leitora, tipo, que seria o nosso foco... Ninguém está nem aí para ela. É a lei do menor esforço, todo mundo faz o mínimo, o objetivo é só se manter empregado e voltar para casa no fim do dia, de preferência o mais cedo possível.

– Legal, estou te achando tão... Sei lá... Engajada! Nunca te vi falando assim.

– Não sei direito, eu queria que tudo fosse mais pensado, que o impacto de cada matéria fosse valorizado, porque sabe, cada matéria tem um impacto. Você não pode escrever qualquer coisa. Odeio jornalismo preguiçoso, descobri agora. Odeio fazer meu trabalho de qualquer jeito e quando vejo, estou lá, fazendo meu trabalho de qualquer jeito, essa redação está me influenciando!

– É, o ambiente em que a gente vive nos contamina, não tem como ficar imune... – ele diz, tomando mais um gole de champanhe. – Por isso estou bem satisfeito com a arquiteta que a gente contratou agora, aliás... Ela tem o espírito leve, a cada dia valorizo mais isso, leveza e caráter, além da competência.

– Pois é... Ah, eu criei um blog – eu falo. Ai, eu o cortei totalmente! Eu faço isso às vezes.

Ele pergunta do blog, eu falo (não tem muito o que falar, né, tem um post e zero visualizações), e eu não interrompo quando ele começa a contar sobre o último projeto que estão tocando, sobre o relacionamento complicado com um cliente grosseiro, etc. Ouço tudo atentamente. Tiramos a mesa e lavamos

a louça conversando mais sobre o trabalho e sobre a nossa semana. Guardamos a louça e vamos para o sofá ver alguma coisa no Netflix. No meio do filme, acordo: opa, eu tinha dormido e ele também.

– Amor... – digo. – Vamos pra cama?

Ele se levanta sonolento e caminhamos bambos até a cama. Damos boa noite um para o outro e ele me abraça. Amo ficar assim com ele, de conchinha. E foi *tão* bom passar a noite conversando com ele. Estou me sentindo mais próxima deste homem do que nunca.

Fecho os olhos sentindo os braços dele me abraçando e me sinto em paz. Talvez seja melhor deixar para lá essa coisa toda de amante. Talvez seja a hora de desistir desse meu plano maluco.

28 de junho, sábado de manhã

Acordo feliz e apaixonada. Ao meu lado, o Felipe dorme tão lindo, tão em paz, que tenho vontade de fotografar... Pego meu celular e fotografo. Agora é só botar um filtro lindo e... Pronto, fotinho no Instagram. Legenda: “Desejo a todos um lindo sábado ao lado do seu amor. Bom dia!”.

Fico algum tempo olhando para tela como uma idiota, esperando pelo menos alguma curtida. Ai, ninguém curte as minhas coisas, impressionante. Levei tanto tempo para ter a miséria de seguidores que eu tenho e parece que todos eles estão sempre dormindo! Oba, a Bárbara curtiu, menos mal.

Levanto em silêncio e abro a janela devagarzinho: o tempo está lindo lá fora. Bem friozinho, mas não tem uma nuvem no céu. A gente podia andar de bicicleta, né? Eu ia amar e o Felipe ia ficar bem feliz, faz tempo que a gente não anda de bicicleta juntos. Depois, a gente podia tomar um açaí ou almoçar num lugar gostosinho. Hum, só de pensar, já fiquei mais feliz ainda do que já estava quando acordei.

De repente, me sinto tão bem com a vida de casada! Ok, tive um percalço logo no início, mas quem não teve? Não estou dizendo que toodo mundo pegou o marido com outra na véspera, mas, se não é um problema, é outro: se não é na véspera do casamento, é mais para a frente. Não posso deixar de valorizar o fato de que o Felipe é um ótimo marido. Ele é fofo, atencioso, bem-humorado... Não posso deixar de valorizar o fato de que, nesta manhã de

sábado, me sinto imensamente feliz.

Vou para a cozinha e faço um café da manhã rapidinho para nós dois: café com leite, pão torrado, requeijão e peito de peru. Ponho tudo numa bandejinha e levo para o quarto.

– Que isso? – ele diz, acordando. – Que linda, você...

– Bom dia!

Ele me beija e me sento ao seu lado. Falamos um pouco sobre como dormimos, o que o outro sonhou, esse papo matinal.

– O que você acha da gente andar de bicicleta hoje? – pergunto.

– Sério? Vou adorar, tem um tempão que a gente não anda! – ele responde, empolgado e me dando um monte de beijinhos.

Ele levanta e vai ao banheiro, eu pego meu celular e vou para sala enquanto o espero. Sento no sofá e fico um tempo conferindo as curtidas da minha foto, entro no Facebook e fico vendo o feed. Ué, o Felipe postou foto ontem? Nem tinha visto. O Felipe não é o mais conectado da face da Terra, até estranho quando tem coisa nova dele. É uma foto do peixe que ele estava fazendo, cru, na travessa, indo para o forno. Legenda: “Socorro! Não me põe no forno, não me põe no for...”.

Sorrio amarelo e curto por obrigações matrimoniais mesmo. Vejo que outras mulheres curtiram, eu não acho graça, mas... OPA, a Luma acabou de curtir a foto neste momento. Meu Deus, eu atraio essa mulher, não é possível. Hoje nem estava me lembrando da existência desse ser, que saco!!! Ai, que isso, ela deixou um comentário??? “Hmmm quero provar! Faz pra mim?”.

Cara. Tô. Muito. Puta. Nesse. Momento.

Meu marido faz um peixe para *nós dois* e essa *vaca intrometida* pede para ele fazer para ela?! Que mundo é esse? Que intimidade é essa que eles têm? Que palhaçada!!! AAaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah, que ódio!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Como o Felipe parece que *morreu* no banheiro, pego o celular dele no quarto, destravo e vejo, sem pensar muito, as últimas ligações. Tremo quando vejo que a Luma ligou ontem quando a gente estava jantando. Ele não atendeu, aliás, devia estar no silencioso, porque não ouvi tocando.

Sinto nojo do Felipe neste momento. Nojo desses dois. Como ele consegue ser tão cínico? Ontem todo fofo, me abraçando, me consolando do trabalho, hoje todo fofinho dormindo, feliz igual a uma criança que a gente ia andar de bicicleta... Como pode, meu Deus? Que hipocrisia é essa?!

Acabou bicicleta, acabou fim de semana, acabou tudo. E quer saber, não

vou chorar *uma* lágrima. Chega de chorar por causa disso, de quantas provas vou precisar para aceitar que o Felipe não é quem eu quero que ele seja?

Que tal hoje à noite?

Escrevo para o Felipe II (puxa, esse homem não podia ter outro nome?). Só de pensar no Felipe fico irritada. Vou chamá-lo só de II daqui para frente. Ele responde quase que imediatamente:

Opa! Que notícia boa. Hoje à noite, marcado. Onde?

Num motel.

Digito tremendo. Ah, não me senti nem um pouco atraída por esse cara, mas é o que temos, não é mesmo? Vai ser bem rápido. A gente fica, eu dou um jeito de fotografar em algum momento, gravar, sei lá, e mando para o Felipe. Ele vai ser poupado de me ver pessoalmente em plena transa, coisa de que eu *não* fui poupada, mas eu é que não vou chamar esse II aqui em casa ou armar para que o Felipe vá lá no motel, muito coisa de novela isso (fora que, *como* eu faria isso, exatamente? Ah, mais fácil foto ou vídeo, né, a tecnologia está aí pra isso).

Mando uma mensagem para a Sofia perguntando se ela pode fazer alguma coisa agora. Mando a mesma mensagem para a Lu. Mando a mesma mensagem para a Bia. Ai, tô bem louca. Só sei que nesta casa eu não passo meu sábado. Não quero passar este lindo dia de sol do lado de um *traidor*, de um *cínico* sem precedentes.

Ninguém me responde, que droga, por que as minhas amigas têm que ter vida, hein? Quase cogito *ligar* para alguma delas, quando a Bárbara me pergunta se eu não quero ir com ela e com a minha mãe almoçar no shopping mais tarde. Respondo que sim e vou correndo para o quarto me arrumar alucinadamente.

– Ué, de vestido? – o Felipe pergunta, saindo do banheiro.

– Minha mãe e a Bárbara me chamaram para sair com elas – respondo, escolhendo um sapato, sem olhar na cara dele. – E à noite vou sair também, a

Lu vai fazer uma reuniãozinha na casa dela para ver seriado, uma coisa só de meninas – invento.

– Mas... A gente ia andar de bicicleta agora!

– E daí? Nem tudo é como a gente pensa, como a gente planeja, Felipe – respondo, indo para a sala e me esforçando para não chorar. Não vou mais chorar por causa disso, não vou, me recuso! – As pessoas vivem pegando a gente de surpresa. E aí a gente tem que reagir.

– Mas...

– Você quer andar de bicicleta, você anda de bicicleta sozinho – digo, pegando a minha bolsa e abrindo a porta. – Tchau.

– Espera – ele diz, segurando a porta do elevador. – O que está acontecendo? Você tá muito estranha. O que aconteceu enquanto eu estava no banheiro? Num minuto você estava servindo café na cama e cheia de planos para hoje, e agora tá saindo sem mais nem menos, isso não está certo. Eu tô percebendo cada vez mais como você faz questão de fazer seus programas, respeito, acho importante, até, que a gente continue fazendo nossos programas sozinhos, mas...

– Sem discurso, Felipe – digo, entrando no elevador. – Bom sábado pra você. Dá para soltar a porta, por favor?

E ele solta, boquiaberto.

Mal entro no carro, qual é a primeira coisa que eu faço? Me ponho a chorar. Claro.

São 2 horas da tarde e o II acaba de me mandar uma mensagem confirmando nosso encontro de hoje à noite: a ideia é a gente se encontrar no mesmo bar da outra vez para tirar a “impressão ruim” que ficou no último encontro, tomar uma cervejinha e rumar para o motel no carro dele. Todo esse diálogo me deu vontade de sair correndo da Terra e nunca mais voltar; mas, bem, é assim que vai ser. E o pior é que nem consegui desabafar com a Sofia, que mandou uma mensagem dizendo que está na praia e depois não deu mais sinal de vida. A Lu e a Bia responderam, mas não tive coragem de contar nada para elas, principalmente pelo celular. E a minha mãe e a Bárbara... Não têm ideia do que está acontecendo e só sabem dizer coisas como: “Por que você tá com essa cara?” e “Nossa, que mau humor”.

– Liga para o Felipe, filha – minha mãe diz, trazendo o sorvete.

Estamos na praça de alimentação.

– Hã?

– Você disse que ele não veio porque ia ver a família dele, mas é bom ligar, né, mandar foto, mandar vídeo, não sei, essas coisas que vocês fazem.

– Já mandei – minto.

– Não mandou nada – a Bárbara fala, se sentando. – Esse casamento da Débora está todo estranho.

Morro por dentro.

– Não tem nada de estranho – digo, tentando passar naturalidade. – Aliás, por que você tá aqui e não tá estudando, hein? Enquanto você tá aqui, o seu concorrente tá lá, na casa dele, revisando a matéria e...

– Déb, desde que você se casou, quantas vezes você levou o Felipe lá em casa? – ela continua falando. – Sem contar que você sempre teve o humor oscilante, para falar de maneira bem educada... Que você é *bipolar*...

– Ei, você nem entrou na faculdade, para de me diagnosticar.

– E vocês estão sempre separados, toda vez que eu te ligo você está com as suas amigas, até de noite.

– Bárbara, irmãzinha querida, você não tem absolutamente *nenhuma* experiência em relação à vida de casada. Mãe, fala pra ela?

– Até de noite vocês estão saindo separados? – minha mãe pergunta.

– Gente, quanta caretice. Os casamentos modernos são assim. Os da minha geração, pelo menos. Cada um na sua! Que saco.

– Mas vocês estão bem, né, filha? – minha mãe quer saber. – Estão bem um com o outro, digo. Se você quiser falar alguma coisa, desabafar, minha filha, é só...

Vejo a mão dela se aproximando do meu ombro e dou um *coice* tão forte que me sinto um cavalo. Mão no ombro não, senão vou me acabar de chorar aqui no meio do shopping.

– Tá tudo bem, mãe – digo, com o corpo afastado. – Tá tudo bem, sério mesmo. E você? Tá bem?

– Comigo, tudo bem... Tentando me acostumar com uma filha a menos morando comigo...

A Bárbara revira os olhos, eu sorrio. Ótimo: vamos mudar o assunto para o fato de eu ter saído de casa, minha mãe sentir minha falta...

Passamos a tarde fazendo compras: a Bárbara troca uma blusinha dela,

que foi o que motivou toda essa vinda ao shopping, além do fato de que ela estava ficando zozona de estudar sem parar há dias, minha mãe compra uma sandália incrível e eu, que estava sem clima para comprar coisas, acabo comprando uma blusinha bem linda.

Quando as duas falam em ir embora, olho no relógio: saco, ainda está muito cedo para encontrar o II no bar. O que eu faço até lá? Fico fazendo hora na casa da minha mãe? Fico vagando na rua até dar o horário? Meu celular apita: a Lu e a Bia perguntam se eu não quero ir ao shopping comprar sapato! Não creio, que bom!!! Falo com elas para virem onde estou, e elas concordam, ótimo. Meu problema de não ter onde ir foi resolvido: é só passar umas dez horas neste shopping no total que vai dar a hora do meu encontro. Me despeço da minha mãe e da Bárbara e sento num café enquanto espero as meninas. Que legal, mais um shopping com a Lu e a Bia. Isso me faz me sentir nos tempos do colégio!

Fico mexendo no celular e tomando meu cappuccino. Releio minhas mensagens com o II e meu coração vai ficando acelerado: não de ansiedade boa, sabe, mas da pior ansiedade possível: aquela que dá um nó na barriga e no corpo todo.

De repente, sinto vontade de chorar em pleno café, na frente de todo mundo, mas me seguro. Estou com uma sensação horrível de não saber o que estou fazendo da minha vida. Penso em como o Felipe deve estar agora, triste comigo, e sinto vontade de ligar para ele, mas não ligo. Como ele faz o que faz comigo e ainda me preocupo com a tristeza que ele deve estar sentindo? Sou muito idiota, mesmo. Mas me preocupo. Estou sendo consumida, neste momento, pelo medo de que ele esteja falando com os pais sobre como o casamento está horrível, e que ele está pensando em se separar e tal... Mas e daí? Por que eu faço tanta questão de continuar casada com ele? Afe! Estou muito mal e só sinto algum alívio quando vejo que a Sofia está me ligando. Não consigo ficar sozinha sem entrar em parafuso, FATO!

– Oi, amiga! Vamos falar rápido que tô no meio do nada e minha bateria tá acabando...

– Sofia, vou sair hoje com o Felipe II.

– Felipe II?

– O do Tinder!

– Mas... Estou confusa... Voltamos no tempo? Porque eu me lembro que você já tinha saído com ele...

– Arram...

– E tinha detestado...

– Ah, não é bem detestado... É só que eu não tinha gostado... não tinha gostado nada.

– E por que você vai sair com ele de novo, criatura?

– Ah, Sofia, preciso resolver essa história de uma vez! Não aguento mais! E você mesma vive falando que eu tô muito seletiva!

– Hmmm... Sei não, hein, amiga.... Aonde vocês vão hoje?

– No motel.

– O quê? Débora, não faz isso. Não se vai ao motel com quem você não está a fim. O que eu fico dizendo é para você virar essa chavinha aí dentro da sua cabeça que te impede de se interessar por alguém, não quero dizer para você se torturar... Essa sua noite de hoje está me cheirando a *tortura*... Além do mais...

E a ligação fica muda. *Saco!* Além do mais o quê? O quê, meu Deus? E ela está certa, eu não deveria sair com o II de novo, ainda mais para fazer o que vou fazer, mas puxa, queria tanto que ela tivesse dito uma coisa do tipo “vai lá, se joga”. Ia me sentir melhor. Mas, em vez disso, sinto o coração ainda mais acelerado e tenho vontade de vomitar.

Nossa, estou com tanto ânimo para essa noite de sexo como um boi na fila do abatedouro. O problema da vida é falta de botão do tempo, de teletransporte, enfim, de mais tecnologia a serviço da nossa ansiedade! Queria me teletransportar para o dia de amanhã sem passar pela noite de hoje, queria apertar um botão em que eu já tivesse feito sexo com o II.

Agora estou tomando meu terceiro cappuccino, comendo uma fatia de torta e me sentindo mais ansiosa do que nunca. Vejo a Bia e a Lu vindo em minha direção e, em vez de me sentir melhor, me sinto pior do que nunca. Elas estão tão felizes e sorridentes que isso parece deixar mais claro para mim o quanto estou na lama. Além disso, só de pensar que agora vou fingir que estou bem, assim como fingi para minha mãe e minha irmã, me dá vontade de sair correndo. Puxa, meu marido me dá vontade de sair correndo, minhas velhas amigas da escola me dão vontade de sair correndo, a noite de hoje me dá vontade de sair correndo... Quando é que a minha vida se transformou nessa corrida sem fim?

– Dezinhaaaa! – a Bia fala animada, me abraçando. Puxa, a gente não podia pular a parte do abraço? Se me apertarem muito, cai uma lágrima.

– Como você tá lindaa – a Lu fala. É bom ouvir isso, em vez de “Que cara é essa?”, pra variar.

– Oi, meninas!!! – falo, tentando parecer superanimada. – E aí?!!!

– Como tá o Felipe? – elas perguntam, se sentando.

– Muuito fofa a foto que você postou dele hoje dormindo – a Lu comenta.

– Que bom que a briguinha daquele dia ficou pra trás, pelo visto! Vocês são tão felizes juntos, né? Fico tão feliz por você, amiga, nossa!

– Casal mais fofo ever! – completa a Bia. – Fiquei mal quando vocês terminaram, você lembra, né...

Ok. Se a conversa continuar nesse rumo, minha animação vai acabar.

– Pois é. Estamos muito felizes – digo.

– Não neste momento, né, Dé? – a Bia fala, pedindo o cardápio. – Porque você falou essa frase com cara de “morram”.

– É... hoje não foi o melhor dia no nosso casamento – falo, finalmente com alguma sinceridade. Nossa, não estava aguentando mais fingir para as duas que estou no meu maior pico de alegria desde o dia em que vi meu nome na lista dos aprovados no vestibular.

– Por quêêê? Vocês brigaram de novo? – a Lu pergunta, enquanto a Bia faz cara de velório.

– É – respondo. – Mas não quero fazer disso um *big deal*. Foi uma briguinha à toa e...

Então a Bia põe a mão no meu ombro. E me olha com a cara de velório. E eu choro, claro.

– Amiga... Pode desabafar, estamos aqui pra isso – a Lu fala.

– Não... Vocês estão aqui pra comprar sapato – eu falo, soluçando.

– Isso pode ser em qualquer dia. Agora, você está mal – a Bia fala, séria.

– Conta pra gente o que aconteceu.

– Abre o seu coração – pede a Lu.

– Sabe, é normal estranhar um pouco a vida de casada no início – a Bia fala. – Outro dia li uma matéria falando sobre isso: períodos de mudança boa estressam a gente também, não só períodos de mudanças negativas. Rola toda uma adaptação, saudade de morar com a família, essas coisas!

– Sem contar que você está naquela de empolgação com a festa, vestido, lua de mel, etc... E, de repente, cai de paraquedas no dia a dia normalzinho – a Lu fala.

Eu queria falar com elas que tudo o que eu queria com o Felipe era um

dia a dia normalzinho, e não essa insanidade que meu dia a dia virou. Queria falar que o peguei com outra mulher e como isso destruiu a confiança que eu tinha nele. Mas acabo falando:

– Hoje vou sair com outro cara.

Silêncio.

– Não entendi – a Lu acaba falando.

– Nem eu – a Bia fala.

– Estou infeliz no meu casamento e talvez me separe – eu acabo falando.

– E me envolvi com outro cara, é isso.

Já estou arrependida de ter falado. Puxa, se minha tarde estivesse sendo com a Sofia, tudo estaria sendo tão mais fácil. A Lu e a Bia não têm *ideia* do que está acontecendo e eu não consigo mentir para elas e acabei contando a história pela metade... para quê? Deveria ter ficado calada! Bom, agora já foi.

– Desculpa, Dé – a Bia fala. – Tô meio chocada com essa informação.

– Você sempre foi tão romântica e fofa, não te imagino traindo o Felipe...

– Puxa, Lu, esperava mais compreensão da sua parte, lembra quando você traiu o Vitor? – pergunto, tirando um caso do fuuundo do baú.

– Eu sei, mas tô meio chocada, eu namorava o Vítor há pouco tempo e vocês dois... Poxa, vocês acabaram de se casar – diz a Lu.

– Pois é, meninas, mas não é tão simples assim. Eu... Eu descobri que o Felipe ficou com outra mulher quando a gente estava para se casar. É isso – acabo falando. Ah, estava uma coisa sem nexo, né! Já que comecei a falar, vamos esclarecer esse assunto.

– Uau! O Felipe! Jamais poderia imaginar! Não, espera. Não pode ser. O Felipe!!! Se fosse qualquer outro homem neste mundo, mas o Felipeeeee? – a Lu repete sem parar, me olhando incrédula. – Nossa, tô muito passada com tudo isso!

– Meu Deus, como ele pôde?! – a Bia fala.

– O Felipeeeee?! – a Lu repete. – Canalha!!!

Ouvir minha amiga xingando meu marido não faz com que eu me sinta melhor. Ele merece ser xingado, verdade, mas prefiro eu mesma fazer isso, ainda que mentalmente.

– Calma, Lu, calma. Vamos entender direito o que tá acontecendo – a Bia fala. – O Felipe ficou com outra mulher. E agora você vai ficar com um cara pra se vingar?

– É isso – digo, apesar de não ter gostado muito da maneira como soa.

Nunca gosto de ouvir essa minha situação resumida, é tudo tão complexo!

– Você vai me desculpar, amiga, mas não está sendo muito *maduro* da sua parte.

– Poxa, Bia, me desculpa por não atender aos seus critérios de maturidade em assuntos relacionados ao *meu* casamento! – respondo, irritada.

– Calma, amiga – a Lu fala para mim. – É que é muita informação nova pra gente digerir.

– Se é muito para vocês, imagina para mim, que estou lidando com isso desde o primeiro dia do casamento? Vocês acham que está sendo fácil? Que eu sonhei com um casamento assim? Que estou me levantando feliz todos os dias para ir ao trabalho? Aliás, vocês não imaginam a droga que está meu trabalho.

– Dé... Você deveria conversar com o Felipe em vez de... – a Bia tenta falar.

– Bia, desculpa, eu acabei de te contar isso, não vou aceitar que você me dê conselho sem nem ter acompanhado o que aconteceu. Me arrependi de ter contado pra vocês. Tudo o que estão fazendo desde o minuto em que contei é me julgar!

– Calma, amiga, se a gente não está entendendo, então explica tudo pra gente, do começo – a Lu fala. – A gente não tem como saber o que acontece na sua vida se você não fala pra gente. Aliás, você tá tão diferente ultimamente, tá tão distante, você mudou e...

– Vou embora – digo, me levantando. – Me arrependi de ter falado com vocês o que aconteceu. Tchau.

– Dezinha... – a Bia pede.

– Tchau.

Saio do café, pago o estacionamento e entro no carro chorando. Que lixo de dia, esse de hoje: briga com o Felipe, briga com minhas amigas e, nos próximos instantes, rumo a uma noite de sexo com um cara de quem eu não estou a fim!!! Aaaaah que *saco* de dia!!!! Que *saco* de *vida*!!! Ok, estou tentando ser menos dramática, mas hoje está difícil!

Faço alguns exercícios de respiração para ver se me acalmo um pouco. Respiro fuuundo, solto, respiro fuuundo, solto. Hum, melhorei tipo dois por cento. Olho no relógio: pior que ainda são 5 horas e marquei com o II às 8h. Dou a partida no carro sem saber para onde vou e começo a ficar preocupada com o fato de o Felipe, o I, não ter me ligado até agora, mandado mensagem,

nem dado sinal de vida.

Ele deve estar mesmo muito puto comigo. Mas tudo bem, não me importo, ou melhor, estou me esforçando para não me importar: eu que tenho que estar puta com ele. Mas por que será que ele não me ligou, hein... Enfim, não quero pensar nisso. Quer saber, acho que vou voltar para o shopping, comprar um livro, ir para o bar e ficar lá esperando o II, fazendo a louca que lê no bar enquanto toma cerveja. Não estou com a menor vontade de ir para a casa da minha mãe ou do meu pai e menos ainda para a minha.

Estaciono o carro, passo um tempinho escolhendo o que vou ler na livraria, torcendo para não ser vista pelas meninas, como uma esfirra e tomo um refrigerante no café da livraria porque sou gulosa e aposto que assim que chegar ao bar vou comer alguma coisa e volto para o carro. No caminho, paro no sinal para ver a mensagem que acaba de chegar: é o II, perguntando se estamos confirmados hoje. Respondo que sim, com um suspiro. Queria que a mensagem fosse do Felipe I. O que será que ele está fazendo? Ele sumiu.

O II fala que consegue chegar antes se eu quiser, e eu digito “não precisa”, o que é estranho, porque sei que vou ficar lá mofando no bar um tempão antes de ele chegar, mas enfim, já digitei. Será que quando eu voltar para casa, à noite, o Felipe vai ter tirado as coisas dele do apartamento e deixado, tipo, um bilhete na mesa? Fico apavorada com essa possibilidade. Bom, vou parar de pensar nisso, não vai me levar a lugar nenhum. Hoje, mais do que nunca, preciso estar focada. Focada não no que vou fazer “da minha vida” ou em coisas vagas desse tipo, mas focada no que vou fazer *esta noite*. Ai, ai.

Chego ao bar, que está vazio. Peço um refrigerante, sento e abro meu livro, mas não consigo me concentrar. É, o Felipe I sumiu mesmo. Dou uma olhada no Face, dou uma olhada no Instagram: nada do meu marido. A essa altura não deve ter nem mais uma cueca dele lá em casa e... Ok, vou pensar em outra coisa. Como por exemplo: nossa, a casa é da avó dele, então se alguém tiver de sair vai ser eu. Bom, pensar nisso não me deixou mais tranquila. E por que pedi um refrigerante, afinal? Chamo o garçom e peço uma cerveja. Aliás, acho que cerveja vai ser a chave do sucesso da minha noite de hoje, assim como caipirinha e toda espécie de bebida alcoólica. Não me orgulho disso, mas vai ser o único jeito de ficar com aquele cara. Só não posso esquecer da camisinha, de jeito nenhum.

São 7h50, ou seja, faltam, teoricamente, dez minutos para o II chegar. O Felipe não deu notícias até agora, o que me dá uma certeza cada vez maior de que meu casamento já era. Bom, se é assim, melhor eu ligar para ele e ter certeza, antes que transe com esse II à toa, né? Ah, Débora, para de viajar, o Felipe só está bravo/chateado com você, ele não faz o estilo “bilhete e adeus”. Aliás, na vida real, talvez ninguém faça. Eu sou muito novelesca, às vezes.

Peço mais uma cerveja, a terceira e, decido, a última – resolvi que quero fazer tudo o que fizer hoje sóbria. Nossa, a cada minuto que passa estou mais nervosa. Abro o livro para tentar ler um pouco apesar das minhas mãos trêmulas e dos meus olhos cheios de lágrimas duramente repreendidas e... Droga, ele chegou. O II. Com a aparência mais sebosa do que nunca: ele não deve ter lavado o cabelo nenhuma vez desde aquele nosso encontro. Por que será que ele não se enfia debaixo do chuveiro, hein? Só falta ele falar que a gastrite não deixa lavar o cabelo. Argh!

– Oi! – ele diz, se aproximando todo animado. Ah, ele bem que tenta ser legal, tadinho.

Respondo oi e... eca, que isso? Ele me dá um daqueles beijinhos perto da boca, sabe como? Versão melecada. Argh, e senti o hálito dele daqui. *Não melhorou.*

– Hoje fiquei tão nervoso à tarde, que tive crise de gastrite de novo – ele diz. Pelo hálito, eu já tinha imaginado. – Tudo bem com você? – ele pergunta, se sentando. – Você está com uma carinha meio triste...

Minha vontade era responder: você também estaria triste se tivesse brigado com sua esposa, que você não sabe se ainda tem e se não tiver você deveria ficar feliz, porque ela te traiu, e se você ainda por cima tivesse brigado com seus amigos do colégio. Mas falo apenas que não é nada e pergunto como ele está.

Papo vem, papo vai e não consigo prestar atenção a uma palavra do que ele diz. Eu só queria ir embora, sério mesmo, de preferência para um dia do ano passado, antes de ver o Felipe com a Luma, antes disso tudo começar.

Pedimos uma porção de batata frita, porque, afinal, não basta que eu fique triste, sempre posso engordar mais um pouco, e tudo piora quando eu vejo que ele... come... de boca aberta. Ah, não. Sério, estou me sentindo a criatura

mais fresca da face da Terra neste momento, mas por que esse cara não faz um curso para aprender o mínimo de, digamos, higiene pessoal e boas maneiras? O que é isso que estou vendo, ele está enfiando o dedo na boca para tirar um pedaço de comida do dente? Eca!!!!

– Vou ao banheiro – falo, pegando a minha bolsa e sorrindo amarelo. Nem sei por que peguei minha bolsa, acho que no fundo estou torcendo para que no banheiro tenha uma janela secreta por onde eu possa desistir desta noite e fugir para bem longe.

No banheiro, sento sobre a tampa da privada com toda a calma do mundo e fico fuçando o celular. Nada do Felipe em nenhum lugar, nada da Luma, iiihh... Só faltava isso para minha saúde mental, ficar imaginando que os dois estão juntos agora. Esquece isso, Débora, esquece. Selfie da Lu e da Bia no shopping, foto do Fabinho em que ele está maravilhoso com uma camiseta preta... Dou uma olhada no Twitter e minha timeline está especialmente chata neste momento, mas enrolo mais um pouco por motivos de vontade zero de voltar para mesa, quando pula uma mensagem da Sofia:

Débora, não transa com esse cara hoje. Sério. Estou sentindo que você vai se arrepender muito. Pensa assim: quando não tem química nenhuma com alguém, é tipo o nosso corpo avisando: não ultrapasse. No mínimo, vai ser a pior noite da sua vida.

Respiro fundo e meus olhos se enchem d'água quando penso que já tive a pior noite da minha vida: foi quando vi meu marido nos braços de outra. Não respondo e o telefone toca:

– Onde você tá? – a Sofia pergunta.

– No bar. No banheiro.

– Mudou alguma coisa em relação ao cara do Tinder?

– Zero. Minha sensação aqui é de estar sendo uma prisioneira no corredor da morte.

– Amiga... Vale mesmo a pena se colocar numa situação dessa? Fazer sexo com um cara de quem você não está a fim? Desiste, vai! Por favor, pelo menos repensa isso. Tô te pedindo.

– Mas Sofia, eu tô cansada disso tudo, tô exausta! – digo, caindo em prantos. – Quero resolver isso logo, quero acabar com isso de uma vez. E outra, não fico a fim de ninguém, ninguém tá bom para mim, você mesma

fala isso!

– Então procura mais! Você está mais exigente, mas é claro que vai acabar se interessando por alguém.

– Mas e o estresse que passo até lá? Cada dia sentindo uma coisa em relação ao Felipe, cada dia sem saber o que fazer... Você não sabe a discussão que a gente teve hoje, vi que a Luma ligou para ele ontem, acredita, ele não atendeu porque estava jantando comigo, fiquei com tanto ódio... Além disso, e se eu não for capaz de sentir tesão por outro cara, de tanto que eu amo o Felipe?

– Você iria para a cama com aquele cara do trabalho, não iria? O Toninho?

– Fabinho... Iria, claro, agora, ontem... Se ele não tivesse namorada, porque sempre tem alguma coisa errada para estragar meus planos, claro – eu falo, com meu tradicional otimismo.

– Ele não faz o gênero surfistinha e tal? Pronto! Vamos numa balada assim. A gente tá errando de balada. Vamos numa balada cheia de caras assim no próximo fim de semana, sem falta. Aliás, vamos fazer um intensivo! Vamos sair para uma balada assim na sexta, no sábado e, se precisar, no domingo. Volto da praia na sexta e saímos já na sexta mesmo!

– Nossa, você vai ficar até sexta aí? E o trabalho?

– Acabei o job de publicidade, mas trouxe o note, tô trabalhando daqui, respondendo umas perguntas de um site de moda e beleza. Faço as entrevistas pelo telefone e respondo com minhas próprias palavras, porque respondo como uma consultora da marca, a Gigi, uma animação de uma mulher querida que usa óculos e tal. Tão pagando superbem!

– Ai, Sofia, e aí... Será que vou embora deste bar? – pergunto, seriamente tentada. – O que eu vou falar para o II?

– Isso é o de menos – ela fala. – Mas vai embora, amiga. Vamos fazer o seguinte: a gente se dá um prazo. Uma semana. Se daqui a uma semana você não arranjar um cara com quem você *realmente* tenha vontade de transar, você liga de novo para o cara do Tinder aí. Uma semana.

– Será? Mas...

– Balada certa. Cheinha de caras do seu tipo. Dessa vez vai rolar, você vai ver. Uma semana!

– Ai, tá bom!! – respondo, de repente animadíssima com a ideia de cancelar minha noite de sexo ultradesmotivadora e ir para casa grudar no

Netflix, com ou sem Felipe. Ver seriado = estabilidade emocional e calor no coração!

Lavo as mãos pensando em como vou me livrar educadamente do II e sem machucar os sentimentos dele. Missão bem difícil. Mas não posso fazer sexo com alguém só para não machucar os sentimentos dessa pessoa, né? Tipo, não posso fazer nada. Queria tanto me teletransportar para casa... Puxa, esse é o tipo do pensamento improdutivo, mas que não consigo evitar. Ainda não inventaram o teletransporte, Débora, põe isso na sua cabeça. Enfim, melhor passar por isso do que por uma noite patética num motel.

– Preciso ir – digo para o II, me aproximando da mesa, sem sentar.

– Hã? A gente vai junto, né?

– Não vai rolar – falo, tirando o dinheiro da minha carteira e colocando em cima da mesa. – Desculpa.

– Olha, eu nunca conheci uma mulher tão confusa quanto você na vida, sério mesmo – ele diz, com uma cara de “não tô acreditando no que está acontecendo”.

– Pois é... Eu sou confusa mesmo – eu digo, virando as costas e indo para o carro. – Talvez um dia eu te ligue, tá, daí, se você puder, a gente combina de novo.

Ufa! Isso foi rápido, penso, aliviada, dando a partida. Tão bom quando sou objetiva, devia tentar isso mais vezes! Pensando bem, eu podia ter me dado ao trabalho de inventar um compromisso urgente, né? Tipo, minha mãe está passando mal, sei lá. Bom, agora já foi.

A noite não foi de todo improdutiva, penso, estacionando na garagem. Me dei um *prazo* para resolver isso: uma semana. Um prazo, tudo a ver com a rotina de uma jornalista! Meu rumo agora: minha própria casa. Embora eu não saiba o que me aguarda lá. Ai, ai.

Abro a porta de casa com as mãos tremendo. E, antes mesmo que eu entenda o que está acontecendo... vejo a sala tomada de... *flores*? É isso mesmo, Brasil?

– A gente não tá bem, Débora, mas eu quero que a gente fique bem – o Felipe diz, surgindo pelo corredor. – Acho que não fui exatamente o cara com que você sonhava, eu vejo que você se arrependeu de ter se casado, que tem

dúvidas – ele diz, olhando nos meus olhos e pegando na minha mão. – Mas eu te amo. Não pensa em se separar de mim, por favor. Eu te amo demais!

Olho ao meu redor e vejo que tem rosas amarelas, rosas cor-de-rosa, copos de leite e flores do campo das mais variadas formas: algumas flores estão soltas, outras arrumadas em buquês, outras ainda em um vasinho. Deve ter umas cem flores aqui.

– Passei o dia pensando que, quando eu chegasse em casa, você não ia estar mais aqui – ele fala. – Nem tive coragem de te ligar para não ter que ouvir que você iria embora. Espalhei as flores sem certeza de nada. Fiquei tão feliz quando ouvi a porta se abrindo...

É impressão minha ou ele vai chorar? O Felipe faz o tipo sensível, mas dificilmente chora. No entanto, as lágrimas estão a ponto de pular dos seus olhos encharcados. Fico com muita dó dele e de tudo que estou fazendo. Eu amo esse homem e detesto vê-lo sofrer assim.

– Eu não vou me separar de você – eu digo, olhando nos olhos dele. – Estou, sim, passando por uma fase difícil. Estou passando por umas questões desde que a gente se casou. Mas quero que a gente fique junto – falo, me aproximando dele.

Não deixa de ser verdade. Eu quero, ou, melhor dizendo, eu gostaria que a gente ficasse junto mesmo depois da traição e do flagra que eu *tenho* que levar até o fim, por uma questão de honra. Mas talvez não seja possível continuar ao lado dele. Não sei. Você precisa confiar na pessoa que está dormindo ao seu lado.

Ele põe uma música, pega a minha mão e começamos a dançar. É Elvis Presley quem está cantando: um som bem romântico e antiquinho que eu adoro. Fecho os olhos e quero aproveitar o momento ao lado deste homem que eu tanto amo, mas uma parte de mim, uma parte que não aguenta mais viver essa montanha russa de sensações em relação ao Felipe desde que me casei... Essa parte faz questão de me lembrar da curtida da Luma, mais cedo, da chamada não atendida porque a gente estava jantando, e da cena, da fatídica cena, que ninguém me contou, mas que eu *presenciei*, na véspera do meu casamento.

Em uma semana, faço sexo com alguém. E seja o que Deus quiser.

14

30 de junho, segunda-feira

Mudanças bombásticas aqui no trabalho e, por pouco, a balada intensiva do fim de semana não será cancelada. Mas estou *muito* P da vida porque o fim de semana, sem ser o próximo, o outro, vai estar todo comprometido por causa de um emprego que, convenhamos, me frustra de um jeito diferente a cada dia.

Cheguei de manhã toda normal, no melhor estilo “segunda-feira nublada, respiremos fundo, vamos que vamos”, quando a Paloma reúne toda a redação para anunciar uma mudança gráfica e editorial na editora.

– Mudança gráfica e editorial na editora?! – eu perguntei, sem querer dar muito na cara, mas mostrando completamente que eu não fazia ideia do que era isso.

– Vamos mudar tanto o layout, ou seja, as fontes que usamos na revista, o modo como diferenciamos uma seção da outra, enfim, vamos mudar tanto a *cara* da revista – ela explicou – como as seções, e decidir quais vamos manter, quais vamos tirar, que seções vamos criar, em que tipo de pauta precisamos apostar, etc. Enfim, vamos mudar tudo por aqui! De igual, só fica a equipe. Por enquanto... Hahaha.

(Além dela, ninguém riu.)

– E não é só a nossa revista, não – ela continuou. – *Todos* os títulos da casa vão mudar. Vamos deixar tudo melhor do que já está. O motivo? As vendas estão caindo, gente. Caindo não: des-pen-can-do. Ou a gente repensa nossos títulos e agarra esse leitor, ou as revistas acabam. Caos. Trevas. Escuridão! – ela disse, dramática. – Temos que fazer *muito* melhor do que estamos fazendo. Temos que escrever matérias irresistíveis. A partir de hoje, não aceito mais nenhuma matéria que não me emocione.

Fiquei meio confusa nessa parte. Como matérias do tipo “as melhores praias do Brasil” vão exatamente *emocioná-la*? Mas tudo bem.

– Além disso, toda a redação vai colaborar no nosso site e nas nossas redes sociais – ela continuou. – Não vamos mais terceirizar essa parte.

– Mas vai rolar um aumento? – perguntou uma voz lá do fundo, da Giuliana, designer.

– Que piadista você está hoje, Giu! – a Paloma respondeu. – Adorei!

Até aí, eu já estava achando tudo bem bombástico, embora ainda estivesse tentando entender o impacto que essa mudança toda ia ter no meu dia a dia de trabalho, na minha rotina aqui. Mas aí veio a parte realmente bombástica:

– Para inspirar todos nós nesse novo ciclo de reuniões e decisões que vem pela frente – ela disse –, vamos fazer uma *vivência*. E já vai ser, sem ser nesse, no outro fim de semana. *Save the date*. E isso é para *todos* vocês!

O pessoal não falou nada, mas vi o Luca e a Marina revirando os olhos. Claro, eles estavam perfeitamente familiarizados com o termo “vivência”, enquanto eu estava boiando lá. Mas não quis fazer outra pergunta, já que quando perguntei sobre a reforma editorial e gráfica, a Paloma me olhou com cara de “Ela fez faculdade de quê, engenharia química?”, e esperei para perguntar depois da reunião, para a Marina, no corredor.

– É uma inspiração compulsória – respondeu ela, correndo até a impressora, toda apressada. Fui atrás dela.

– Hã? Explica direito!

– AAI, vem comigo, que preciso pegar um monte de coisa lá na impressora. Olha só, presta atenção: a gente vai para o meio do mato, se hospeda num chalé que dizem ser quatro estrelas, mas que na verdade eu daria duas e meia, e vamos tecnicamente para “relaxar” e “nos inspirar”, mas na verdade é reunião atrás de reunião e, à noite, uma certa pegação.

– Mas o final de semana inteiro?! Não é contra a lei, isso? Que saco!

– Saco total. Um atraso de vida! Eu queria tanto ir no churrasco de uma amiga minha no sábado... E na volta, prepare-se: reforma gráfica e editorial significa que a gente vai ter mais de miiil reuniões com miiil tarefas novas, morrendo de medo de ser demitido e sem nenhum minuto de sossego.

Voltei para minha mesa, onde estou agora, deprimida e pensando seriamente em pedir as contas. Cara, nada pior do que não morrer de amores por um trabalho e ainda ser obrigada a ficar nele durante o *fim de semana*!

Vou até a cozinha e, como a garrafa de café está vazia, subo as escadas para a máquina do andar de cima.

– Débora! – a Marcella fala, vindo em minha direção. – Adivinha quem foi pedida em casamento?

Minha vontade é responder: eu, e fui traída e não recomendo, mas falo alegremente:

– Juraaa?!

– Simmm, eu e o Fabinho vamos nos casar!

Que ótimo, penso, agora é que o Fabinho está mesmo morto e enterrado para mim. Mas em vez disso falo:

– Parabééééns!!!

– Vou te contar tudo! Foi muito surpreendente – ela fala, apertando o botão da máquina de café. – A gente mora junto há seis meses e, pra mim, sinceramente, morar junto e ser casado dá no mesmo. Quer dizer, era isso o que eu achava. Quando ele, no meio do jantar no restaurante, apareceu com uma aliança e me pediu em casamento, é que eu percebi como eu queria tudo isso: o vestido, a festa, a brincadeira toda!

Sorrio amarelo. *A brincadeira toda* saiu tão errado pra mim! Ainda sofro tanto quando penso que o dia que era para ser um dos mais felizes da minha vida foi o dia em que eu tomei um porre para tentar esquecer, por alguns instantes, pelo menos, a traição do meu marido. Mas, ok, vamos nos concentrar na felicidade da Marcella. Ela é muito legal e merece tudo de bom.

– Aliás, você poderia trazer as fotos do seu casamento qualquer dia desses, né? Para eu me inspirar nos preparativos, que tal? – ela sugere.

– Claro! – respondo.

Conversamos mais um pouco, pego mais um café e me sinto meio insensível por não estar feliz por ela, mas não adianta forçar: desculpa, estou meio que imersa nas minhas próprias lembranças. Festa de casamento não é exatamente um assunto *fácil* para mim. Acho que, no próximo casamento que eu for como convidada, vou desatar a chorar no meio da igreja. Talvez seja bem no casamento da Marcella e do Fabinho, que pelo visto vai ser o próximo da minha vida. Mas, de qualquer maneira, quero e espero que a Marcella seja muito feliz, porque ela merece. Sinceramente, não acho que aquele cafa do Fabinho vá ser o melhor marido do mundo, mas quem sou eu para falar, né? A traída aqui continua casada.

– A gente se ama tanto, sabe, Débora? – ela fala. – Eu tô tão feliz.

Ai, amiga, eu sei como é essa sensação de amar e ser amada. Mas sugestão: fique à vontade para dizer coisas como “eu tô tão feliz”, mas melhor trocar “a gente se ama tanto” por “eu o amo, já ele, não tem como saber”.

– Que bom, Má! Essa sensação é uma delícia, aproveita! – digo apenas.

– Bom, vou voltar lá – ela fala. – Queria que a vivência fosse no outro fim de semana, porque queria passar este comemorando com o Fabinho e quem sabe já vendo uma ou outra coisa para o casamento, mas...

– Ué, mas a vivência vai ser no outro fim de semana.

– Mas estava correndo um disse-me-disse que iam trocar para este fim de semana agora...

– Hã? Não, é no outro, depois deste – digo, focada no meu fim de semana que, se tudo der certo, vai ser o intensivão-da-pegção-na-baladinha-surfistinha.

Nos despedimos e desço para o meu andar meio nervosa.

– Dé, assina aqui o abaixo-assinado? – a Marina me pede, assim que volto para a minha mesa.

– Que abaixo-assinado, louca?

– Todo mundo prefere que a vivência seja neste fim de semana agora, e não no outro. Falei com a Paloma e ela pediu para eu recolher assinaturas aqui e nas outras redações para ver se a maioria quer que mude a data mesmo.

– Como assim? Eu não quero que mude a data! E por que você não manda um e-mail para todo mundo em vez de ficar andando que nem uma escoteira com esse papelzinho, meu Deus?

– E perder a chance de enrolar um pouquinho entre as mesas? Nunca!

Dou risada, mas é de nervoso. Poxa, não pode ser neste fim de semana. Que droga! Por que as coisas não podem ser do jeito que eu quero, só pra variar um pouco? Posto um texto novo no meu blog (que agora tem dois comentários! Um do meu marido e um da minha irmã), pego o celular e fico navegando um pouco no Instagram. Vejo uma foto linda do Fabinho surfando, corpo mais que perfeito, mas recupero meu foco, que, no momento, consiste em: reclamar da vida. Mas tudo bem, a Marina ia *tentar* mudar a data da vivência, mas nada garante que ela vai conseguir. Vou ficar na minha aqui, alternando reclamação com mentalização. Vai dar tudo certo, Débora. A

vivência vai ser mantida para o fim de semana sem ser este o outro. Não se muda a reserva de um hotel assim, de uma hora para a outra. Vai dar tudo certo...

– Vai ser neste fim de semana agora! Consegui! – a Marina anuncia, toda feliz, no fim da tarde, para o meu desespero.

– Não! – eu falo, abrindo meu Outlook e vendo que acaba de chegar um e-mail coletivo da Paloma oficializando a nova data.

– Mas em que isso te atrapalhou, Déb? Você nem tinha falado que tinha outro programa em mente nem nada – a Marina fala.

Eu tinha, Marina. *Transar!*

– Que droga, Marinaaaa! – falo, quase gritando, e a Bruninha me repreende pelo escândalo momentâneo.

Termino meu dia mal-humorada porque vou ter que adiar meu fim de semana lascivo e ainda mais escrevendo um lixo de matéria sobre quais são as melhores partes do corpo para passar perfume. Sério, essa coisa de atrás do pulso/pescoço/orelha é tão batida e já foi dada tantas vezes que nem me dou ao trabalho de entrevistar ninguém: vou no acervo da revista e reescrevo uma matéria sobre esse mesmíssimo tema que foi publicada há exatamente um ano, seguindo a orientação que a minha própria editora me deu.

Entro no carro ainda zonza com meu dia. Vai ter vivência, o que é vivência, lembranças tristes da minha festa de casamento, vivência vai mudar de dia, onde você usa seu perfume... Tô louca para ir para casa, tomar um banho e me livrar desse mau humor todo.

Saio do banheiro enrolada na toalha me sentindo muito limpinha e cheirosa. Amo esta sensação. O Felipe ainda não chegou do trabalho e aproveito para curtir a casa, coisa que planejei tanto fazer antes de casar e não faço nunca. Uma playlist bem gostosa e eclética está tocando ao fundo, e eu tinha colocado um aromatizador no quarto antes de entrar no banho e agora ele está todo perfumado de capim-limão.

Passo o hidratante pensando no que vou comer no jantar, já que é impossível pensar no momento presente mesmo, quando estou curtindo a casa, e já que o jantar virou uma *questão* depois que me casei. Era tão bom quando eu morava com a minha mãe e sempre, *sempre* tinha comida a

qualquer hora do dia. Hoje acho mágica essa coisa de abrir a geladeira e ver uma travessa de lasanha ou algo assim. Não aguento mais jantar misto quente. Acho que vou fazer um ovo mexido com queijo e abrir uma garrafa de vinho (e me sentir superadulta! Só adultos abrem uma garrafa de vinho sozinhos em casa e fazem ovo mexido com queijo em vez de misto quente ou miojo, que acho uma delícia, mas comer só isso não dá).

Fico na sala, sentada no sofá, terminando minha taça de vinho depois de ter comido meu “jantar” (dois ovos). Bom, até que estava gostoso, mas ainda estou com fome – eu devia ter feito miojo, mesmo. Enfim. Converso um pouco com a Sofia pelo celular, conto para ela sobre a droga da vivência, ela fala para eu não me preocupar, que na quinta que vem saímos e fazemos um intensivo durante a quinta, a sexta e o sábado e vai ser até melhor e tal. Suspiro, tentando me consolar. Bom, tive que mudar a data da pegação, fazer o quê? Mas o importante é o foco: o prazo continua sendo de uma semana, apenas a semana em questão foi deslocada. Logo resolvo isso.

Vejo uma foto da Lu no Facebook e me dá uma tristezinha. A gente não se fala desde a discussão (o que jamais aconteceria na época do colégio, quando a gente resolvia qualquer desavença no máximo no dia seguinte) e isso me chateia. Mas a chateação é um túnel, a gente entra e custa a sair: estou meio triste por causa disso (tristeza essa que veio do nada, mas minha mente é assim), daí, quando vejo, fico triste por causa do meu casamento; daí, quando vejo, já estou triste também por causa do emprego...

Como uma banana, lavo a louça (argh), escovo os dentes, pego um livro e vou para cama. Antes de dormir, vejo uma mensagem do Felipe:

Hoje fico até mais tarde aqui no escritório, amor.
Dorme sem mim que o negócio aqui tá feio! Te amo.

Será que você tá no escritório mesmo, Felipe? E será que você me ama? Podem me chamar de careta, mas amar, para mim, envolve exclusividade. Quem ama pode até sentir desejo por outra pessoa de vez em quando, mas daí a ficar com essa pessoa tem uma distância enorme. E você ficou com outra com tanta facilidade. Me custa tanto esforço e culpa tentar fazer o mesmo que você.

Nossa, esse vinho me deixou emotiva. Ponho o celular no silencioso, o livro no criado-mudo e apago a luz do abajur, fechando os olhos em seguida.

Depois de um tempo me revirando na cama, pego o celular, vejo que tem uma mensagem do II aleatória, perguntando como eu estou, e me dá uma tristeza infinita. Ah, quer saber? Pronto, II bloqueado. Não quero esse cara nunca mais, vai dar tudo certo na balada-surfista da semana que vem. Aproveito e volto meu WhatsApp para minha configuração preferida; amo ver a prévia das mensagens na tela, acho muito prático.

Bom, ânimo, Débora! Este fim de semana agora é a vivência lixo, mas cinco dias depois você já vai estar na reta final do projeto amante e todo esse seu drama com o Felipe vai acabar. Ainda não sei exatamente *como* vai se dar esse término, mas vai acabar.

4 de julho, sexta à noite Hora da vivência lixo

Aqui estou eu, com um mau humor do cão, no ônibus que vai nos levar à vivência lixo, que rebatizei mentalmente de *morrência*. Estou de olhos fechados, que é para ninguém puxar papo comigo. Queria dormir, mas à minha volta está o maior auê: por que as pessoas estão tão felizes em um evento obrigatório de trabalho em pleno final de semana, meu Deus? Eu poderia estar rumo a uma balada frequentada por surfistas gatíssimos para escolher o felizardo que ia me ajudar no plano de trair meu marido, mas, em vez disso, estou rumo a um sítio em um lugar X, que nem sei onde é, em um ônibus que anda 5 centímetros por hora por causa do trânsito das 6h da tarde – ótimo horário para sair da cidade, aliás. Só que não...

– Canta, Déb, é a sua vez – a Marina me cutuca.

– Hã? Não, tô dormindo – respondo, com uma voz de sono altamente forçada, já que o ódio que eu estou sentindo me deixa bem desperta.

Bom, mas vamos recapitular os motivos do meu mau humor, além do fato de estar aqui neste ônibus do mal:

1) Acordei às 5 horas da manhã de hoje. Insônia feia. Fiquei rolando na cama, rolando, até ver que não ia mais conseguir dormir e levantar, contrariada.

2) A semana em casa não foi fácil. Na segunda, não consegui pegar no sono sem o Felipe. Quando ele finalmente chegou, lá pelas 2 da manhã, tive

certeza de que ele tinha passado a noite com a Luma e não no escritório, e uma lágrima caiu do meu olho quando ele se deitou ao meu lado (soou poética e dramática essa minha frase, mas na hora foi só dramática, mesmo). Passei a terça e a quarta ignorando tanto o Felipe que esqueci de comentar com ele sobre a morrência. Quando comentei, na quinta, ele ficou todo bravo porque já estava combinando um jantar de casal com a Júlia e o Pedro, e porque ele era sempre o último a saber da minha vida, e que a gente não estava fazendo mais nada junto, enfim: nossa discussão recorrente de casados. Eu, que já não estava com muita paciência porque quanto mais a vivência se aproximava, mais azeda eu ficava, disse que eu não podia fazer nada se tinha um evento do trabalho para ir e que ele vivia chegando tarde por causa do trabalho e que ainda vinha falar no meu ouvido quando eu era convocada para uma viagem que eu nem queria? Ah, faça-me o favor! Enfim, fomos dormir brigados e, hoje, todo o meu contato com ele se resumiu ao beijo que demos quando ele saiu do trabalho e à mensagem que ele me mandou agora há pouco, desejando boa viagem, pedindo desculpa por não ter me apoiado na minha primeira viagem de trabalho, mas é que ele está estressado porque tem trabalhado muito e tinha planejado passar o fim de semana comigo e bla blá blá. Respondi com uma chuva de *emoticons* positivos.

3) O que dizer do trabalho? Esta semana foi palhaçada atrás de palhaçada. Propus fazer uma entrevista com uma autora muito legal de um livro que está bombando lá fora. Eu ia gastar todo o meu inglês e provavelmente suar frio na hora de fazer a entrevista, mas mesmo assim eu propus para a Bruninha, porque acho que essa autora tem umas ideias bem interessantes sobre a vida, os relacionamentos e tal. Daí o que a Bruninha fala? Que a autora era uma “chata mal-amada” e que ela não teria vez “em uma publicação como a *Joy*”. Afe! Mas acho que ela não teria mesmo lugar em uma publicação como a *Joy*, porque ela é muito legal. O pior é que fiquei tão empolgada quando descobri o e-mail da autora que já tinha mandado o e-mail para ela convidando para a entrevista *antes* de falar com a Bruninha. Agora vou ter que cancelar uma entrevista que eu estava *muito* a fim de fazer. Ai, ai. Se bem que eu deveria fazer mesmo assim, né? Daí eu postava no meu blog. Esta semana, aliás, meu mau humor me inspirou e postei quatro posts-desabafos.

4) Meu cabelo está péssimo e uma espinha monstruosa está se formando

perto da minha boca. Talvez, se tudo isso tivesse acontecido e eu estivesse me sentindo linda, meu humor melhorasse... meio por cento. Enfim.

O ônibus finalmente anda um pouco, a galera diminui a euforia e eu fico olhando a paisagem lá fora. Olho para o lado e vejo que a Marina não está: tadinha, deve ter ido se sentar com outra pessoa, porque eu não estou fácil. Suspiro e olho no celular: 6h40. A previsão de chegada no sítio X é às 7h30.

– Oiii! – o Fabinho diz, todo animado e lindo, para variar, se sentando ao meu lado. – Que cara é essa? Ânimo! É sexta-feira!

– Oi – respondo. – Nem tinha te visto, pensei que você estava no outro ônibus.

– Por que você tá com essa cara?

– Ah, Fabinho, por favor, né? Em plena sexta à noite, essa vivência aí...

– Ah, mas até que é legal, sempre dá tempo de conversar com o pessoal, nadar um pouco, se fizer sol...

Motivo número 5 do meu humor: eu não sabia dessa possibilidade e não trouxe biquíni. Bom, pelo menos ninguém vai ver minha celulite, né? Ok, motivo 5 cancelado.

– Bom, mas então fica nesse mau humor se você quiser – ele fala. – Pelo menos, você consegue ficar ainda mais linda quando tá azedinha assim.

É. Muito. Cafa. Mas rio, fazer o quê?

– E a Marcella? Cadê? – pergunto, para cortar a animação dele.

– Não veio – ele responde. – Deu uma desculpa, falou que tinha umas entrevistas agendadas para o final de semana, mas, cá entre nós... – ele abaixa a voz. – Foi por minha causa que ela achou melhor não vir. Problemas, Débora, problemas...

– Ué? Mas ela me disse que você a pediu em casamento!

– Exato. Foi esse o motivo da briga: eu a pedi em casamento... e mudei de ideia.

Fico muito, muito chocada com essa informação. Tadinha da Marcella! Ela estava tão empolgada e... Opa. Espera um pouco. Isso muda *toda* a relação que estou tendo com essa vivência.

– Fale mais sobre isso – eu falo, soando mais jornalista do que eu pretendia neste momento e apoiando minha mão no queixo para ver se cubro a espinha e pareço um pouco mais atraente.

– Eu tenho um monte de dúvidas, sabe, Débora... – ele fala, olhando nos meus olhos com uma carinha de cão abandonado. – Tipo, gosto muito dela,

mas a gente nunca combinou em alguns aspectos. Ela sempre foi muito de ficar em casa, eu gosto de ir para a praia todo fim de semana... E tem outra: ela não sabe, mas fiz o pedido de casamento meio na empolgação, porque a gente tinha discutido um dia antes e eu estava naquela pressa de ficar bem com ela, sabe? E quando vi, já estava numa loja comprando uma aliança.

– Bom, mas vocês já moram juntos, você acha que casar é um passo tão mais além assim? – pergunto, jogando meu cabelo de lado.

– Ah, cara... Sei lá... para mim é diferente. Tem casal que mora junto e se chama de marido e mulher, mas a gente se chama de namorado. Quer dizer, se chamava. Casar ia ser uma mudança enorme na nossa cabeça.

– Sei... E ela ainda está na casa de vocês? Tem certeza de que não foi só uma discussãozinha besta? – pergunto, com o coração batendo forte. Por favor, diga que terminaram, por favor, diga que terminaram...

– Antes fosse. Mas ela saiu de casa. A gente terminou.

AAAAAAHHHH que alegria!!! Agora posso ficar com ele!!! Quer dizer, que tristeza, Débora, não dê tão na cara assim: que tristeza.

– Putz! – falo, tentando acalmar meu coração, que disparou de repente. Posso transar com o Fabinho na vivência! Meu problema está resolvido! UHU!

– Pois é. Ela falou que era casamento ou nada, fiquei puto com o ultimato, ela pegou a aliança, jogou na minha cara, pegou as coisas dela e se mandou.

Uau. Jogar a aliança na cara? Não conhecia esse lado dramático da Marcella.

Ele tira as duas alianças da carteira.

– Agora nem sei o que eu faço com isso – ele diz, com um olhar romântico e saudoso. – E o pior é que foi caro pra caralho! – Ok, agora nem tão romântico.

Penso: bom, querido, não sei o que você faz com essa outra aliança, já que não posso me comprometer com você, mas... Posso te consolar de outro jeito e você resolve meu problema, que tal? Mas, em vez disso, falo no meu melhor tom de cafa possível:

– Bom, aproveita pra relaxar na vivência... Estou aqui, pode contar comigo, tá?

– É bom ouvir isso – ele responde, deitando a cabeça no meu ombro. Nossa, meu peito vai explodir!

Alguém o chama, ele sorri pra mim e se levanta. Olho a paisagem lá fora tentando ganhar fôlego e organizar meus pensamentos. Nossa, senti mais frio na barriga agora do que em todas as baladas e papos pelo Tinder nos últimos tempos. Não sinto absolutamente nada afetivo pelo Fabinho, não é isso, mas estou sentindo uma ansiedade imensa! Nem acredito, parece um sonho!!! Ok, menos, Débora.

Meu celular apita: é o Felipe me mandando uma foto dele no nosso sofá jantando sozinho e fazendo carinha fofa de triste.

Queria estar com você, já estou com saudade.
Força aí, trabalhadora! Te amo.

Aaaai, me senti muito mal agora. Foco, Débora, pensa na Luma, pensa na Luma sem roupa com o Felipe, nos dois na véspera do seu casamento... Ótimo, estou recuperando a raiva. É triste, mas cheguei à conclusão de que não sou uma pessoa muito ressentida. A tonalidade da imagem da traição do Felipe já está desbotando na minha cabeça a ponto de eu ter que me *forçar* a ficar com raiva de novo.

Respondo a mensagem com flores e corações e pronto, vou deixar isso pra lá. Aliás, eu deveria desativar meu teclado normal do celular, só me comunico com figurinhas. Bom, vou guardar esse celular na bolsa e... Tadinha da Marcella, ela acabou de escrever no Twitter assim: “Coração doendo. Mas é vida que segue”. *Mooorrrro* de dó. Arrasa, Marcella, faz a guerreira mesmo! Tenho vontade de responder, mas não digito nada e só guardo o celular.

Penso em me levantar e caçar o Fabinho pelo ônibus pra gente conversar mais, mas vejo ele conversando e morrendo de rir com o pessoal da redação dele lá atrás e desisto. Bom, terei tempo para dar em cima dele na vivência. É bom ver que ele está todo animadinho e não chorando pelos cantos: vou precisar dessa energia toda, Fabinho, me aguarde. Nossa, acabo de reparar que estou *mesmo* a fim de transar com ele, e não só para cumprir meu plano ou porque ele é bonito e tal: mas porque faz *diiiii*as que não faço sexo. Ufa, é bom me sentir assim!

Vou trair meu marido, ok, mas não estou fazendo nada de errado, já que se trata de um *revide*, e, além disso... Vou fazer sexo com vontade de fazer sexo, o que é *beeem* melhor do que forçar a barra, como eu estava fazendo

com o II.

O ônibus finalmente chega e quero voltar a conversar com o Fabinho enquanto cada um vai para o seu quarto, mas ele não para de conversar com dois colegas dele. Bom, eu não tinha pensado nisso: talvez eu tenha um certo *trabalho* para que ele perceba minhas intenções. Afinal, teoricamente sou casada e não estaria a fim de fazer sexo com ele. O que eu faço? Não posso sussurrar no ouvido dele: “Ei, estou a fim de ir pra cama com você”. As pessoas não fazem isso. Ele pode até me achar uma louca e sair correndo, e tudo o que eu não quero é que ele saia correndo. O que eu faço?

– Dezinha, vou ficar com você! – a Marina vem me falar, toda animada. – Precisamos pegar a chave lá na recepção.

– Hã?

– No seu quarto! Vamos ser *roommates* na vivência.

– Como assim, vamos dividir o quarto? Cada um não vai ter seu próprio quarto?

– Bom, você não parece ter ficado muito feliz, achei que você ia amar... Já pensou se a gente fosse dividir com a Paloma? – ela diz, sussurrando.

– Credo – digo, suspirando. Bem, dos males o menor: pelo menos os quartos são de duas pessoas e a Marina é minha amiga. Se eu precisar ficar sozinha, sei lá, dou uma desculpa e peço para ela, e...

– OOoiii, *rommies* – diz a Bruninha, toda animada e fazendo a linha simpática. – Estamos juntas no quarto.

Ah, não, três pessoas no quarto?! E uma dessas pessoas é a minha editora, que ando odiando ultimamente, meu Deus? Como vou fazer para ficar a sós com o Fabinho? E de preferência sem sussurrar explicitamente minhas intenções no ouvido dele?

Cara, fazer sexo fora do casamento não é tão fácil quanto parece. Não mesmo! Não sei como os infiéis fazem, sinceramente. Acho que deveria existir tutorial de traição no YouTube.

– Vamos, Déb, ânimo! – a Marina fala, me puxando pela mão. De mochila nas costas, ficamos esperando a chave em frente à recepção. Não vejo o Fabinho no caminho e fico pensando no que fazer da vida.

O lugar é uma graça, tenho que admitir. É um sítio bem ajeitadinho, cheio de árvores, barulhinho simpático de insetos e chalezinhos de madeira. Não dá para ver nada direito, já que está bem escuro, mas a recepção fica no fim de uma trilha cheia de flores e acho que estou vendo duas piscinas *lááá* no

fundo. Tem um monte de gente que eu não conheço das outras redações, mas o clima, no geral, está bem legal, pelo menos na chegada. Todo mundo em rodinhas conversando, animado... Parece meio excursão de escola, na verdade.

Eu tinha imaginado reunião chata depois de reunião chata, mas parece que vai ser tudo bem leve e tal. Tomara. A Bruninha e a Marina entram na recepção para ver o que elas têm que fazer para pegar a nossa chave e aproveitar para atualizar a Sofia pelo celular. Ela digita, quando conto do término do Fabinho e a Marcella:

Que sorte, hein, miga? Saiu melhor que a encomenda.
Ah, lembrete: camisinha, sempre! Boa sorte!!!

Putz, a camisinha. AAAAAi, mais essa! Pergunta se eu tenho camisinha na bolsa? Não, claro que não. Ai, como é difícil trair!!! Pior é que eu tenho esse dever ético, digamos, sério: não posso trair o Felipe sem camisinha, aí já é demais. E espero profundamente que ele tenha usado com a Luma, agora que pensei nesse assunto. Que saco, que saco, que saco!!! Espero profundamente que o Fabinho tenha camisinhas na carteira.

Olho o Fabinho a alguns metros de mim, ainda conversando com os dois colegas da redação. Nossa, ele não tem ideia dos pensamentos que estão na minha cabeça agora. Está lá rindo, aparentemente falando sobre futebol, e eu aqui torcendo para que ele tenha preservativos. De repente, sou consumida por um ataque de ansiedade. Será que segunda-feira, ao chegar à redação, vou chegar satisfeita por ter transado com ele e resolvido essa minha questão? Cara, precisa ser assim. Eu *preciso* transar neste sítio! Eu vou dar um jeito, eu *tenho* que dar um jeito.

A Bruninha e a Marina chegam com a chave e rumamos para o nosso chalé. No caminho, a Bruninha lê o papelzinho que ela pegou com a programação: hoje, vamos jantar daqui a pouco e depois a programação é livre

Oba! Programação livre me parece uma ótima oportunidade para fazer o que eu preciso esta noite.

Entramos no nosso quarto, e é uma graça: simples, mas muito arrumadinho. Tem três camas de solteiro uma do lado da outra, cada uma coberta por uma colcha branca impecavelmente limpinha e arrumada, bem do

jeito de hotel de montanha – amo! –, piso de madeira, bem estilo chalezinho, e até uma lareira, que não vamos usar porque, afinal, está fazendo pelo menos 20°C lá fora, mas que é linda. A Bruninha desarruma as malas, a Marina fala com a mãe pelo telefone, eu pego o papelzinho da programação e me deito na cama. Amanhã tem reunião... relaxamento, mais reunião, almoço, reunião... Que saco, quanta reunião, quando vou poder fazer sexo? Lanche da tarde, reunião... Noite da fogueira...

Bom, então, segundo a programação, tenho dois horários propícios para, digamos, intimidades com o Fabinho: hoje, nessa tal de noite “livre”, e amanhã, quem sabe, nessa enigmática, mas aparentemente interessante, “noite da fogueira”.

Como eu vou fazer, ainda não sei. Mas vou dar um jeito, ah se vou! Faço sexo neste fim de semana ou não me chamo Débora.

Estou pensando em mudar de nome, sinceramente. Aqui estou eu, assistindo igual a uma idiota o Fabinho jogar futebol com os caras da redação dele. São 22h30, já jantamos (uma comida bem mais ou menos, por sinal) e, quando eu ia conversar com ele, dar um jeito de criar um clima e tudo mais, o vejo com a bola, indo para a quadra coberta.

Eu estava tão feliz no jantar, seguindo à risca direitinho meu planejamento! No restaurante, parei de conversar com a Marina e com a Bruninha quando o vi passando e dei um jeito de me sentar só com ele. Quando estava prestes a iniciar um papo mais, digamos, “hot”... O Lucas e o Caio, da redação dele, sentam com a gente. Que grude essa redação, credo! Nem parece que passaram o dia inteiro trabalhando juntos! Quando parei de xingá-los mentalmente, percebi que estavam vindo com um papo de “bater uma bolinha” logo depois do jantar. Desacreditei, já que está tarde e eu, pelo menos, estou moída de cansaço... Ia usar toda e qualquer energia que tivesse agora para fazer sexo, poxa vida. Mas eis que eles vieram mesmo, e agora estou sentada na arquibancada, meio perdida, esperando o jogo acabar.

– Esse gol aqui é pra você, Débora – ele me fala de repente.

Eu o observo levando a bola e não é que ele faz o gol mesmo? Sorrio e mando um tchauzinho para ele. Nossa, isso foi muito coisa de namorado. Quero sexo, Fabinho. Sexo. Ah, mais foi fofo ele fazer um gol pra mim, né?

Ele dá muita bola pra mim, acho que atingir meu objetivo vai ser fácil. Ei, o que é aquilo ali? A Paloma chegando na quadra e conversando com o Fabinho toda sorridente? Pode ir pra lá, Paloma, ele é meu! Chefes, chefes, peguetes à parte!

– Oi, Paloma, legal este sítio, né – eu falo com ela, me aproximando e procurando interromper a conversa deles.

– Muito – ela me responde, sorrindo amarelo.

Ela vai para a arquibancada e vou atrás dela. Sentamos com outras pessoas que estão lá, mulheres e homens que não conheço de outras redações, e ficamos em um papinho morno e sem graça, repetindo coisas como “Que ânimo deles, jogarem a essa hora!” e “Que sono, será que durmo agora?” etc.

As pessoas vão se dispersando, a Paloma entra em um papo sobre trabalho com a Bruninha, que acaba de chegar, e eu começo a bocejar. Ânimo, Débora. Você precisa seduzir esse homem.

– Putz, aquela almôndega não me fez muito bem – ele reclama, caminhando em direção à arquibancada, quando o jogo finalmente termina e eu estava quase dormindo.

– É, eu não tinha ido com a cara dela, jantei só macarrão – falo. O que essa empresa tem contra comidas saudáveis e que apeteçam a gente, né? No prédio da redação, comida gordurosa, aqui na vivência, jantar suspeito. Fico na dúvida se peço demissão ou ligo para a vigilância sanitária.

– Sorte sua – ele fala, se sentando ao meu lado, todo suado e lindo. – Ai, meu estômago. Agora não sei se foi a almôndega ou ter jogado depois de comer.

Ou as duas coisas, né, Fabinho?, eu penso. Em vez de estar tendo dor no estômago, você poderia estar em uma noite de amor comigo.

– Acho que vou indo – ele fala.

– Te acompanho – eu falo, meio sem saber o que dizer. – Tô mais animada com a vivência, sabia? – comento, tentando puxar papo.

– Ai minha barriga...

Ele abre a porta do chalé dele, que fica um pouco depois do meu. Entro atrás dele: não tem ninguém aqui. Uau. Só uma beliche, uma cama de casal e a gente. Situação hiperpropícia para fazer sexo. E na cama grande, ainda, com bastante espaço! Este chalé dele está pedindo uma noite de sexo, sério. Meu coração bate acelerado e agora é meu estômago que está revirando, mas de um jeito bom!

– Senta aí. Eu vou... – ele fala, e de repente me olha como se fosse vomitar.

E sai correndo em direção ao banheiro.

Onde, pelo que estou ouvindo, ele está mesmo vomitando.

A minha falta de sorte é mesmo algo notório, impressionante. E o que dizer desse carma? Vomitei na minha noite de núpcias, o que foi útil, claro, mas agora é o Fabinho que vomita quando eu ia dar em cima dele... O que o universo está tentando me dizer?! Puxa, que coisa chata. Queria tanto resolver isso hoje!

– Desculpe por isso, Débora – ele fala, todo fofo e educadinho quando volta, com uma aparência péssima, todo pálido. – Acho que preciso descansar.

– Claro – eu falo, tentando disfarçar o tom de decepção e me levantando da cama de casal, onde eu tinha me sentado.

– Ei – ele me fala da porta, ainda com aquela aparência moribunda. – Tô adorando ter esse tempo aqui para ficar mais perto de você. Sou seu fã, você sabe.

Sorrio e ando em direção ao meu chalé, pensando: faça o favor de descansar bastante esta noite, meu querido fã, porque de amanhã você não passa!

15

5 de julho, sábado
O dia promete

São quase 8 horas da manhã e chego ao restaurante procurando o Fabinho igual a uma louca, mas tentando não parecer uma louca, claro. Na verdade, não pergunto dele para ninguém: só fico olhando para lá e para cá, mas nada.

Não dormi bem à noite: tive um pesadelo em que eu voltava da vivência assim como cheguei, ou seja, sem executar meu plano e voltando à estaca zero. Mas, na boa, isso não pode acontecer. Essa coisa toda de ir atrás de um amante já me stressou demais. Mas o que eu vou fazer se ele ainda estiver passando mal? E se ele faltar a todas as atividades do dia, porque acordou pior que ontem? Ah, sério, isso não pode acontecer. Quando vou ter uma chance dessas de novo? Suspiro e tento me animar me servindo no bufê. Humm, adoro bufê de café da manhã e este aqui está uma delícia, bem mais promissor do que o jantar de ontem: vários pãezinhos diferentes, frutas, bolo de cenoura com uma calda *beeem* grossa de chocolate, frios, cereais, etc.

Mal mordi um pedaço do sanduíche, quando o Fabinho surge na minha frente, de barba feita, cabelo meio molhado, cheirinho de banho... E com uma cara ótima!

– Bom dia! – ele fala, todo sorridente (Ufa!).

– Já sarou, pelo jeito!

– Já! Desculpa por ontem.

– Imagina, não foi culpa sua. Senta aí. – Nossa, meu tom está muito de amizade, preciso de um tom mais pessoal, uma coisa mais “você homem, eu mulher”.

– Vou me servir e já volto – ele fala.

No caminho até o bufê, ele fala com umas 127 pessoas, e eu, mesmo

sentada, cumprimento um monte. É muito estranho esse negócio de acordar com as pessoas do trabalho. Descobri, por exemplo, que a Marina acorda muito mal-humorada e que a Bruninha acorda irritante e forçadamente animada (ânimo esse que vai embora totalmente quando ela chega à redação, já percebi, mas aqui, entre as árvores, parece que dura mais, porque estou vendo ela conversando empolgada com o Luca em uma mesa lá na frente). A Paloma chega ao restaurante de cara amarrada e óculos escuros gigantes, os meninos da redação do Fabinho acordam animados como se estivessem em uma excursão do colégio, e os caras das revistas de baixo nível (leia-se: as revistas pornográficas mais de mau gosto que já vi na vida) alternam entre cara de sérios com piadinhas que eles cochicham entre si a toda hora. Já as jornalistas da *Mulher Moderna* e da *Glitter On Me* aproveitaram para tirar todas as roupas fashion do armário, porque estão todas produzidas no café da manhã. Já eu estou supersimples, como a Bruninha e a Marina, aliás: calça jeans, camiseta e casaquinho de linha. Eu deveria ter me produzido mais para dar em cima do Fabinho, e só me toquei disso agora. Pelo menos, a espinha no canto da minha boca, que parecia que ia se transformar numa coisa horrorosa e gigante, virou só um cravinho pequenininho e zero repulsivo. Menos mal.

– E aí, dormiu bem? – o Fabinho pergunta, se sentando comigo, com um prato dez vezes mais cheio que o meu.

– Uau, você acorda com fome, hein? – digo, ainda com o tom amigo. Sexy, Débora, sexy! Ai, mas é difícil ser sexy às 8 horas da manhã.

– Tô sempre com apetite – ele responde olhando nos meus olhos, transformando essa simples frase em algo naturalmente sexy. Puxa, eu queria ser naturalmente sexy como ele.

– Hum, sabe o que estava pensando...? – falo, tentando ganhar tempo. – O legal desta vivência é que estamos passando mais tempo juntos, né?

Bom, eu mais ou menos imitei o que ele falou ontem, mas beleza, vamos prosseguir.

– Verdade – ele responde, tomando um gole de café. – Eu tô adorando isso.

– A gente podia... – eu falo. – Sei lá. Dar um jeito de ficar mais à vontade hoje à noite.

Ele me olha com um sorriso de lado, meio sem entender. Vai com calma, Débora! Você é oito ou oitenta, que horror.

– Para conversar só nós dois, a gente tá sempre rodeado do pessoal do trabalho, não é?

Ele sorri e, antes mesmo de responder, um cara da redação das pornográficas se aproxima e começa a conversar com ele: “E aí, cara!”, tapinha nas costas, etc. Suspiro e volto minhas atenções para o bolo, mas estou feliz:

1) O Fabinho acordou saudável e bem disposto.

2) Consegui dar uma introduzida nas minhas intenções lascivas já de manhã. Eu nunca tinha dado a entender para o Fabinho que o acho atraente, mas acredito que aproveitei bem esse tempinho que tivemos para começar essa minha, digamos, jornada do dia.

A Paloma começa a chamar o pessoal da minha redação para a primeira reunião do dia e me despeço do Fabinho com um sorrisinho no rosto e... Pegando na mão dele (adorei essa minha jogada não planejada!). Ele sorri para mim e saio do restaurante sentindo que ainda não venci a guerra, mas ganhei a primeira batalha. Hoje à noite, Fabinho, você é meu!

Fim da primeira reunião, que foi com todas as redações em uma sala enorme, com paredes de vidro. Ando rumo ao tal do “relaxamento”, e espero que seja bom, porque estou mesmo precisando. Fiquei o tempo todo mais concentrada no Fabinho do que no que estava sendo dito na reunião. Todo mundo sentou no chão, com almofadas, e eu quis dar um jeito de sentar perto dele e, quem sabe, fazer um cafuné e, quem sabe, colocar tipo meu tornozelo em cima do dele, algo assim, mas todo mundo se sentou junto à sua redação.

Depois, fiquei tentando me comunicar com ele à distância, tipo com olhares, sorrisos de “olha que interessante isso que foi dito”, etc., mas o chato estava mesmo prestando atenção à reunião, fazendo anotações e tudo. Daí suspirei e peguei meu próprio bloquinho. A partir de então, fiquei anotando coisas vagas como “fazer matérias irresistíveis”, “pensar fora da caixa, sim, mas também olhar dentro da caixa”, etc. Se entendi bem, eles querem fazer revistas muito melhores e sites muito mais completos e mais atualizados, mas com a mesma equipe e o mesmo orçamento, ou seja: a gente vai trabalhar mais, pode ter certeza. E até agora eu não entendi *como* essas matérias vão ficar tão “irresistíveis”, mas tudo bem. Minha sugestão: demitirem a

Bruninha e a Paloma, não fazerem um jornalismo tão preguiçoso e contratarem mais gente, para termos tempo de aprofundar as matérias em vez de escrever a toque de caixa coisas como: “uma das melhores partes do corpo para você passar seu perfume é o pulso”.

Chego à sala onde vai ser o relaxamento e ela é basicamente igual à primeira: paredes de vidro, almofadas no chão. Putz, deve ter sido bem fácil para o decorador pensar os ambientes daqui. Só estou achando meio apertado, a outra era bem maior. Bem, posso tentar tirar proveito disso, né? Sentando pertinho do Fabinho. Aliás, cadê ele?

– Bom, queridos, acho que já estamos todos aqui. Fiquem à vontade, todo mundo no chão – a Paloma avisa.

Olho à minha volta: só as pessoas da nossa redação. Ai, ai, desse jeito fica difícil dar em cima do Fabinho. A gente veio aqui para tentar arranjar um amante ou para trabalhar? Olho lá para fora e dou de cara com ele sentado com o povo da redação dele em círculo, na grama.

Ai, queria tanto resolver isso logo. Queria que fosse simples, tipo: “Fabinho, quero transar com você”. “Oba, vamos lá”. “Click” (barulho da foto).

Um senhorzinho com pinta de guru, olhar zen e um turbante nada a ver entra na sala e vai logo pedindo para a gente respirar, como se eu estivesse embaixo d’água antes. Respiro fundo, não porque ele pediu, mas porque estou morrendo de raiva e de tédio, e acabo rindo comigo mesma, me perguntando como é possível isso, sentir raiva e tédio ao mesmo tempo.

– Para criar um mundo novo lá fora é preciso criar um mundo novo dentro de nós mesmos – o senhorzinho fala. Gostei. – Antes de transformar a linha editorial das revistas, precisamos transformar nossa própria linha editorial. – Ah, para, daí já começou a estragar tudo.

O senhorzinho anuncia que vai “propor” uma série de exercícios de relaxamento (propor uma ova, né, já que quem não fizer vai levar bronca da Paloma, aposto) e fecho os olhos, como ele pede. Bom, já que estou aqui, vou tentar relaxar. Quem sabe isso me ajuda nos planos para hoje. *Tem* que ajudar: hoje é a minha última chance. Se eu não resolver isso hoje... Ai, nem quero pensar: vou voltar para aquela rotina maluca de baladas frustrantes, Felipe de cara amarrada porque estou saindo sem ele no fim de semana, medo de alguém me ver... Eu estava animada para o intensivão-pegação, verdade, mas é só porque sou dessas que se animam com qualquer novidade, é

ridículo: a Sofia vem com a ideia do intensivo-em-baladas-só-com-surfistas e eu já fico toda empolgada, esquecendo que, na prática, toda balada/bar/saída em geral que fui até agora só me deixou nervosa. Seria tão bom resolver minha vida aqui, hoje, com o Fabinho. Seria, não, *vai*!

– Ainda sentada? – Ouço o senhorzinho perguntando, e abro os olhos. Está todo mundo deitado, só eu sentada.

– Ops... – respondo, deitando em seguida no chão duro. Colchonete para quê, né? Mas o decorador daqui só trabalha com almofadas.

Fecho os olhos e tento me concentrar para não pagar outro mico.

Depois do relaxamento e de mais uma reunião só com a minha redação, chego ao restaurante faminta e decidida a dividir uma mesa com o Fabinho. A ideia é almoçar falando sobre sexo – lembro que saiu na última *Joy* uma matéria sobre “como você e seu marido podem largar a desculpa de ‘estou cansada’ e fazerem mais sexo” e uma das dicas era justamente *falar* sobre sexo: tecnicamente, isso dá tesão e tal. Vou passar esse almoço falando de sexo igual a uma ninfomaníaca e ele vai tentar me agarrar assim que tiver uma chance, tenho certeza.

– Oi! – digo, toda inocente, quando finalmente o encontro, em pé, aparentemente procurando uma mesa. Interrompi uma conversa, estou vendo agora, mas e daí, toda hora alguém interrompe uma conversa minha. – Foi legal sua reunião?

– Até que foi, sabia? – ele responde. – Tive uns *insights* bem legais de como deixar as matérias irresistíveis – ele fala.

Nossa, eu não conhecia esse lado CDF dele. Mas sorrio e digo:

– Eu também, me sinto tão inspirada neste lugar aqui, cheio de verde!

– Sério? Eu estava brincando. Anotei uma ou outra coisa legal, mas olha, esse negócio de “irresistível” é sacal.

Afe. Seja sincera em vez de tentar agradar aos outros, Débora. Ele não é seu chefe, não precisa ficar tentando fazer média.

– E aí, vamos dar um jeito de sentar só nós dois? – falo, na lata. – A gente nunca tem tempo de conversar.

– Adorei a ideia – ele responde. – Olha uma mesa só para duas pessoas ali, vamos pegar.

Boa, Débora, arrasou!

Ponho meu casaquinho na mesa e caminhamos até o bufê. Sinto meu coração a mil. Está tudo dando certo. Quer dizer, é só mais uma batalha ganha rumo à grande e decisiva noite que quero ter hoje, mas é isso que está ao meu alcance neste momento e está tudo indo bem. Próximo passo: falar de sexo o almoço inteiro. *Como* vou introduzir esse assunto ainda não sei.

– O relaxamento até que foi legal, né? – comento quando chegamos à mesa com nossos pratos. Comecei mal... mas calma, temos tempo.

– Ah, acho meio entediante essa coisa de ficar respirando – ele responde.
– Sei lá, acho que não nasci pra ser zen.

– Bom, mas você surfa, né...?

– Isso! Isso é o zen pra mim. Surfar. Ficar eu e o mar, sem uma ponte de pensamentos entre o meu interior e o exterior, só me sentindo vivo. Essa é a verdadeira felicidade pra mim.

Ai, está até interessante esse assunto, mas muito filosófico! Vamos virar a chave, Débora. Anda, pensa em algum gancho sexual, pensa.

– Tem gente que leva essa coisa do zen até para a cama... – falo, meio forçando a barra, mas enfim, continuemos. – Sexo tântrico, já ouviu falar?

– Já, mas não sei o que é exatamente – ele fala, interessado. – O que é?

Ai, ferrou. Não sei o que é. Ah, sei lá, pensei que ele soubesse!

– É algo bem devagar, se não me engano – começo a chutar, mas acho que é por aí, mesmo. – Sexo sem pressa, nessa correria da vida moderna e tal.

– Ok, boa tentativa, mas menos ciências sociais da próxima vez.

– Interessante... – ele diz, com um olhar safadinho. Oba, está funcionando. Acho.

– Pois é, eu também acho... Gosto de uma coisa assim, com calma, com tempo para sentir o outro, sabe? Para enxergar de verdade a pessoa ali do outro lado... – Agora tá muito romântico, nossa, tá difícil acertar o ponto.

– É... – ele fala, olhando para cima. – Puxa, Débora, vamos mudar de assunto, que agora a coisa não tá fácil pra mim, né? Vou ficar na seca por algum tempo.

– Ah, até parece que um cara assim, como você, fica na seca, Fabinho... – eu falo, bem cafa.

– Ah, você acha que não? Eu fico – ele responde. – Já fiquei três, quatro meses sem. Sou um cara romântico, também tem essa, não saio com qualquer mulher que aparece na minha frente.

– Sei.

– É sério! Agora vem uma longa seca pela frente, tô te dizendo. Sem contar que, pô, gosto da Marcella, né?

Ai, não vamos falar da Marcella, por favor, eu penso. Ela é tão legal. Mas não vou me sentir mal, eles terminaram. *Terminaram*.

– Pra você é fácil, você é casada – ele fala. – Essa é a parte boa de ser casado ou morar junto: não passar por seca nenhuma. A não ser que você seja casado com alguém bem desanimado, né?

Penso no meu Felipe e me dá um aperto no peito. Ele é zero desanimado, ele é ótimo... E eu estou aqui, dando em cima de outro cara, isso não está certo, aaaaahhh! Bom, não é hora para dilemas morais, o Felipe me traiu, foco nisso, me traiu, não posso ser essa idiota que é traída e não faz nada!

– É...

– Nesse caso, desculpa, mas acho que o negócio é trair – ele fala. – Eu nunca tive esse problema com a Marcella, mas já tive uma ex que não queria transar nunca, e daí eu não conseguia ser fiel. Não dá.

– É, eu não passo por esse problema em casa – comento, meio fria. Ah, não tô gostando de falar sobre o Felipe para ele... Vamos separar as coisas.

– E mesmo se passasse, você não trairia seu marido, aposto... – ele diz. – Você não tem cara de que trairia ninguém.

– Você acha? – falo, desapontada. Puxa, não quero que ele tenha essa ideia de mim, o que eu faço? – Não sei, não sou bem como você está pensando...

– Você já traiu alguém na vida?

– Não, mas...

– É uma coisa do temperamento de alguém, da natureza. Não acho que é coisa de bom ou mau caráter, nada disso: não é tão simples assim. Mas tem gente que trai e gente que não trai, essa parte é simples.

– Bom, eu... – eu já não sei o que falar.

– Me passa o sal?

Passo o sal, suspirando. Puxa, como eu saio dessa? Ele não pode me achar essa pateta que nunca trai – embora eu seja assim, fazer o quê, se pensar em trair está me custando um esforço enorme!

Treino mentalmente o que dizer depois que eu acabar de mastigar:

1) “Eu nunca traí, mas quero experimentar hoje à noite, você me ajuda?”
Não, cafajeste demais.

2) “Tudo depende de com quem eu trairia. Você, por exemplo, vale a pena”, muito cafajeste, de novo. Preciso de algo um pouco mais sutil que isso, senão corro o risco de cair na risada depois.

3) “Não sou essa santinha que você pensa, quer que eu te mostre?” Pode ser...

– Cara, você não terminou de contar o negócio do flamenguista, vem comer a sobremesa na nossa mesa! – um chato qualquer fala com ele, sem o menor pudor em interromper a atmosfera sexual que custei para criar nesta mesa aqui.

– Putz, vamos lá. Você me dá licença, Débora?

– Claro – digo, sorrindo.

Argh!

O amigo sai, o Fabinho se levanta e eu, quando dou por mim, estou puxando delicadamente a mão dele e sussurrando em seu ouvido:

– Não sou essa santinha que você pensa...

Ele me olha intrigado e me dá um meio sorriso lindo, saindo da mesa. Faltou o “quer que eu te mostre?”, mas, enfim, foi o que consegui falar na hora. E acho que fez efeito, porque ele, já na outra mesa, acaba de me olhar e sorrir de novo.

Meu coração está disparado. Esse sorriso dele de agora foi bem diferente dos outros, foi bem marcante... Teve uma pegada equivalente a ele entrar no meu perfil e curtir três fotos antigas seguidas! Assim que a gente ficar a sós de novo, vou falar “quer que eu te mostre?” e dar um beijo nele. Perfeito! Ah, finalmente tenho um plano.

Levanto para pegar uma sobremesa; afinal, essa ansiedade toda me deu vontade de atacar o brigadeirão que está ali no bufê, porque mereço depois desse trabalho mental todo de dar em cima dele.

Ufa, não é fácil ter um amante!

Aqui estou eu, saindo do bufê do lanche da tarde depois da milionésima reunião do dia, agora com a barriga cheia de café com leite e bolo de chocolate. São umas 5 da tarde. A ideia é voltarmos para nossos chalés, descansarmos um pouco, tomarmos banho e irmos para a tal da noite da fogueira, onde tudo pode acontecer (essa parte é por minha conta). Não

consegui ficar perto do Fabinho nas reuniões, não consegui tomar o café da tarde com ele nem adiantar o “quer que eu te mostre” acompanhado de um olhar conscientemente sexy. Mas tudo bem: o que eu havia planejado era mesmo resolver isso à noite.

Procuro o Fabinho pelo caminho, mas não o vejo e acabo entrando no meu chalé sozinha. Ouço o barulho do chuveiro e não sei quem está lá, se a Bruninha ou a Marina, mas pego minha toalha e resolvo entrar logo depois que, seja quem for, sair. Me deito na cama, fico dando uma olhada no celular meio sem destino e mando uma mensagem para o Felipe com um “te amo” e um coração. Nem sei para que eu fiz isso: será que já me sinto culpada por uma traição que ainda nem rolou?

O celular apita: o Felipe acabou de me mandar uma mensagem de voz dizendo que me ama, que está com saudade, etc., etc. – nem termino de ouvir, porque meus olhos já lacrimejaram só de ouvir a voz dele. Ai, o que estou pretendendo fazer hoje à noite, meu Deus? Eu queria um casamento lindamente monogâmico, sério mesmo. Uma coisa bem tradicional: o meu marido só comigo, eu só com meu marido, é pedir muito, isso? Mas, em vez disso, estou aqui planejando transar com outro cara, aliás, mais do que planejando: estou me obrigando a fazer isso *hoje*, custe o que custar! Amanhã depois do almoço já iremos embora da vivência e aí acabou essa chance.

Respondo com mil corações e respiro fundo para ganhar coragem. Depois que eu sair por aquela porta, vai ser a noite da fogueira e aí vou com tudo no meu objetivo, nem que eu precise falar para o Fabinho com todas as letras o que eu quero/necessito fazer! Nem que eu... Ai, alguém está tocando na porta, quem será, hein?

– Paloma? – pergunto, abrindo a porta e dando de cara com a mulher com os olhos lacrimejando. – Gente, o que houve?

– A Bruninha tá aí? – ela pergunta.

– Não, quer dizer, tem alguém no banho, não sei se...

– Bruninha!!! – ela berra, quase me empurrando para eu sair do caminho e entrando no chalé. Puxa, eu queria ter essa determinação para resolver meus problemas.

– Oooii – a voz fininha da Bruninha responde, do banheiro.

– Preciso muito conversar com você, Bru – ela diz, choramingando. É sempre muito estranho ver minha chefe em situações assim, tão 16 anos. Acho que todos nós temos todas as idades, dependendo do dia e da situação!

– Já voou! – a Bruninha responde.

Passam-se alguns segundos de tensão, eu olhando para a cara chorona da Paloma e ela me olhando, as duas em silêncio total.

– Coisas do coração, acertei? – pergunto, tentando quebrar o gelo. Como fui cafona, que horror. “Coisas do coração” é um ótimo nome para matéria da Joy. Se é um nome irresistível, aí já não sei.

– É – ela responde, seca. – Vai passar.

– Claro que vai. Esse tipo de coisa, sabe, é...

A Bruninha sai do banheiro, de toalha, e a Paloma dá um abraço dela, mandando toda a secura para o espaço.

– Débora, você pode dar licença para a gente, por favor? – a Paloma pede.

– Hã? – eu respondo. Tipo, preciso tomar banho, como eu vou transar mais tarde sem tomar banho?

– Queria conversar a sós com ela – a Paloma pede.

– Ok, conversem aí à vontade que eu vou tomar banho, e do banheiro não dá para ouvir nada, tá? Licença.

A Paloma faz uma cara de quem claramente esperava que eu saísse dali, mas desculpa, preciso tomar banho e, acabo de me lembrar, resolver a situação peluda que está se formando em baixo dos meus braços, eca! Pego meu nécessaire sob o olhar silencioso das duas, apanho a toalha que eu tinha deixado em cima da cama e me fecho no banheiro.

Ouçoo um som das duas conversando e grudo minha orelha no azulejo, mas não dá para ouvir nada mesmo neste banheiro, puxa, que pena. Ah, fiquei curiosa para saber o que a Paloma tem, né? Deve ter visto alguma coisa no Facebook do amor platônico dela, vai ver ele vai se casar ou algo assim. Imediatamente, sinto empatia por ela por causa dessa situação imaginária que me vem à cabeça. Te entendo, Paloma. O Facebook me machucou tanto este ano. Eu devia sair desse troço.

Lavo meu cabelo e tento relaxar embaixo do chuveiro. Acho que não vai dar tempo de fazer escova, mas mesmo assim meu cabelo vai ficar melhor do que agora, que está com cara de sujo. Bom, mas também não tenho que ficar me preocupando tanto em ficar linda hoje. O Fabinho me acha bonita, eu sei que ele acha, já deu em cima de mim milhões de vezes – tudo bem que daquele jeito cafa de quem dá em cima milhões de vezes em milhares de mulheres, mas, enfim, pelo menos estou nessa lista.

Saio do banho e me olho no espelho. Me acho tão bonita de cabelo

molhado! Queria que meu cabelo fosse assim o tempo todo, molhado. Encolho a barriga e solto em seguida, e não faz *taanta* diferença. É, estou bonita, vai. É muito estranho, isso: me sentir bonita automaticamente faz com que me sinta mais no clima de fazer sexo. Acho estranho porque tipo, não vou fazer sexo comigo! Mas é assim que eu sinto, o que eu posso fazer? Me enxugo, passo hidratante, penteio meu lindo cabelo molhado, e pego a calcinha e o sutiã que trouxe para o banheiro com a roupa: é um conjuntinho branco de algodão, sem muita firula, mas sexy de um jeito natural. Ah, não é porque estou prestes a trair meu marido que tenho que vestir um conjunto vermelho de cetim e renda, né?

Visto um vestidinho floral bem inocente, estilo “nem parece que vou transar muito daqui a pouco”, ponho um casaquinho, saio do banheiro e vejo que as duas já não estão mais aqui. Lá fora, já está escuro. Puxa, eu podia aproveitar que o chalé está vazio e dar um jeito de trazer o Fabinho para cá e cabular essa noite da fogueira, né? Pego o celular pensando em mandar uma mensagem para ele, mas desisto depois de digitar duas letras. Melhor esperar. Vai que o pessoal sente a nossa falta. Melhor deixar para depois da noite da fogueira, que é o último compromisso do dia: depois disso a galera vai se dispersar, ficar conversando e tal, e aí vai ser mais fácil dar um jeito de ficar a sós com o Fabinho.

Ah, se bem que vai ser legal agora escrever alguma coisa para ele, né? Eu tenho o WhatsApp dele? Tenho o número de todo mundo da editora em algum lugar no meu e-mail, deixa eu ver... Pronto, achei. Acabo pegando o celular e digitando sem pensar muito:

Será que hoje, depois da fogueira, você arranja um tempinho para ficar a sós comigo? Beijinhos, Débora

E... mensagem enviada! E envio em seguida:

P.S.: no seu quarto, de preferência... ;-)

Ai, meu Deus, o que foi que eu fiz? Leio as mensagens que mandei e acho que exagerei *muito*! Eu podia ter ficado só na primeira...

Enfio o celular na bolsa, saio e fecho a porta com as mãos trêmulas, morrendo de vergonha da mensagem, especialmente da segunda. Afe, por que

eu sou assim? Caminho, tentando pensar em outra coisa. Ah, e agora, será que estraguei tudo?

Chego ao lugar combinado depois de alguns minutos, um gramado, tentando me acalmar. Quase todo mundo já está aqui e um pessoal está acendendo uma fogueira. Onde será que está o Fabinho? Será que está por aí mostrando minha mensagem para alguém e rindo? Será que...

– Oi, sumida! – ele diz, tocando meu ombro.

– Oi! Você viu a mensagem? – pergunto, sem pensar. Afe, eu não me controlo mesmo.

– Que mensagem?

– A mensagem... é... para todo mundo se reunir aqui. – Acho melhor disfarçar.

– Ah! Vi no programa ué. Tô aqui, não tô? – ele pergunta, rindo. Ufa, ele não leu minhas mensagens loucas. Pelo menos não ainda.

– E hoje, hein? – falo baixinho. – Espero que você possa me dar um pouco de atenção mais tarde.

Ele franze as sobrancelhas. Calma, Débora, não vai estragar tudo, hein? Não exagere como na segunda mensagem.

– Sempre tem alguém com você – falo, tentando passar charme, sedução e confiança. Mas não é fácil com essa barulhada e essa gente toda ao meu redor e essas minhas mãos que não pararam de tremer até agora? – Pensei em sei lá, na gente dar um jeito de ficar um pouco só os dois, conversando.

– Claro! Vou adorar – ele fala. – Fechou.

Sorrio e alguém vem conversar com ele. Ah, até que mandei bem, né? Já garanti a parte do “só os dois”. Depois, vou tentar conduzir a parte do “o que vamos fazer nesse momento a sós”.

A Clau, gerente do RH, pede para todo mundo se sentar em volta da fogueira, que está começando a queimar. Estou com um pouco de frio, por causa da minha roupa fina e do cabelo molhado, então aproveito para sentar perto do fogo. Ao meu lado, se senta uma garota X de outra redação. Será que chamo o Fabinho para se sentar aqui do meu outro lado? Hum, melhor não, chega de persegui-lo. Já mandei minhas mensagens ridículas, já acabei de falar com ele que quero ficar sozinha com ele mais tarde, já chega por

enquanto. Além disso...

– Tem alguém aqui? – ele pergunta, se sentando ao meu lado.

– Você! – eu falo, bem clichê e cafa, mas acho que vou continuar nessa pegada. Estou chegando à conclusão de que é *muito* mais fácil virar uma metralhadora de clichês quando queremos dar em cima de alguém do que se dar ao trabalho de falar e fazer coisas originais. Não é à toa que os clichês viraram clichês: eles funcionam!

Ele sorri e se senta do meu lado.

– Adoro seu sorriso – eu falo. Ok, Débora, menos, não precisa virar um “guia de como pegar um cara”. Deixa rolar.

– Que isso, obrigado... – ele fala, com outro sorriso, agora uma coisa entre meio sem-graça e meio canalha. Pelo menos, é assim que estou interpretando.

– E aí? O que você tem feito de bom? – pergunto, mudando de assunto.

– Aqui? Você diz, além de exatamente o mesmo que você? – ele pergunta, rindo. – A Marcella me ligou hoje mais cedo.

NÃO! Puxa, só falta eles terem voltado por telefone!! Não, não, não...

– E aí? – pergunto com um tom quase desinteressado.

– Ah... A gente ficou conversando... Sei lá...

– Mas vocês fizeram as pazes? Não, né? Quer dizer, tecnicamente vocês continuam terminados, né?

– Continuamos... Vamos deixar pra ver isso na volta.

– É... Eu também vou deixar pra ver minha situação na volta.

– Que situação?

– Eu e meu marido... A gente não está bem, não – eu falo, tentando criar um *gancho* para o nosso momento a dois pós-fogueira, infelizmente envolvendo o Felipe de novo na conversa.

– Sério? Puxa, eu não fazia ideia... O que houve?

– Ah, aquela coisa de desgaste, sabe como é... A gente começa a olhar para os lados... Tanta gente interessante neste mundo.

Ele sorri, me olhando nos olhos.

– Tipo quem? – ele pergunta.

– Tipo alguém que eu estou olhando agora – respondo, com o coração disparado.

De repente, a Clau pega o microfone e do nada começa a falar sobre a missão da editora. Ah, que coisa chata, pensei que a gente só fosse ficar

parado aqui em volta da fogueira. Em vez disso, ela passa o microfone para o Dênis, da diretoria, que fala um pouco e passa para a Cris, também da diretoria, e eu e o Fabinho ficamos em silêncio. Puxa, justamente quando estava rolando o clima entre nós dois... Aliás, estou tão orgulhosa da minha performance! Fomos interrompidos pela Clau, fato, mas, agora, acho que deixei minhas intenções claras. Fui *beeem* explícita dessa vez, tanto que estou até sem coragem de olhar para ele de novo: de repente, começo a me fazer de CDF que fica fixamente observando o falatório da diretoria.

– Vamos sair daqui? – o Fabinho sussurra no meu ouvido, quando a milésima pessoa da diretoria pega o microfone. Quase pulo para trás, ainda bem que estou sentada. Vai rolar, Débora, digo para mim mesma, com o coração voltando a disparar.

Olho para ele sorrindo e não digo nada.

– Tá muito chato isso aqui – ele fala. – Vou para o meu chalé, o 14, e você me encontra lá, pode ser?

– Tá bom – respondo simplesmente, embora minha vontade de verdade seja responder: mas e se algum colega seu estiver lá? E se notarem a nossa ausência? E se chamarem a gente? E você tem camisinha?

Ele se levanta e sai. Nossa, será que vai rolar mesmo? Será que tipo daqui a vinte minutos, digamos, estarei fazendo sexo? Nossa, de repente comecei a ficar *muito* ansiosa. Essa coisa toda está me desgastando psicologicamente.

Olho à minha volta: ninguém parece ter reparado que ele saiu. Está meio escuro, tem muita gente em volta da fogueira e a galera já está se dispersando, muita gente checando o celular e tal. Quanto tempo espero para levantar? Um minuto? Dez? Ponho a mão no meu peito e sinto que meu coração vai explodir, sério mesmo. Nossa, eu estava com medo de o Fabinho não entender o que eu estava querendo, mas agora estou com medo é de eu ter um piripaque e não conseguir ir adiante.

Relaxa, Débora, calma. Ai, não consigo! O que faço para me acalmar? Lembro do monge e começo a respirar que nem uma louca, mas não adianta muito. Ai, o que eu faço? Será que já levanto e vou? Ainda dá tempo de desistir, será que... Não, não vou desistir, isso está fora de cogitação: relaxa, mulher!!! Resolve essa situação de uma vez por todas e adeus às baladas desesperadas atrás de alguém, sentimento de culpa, discussões com o Felipe... Preciso resolver isso já!!! Preciso levar o meu plano até o fim. Tira essa bunda da grama agora!

Levanto, trêmula, tomo um pouco de ar e saio. Antes, porém, meu olhar se cruza com o da Paloma, que me olha desconfiadíssima. Ou pode ser coisa da minha cabeça... Quando a gente está fazendo algo errado, cisma que todo mundo sabe que a gente está fazendo algo errado. Só levantei ué. E agora estou saindo discretamen...

– Aonde você vai? – a Bruninha me pergunta.

– Ao banheiro... Estou indo ao banheiro! – falo e saio em disparada, não sem antes ver a cara dela de “hã?”.

Dou alguns passos e sinto que vou surtar. Sério, estou muito, muito, *muuuito* tensa. Mas continuo andando. Chalé 14, chalé 14... Piso numa trilha de pedrinhas e vejo a placa: “Chalés 10 à 15”. Sigo a setinha e paro em frente ao número 14 na porta. Ai, meu Deus...

– Oi! Entra! – ele me diz, todo simpático, quando toco a campainha.

– Quanto tempo, né? – falo, piadista, para quebrar o (meu) clima de tensão. Porque ele parece estar bem tranquilo. Ai, deve ser bom surfar, né? Parece bem mais útil para baixar a ansiedade do que ficar simplesmente respirando.

Entro e ele fecha a porta. Sinto de novo taquicardia e me pergunto se agora eu é que vou passar mal, como ele passou ontem, só que não por causa da comida, mas do nervoso que estou sentindo... Nossa, é ridículo, isso! O Felipe fez o que fez comigo e aproveitou sem a menor crise de consciência e eu aqui, prestes a ter um infarto aos 24 anos!

– Olha o que eu abri pra gente... – ele fala, de costas.

O que será que é? Um pacote de camisinha? Nossa, mas que direto, ele falar assim “olha o que eu abri pra gente”... Bem, pelo menos ele tem camisinha, né? O que me tranquiliza... Só faltava eu ter que...

– Você gosta? – ele fala, vindo com uma garrafa de vinho.

– Nossa! Gosto sim, mas tem bebida aqui? Nem sabia...

– Não tem, eu trouxe – ele diz, servindo os dois copos que estão em cima do frigobar. – Nunca tem nesses eventos corporativos, daí eu trouxe para tomar à noite, adoro dar uma relaxada tomando um vinho.

– Que adulto! Não sabia desse seu lado fino.

– Ué, como assim “que adulto”? A gente é adulto! – ele diz, rindo. – Você parece bem adulta pra mim.

– Hum é que não me *sinto* adulta, sabe? Tenho toda uma questão com “adultices” e tal.

– Tipo o quê?

– Ah, tipo ler jornal... Falar de assuntos como “aplicação em banco”... Aliás, esse assunto “dinheiro”, em geral, é bem adulto pra mim: aplicações de todo tipo e a simples ideia de declarar o imposto de renda, até hoje não me acostumei com isso! E tomar vinho, claro: isso acho extremamente adulto.

Dou o terceiro gole e me sinto melhor. Vinho: boa, Fabinho, bem melhor do que surfar ou respirar. Pelo menos, neste contexto em que a gente está. Agora estamos sentados, nós dois, em cima da cama de casal. E esse papo leve, sobre coisas adultas e tal, está me fazendo sentir melhor... Apesar de eu passar uma imagem de ser meio idiota, mas tudo bem, é o preço a se pagar pela leveza.

– Gostei dessa sua ideia de ficar sozinho, isso tudo aqui está me cansando pra caramba, já encheu – ele fala.

– Ué, não é você que ama a vivência e tal?

– Putz, mas ano passado não teve tanta reunião assim, com certeza – ele fala, rindo. – É que ano passado a pegada era outra, a ideia não era fazer mudanças gráficas e editoriais na revista, era só fazer uma integração entre o pessoal mesmo. Daí deu tempo de jogar futebol, ir pra piscina...

– Bom, pelo menos deu tempo de você jogar seu futebol ontem...

– E está dando tempo de ficar com você agora.

Sorrio. E o resto do meu copo some magicamente num gole só.

– Bom esse vinho, né? – ele diz, se levantando para me servir mais.

– Delícia! – respondo, embora nem tenha sentido o gosto.

– E aí? Me fala mais dessa sua vontade de ficar conversando comigo assim...

– Assim como?

– Assim, ué... Só nós dois.

– Ah, sei lá. – Afe, eu poderia ter dado um beijo nele agora né? Mas nem aproveitei a chance, só falei um inútil “sei lá”. – Te acho legal, estava chato lá fora... Eu gosto de estar com muita gente, sabe, mas daí você não se aprofunda em nada... É mais legal conversar só com alguém e ter a chance de aprofundar os assuntos – tento elaborar, mas estou só enrolando. – Até já escrevi um texto sobre isso no meu blog.

– Ah, você tem um blog? Nem sabia!

– O quêêê, você não conhece meu blog? – eu falo rindo, tipo brincando de bravinha. – Tudo bem que só tem, tipo, três acessos por dia, mas...

– Quero ver agora! – ele fala, pegando o celular.

Pego o celular dele e abro meu blog.

– Três coisas que fazem qualquer mulher se sentir péssima... – ele vai lendo. – Receita de como ter o pior fim de semana da sua vida... Hahaha, tô adorando as pautas.

– Esses são meio bobos – falo, com vergonha. – Olha esses aqui...

– Tô adorando tudo. Nossa, você produziu esta semana, hein? E esse aqui: “Ranking dos piores beijos da minha vida”.

– Haha, esse não... É muito ridículo...

Ele põe o copo no criado-mudo e se deita. E eu faço o mesmo antes de deitar do lado dele.

– Beijo com uma tonelada de baba... – ele vai lendo.

– Nossa, eu me lembro desse como se fosse ontem, é horrível!

– Beijo oco – ele fala, e solta uma gargalhada.

– É tipo: tem uma língua aqui? Jura? Onde?

– Putz, uma vez fiquei com uma menina que beijava assim...

– Acho que é tipo uma provação na vida de todos nós, sabe? Todo mundo tem que passar pelo beijo oco um dia.

– Haha verdade! Nossa, agora você pegou pesado: beijo com mau hálito...

– Tipo, eu me pergunto: por que essas pessoas não escovam os dentes?

– E meu primeiro beijo foi com uma menina assim, sabia...? Dessas que não escovam os dentes – ele fala, largando o celular e se deitando de barriga para cima.

– Nossa! Primeiro beijo assim? Que coisa traumática! – falo, rindo, virada de lado, para ele. Por um lado, acho que estou me sentindo mais calma, meu coração está batendo num ritmo mais normal. Por outro, a gente está tão perto um do outro e sinto tão bem o cheiro dele que estou ficando com *outro tipo* de nervosismo. Sinto que umas mil faíscas saem de mim quando ele encosta no meu braço sem querer.

– Em compensação, minha primeira vez no sexo foi sensacional... – ele fala.

Lembro da minha primeira vez, que foi com o Felipe, e não foi sensacional nem nada porque, né? Primeira vez... mas foi com o Felipe... E foi a primeira de uma série de vezes que, aí sim, foram sensacionais... Sinto um aperto no peito.

– E a menina era uma gostosa... – ele fala, bem cafa, e eu me distraio.

Foco na história do Fabinho, Débora, foco na história do Fabinho, faíscas, voltem! Cheiro do Fabinho, corpo do Fabinho, pronto, foco se acertando de novo. Não é tão difícil: ele é lindo e esse papinho sobre sexo está bem apropriado. Ele conta mais sobre a primeira vez dele e volto a sentir faíscas. Ok, vamos usar a palavra certa: tesão. Estou começando a sentir tesão e estou triste por não estar com o Felipe, mas *muito* feliz por não estar com o Matias, nem com o II e nem com nenhum outro cara nada a ver. Apesar de eu achar isso tudo errado, apesar de eu estar aqui neste chalé número 14 por sensação de obrigação comigo mesma, e apesar de já estar arrependida antes mesmo de fazer qualquer coisa... Estou com tesão pelo Fabinho. E quase torcendo para que ele pare de falar e me agarre logo.

– Vou abrir outra garrafa – ele diz, se levantando, depois de contar mais uns três casos, todos envolvendo sexo. Pelo visto, ele leu aquela matéria da *Joy*.

– Eu não quero mais, obrigada – digo, mas ele se levanta assim mesmo.

Ele bebeu mais que eu, mas eu estou muito molinha e, agora, louca para dar pra ele! Eu não deveria beber mais, já estou bêbada. Nossa, e se alguém chegar? Nossa, e a camisinha, será que ele tem? Bom, dado que minhas preocupações ainda não foram embora, acho que vou aceitar mais uma tacinha, ou melhor, mais um copinho de vinho.

– Tô adorando ficar assim, com você – ele diz, depois que já terminei meu novo copo e me deitei de novo e ouvi mais dois ou três casos que ele contou, já nem sei mais sobre o quê... Estou mole, semiarrependida, com tesão e confusa.

– Eu também... – eu falo, sorrindo e pensando em agarrá-lo, já que ele não faz isso nunca.

Nossa, eu sou muito machista. Por que eu não agarro ele em vez de ficar aqui esperando que nem uma princesinha? Ah, sei lá, porque eu quero que ele me agarre, porque eu já fiz de tudo para isso acontecer e queria que ele fizesse alguma coisa, porque ainda não estou cem por cento certa de que quero fazer isso. Hã? Nem eu estou entendendo a minha cabeça neste momento...

– Bom, acho que vou indo – eu falo, com o máximo de charme que consigo, no melhor estilo “não querendo dizer sim”. Essa é única atitude que vou tomar agora, decido.

– Não vai não... – ele responde e eu quase morro, porque ele me puxa, e

acho que vai rolar agora, ai... está rolando... Noooooossa, que beijo bom!

Quando o beijo acaba, pergunto, ainda sem fôlego:

– E se alguém chegar?

– Não pensa nisso... – ele fala, beijando meu pescoço.

– Mas e se alguém chegar?

– Os caras iam comer e jogar futebol depois da fogueira... Relaxa...

Olho por uma fresta na janela e só vejo escuridão total. Não estou vendo ninguém e ninguém está me vendo. Relaxa, Débora, relaxa. Só tem você e o Fabinho aqui.

Ele desce a alça do meu vestido e eu começo a achar tudo meio rápido demais, mas estou gostando. Quer dizer, estou alternando nervosismo com estar gostando, mas, no balanço geral, acho que... Ei, o que é isso? Depois de descer as duas alças do vestido, ele desiste de tirar o resto e desce as mãos para a minha calcinha. Nossa, estou com muito tesão, ele vai perceber agora, que vergonha, espera, do que eu estou falando, vergonha, por quê? Ele me puxa para fora da cama, e então me encosta na parede. Estou em pé enquanto ele se ajoelha, termina de tirar a minha calcinha, começa a beijar minha perna, vai subindo a boca e... Noooooooooossa, o que é isso, zero vergonha, zero culpa, sério, isso tá muito bom! Continua, Fabinho! Você, aliás, está, de, parabéns! Noooooossaaaaa, o que é isso, Brasil..... Continua, foda-se se alguém vier, continua, não para, não para!!!!

Agora estamos na cama, completamente sem roupa, ele em cima de mim. Já gozei com sua boca e agora começamos a transar (transar!). Nossa, isso está muito bom... Olho para o lado na cama e vejo o pacote de camisinha vazio e me tranquilizo: ele colocou tão rápido que eu nem tinha visto direito. Concentra, Débora, para de pensar um instante que você está quase... quase... Não acredito, vou gozar de novo! Não para, Fabinho...

Abro os olhos assustada. Meu Deus, o que aconteceu, eu dormi? Eu dormi!

Espera, recapitulando... Transamos, foi ótimo, ficamos nos beijando na cama depois e fazendo carinho um no outro, bem tipo namorados, e dormi... E ele também. Aliás, ele está quase roncando aqui na minha frente. Ai, e esse cheiro deprimente de látex impregnando o quarto todo? Os fabricantes

deviam dar um jeito de eliminar esse cheiro, sério mesmo! Um cheiro que parece jogar na minha cara: “você fez sexo, você fez sexoooo... Você, uma mulher casadaaa...”. ARGH. Nem acordei direito e já estou me sentindo culpada.

Nossa, e os colegas dele? Os colegas que estão dividindo o chalé já devem estar voltando! Visto minha calcinha pensando que é melhor acordar o Fabinho. Ele está dormindo pelado na cama, os colegas dele não podem chegar com ele assim. Cadê meu celular? Cadê minha bolsa? Que horas são? Olho no celular: 11 da noite. O que é isso? Ai, meu Deus, três mensagens do Felipe...

Saudade, amor! Me liga quando tiver um tempinho aí.

Dezinha? Trabalhando a essa hora? Me liga!

Dá notícias?

Suspiro e procuro meu vestido pelo quarto.

– Fabinho, acorda! – digo, ainda sem encontrar meu vestido. – Fabi...

A foto!!! Nossa, já estava me esquecendo de tirar a foto, esse momento não pode ter sido em vão. Quer dizer, não estou falando que seria uma perda de tempo absoluta, eu me diverti, mas nunca teria feito isso se você não tivesse começado com isso, viu, Felipe, nunca... Nossa, estou muito atrapalhada e confusa! Respira, Débora, respira, que isso é tudo o que você pode fazer.

Pronto, estou um pouquinho (quase nada) mais calma. Com as mãos trêmulas, pego celular e tiro uma foto do Fabinho jogado na cama. Credo, isso não ficou bom, parece que um psicopata passou aqui e violentou o coitado. Me sento do lado dele e tiro uma foto minha ao lado dele mais, digamos, *artística*: dá para ver perfeitamente que ele está nu, minhas pernas aparecem ao lado das costas nuas dele... Nossa, isso aqui com o filtro certo vai ficar tão lindo! Meu Deus, onde eu estou com a cabeça? É só uma fotografia para jogar na cara do Felipe, não preciso ficar trabalhando a foto. Ok, ótimo. Ah, vou tirar uma foto de eu fazendo carinho na nuca dele. Pronto, tirei. Agora um selfie comigo ao lado dele... Bom, essa não ficou tão boa, mas tá bem explícita. Última, última: agora uma bem poética, ele

dormindo e um punhado de roupas no chão, entre elas o meu vestido, que finalmente vejo. Bom, pronto, né? Que esse não é um ensaio fotográfico. Chega!

Alguém bate na porta e quase dou um pulo para trás.

– Fabinho, tira a chave da porta, não tô conseguindo abrir – o Caio fala.

Ai, meu Deus! Visto rápido meu vestido, boto o casaco e tento acordar o Fabinho, que capotou. Suspiro e cubro ele com o lençol. Pego a embalagem com a camisinha usada, ponho na minha bolsa, calço minha sapatilha, prendo meu cabelo num coque, respiro fundo e abro a porta.

– Oi, Caio! O Fabinho tava com dor de cabeça, vim trazer um remédio para ele e agora ele desmaiou de sono. Bom, cuida dele você agora, que eu tenho mais o que fazer. Tchau! – eu digo, bem natural, e saio rapidinho.

Ai, será que colou? Nem vi o que ele respondeu direito, ainda estou tão confusa. A camisinha tá mesmo aqui na minha bolsa? Ufa, tá aqui. Mesmo se o Caio tiver desconfiado de alguma coisa, ele não tem prova de nada. Falando em prova, meu celular... Ufa, tá aqui. Tá tudo aqui. Calma, Débora. Deu tudo certo, desfrute. Calma. Tenta dormir, e amanhã você... Ai, celular tocando, deve ser o Felipe, e acertei: é ele.

Meu coração quase se desmancha só de eu ver a fotinho dele no visor. Ai, ai.

– Oi, amor – eu falo.

– Dé? Que voz é essa? – ele pergunta.

– Voz de quê?

– De triste.

– Triste? Não, não, tô só cansada, trabalhei sem parar hoje, reunião depois de reunião – digo, me sentindo péssima. Imagens do Felipe com a Luma, por que vocês me abandonaram neste momento? Venham à minha cabeça, por favor.

– Tô com tanta saudade de você, acredita? É ridículo, a gente se viu ontem.

– É, ontem a gente nem se viu direito, né? Anteontem. Também tô com saudade.

– Sua voz tá meio seca...

– Desculpa, tô cansada – respondo, fazendo força para não chorar e pensando: puxa, eu te traí, meu amor, eu estou com uma camisinha usada na bolsa enquanto falo com você e estou a ponto de me sentir a pior esposa da

face da Terra!!!

– Hoje fui lá visitar a sua mãe e a sua irmã – ele fala, e uma lágrima minha finalmente cai. Agora, sim, estou me sentindo a pior esposa da face da Terra. – Elas me mostraram um monte de fotos de você criança que eu não tinha visto, foi tão legal! Vi umas de quando a gente era vizinho, também. Mas eu não devia ter visto, me deu mais saudade ainda...

– Arram – falo, segurando para não chorar compulsivamente a ponto de soluçar.

– Bom, vou deixar você ir, que você não tá muito a fim de conversar, acho, não é?

– Tô cansada. Desculpa.

– Te amo, viu? – ele fala. – Muito, muito. Desculpa se não tenho sido o marido com que você sonhou. Tô trabalhando demais também e a gente tem discutido demais. Não vou mais reclamar quando você sai no fim de semana nem nada, tá? Só quero que você seja feliz, só isso. Cheguei à conclusão de que, com você feliz, eu também estou feliz...

– Arram... Também te amo, Felipe.

– Beijo. Dorme bem e até amanhã.

– Beijo.

Desligo e agora, sim, começo a chorar compulsivamente.

Meu Deus, qual é o sentido de tudo isso?

Eu nunca deveria ter começado esse plano maluco, nunca. Eu devia ter sentado para conversar com o Felipe antes de casar, deveria ter contado para ele tudo o que eu vi, deveria ter feito tudo direito... Como uma pessoa adulta! Por que eu fui imatura desse jeito? Imatura barra maluca, né? Nossa, estou péssima. Estou me sentindo muito, muito mal. Não apenas como esposa, mas como *ser humano*.

– Rolou, Sofia – digo pelo telefone.

– Sério? Você e o Fabinho?

– Sério. E tô me sentindo supermal.

– Mas foi bom? Foi horrível? Como foi?

– Foi sensacional... Mas ô ressaca moral que tô amargando agora! Eu sei que eu queria isso, mas... Você entende?

– Entendo. Claro que entendo. Mas pensa assim: agora já foi. Quem sabe, agora, você finalmente senta com o Felipe e conta pra ele que sabe de tudo sobre a Luma? Quem sabe vocês não colocam tudo em pratos limpos e se

acertam?

– É, quem sabe... Ai, Sofia, por que é tudo tão difícil?

Desligo a ligação e navego sem rumo pelo celular antes de voltar para o meu chalé. Puxa, consegui o que eu queria, levei o Fabinho para a cama, tirei as benditas fotos, e não estou me sentindo nada, nada bem.

Talvez eu deva me concentrar em melhorar meu casamento. E em, quem sabe, me sentir um pouquinho menos mal por ter acabado de transar com outro cara. Mas, para isso, acho que vou levar um tempo. Ou talvez eu nunca supere. Me sinto uma estranha no meu próprio corpo: sempre abominei traição e, agora, traí.

Espero que, um dia, eu me reconheça novamente.

6 de julho, domingo

Sou a primeira a entrar no ônibus. Fim da vivência. Missão cumprida. E estou me sentindo péssima.

Passei a noite em claro: falar com a Sofia me acalmou, mas não o suficiente para conseguir dormir. Não vejo a hora de chegar em casa, mas se bem que ver o Felipe, olhar nos olhos dele depois que fiquei com o Fabinho... Não sei como reagir. Acho que, assim que olhar para ele, vou cair em prantos! Se bem que só na hora a gente sabe nossa reação... Não sei nem como vou *agir*, como vou imaginar como vou *reagir*?

Pensei a noite toda, rolando na cama, e não cheguei à conclusão nenhuma. Uma parte de mim quer contar para o Felipe o que aconteceu, outra parte acha que, como vou chorar como uma louca ao vê-lo, vou *ter* que contar, mesmo que não queira, e outra parte ainda, a parte minha do passado, a parte que ficou lá sofrendo no altar... Essa parte está com ódio de mim, como se estivesse gritando: “Você fez o certo! Agora mostra para ele as fotos que é para ele passar o mesmo que você passou! Deixa de ser boba!”.

Bom, não posso culpar essa parte. Foi por causa dela que fui até o fim com essa história toda. E essa parte, bem, essa parte representa um pedaço de mim. Mas não me sinto no clima de mostrar foto nenhuma, isso é fato.

A verdade, eu acho, é que, além de não ter vontade de mostrar foto nenhuma, tenho medo de que o Felipe termine tudo. E acho que não quero que tudo termine. Mesmo sabendo que ele é um duas caras. Mesmo sabendo que me fez de boba. Só eu, mesmo!

Bem, mas se tudo terminar, no fim das contas... Talvez seja melhor. Não dá mais para viver uma relação assim, com mentiras. Não é esse o casamento que eu sonhei para mim, essa nunca foi a relação que eu tive com o Felipe.

Pelo menos, nunca foi a relação que eu *achava* que a gente tinha.

Olho para fora e vejo o Fabinho todo animado, conversando com o pessoal. Ai, será que ele contou para alguém? Bom, não estou a fim de me preocupar com isso agora. Passei a manhã toda evitando encontrar com ele: tomei café da manhã assim que o café começou a ser servido, aproveitando que eu já estava acordada mesmo, e não tinha ninguém no restaurante. A manhã foi livre e fiquei toda isolada, num canto, lendo um livro.

No almoço, vi que ele estava numa mesa lá longe, e já ia virar o rosto quando ele me deu um tchauzinho todo fofo e, não satisfeito, foi até a minha mesa me cumprimentar. Ele me deu um beijinho no rosto, perguntou como eu tinha dormido, e eu só respondi “arram”, “arram”. Depois que ele voltou para mesa dele, até me deu um pouco de dó, coitado, porque eu tinha sido muito fria com ele, mas não posso fazer nada se passei a noite em claro, acordei mal-humorada, não tenho a *menor* ideia do que me espera nos próximos dias em termos de o futuro do meu casamento e, para piorar, me sinto uma pessoa horrível! Fabinho, não tenho condições de me preocupar com o tom de voz que uso com você, sinto muito.

– Débora! Você não sabe do bafão, menina! – a Marina fala assim que pisa no ônibus, toda animada, se sentando do meu lado. – Você soube?

– De quê, meu Deus? – respondo, com zero cabeça para fofoca.

– Tá correndo um boato de que o amor secreto da Paloma ficou com alguém aqui, em plena vivência.

– Ah, é? – falo, meio desinteressada, tentando disfarçar o real desespero que me invade neste momento: e se esse amor secreto for o Fabinho??? Não, né? É só minha imaginação fértil me dizendo coisas. Seria muita coincidência. Seria, tipo, uma coincidência horrível!!

– É, menina... Aliás, essa vivência foi uma pegação geral, um monte de gente se pegando depois da noite da fogueira, você não soube?

– Não... Que coisa, hein?

– A Bruninha, mesmo, se divertiu bastante, digamos, com um cara lá das pornôs. Todo mundo viu os dois se agarrando numa árvore! Esse povo é louco! Vai que alguém filma tudo? Morro de medo.

– Ai, espero que não seja a árvore em que eu fiquei lendo ontem.

– Você jura que não soube de nada? Puxa, eu estava crente que você ia ter mais informações para me contar.

– Pois é, mas não tô sabendo de nada...

Ela suspira e fala que vai sentar lá atrás, para conversar com não sei quem. Bom, estou preocupada à toa. Se a Marina, que é superligada no que está rolando de fofoca não sabe nomes nem nada, a não ser o da Bruninha, ninguém sabe. E se por acaso alguém descobrir que eu e o Fabinho ficamos, vou fazer três coisas: negar, negar e negar! Na pior das hipóteses, se o Fabinho espalhar isso por aí (não sei por que ele faria isso, mas tudo bem, vamos seguir a lógica da minha imaginação sem limites), vai ser a minha palavra contra a dele. Não há provas de nada, a louca aqui *enterrou* a camisinha embaixo da árvore, só eu tenho as fotos e... Ai, para que ficar pensando nisso? Dane-se o que as pessoas pensam ou deixam de pensar.

O pessoal começa a entrar no ônibus e torço para que o Fabinho entre no outro, que acaba de estacionar. Pego meu celular para passar o tempo e vejo uma mensagem do Felipe:

Bom dia!

Mando uma figurinha de sol, um coração e um ônibus, ele responde com um:

Boa viagem, vem logo!

Guardo o celular e fecho os olhos. O motorista deu a partida, ótimo. Se o Fabinho entrou, nem vi. Ninguém se senta ao meu lado e eu acho que vou aproveitar para tirar um cochilinho, estou morrendo de sono. Nossa, que sensação horrível: tristeza misturada com arrependimento, sensação de estar totalmente perdida nesta confusão sem limites chamada vida e, além de tudo, sono. Mas, enfim, vou dormir, já que é a única coisa que posso fazer agora.

Sou recebida em casa com um abraço tão forte que tenho vontade de chorar, mas me seguro. É um milagre estar conseguindo segurar, sou tão chorona!

– Que saudade, meu amor! – o Felipe diz, me beijando e nem me deixando entrar direito em casa, de tantos beijos. Pena que eu sou uma esposa

horrível e nem estou conseguindo aproveitar direito esse carinho todo.

– Também estava com saudade – eu respondo, meio fria. – Dormi a viagem toda e acabei de acordar, por isso estou com esta cara – complemento, para não ouvir um “Por que você tá com essa cara?”.

– Só vou ao banheiro rapidão e já volto – ele fala, me ajudando com as minhas coisas. – Você sabe que você não vai sair hoje, né? Que vai ficar comigo o resto do seu domingo? Já volto.

Tranco a porta e me sento no sofá, suspirando. Devem ser 6 horas da tarde, já começa a escurecer lá fora. Ai, universo, o que eu faço, hein? Me dá um sinal! Não vou mostrar foto nenhuma para ele: por agora, isso está decidido. Mas e aí? Eu sei que fiquei com outro cara. Devo aproveitar que já está tudo errado mesmo, que esse casamento já era, e terminar de uma vez com o Felipe? E, sei lá, tentar seguir minha vida amorosa com alguém que, bem... não saia transando com uma mulher na véspera do seu casamento?

Poxa, só de pensar nisso, em ir atrás de outra pessoa para amar e ser amada, me dá uma tristeza profunda. Queria tanto que o Felipe nunca tivesse me traído e que eu não estivesse com a consciência pesada agora, e que nada disso tivesse acontecido! Que saco!

– Pronto, pode vir para o quarto – eu escuto o Felipe me chamando.

– Hã?

– Tenho uma surpresa pra você.

Ando até o quarto pensando em qual surpresa será, já que surpresas na minha curta vida de casada não costumam ser boas, mas acho que estou sendo má, porque o Felipe sempre faz aquela surpresinha do vinho e jantarzinho e tal. Será que ele serviu o jantar na cama? Nossa, mas está meio cedo para jantar, não?

– Tcharam! – ele fala, quando entro no quarto e dou de cara com a cama toda arrumadinha e com o Felipe com um frasco de óleo na mão. – Aproveitei que você ia viajar e fiz um curso intensivo de massagem! Ok, o curso foi pela internet, mas aprendi os pontos principais do corpo e tudo. E você trabalhou o fim de semana todo, acho que está precisando. Bem-vinda ao “shiatsu Felipe”! – ele fala, rindo. – Queira se deitar, por favor. Ou quer tomar um banho primeiro?

Meio sem reação, resolvo tomar um banho rapidinho. Sinto a água morninha enquanto penso: meu Deus, traí meu marido e ele me oferece uma massagem? Tadinho. Fez curso e tudo! Me sinto meio sacana em aceitar.

Bom, mas o que posso fazer? Não posso chegar no quarto e falar que não me sinto merecedora da massagem que ele está me oferecendo. Desligo o chuveiro decidida a aproveitar o momento ou, pelo menos, a tentar.

– Voltei – digo, saindo do banheiro só de toalha.

Ele me olha com cara de “nossa, que linda”, mas só dá um sorrisinho e pede para eu me deitar. Obedeço e, deitada, fecho os olhos. Vou é aproveitar o momento, já que não há mais nada a fazer!

Acordo e olho no celular: quase 10 horas da noite. Olho à minha volta e está tudo escuro.

– Amor? – chamo.

– Você capotou depois da massagem. Eu diria que aprendi bem!

– Nossa... Dormi muito mal esta noite, e ainda você veio com essa massagem tão gostosa! Não aguentei.

– Por que você dormiu mal esta noite?

– Ah, cama diferente, essas coisas.

Ai, como eu odeio mentir! Pelo menos, para o cara que eu amo. Mas, enfim, não posso falar “dormi mal porque transei loucamente com outro cara e me arrependi”.

Vamos para a sala, pedimos uma pizza e ficamos no sofá conversando sobre o fim de semana. Ele me pergunta tudo sobre a vivência e conto bem por cima, mas ele pergunta detalhes e vou contando do conteúdo das palestras. Ele conta do curso de massagem, da visita que fez para a minha mãe e para a Bárbara, do futebol que jogou no clube, e a pizza chega.

Quando a gente começa a comer, vendo seriado, me sinto infinitamente em paz. É muito, muito bom estar aqui ao lado do Felipe, tranquila, como se nada tivesse acontecido, e, principalmente, como se não existissem nem Fabinho e nem Luma.

Quem sabe eu consigo perdoá-lo mentalmente? Talvez ter ficado com o Fabinho, no fim das contas, tenha sido bom. Antes, com ele, era bem mais difícil pensar nesses termos: perdoar o Felipe e seguir em frente. Não que eu vá fazer isso, mas essa é minha vontade agora, neste momento. E eu sei que, no fundo, só estou com essa vontade porque me sinto quites em termos de traição: fui traída e traí. Ok, não mereço o troféu maturidade, mas o que eu

posso fazer se a verdade é essa?

– Agora que você já tomou banho... – ele diz, desligando a TV depois que o segundo episódio chega a o fim, e depois de termos comido quase a pizza toda.

– Hum... – respondo, já imaginando o que ele está querendo.

– Já teve sua massagem... Já dormiu...

– Hum...

– E já comeu...

– Hum...

– A gente podia...

– Hum...

Ok, é oficial: sou uma maníaca sexual que transou ontem com um cara e hoje com o outro. Ok, não é hora de pensar nisso. Ai, meu Deus, que beijo gostoso o Felipe está me dando agora no pescoço, que mão gostosa, que cheiro gostoso, que saudade que eu estava dele...

Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaahhhhh!!!!!!

7 de julho, segunda-feira de manhã

Acordo ouvindo o barulho do chuveiro: Felipe está no banho. Que horas são? Ah, 7h30. Nossa, que cedo. Será que durmo mais um pouquinho? Espreguiço e resolvo que vou tomar café com ele. Caramba, sou casada com o cara que eu amo. Caramba, como eu complico tudo! Caramba, a vida é boa!

Levanto, abro a janela e deixo o sol entrar no quarto. Nossa, a noite com o Felipe foi maravilhosa. A gente transou no sofá e depois continuou na cama, e depois ficamos um tempão sem roupa, abraçados, trocando mil declarações, lembrando de coisas de quando a gente se conheceu, fazendo carinho um no outro...

Eu amo o Felipe. Amo!

Nossa história está bem confusa desde que a gente se casou, mas se tem uma coisa que nunca mudou foi isso: eu amo esse homem. Ficar com outro cara, mesmo sendo um cara que me atrai, só fez isso gritar dentro de mim: como eu amo o Felipe!

Amo o cheiro dele aqui na cama. Amo ouvir o barulho do chuveiro e

saber que ele está lá. E fazer sexo com ele é mil vezes melhor que com qualquer cara que me atraia, simplesmente porque os caras que me atraem não são o Felipe. Só o Felipe é o Felipe e, talvez, por mais terrível que seja ter sido traída, agora estou me dando conta de que o amor que eu sinto por ele é maior e mais importante do que qualquer motivo que eu tenha para ter raiva dele! Eu o amo, e talvez tenha sido necessário passar por tudo isso que passei para valorizar esse fato mais que nunca: o Felipe é meu marido e é com ele que eu quero ficar.

De repente, me lembro das minhas fotos com o Fabinho e pego o celular. Onde eu estava com a cabeça? Respiro fundo e apago todas. Pronto, chega disso. Ponho o celular no criado-mudo e me sinto uma tonelada mais leve. Vida nova ao lado do Felipe começando agora, está decidido. Vou andar de bicicleta com ele, encontrar a Sofia em baladinhas *light* e não fuçar mais as coisas da Luma na internet. Vida nova!

– Bom dia! – o Felipe me diz todo fofo, entrando no quarto.

– Bom dia – respondo, dando um beijo nele.

Estou me sentindo em lua de mel, sério. Minha lua de mel começa agora!

– Dormiu bem? – ele pergunta, se vestindo.

– Muito... Muito, muito, muito... Aliás, a gente poderia ficar mais um pouquinho na cama, abraçadinho, né? Só um pouquinho?

– Hum, que vontade, mas tenho uma reunião ultraimportante agora, hoje não posso me atrasar de jeito nenhum.

– Só um pouquinho?

– Tá bom – ele fala, me dando um beijinho no rosto.

Falo que vou ao banheiro rapidinho e já volto. Fecho a porta e acho o máximo aquela cara de felicidade que me encara no espelho: estou feliz! E o Felipe também. E é isso o que importa! Ouço meu celular apitando que nem um histórico lá no quarto, dou a descarga e lavo as mãos. Até para ir para a redação estou animada! Ah, vai que depois desse um bilhão de reuniões a gente realmente não começa a fazer uma revista melhorzinha? Se isso acontecesse, com certeza trabalhar na Joy seria menos frustrante.

Abro a porta do banheiro doida para ficar mais um tempinho abraçada com o Felipe na cama e...

Dou de cara com um Felipe em pé. Pálido. E aparentemente muito, muito nervoso.

– Eu ainda não estou acreditando que você fez isso! – ele fala.

– Hã?

– Não posso acreditar, Débora. Não parece você. Não pode ser você. Eu não posso acreditar que isso esteja acontecendo.

Alguns instantes de silêncio. Engulo em seco, sem entender nada, mas muito, muito nervosa, a ponto de não sentir mais minhas pernas no chão. Ele viu as fotos? Mas eu deletei todas. O que está acontecendo?

– Do que você tá falando, amor? – pergunto, afinal, tentando parecer calma.

– E você ainda vem me chamando de “amor”? Meu Deus, que decepção! Se alguém me falasse, eu não acreditaria. Pega o seu celular, Débora. Vai lá. Pega ele em cima do criado-mudo, que tem mensagem pra você.

Caminho até o celular trêmula. Bom, eu bloqueei o II, eu apaguei as fotos com o Fabinho...

– Pronto, peguei... – falo. – Que coisa feia, hein, Felipe, mexendo no meu celular – digo, tentando recuperar alguma dignidade neste momento em que não sei como agir.

– Você também teria mexido no meu se lesse a prévia do WhatsApp que eu li.

Abro o WhatsApp e lá está a mensagem do Fabinho:

Você saiu tão rápido da vivência... Adorei nossa noite, foi tudo bem inesperado mas muito, muito bom.

Sinto meu sangue gelar antes de continuar lendo.

Só depois eu vi suas mensagens, sua louca, hahahaha!
Bom, mas no final foi do jeito que você quis, né?
Quando vamos repetir? Bjs

Fico muda.

– E aí subi a barra para ver que tipo de mensagem mais você andou trocando com esse cara – ele fala. – E olha que legal, com licença.

Ele pega o celular da minha mão e lê em voz alta:

Será que hoje, depois da fogueira, você arranja um tempinho para ficar a sós comigo? Beijinhos, Débora
P.S.: no seu quarto, de preferência...

– A minha mulher mandou isso para um cara! A minha mulher estava transando com outro cara numa viagem de trabalho!!!

– Não fala assim, Felipe, eu... – E eu caio no choro.

– Como, não fala assim? Eu nunca pensei isso de você! Nunca!!! Se alguém me falasse que você tinha ficado com outro cara, eu não teria acreditado! Eu teria falado: você tá louco, minha mulher pensa como eu, fidelidade, confiança, essas coisas são essenciais no casamento!!! Mas aqui estou eu, fazendo papel de otário!!!

– Ah, e eu? Não fiz papel de otária desde que a gente casou? – grito. – E eu...?

Mas aí minhas forças acabam e eu choro de soluçar, aquele choro com coriza e baba e tudo junto. Estou me sentindo envergonhada, estou me sentindo com raiva, injustiçada e com medo de perder o Felipe, tudo ao mesmo tempo!!

– Esse é o pior pedido desculpas que eu já vi – ele diz, saindo do quarto com pressa, tipo muito bravo. – Não que eu fosse aceitar desculpas nenhuma, óbvio!!

– Espera. Espera – falo, correndo atrás dele. – Você está brigando comigo, é isso? Você, que começou com tudo isso?

– Como assim eu que comecei com tudo isso? – ele pergunta, apertando o botão do elevador.

– Felipe, não sai assim! – peço, chorando. – Vamos conversar sobre isso tudo direito. De uma vez por todas.

– Não sei por que você está falando nesse tom comigo! Você transa com outro cara e ainda fica brava comigo? – ele fala, abrindo a porta do elevador.

– Eu vi, Felipe. Eu vi você com a L... – e vejo, agora, neste momento, um casal no elevador. Tudo é muito rápido: eu paro de falar repentinamente, Felipe entra no elevador, e a porta se fecha.

Entro em casa desesperada e mando uma mensagem para ele:

Não me venha se fazer de santinho, ok? À noite faça o favor de estar na sua casa para a gente conversar direito!!!
Não podemos terminar assim!!

Ele não responde e quase joga meu celular no teto de tanta raiva e desespero.

Que ódio!! Que ódio!!!

Eu deveria ter falado na frente dos vizinhos mesmo, e daí? O que eles têm com a nossa vida? Ai, que raiva de mim estou neste momento. Bom, posso mandar tudo pelo celular, mesmo. Começo a digitar:

Na véspera do nosso casamento, Felipe, você sabe o que eu vi?
Não? Pois vou te contar...

E aí apago. Quero falar com ele pessoalmente. Quero ver a *cara* dele. Ele vai fazer a linha do arrependimento/cara de coitadinho, ou vai me mostrar o cínico que ele pode sempre ter sido e que eu estou conhecendo de verdade só agora? Acabo enviando, desesperada:

Me responde, Felipe!! Não faz isso comigo, posso ter errado, mas te amo. E tive minhas razões. Só me diga que a gente vai conversar direito hoje à noite, só isso, por tudo o que a gente já viveu um com o outro, eu mereço uma resposta.

Vejo que ele está digitando e quase paro de respirar.

Ok, hoje à noite a gente conversa. Mas já vou te avisando que hoje à noite mesmo, depois da gente conversar, você pega as suas coisas.

Uau.

Ele, tipo, me mandou embora.

Nossa. Ele está com muita raiva de mim para falar assim. Estou muito arrasada.

Ainda tremendo, vou ao banheiro, lavo o rosto e visto a primeira coisa que vejo pela frente, decidida a ir voando para a redação e fazer o dia passar o mais rápido possível, para, à noite, vir logo para casa. Espero que no carro eu me acalme. Não posso aparecer na redação assim, com o rosto vermelho de tanto chorar, tremendo, coração pulando... Tudo isso é muito ruim, nossa!!! Queria me transportar para hoje à noite, cara a cara com o Felipe!

Mastigo um pão com manteiga sem sentir o gosto de nada, só para não me sentir tão fraca, mesmo, tomo um copo de leite com achocolatado sem nem misturar direito, escovo os dentes e saio. Consigo descer o elevador dignamente, graças aos óculos escuros, mas é só entrar no carro que volto a chorar sem parar. Respiro fundo e dou a partida. Quando paro diante do portão, apago as mensagens do Fabinho, morrendo de raiva por ele ter me

mandado isso e acabado com meu casamento. Certo, não foi ele o responsável, mas caramba, estava tudo tão bom hoje de manhã... Ódioooo!!!!

Dirijo me forçando a só prestar atenção no trânsito e não pensar em nada, mas está muito, muito difícil. A cada rua que viro, a cada marcha que troco, a cada coisa qualquer, eu me lembro de uma frase da discussão com o Felipe. Nossa, eu estava totalmente errada quando pensava que eu ia achar ótimo quando ele passasse pelo que eu passei: ele descobriu que eu fiquei com outro cara e o que eu senti foi muito, muito diferente de alegria! Senti uma angústia terrível com a dor dele, e me senti idiota por ter causado o sofrimento da pessoa que eu amo! De onde eu tirei que eu ia me sentir bem quando ele descobrisse que tinha sido traído, de onde? Como as pessoas que se vingam ficam felizes, meu Deus? Essa vingança fez mal para ele, mas sério, a sensação que eu tenho agora foi que fez mais mal ainda para *mim*!

Calma, Débora, digo a mim mesma, parando o carro no estacionamento. Ele te traiu. Lembre-se disso: você pode não ter se sentido bem quando ele soube da traição, mas ele te traiu, e o fato de sua própria vingança ter te machucado não pode tirar seu foco: ele te traiu e você não pode aceitar isso!!!

Bom, se eu posso aceitar ou não, agora já foi. Ele não quer mais ficar comigo. Eu perdi o Felipe. Mas que ele vai ouvir todos os detalhes da tristeza e da raiva que eu senti quando peguei ele com outra, isso vai, ah, se vai!

Chego à redação e dou de cara com um clima de velório: a Bruninha parece tensa, e a Marina me olha com uma cara de pena quando eu chego. Alguma coisa está errada.

– Que cara é essa? Você estava chorando? – a Marina me pergunta.

– Eu é que te pergunto: que cara é essa. Tá tudo bem?

– Hoje está um dia meio estranho aqui – a Bruninha me diz. – Eu só quero que você saiba, Débora... Que isso não partiu de mim. Na verdade, tinha que ser uma decisão minha, mas a Paloma nem me consultou, só me avisou. Você sabe como é a Paloma...

– Do que vocês estão falando?

– Débora, você me acompanha até a minha sala, por favor? – a Paloma fala, fria, se aproximando da gente. A Bruninha e a Marina se entreolham e eu franzo as sobrancelhas.

– Acompanho, claro... Está tudo bem? – pergunto, mas a Paloma não diz nada e só anda até a sala dela. Fico quieta e vou atrás.

– Vou ir direto ao ponto – ela fala, se sentando e nem falando para eu me

sentar. Fico na frente dela, em pé, sem entender nada, igual a uma idiota. – Não estou feliz com seu trabalho aqui.

– Hã?

– Não precisa cumprir aviso prévio. Você pode ir para sua casa hoje. Passa lá no RH e vão te pagar tudo direitinho, ok? Bom dia para você.

– Hã??????? – pergunto, começando, ou melhor, voltando a chorar.

– Débora, eu não sei como eu posso ser mais clara do que estou sendo. Você está demitida.

– Mas assim? De uma hora para a outra? Eu... O que eu fiz exatamente? Desde quando você não gosta do meu trabalho?

– Débora, acho justo você querer um feedback, mas é isso, não tenho nada para te dizer além disso. Seu texto é mediano, sua apuração é preguiçosa...

– Isso não é verdade. Se fosse assim, por que ninguém me disse isso antes, nem você nem a Bruninha? Por que você nunca disse que eu precisava melhorar em algum ponto, e em vez disso me chamou aqui e me demitiu sem mais nem menos? – falo, meio alto. – Não faz sentido!

Olho para trás e vejo a redação em silêncio total, olhando para nós. Nossa, preciso me acalmar. Mas é muito absurdo, isso! Como me mandam embora de repente? Eu não fiz nada!

– E a apuração *da revista* é preguiçosa, desculpa, mas o jornalismo daqui é todo preguiçoso – falo, sem ter certeza de que estou sendo entendida, de tanto que estou chorando. Que saco, eu queria ter falado o que penso de um jeito profissional, não chorando assim!

– Você está falando que a *Joy* é que é ruim?

– Eu estou falando que eu sempre fiz tudo o que a minha editora, a Bruninha, me pediu, sempre, e de repente sou demitida do nada? Isso não é justo!

– Débora, já falei o que tinha para falar e não vou voltar atrás. Obrigada pelo tempo que você trabalhou aqui, é uma pena que não tenha dado certo. Até mais e boa sorte!

Fico em silêncio por alguns instantes, quando me viro de repente e vou enfurecida para a minha mesa.

– Você sabia disso? – falo com a Bruninha, mais alto do que eu gostaria.

– Não foi uma decisão minha...

– Mas você é minha chefe! Você nunca, *nunca* falou que estava

insatisfeita com meu trabalho, já me pediu para fazer alterações no meu texto algumas vezes, todo editor faz isso, mas eu sempre fiz e no fim você elogiava! E agora eu estou sendo mandada embora?!

E meu marido terminou comigo e meu mundo caiu, penso em completar, mas deixo pra lá, apesar de ser a mais pura verdade. Nossa, como eu estou me sentindo a pessoa mais triste do universo neste momento!!!

– Débora, eu não queria demitir você – a Bruninha me fala, baixinho, passando a mão no meu rosto, parecendo sincera. – É claro que você tem muito a aprender, você saiu ontem da faculdade... Mas você é a melhor repórter que eu já tive.

Não respondo nada e ando rápido até o banheiro. Mal fecho a porta, ouço as pessoas comentando coisas que não consigo ouvir. A Marina entra no banheiro em seguida e vai logo me dando um abraço.

– Não estou entendendo nada! – digo, em prantos.

– Débora, o boato é que... – ela diz. – Bem, o boato é que a Paloma está te mandando embora porque você ficou com o cara de que ela gosta.

– O QUÊ??

– Acho que ela tá louca, porque você é casada, né? Você não ia ficar com alguém do trabalho assim... Mas a Paloma é maluca, você sabe, e ela cismou que você ficou com o cara de quem ela gosta e nada vai tirar isso da cabeça dela.

Suspiro e tento enxugar as lágrimas com um papel toalha. Decido poupar a Marina dessa Débora paralela que ficou, sim, com outro cara, apesar de ser casada: vamos deixar assim. Falar sobre isso, neste momento, só vai me machucar ainda mais.

– Que absurdo tudo isso... O pessoal inventa cada coisa! Você sabe mais? – pergunto.

– Parece que na vivência ela tipo que se declarou para o cara. E ele deu um fora nela. E é só isso o que eu sei.

Nossa, não estou acreditando nisso... E como é que a Marina sabe disso tudo, meu Deus? Impressionante! Eu gosto muito de ser jornalista, mas, sério, essa aí nasceu para a coisa! Agradeço pelas informações e volto para a minha mesa segurando as lágrimas, mas não aguento mais chorar. Desligo meu computador e vou pegando minhas coisas discretamente, decidida a não fazer auê, e a dar só um tchau geralzão para todo mundo, mesmo. Mas, enquanto pego o que tem nas minhas gavetas e coloco nos sacos plásticos que a Marina

acaba de me trazer, o pessoal vem me abraçar e me falar palavras de apoio, um por um: o Luca, a Drica, as designers... Nossa, o pessoal fica tão gentil e amoroso quando um colega é despedido, acabo de descobrir isso.

No fim, quando está tudo pronto, saio sem me despedir da Paloma: olho para a sala dela lá atrás e parece que ela saiu. Menos mal. Dou um abraço apertado na Marina e faço ela jurar que a gente não vai ficar sem se falar, e agradeço a Bruninha por tudo. Ah, ela não é a melhor editora do mundo, mas o que eu posso fazer se, neste momento de despedida, todo mundo me parece muito legal de repente?

Chamo o elevador fazendo força para andar, de tão sem forças que fiquei depois disso tudo. Essa demissão foi a coisa mais injusta do mundo. Tudo bem que eu não amava trabalhar aqui, mas ser mandada embora assim, sem mais nem menos, é horrível. Uma mistura de bronca da mãe, quando eu era criança, mais castigo do pai, e mais, claro, ficar sem mesada. Argh!

Sem mesada... Ai, acabo de me tocar que, se meu casamento acabar mesmo, não vou ter como pagar minhas contas. Vou ter que voltar para a casa da minha família com o rabo entre as pernas! Sério: não consigo nem pensar nessa possibilidade. Sempre gostei de morar com a minha mãe, mas voltar depois de tão pouco tempo de casada e depois de ter provado o gostinho de independência assim... Não consigo nem pensar nisso. Talvez eu peça para a Sofia para me deixar dormir na sala da casa linda dela e pago minha parte fazendo faxina.

Nossa, que lama a minha vida virou de repente: eu, separada, longe do meu amor, e faxineira. Logo eu, que nunca arrumo a cama e surto quando tenho que lavar um copo! Vou parar com esses pensamentos, eles estão acabando comigo. Nossa, nunca me senti tão mal na minha vida, nunca! Para onde quer que eu olhe, eu vejo problema!

Sento na cadeira que me indicam no RH, olho as pessoas passando para lá e para cá, trabalhando, e quase sinto inveja delas. Depois de falar com a mulher e marcar uma data para eu vir entregar minha carteira de trabalho, pego de novo o elevador com as minhas patéticas sacolas de plástico, me sentindo completamente derrotada. Eu nem deveria ter pegado minhas coisas, só tem bobagens tipo biscoito, canecas, livros ruins que ganhei de assessorias de imprensa, um vasinho que eu deixava na minha mesa que só vai me trazer más lembranças e canetas. Bom, e daí? Isso não é importante. O que importa é: não faço ideia do que vai ser da minha vida daqui em diante. Além disso,

eu...

– Você foi demitida?! – o Fabinho me fala, me alcançando na catraca. – Bem que me falaram, poxa vida...

– Nossa, as notícias correm por aqui, impressionante.

– Bom, é um lugar cheio de jornalistas, né? – ele fala, rindo. – Sinto que te prejudiquei de alguma forma e, sério, me sinto péssimo por causa disso.

– Não foi culpa sua. A minha chefe tem uma queda por você e é uma descontrolada, é isso.

– Cara, faz anos que essa mulher me persegue. Eu me sinto no colégio. E a gente não tem nada a ver um com o outro, ela até que é bonita, mas detesto mulher louca.

– Trabalho não é tão diferente do colégio, cheguei a essa conclusão – falo. – Reunião é igual a prova chata, os chefes são os diretores, você fica superfeliz na hora do café e tem tarefa que é até legal, mas a maioria é chata.

Ele ri e eu consigo rir um pouquinho, apesar dessa tragédia grega que virou a minha vida. Será que esse é o carma de quem passa a lua de mel na Grécia? Não, meus problemas começaram antes, vamos deixar as coitadas das ilhas gregas fora disso. O que mais falta acontecer agora, meu Deus?

– Bom, a gente se vê por aí – ele fala. – Boa sorte. E... Bom, eu nem preciso te falar, né, mas adorei lá, na vivência.

– Legal. Tchau – falo, meio seca. Ah, ele foi fofo, mas tenho uma vida horrível para me concentrar agora.

Ele volta para o elevador e preciso chamar o segurança para abrir a catraca para mim, porque deixei meu crachá lá com a mulher do RH. Quando ele abre, vejo a Marcella correndo em minha direção:

– Você ficou com o Fabinho??? – ela berra, e o lobby inteiro olha para nós duas.

– Ei, calma – falo, quase sussurrando. – Vocês tinham terminado! Sei que é horrível mesmo assim, ele é seu ex e tal, mas vocês tinham...

– A gente não tinha terminado, a gente brigou. E você não aguentou e se jogou para cima dele na primeira oportunidade, né? Eu nunca deveria ter confiado em você, sua vaca, sua vadia!

– Ei, ei, ei – eu falo alto também, já que não vou ficar ouvindo desaforo sozinha. – Em vez de ficar me xingando aqui, você deveria ir lá xingar seu noivo! Ele me falou que vocês tinham terminado, como é que eu ia saber? Ele que é um vadio, ou melhor, um cafajeste!

Ela não fala nada, eu me viro e vou embora. Ah, palhaçada! Ok, não vou falar que morro de orgulho de ter pegado o noivo de alguém que eu conheço e tudo, que é a Marcella, mas tipo, a gente nem é amiga, né? A gente nunca se viu fora do trabalho! Além disso, eu pensei que eles tinham terminado! Fabinho cafa...

Entro no meu carro com raiva e triste, nem sei o que está predominando no momento.

Abro a porta de casa com as mãos trêmulas. Nem sei quantas vezes já abri essa porta nesse estado emocional desde que me casei: com certeza, mais do que eu gostaria. Bom, mas, também, talvez daqui a pouco eu nunca mais abra essa porta em estado emocional nenhum. O Felipe tinha dito que era pra eu pegar minhas coisas, e acho que já vou fazendo isso antes de ele chegar do trabalho. Afinal, o apartamento é da avó dele. Depois que a gente conversar, ele vai seguir a vida dele aqui e, a mim, só resta ir para a casa da minha mãe ou do meu pai, com o rabo entre as pernas.

Nossa, só de pensar em contar para a minha família que me separei me dá um nó no estômago e no corpo inteiro. Eu não queria dar essa notícia para a minha mãe. Eu não queria que nada disso fosse verdade. Eu quero e não quero me separar.

– Ué, você já tá aqui? – eu falo, vendo ele no sofá.

– Ué, como você acha que eu ia conseguir trabalhar depois de descobrir o que eu descobri? – ele fala, se levantando. – Resolvi o que tinha de resolver no escritório e fui embora! Fiquei esse tempo todo imaginando você na cama com outro cara. Você não faz ideia de como é não conseguir pensar em outra coisa. Você não sabe como isso tudo está sendo dolorido para mim.

Sinto um arrepio percorrendo minha espinha: como assim, ele fez o que fez e ainda vem bancar a vítima? Ah, não, isso não! Eu chorei as milhares de lágrimas que chorei, eu passei o que passei desde o primeiro dia deste casamento e o coitadinho é ele?!

– Ah, eu faço ideia sim, Felipe! Ô se faça! – digo, batendo a porta. – É muita cara de pau sua me cobrar assim, sendo que você também foi infiel. E antes de mim.

– Hã? Do que você tá falando?

– “Do que você tá falando?” Cínico! Espera, deixa eu repetir isso, porque, há meses, eu só penso isso e não falo em voz alta: cínico!!! Eu não sei como eu te amo, eu sou muito estúpida, mesmo!

– Débora, pelo amor de Deus, você enlouqueceu? Do que você tá falando?

– Eu tô falando do seguinte: daquela vez, na véspera do nosso casamento, que você transou com a Luma. É disso que eu tô falando!

Ele fica branco como papel, abre a boca pra falar, fecha a boca e termina se sentando no sofá e cobrindo o rosto com as mãos.

– Você vivia falando que eu estava estranha – eu falo, chorando. – Você reclamava que eu saía de casa toda hora e não dava atenção pra você. Você faz ideia do tanto que eu te amo, Felipe? De como eu preferia estar feliz ao seu lado? De como, ah, Felipe... De como foi difícil, difícil de doer, difícil de querer morrer, olhar para você todo santo dia e lembrar que você transou com outra mulher??!!

– Espera – ele tira a mão do rosto e me olha com os olhos marejados. – Ainda tô tentando digerir tudo isso. Desde de manhã, tô com raiva de você, tô pensando o tempo todo em você na cama com outro cara, tô com vontade de ir lá na editora e socar esse Fabinho. Agora você me conta que você me viu com a Luma, é isso?

– Ah, como você é esperto, parabéns!! Sim, é isso! Eu tinha ido aquele dia no seu escritório para te fazer uma surpresa e te vi transando com ela!

– Espera, espera, espera!!! – ele se levanta. – Primeiro: a gente não chegou a transar.

– Hã?

– Eu estava quieto no escritório superpreocupado e focado, trabalhando sozinho, maluco tentando deixar tudo pronto pra poder viajar de lua de mel tranquilo com você, quando ela chega, vai ao banheiro da minha sala e sai de lá quase nua, com duas taças de champanhe que eu nem sei onde ela tinha escondido. Foi uma situação completamente inesperada! Ela já tinha dado em cima de mim, mas nunca daquele jeito. Ela apareceu praticamente sem roupa e começou a me agarrar!

– E aí você foi obrigado a fazer sexo com ela né? Ah, pobrezinho!!!

– Eu *não* fiz sexo com ela! Eu fiquei sem reação, na verdade! Você sabe como eu te amo, Débora! Você me conhece, eu nunca pensaria em trair você. Mas eu acabei beijando ela, ali, no calor do momento, naquela situação

inesperada, eu beijei! E você deve ter visto justamente isso!

– Ah, só beijou!! Arram!

– Só beijei, eu juro! Até porque... Eu não consegui ir adiante...

– Como assim, não conseguiu ir adiante?

– Eu... Broxei. Putz, que merda falar isso. Mas foi isso que aconteceu. Eu vi sua foto no porta-retratos ali, na minha frente, e não consegui! Passei a maior vergonha! Me consolei pensando que tinha sido bem melhor assim, porque eu não queria te trair, nunca quis!

Fico zozua. Por um lado, fico feliz por reconhecer o meu Felipe de sempre ali, na minha frente. Não um cara canalha, que fica com uma mulher sem o menor peso na consciência, não um duas-caras, mas alguém que tentou não conseguir me trair porque gosta de mim.

Mas, por outro lado, uma espécie de castelo de areia emocional cai na minha cabeça, e eu me sinto tão fraco que preciso me sentar. Eu passei este tempo todo sofrendo tanto, pensando na Luma quase 24 horas por dia, me angustiando sem parar, deixando de aproveitar meu casamento... Por causa de uma tentativa frustrada de sexo, é isso? Por causa de uma traição que não aconteceu?! Por uma loucura que só aconteceu mesmo na minha cabeça?

Não, não pode ser. Eu estou me sentindo muito, muito mal neste momento. Por que... Por que eu não esperei o Felipe na porta do escritório naquele dia? Por que eu não conversei com ele naquele dia mesmo? Por que eu preferi sofrer durante todo este tempo, me desgastando emocionalmente dia após dia, me forçando a ir a baladas aonde eu não queria, a fazer coisas que eu não queria fazer, tudo gerado mais pela minha imaginação do que pelos fatos?

– Mas, Felipe, e aquele dia que vocês se falaram na área de serviço? Eu fui lá e ouvi você falando pelo telefone com ela! E eu conferi o número depois!

– Você ficou mexendo no meu celular depois, é isso?

– Nem vem, você mexeu no meu celular hoje de manhã!

Ele pega o celular dele em cima da mesa e abre as mensagens do Facebook.

– Toma. Pode ler todas.

– Ah, vá, você pode ter apagado...

– Que dia foi essa ligação? Você lembra?

– Foi no dia em que a gente foi jantar com a Júlia e o Pedro. Deixa ver a

data aqui...

Pego o celular. Parecemos dois traidores malucos virtuais, cada um checando seu próprio celular atrás de provas e explicações, mas vamos lá.

– Olha a mensagem que eu troquei com a Luma no dia seguinte – ele me fala, esticando o celular. – Não apaguei, tá aqui, olha.

Começo a ler. Ele escreveu pra ela:

Se você continuar me ligando como ontem, eu vou mudar meu número. Não é mais pra me ligar. Ouviu? Não me liga mais.

Resposta dela:

Por que você fala assim comigo? Aliás, estou aqui tão disponível pra você, e você não aproveita, não entendo! Se me lembro bem, você saiu de lá aquele dia me devendo algo... tô errada? Quero um novo encontro com você, dessa vez com tudo a que eu tenho direito.

Luma vaca!!! Que ódio!!! Resposta dele:

Luma, vou escrever mais uma vez pra você entender: beije você, não nego. E fiquei tentado a ir adiante, confesso. Foi um erro. Uma fraqueza. Amo minha mulher. Agora vê se esquece isso e segue sua vida. Essa é a última mensagem que trocamos, senão vou te bloquear. Tchau.

Sem mensagens depois disso.

– E o remake do *Vingador do Futuro*? Que você tinha marcado de ver com ela?

– Hã? Eu nunca marquei de ver filme nenhum com ela!

– Mas eu tinha certeza... Ela foi lá na redação... Ela contou pra amiga dela que ia ver “O Vingador do Futuro” com um peguete...

– Débora, do que você tá falando? Eu ia ver esse filme com os meus amigos quando fiquei gripado. Eu não sou peguete de ninguém, eu sou seu marido! Quer ver as mensagens que eu troquei com o Gabriel combinando de ver o filme? Pode olhar, foi pelo WhatsApp, me dá aqui o meu celular que eu te mostro!

Largo o celular dele no sofá e começo a chorar descontroladamente.

– Eu ainda não estou acreditando que você sabia esse tempo todo e quis se vingar de mim – ele fala, me olhando de um jeito incrédulo.

– Neste momento, eu só consigo pensar em como sou estúpida, Felipe –

eu falo, quando consigo parar de soluçar de tanto chorar. – Em como embarquei num sofrimento sem fim, em como estou arrependida de ter lidado com essa situação toda da forma como eu lidei! Você não faz ideia do sofrimento que foi este casamento pra mim desde o primeiro dia! Sabe esse sentimento horrível que te tomou o dia inteiro hoje? Eu estou sentindo isso desde que te vi com a Luma. Devo até ter desenvolvido uma gastrite, uma úlcera, preciso ir ao médico!

– Você tá com isso na cabeça desde aquele dia? Meu Deus, mas na nossa festa... na lua de mel...

– O tempo todo. O tempo todo, Felipe. Amando você. E detestando amar você.

– Caramba. Você deve ter sofrido muito. Se eu tivesse ideia de que era isso... Nossa, se eu pudesse voltar atrás e impedir você de sofrer tanto – ele fala, pegando na minha mão, mas soltando repentinamente. – Mas agora eu é que estou sofrendo, lembrando das mensagens que eu li de manhã no seu celular. E, pelo visto, você conseguiu, né? Ir até o fim. Com o cara do seu trabalho. Você transou com ele de verdade.

– Ex-trabalho! Fui demitida... – falo. Por um momento, eu tinha até esquecido. Mas é esta minha vida agora: terminando um casamento que eu mesma fiz o possível pra terminar e sem emprego.

– Putz – ele fala, e ficamos em silêncio. Eu volto a chorar e, dessa vez, parece que minhas lágrimas não vão secar nunca.

– Desculpa ter conseguido ir até o final, Felipe – eu falo, por fim. – Eu não aguentava mais conviver com a sua traição na minha cabeça. Eu achava que me vingando eu ficaria bem. Mas depois eu vi como eu estava enganada. Em tudo. Não é falta de amor, eu juro que não é.

– Tudo bem – ele diz, num tom quase solidário. – No seu lugar, talvez eu fizesse o mesmo. É mais fácil pra mulher. E acho que... No dia em que a Luma me beijou, se eu não tivesse ficado, digamos, impossibilitado fisicamente, eu teria ido até o fim. Mesmo te amando mais do que tudo. Eu não sou imune ao calor do momento. Ninguém é. Foi por isso que preferi ficar fugindo dela depois, que nem diabo foge da cruz.

Olho para ele sem nem saber o que pensar. Estou exausta de tanto chorar. E sei bem que, mesmo estando mais compreensivo do que quando cheguei, ele está magoado com a história do Fabinho. Com toda razão, é claro. No lugar dele, eu não sei se eu me perdoaria. Eu fiz tudo errado. E magoei o

Felipe, mas, com certeza, a pessoa que mais sofreu com tudo isso fui eu.

– Bom, e agora? Como a gente fica? – eu pergunto.

– Não é fácil pra mim – ele disse. – Passar por cima do que você fez com o tal Fabinho. Mas eu sei que não foi fácil pra você também ficar ao meu lado como você ficou. Brigando, se ausentando, sofrendo. Mas você ficou. E ficou porque me ama. E eu amo você. E a gente deveria deixar tudo isso pra trás e começar de novo. O perdão não é fácil, mas acho que é o que vai nos libertar de tudo isso. Topa?

Pulo em cima dele e, pela primeira vez desde que a gente casou, dou um abraço totalmente feliz, sem nenhuma lembrança me assombrando por trás. Entre lágrimas que misturam todos os sentimentos, um beijo marca o fim de uma etapa do nosso casamento, estou certa disso. Meu amor, é você que eu estou abraçando finalmente. E esta sou eu. Inteira, feliz, livre: eu de novo! Daqui para frente, nós dois de verdade e uma fase totalmente nova. A fase que deveria ter sido a única desde que a gente se conheceu. A fase de quem se ama.

17

**15 de agosto, sexta-feira
hora do paraíso**

Adivinha onde eu tô?

Pergunto para a Bia e a Lu, pelo WhatsApp. Nem eu mesma acredito onde eu estou. A Bia e a Lu respondem, animadas:

Vi no seu Instagram hoje! Você tá em Mikonos, na Grécia, sua fina! Como assim você voltou praí?

Sorrio e olho o céu lá fora. Sim, sim, é aqui mesmo onde eu estou: em um cantinho do paraíso.

Ah, se é pra começar de novo meu casamento, por que não uma segunda lua de mel? Foi o Felipe que deu a ideia e eu amei! Claro, a gente não pode dizer que é um estilo de vida que supercombina com a minha vida atual de desempregada e aspirante a blogueira de sucesso, mas, também, pra que viver com tanta coerência, né, amiga?

:~) :~) :~) <3 <3 <3

Além disso, gente, o Felipe acabou fechando um projeto superlegal no escritório e acabou entrando um bom dinheiro extra. Na minha cabeça, aliás, o dinheiro é dele, já que ele que trabalhou para ganhar o que ganhou e tal, mas ele me explicou bem didático que, na vida de casado, o dinheiro é meio que dos dois. Então, bom pra mim, né? Até porque ganhei uma mixaria com seguro-desemprego e essas coisas!

Aproveita muito aí, amiga! Tô muito, muuuito feliz por vocês dois estarem bem. E pela gente estar bem, né? Nós três!

Obrigada por terem aceitado meu pedido de desculpas. Eu tinha surtado naquele dia, no shopping. É que foi tudo muito difícil e complexo para mim. Feliz que agora vocês estão a par de tudo, é bem melhor assim!

Amigas para sempre!

Sorrio e deito na cama. Nossas famílias, a minha e a do Felipe, acharam meio bizarro a gente voltar para cá três meses depois da lua de mel, mas a gente sentiu que era a melhor coisa a fazer. Para sentir mesmo, do fuuundo da nossa alma, que estamos bem. Que estamos recomeçando. Se bem que, para falar a verdade, eu já tinha sentido isso desde o abraço delicioso com o Felipe na noite em que a gente se perdoou mutuamente e fez as pazes em casa. Mas devo confessar que esse céu azul e as águas do mar Egeu não estão fazendo mal nesse recomeço, não!

Navego um pouco no celular e vejo uma foto de ontem da Luma, uma selfie dela abraçada com um cara. Legenda: “De volta ao bar em que a gente se conheceu. Sou a mulher mais sortuda do mundo!”. Sou invadida por uma onda de alegria. Ela está apaixonada e não é pelo meu marido! Reparo que o bar é o mesmo da foto que ela postou no dia em que o Felipe estava trabalhando. Ufa. É muito bom saber disso. Como fui tonta. Como a gente pode se enganar né? Já estou tranquila, sabendo que ela e meu marido não têm um caso, mas não é por isso que vou gostar dela sendo a fim dele à distância, comentando fotos e jogando charme online! Bem melhor assim.

– Vamos? – o Felipe me fala, lindo, cheirando a sabonete, saindo do banheiro. Passamos a manhã na praia, almoçamos, voltamos para o hotel, fizemos aquele sexo-pós-praia-hot-hot-que-eu-amo e, agora, vamos caminhar um pouco.

– Vamos!

Dou um beijinho nele e fechamos a porta do nosso quarto com alguma dificuldade, porque ela sempre emperra. É que não estamos *exaaatameeeeente* num hotel de luxo desta vez, como na primeira, sabe...? A porta emperra, o café da manhã é meia-boca, o chão do corredor não parece a coisa mais limpa do universo... Não é porque resolvemos vir para a Grécia de novo que

precisávamos vir no mesmo estilo que na lua de mel original, né? Desse jeito, não há projeto novo do Felipe que aguento!

Saímos do nosso hotel-espelunquinha e damos de cara com uma paisagem de tirar o fôlego.

– Nossa, a gente pode não estar hospedado com tanto luxo, mas ainda bem que a paisagem é a mesma! – falo.

– Põe “a mesma” nisso – ele responde, e a gente fica um tempo parado, abraçados, olhando a vista diante das escadas do hotel que dão acesso à praia. O céu está azulzinho, sem nenhuma nuvem, e o mar tão incrivelmente lindo que já tenho vontade de entrar de novo, mesmo tendo nadado a manhã toda.

Caminhamos de mãos dadas e paramos para comprar sorvete. É impressionante como, triste ou feliz, eu tomo sorvete quando venho à Grécia! Estou pela segunda vez aqui e falo como se viesse todo fim de semana, né? Mas é que tomei sorvete pra caramba daquela vez e estou fazendo a mesma coisa agora. O celular do Felipe toca, é a mãe dele no Skype. Dou um oizinho para ela e eles começam a conversar. Enquanto isso, fico olhando para o mar, que está bem aqui na minha frente.

É mesmo incrível ter a mesma paisagem deslumbrante diante de mim, mesmo no hotel econômico, depois de pegar o barco mais lerdo para cá e de ter vindo em um voo de madrugada com escalas. Mas incrível mesmo é estar me sentindo muito, mas *muito* diferente de quando viemos na nossa lua de mel original. Nem acredito que eu e o Felipe viramos o mesmo casal de sempre: não estou escondendo nada dele, não estou fingindo que estou perfeitamente inteira quando estou em pedaços, não estou me perguntando quem é esse homem diante de mim.

Agora, é simples: quem é esse homem diante de mim? É o meu marido, oras! Mais que isso: é o meu Felipe de sempre. O vizinho do meu pai, que conheci aos 16 anos e que nunca consegui tirar da minha cabeça.

– Vamos andar mais para eu tirar umas fotos para o blog? – falo, depois que ele se despede da mãe.

Pagamos nossos sorvetes e caminhamos em direção à praia. Pego o celular e tiro umas fotos lindas do mar, alternando com umas poses minhas meio ridículas – ah, desculpa, tem que ter selfie, né? Nossa, essa aqui não ficou ridícula, até que tá bem boa.

– Vou postar essa, peraí – eu falo.

– Iiih, volto daqui a duas horas – ele fala, rindo.

Ele se deita na areia, de roupa e tudo, e fico sentada, do lado dele, escolhendo um filtro para foto. Ai, dá um trabalho danado essa coisa de virar blogueira: ou, pelo menos, dá um trabalho danado depois que decidi profissionalizar meu blog. Mas o que deixa esse trabalho bem mais suave e prazeroso é saber que não trabalho mais na chata da Joy e que, finalmente, estou feliz ao lado do meu marido. Felicidade deixa a gente com energia pra tudo! Resultado: agora tenho mais de dez mil seguidores, juntando todas as redes que linkei no meu blog e, mais importante que isso, o número cresce a cada dia. Já que estou desempregada mesmo, por que não tentar ganhar dinheiro com isso, né? Por isso, nem na minha segunda-e-mais-que-perfeita-lua de mel estou abandonando meu projeto. Tenho postado menos, mas continuo postando e alternando posts pessoais com matérias de comportamento, que é o tema do meu blog. Espero que a audiência bombe, que os anunciantes briguem por mim no tapa e que eu fique rica!!!

(Isso eu só confesso para mim mesma, porque minha postura oficial, nas redes, sempre vai ser: “Que surpresa que deu certo, se uma única leitora ficar inspirada pelo que eu escrevo já me sinto feliz, etc., etc.”.)

– Postou? – o Felipe me pergunta.

– Êêê, calma, né? Agora que escolhi o filtro. Ou vou no que eu tinha escolhido antes, mesmo? Será que aumento mais o contraste? O que você acha?

Mostro a foto e ele escolhe a segunda. Agora quero só ficar aqui, deitada na areia ao lado dele, curtindo nossa segunda lua de mel.

– Te amo, amor – falo, fechando os olhos e fazendo carinho na cabeça dele.

– Também te amo. Você não faz ideia do quanto.

Ficamos em silêncio, e sinto uma alegria absurda que sei que é a mesma que está ecoando dentro dele. De trilha sonora, em vez de preocupações, só o som das ondas se quebrando na areia.

Copyright © 2015 Liliane Prata
Copyright © 2015 Editora Gutenberg

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja cópia xerográfica, sem autorização prévia da Editora.

PUBLISHER
Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITORA
Silvia Tocci Masini

ASSISTENTES EDITORIAIS
Felipe Castilho
Carol Christo

REVISÃO
Monique D'Orazio
Andresa Vidal Branco

CAPA
Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO
Jairo Alvarenga
Christiane Moraes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Prata, Liliane

Eu odeio te amar : meu plano maluco para dar a volta por cima / Liliane Prata. – 1. ed. –
Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2015.

ISBN 978-85-8235-298-4

1. Romance brasileiro I. Título.

15-05114 CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura brasileira 869.3

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Teleendas: 0800 283 13 22

www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar
Funcionários . 30140-071
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700